

BestBolso

Rudyard Kipling

PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

Kim



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Rudyard Kipling

KIM

Tradução
Flora Pinheiro

BESTBOLSO

1

Você que adentra a porta estreita
Ao fogo que julga toda criatura
Seja gentil com a oração que é feita
Pelo pagão ao Buda de Kamakura
"Buda de Kamakura"

Em desafio às leis municipais, Kim subiu no canhão Zam-Zammah, que ficava sobre uma plataforma de tijolos diante do velho Ajaib-Gher, ou a Casa das Maravilhas, como os nativos chamavam o Museu de Lahore. Quem controla o Zam-Zammah, aquele "dragão que cospe fogo", controla toda a província de Punjab, e, durante as guerras, o grande canhão azinhavrado era sempre a primeira conquista do vencedor.

Kim não se julgava completamente sem razão por ter expulsado o filho de Lala Dinanath de cima do canhão a pontapés, uma vez que os ingleses dominavam o Punjab e ele era inglês. Apesar de ter a pele queimada de sol, tão morena quanto a dos indianos, preferir usar a língua local, falando a própria língua materna com sotaque carregado, e conviver em pé de igualdade com os outros meninos do bazar, Kim era branco, ainda que fosse o mais pobre dos brancos. A mulher mestiça que tomava conta dele (ela fumava ópio e fingia manter uma loja de móveis usados perto da praça onde os táxis baratos estacionavam) disse aos missionários que era irmã da mãe de Kim. Mas a mãe dele fora ama da família de um coronel e se casara com Kimball O'Hara, um jovem oficial dos Mavericks, regimento irlandês. Ele conseguiu emprego na linha de trem que ligava Sind, Punjab e Délhi, e seu regimento voltou para casa e o deixou lá. Quando a esposa morreu de cólera em Ferozepore, O'Hara entregou-se à bebida e passou a vagar pelos trilhos com um menino de 3 anos e um olhar vivo. Temendo pela criança, sociedades

beneficentes e capelães tentaram resgatá-la, mas O'Hara sempre escapava. Até conhecer a mulher que fumava ópio, adquirir o vício e morrer como os brancos pobres morrem na Índia. Quando deixou este mundo, seus pertences consistiam em três papéis: um ele chamava de *ne varietur*,^{1} porque essas palavras estavam escritas abaixo de sua assinatura; outro era o seu "certificado de transferência". O terceiro era a certidão de nascimento de Kim. Esses papéis, dizia ele sob o efeito fantástico do ópio, ainda fariam do pequeno Kimball um homem. De maneira alguma Kim deveria abrir mão deles, pois eram mágicos, do mesmo tipo de magia praticada além do museu, na azul e branca Jadoo-Gher, a grande Casa das Mágicas, como era conhecida a Loja Maçônica. Ele dizia que um dia tudo daria certo e Kim seria exaltado entre pilares colossais da beleza e da força. O coronel em pessoa iria cavalgando à frente do mais magnífico dos regimentos para prestar homenagem a Kim, que teria um futuro muito melhor que o do pai. Novecentos demônios de primeira classe que tinham como deus um Touro Vermelho em um campo verde serviriam Kim, caso não tivessem se esquecido do pobre O'Hara, que fora feitor na linha de Ferozepore. Era nesse ponto que o pai de Kim começava a chorar amargamente na cadeira quebrada da sua varanda. E, assim, depois de sua morte, a mulher juntou os três documentos e costurou-os em um amuleto de couro, o qual amarrou em volta do pescoço de Kim.

— E, um dia — dizia ela, confundindo as lembranças das profecias de O'Hara —, um grande Touro Vermelho em um campo verde buscará você, e com ele o coronel em seu elegante cavalo, e também — completava, passando a falar em inglês — novecentos demônios.

— Ah — respondia Kim —, não vou me esquecer. Virão o Touro Vermelho e o coronel montado em seu cavalo, mas antes, como meu pai disse, virão dois homens cuidar dos preparativos. Meu pai dizia que é assim que eles fazem, e que é sempre assim quando se faz mágica.

Se a mulher tivesse mandado Kim para o Jadoo-Gher local com aqueles documentos, ele seria, naturalmente, acolhido pela Loja

Maçônica, que o encaminharia para o orfanato da organização nas Montanhas, mas ela desconfiava do que ouvira sobre magia. O próprio Kim também tinha suas opiniões. Quando atingiu a idade da indiscrição, aprendeu a evitar os missionários e homens brancos de aparência severa que perguntavam quem ele era e o que fazia. Kim era excelente em fazer nada. Conhecia muito bem a maravilhosa cidade murada de Lahore, do Portão Délhi até o fosso exterior do forte; era muito próximo de homens que levavam uma vida mais estranha do que Haroun al Raschid sonhara em viver, e sua existência era emocionante como as histórias de *As mil e uma noites*, mas os missionários e os secretários de sociedades beneficentes eram incapazes de ver a beleza disso. Seu apelido era "Amiguinho de Todos", e, muitas vezes, por ser ágil e discreto, saía em incumbências noturnas pelos telhados sobrecarregados a serviço de rapazes elegantes que vestiam a última moda. Kim sabia que era errado: tinha consciência disso, pois sabia o que era o mal desde que aprendera a falar, mas amava a aventura em si: esgueirar-se furtivamente pelas ruelas e becos escuros, rastejar pelos canos, ver e ouvir o mundo das mulheres lá do alto dos terraços, viajar destemidamente de telhado em telhado sob o manto da escuridão quente. E também conhecia muito bem os homens santos, faquires que se cobriam de cinzas em seus santuários de tijolos sob as árvores à beira do rio. Cumprimentava-os quando voltavam depois de pedirem esmolas, e, quando não havia ninguém olhando, comia do mesmo prato que eles. A mulher que cuidava dele insistia, às lágrimas, que usasse roupas europeias: calças, uma camisa e um chapéu maltrapilho. Quando envolvido em certas atividades, porém, Kim preferia vestimentas hindus ou muçulmanas. Um dos rapazes vestidos na última moda, aquele que fora encontrado morto no fundo de um poço na noite do terremoto, dera-lhe um traje hindu completo, típico dos meninos das castas mais baixas, e Kim o guardou em um lugar secreto debaixo de uma pilha de madeira em Nila Ram, atrás do Tribunal Superior de Punjab, onde toras de cedro apodreciam após descerem pelo rio Ravi. Quando havia algum trabalho ou divertimento à vista, Kim fazia uso de suas posses, aparecendo somente ao amanhecer na varanda, exausto de tanto

gritar em uma procissão de casamento ou em alguma festa hindu. Às vezes, não havia comida em casa. Na verdade, quase nunca, então Kim saía de novo para comer com seus amigos nativos.

Enquanto batia os pés no Zam-Zammah, de vez em quando Kim deixava de lado seu jogo de “rei do castelo” com o pequeno Chota Lal e com Abdullah, filho do vendedor de doces, para gritar desaforos ao policial de guarda que ficava ao lado das fileiras de sapatos deixados à porta do museu. O corpulento punjabi sorria com indulgência: conhecia Kim havia muito tempo; assim como o carregador de água, que molhava a estrada seca com seu odre de pele de cabra. E também como Jawahir Singh, o carpinteiro do museu, curvado sobre alguns caixotes. Todos conheciam Kim, exceto os camponeses, que seguiam apressados em direção à Casa das Maravilhas para ver as coisas que homens faziam em suas próprias províncias e em outros lugares. O museu era dedicado às artes e manufaturas indianas, e qualquer um que desejasse informações podia consultar o curador.

— Sai, sai! Me deixe subir! — gritou Abdullah, escalando a roda do canhão.

— Seu pai era confeitoiro, sua mãe roubava *ghi*^{2} — cantava Kim.
— Os muçulmanos caíram do Zam-Zammah há muito tempo!

— *Me deixe subir!* — esganiçou-se o pequeno Chota Lal, com seu chapéu de brocado dourado. A fortuna de seu pai valia em torno de 500 mil libras, mas a Índia é a única democracia do mundo.

— Os hindus também caíram do Zam-Zammah. Os muçulmanos os empurraram. Seu pai era confeitoiro...

Kim emudeceu. Virando a esquina, vindo do tumulto do bazar Motee, vinha um homem com uma aparência que o garoto, que pensava conhecer todas as castas, jamais vira. Tinha mais de 1,80 metro de altura, e suas vestes tinham muitas dobras de um material estranho que lembrava a lã das mantas de cavalo, mas nenhuma daquelas dobras permitia a Kim adivinhar a profissão ou ocupação do desconhecido. De seu cinto pendiam um tinteiro de ferro filigranado e um japamala^{3} de contas de madeira característico dos homens santos. Em sua cabeça havia uma espécie de boina enorme.

Seu rosto era amarelado e cheio de rugas, como o de Fook Shing, o sapateiro chinês do bazar. Seus olhos tinham os cantos virados para cima e pareciam pequenas fendas de ônix.

— Quem é aquele? — perguntou Kim aos amigos.

— Talvez seja um homem — sugeriu Abdullah com o dedo na boca, encarando o estranho.

— É claro — respondeu Kim. — Mas *nunca* vi um homem como ele na Índia.

— Quem sabe um sacerdote — disse Chota Lal, observando o japamala. — Viu? Ele vai entrar na Casa das Maravilhas!

— Não, não — falava o policial, balançando a cabeça para o homem. — Não entendo a língua dele. — O guarda falava punjabi. — Amiguinho, o que ele disse?

— Mande-o se aproximar — instruiu Kim, descendo do canhão. — Ele é um estrangeiro, e você, um búfalo.

O homem desconhecido virou-se, perdido, e foi na direção dos garotos. Era velho, e seus trajes de lã ainda carregavam o odor da artemísia das montanhas.

— Crianças, o que é aquela casa grande? — perguntou, em um hindu razoável.

— O Ajaib-Gher, a Casa das Maravilhas! — Kim não se dirigiu a ele com títulos, como lala ou mian. Não conseguia identificar a religião do estranho.

— Ah! A Casa das Maravilhas! Qualquer um pode entrar?

— Está escrito acima da porta, todos podem entrar.

— De graça?

— Eu entro e saio toda hora e *não sou* nenhum banqueiro rico. — Kim riu.

— Ah, já estou muito velho. Eu não sabia. — Então, passando os dedos pelo japamala, fez menção de seguir para o museu.

— Qual é a sua casta? Onde você mora? Veio de longe? — perguntou Kim.

— Vim por Kulu, que fica depois dos Kailas, mas o que sabe um menino como você? Venho das Montanhas onde o ar e a água são frescos e puros.

— Ah! Um *khitai*^{4} — sussurrou Abdullah, orgulhoso. Fook Shing certa vez o expulsara de sua loja por ter cuspido em uma de suas esculturas sagradas.

— Um *pahari*^{5} — disse o pequeno Chota Lal.

— Sim, jovenzinho, montanhas que você jamais verá. Já ouviu falar no Tibete? Não sou *khitai*, sou tibetano. Sou um lama, ou um guru, na sua língua.

— Um guru do Tibete — disse Kim. — Nunca vi um desses. Então no Tibete todos são hindus?

— Somos seguidores do Caminho do Meio, vivendo em paz em nossos mosteiros, e visitarei os Quatro Lugares Sagrados antes de morrer. Agora vocês, crianças, sabem tanto quanto eu, que sou velho. — Ele sorriu de modo benevolente para os meninos.

— Você já comeu?

O homem tateou o peitilho e tirou uma escudela de madeira gasta, do tipo usado para pedir esmolas. Os meninos assentiram, compreendendo. Todos os sacerdotes que conheciam mendigavam.

— Ainda não estou com fome. — Virou a cabeça como uma tartaruga velha ao sol. — É verdade que há muitas imagens na Casa das Maravilhas de Lahore? — Ele repetiu as últimas palavras, como se quisesse ter certeza do endereço.

— É verdade — confirmou Abdullah. — Ela é cheia de ídolos pagãos. Você também é um idólatra.

— Não ligue para ele — disse Kim. — Essa casa é propriedade do governo e não tem idolatria, apenas um *sahib* de barba branca. Venha comigo e vou lhe mostrar.

— Sacerdotes estranhos devoram crianças — sussurrou Chota Lal, em advertência.

— E, além de estranho, ele é idólatra — disse Abdullah, o maometano.

Kim riu.

— Ele é novo, só isso. Corram para o colo da mamãe, então. Vamos!

Com um estalido alto, Kim passou pela catraca da porta, seguido pelo velho, que parou, admirado. No saguão de entrada havia

grandes esculturas greco-budistas, feitas havia muito tempo por artistas esquecidos cujas mãos buscavam, com habilidade, o misterioso toque grego. Viram centenas de peças, frisos de figuras em relevo, fragmentos de estátuas e placas repletas de figuras outrora integrantes das paredes de tijolo das estupas e *viharas* budistas ao norte. Agora, escavadas e catalogadas, eram o orgulho do museu. O lama, maravilhado, virava-se boquiaberto de uma peça para outra e, por fim, deteve-se embevecido diante de um grande alto-relevo retratando a coroação ou a apoteose de Buda. O Mestre fora representado sentado sobre uma flor de lótus cujas pétalas inferiores, voltadas para baixo, estavam quase separadas da flor. Ao seu redor, reis, anciãos e Budas antigos o adoravam. Abaixo dele, a água era coberta de flores de lótus, cheia de peixes e aves aquáticas. Dois devas com asas de borboleta seguravam uma coroa de flores sobre sua cabeça, e, mais acima, outros dois sustentavam um guarda-sol encimado pela coroa de joias do Bodisatva.

— O Mestre! O Mestre! É o próprio Sakya Muni! — exclamou o lama, à beira das lágrimas, e começou a sussurrar a maravilhosa invocação budista:

Ele, que o Caminho e a Lei separava
Quem, em seu coração, Maya levava
O Mestre de Ananda, o Bodisatva.

— E aqui está ele! A Lei Eterna também está aqui. Minha peregrinação começou bem. E que arte! Que arte!

— Ali está o *sahib* — disse Kim, esgueirando-se por entre obras de arte e esculturas de asas. Um inglês de barba branca observava o lama, que se virou e o saudou formalmente, então, depois de procurar, atrapalhado, pegou um caderno e um pedaço de papel.

— Sim, esse é o meu nome. — O inglês sorriu ao ver a caligrafia desajeitada, quase infantil.

— Um dos nossos, que fez a peregrinação aos Lugares Sagrados, deu-me isto. Ele agora é abade do Mosteiro Lung-Cho — balbuciou o lama. — Ele falou sobre isso. — A mão magra estava trêmula.

— Bem-vindo, então, ó lama do Tibete. Aqui estão as imagens, e aqui estou eu — respondeu, olhando de relance para o rosto do lama — para adquirir sabedoria. Venha ao meu escritório.

O velho tremia de emoção.

O escritório não passava de um cubículo de madeira no canto da galeria. Kim abaixou-se, encostando o ouvido na fresta da porta de madeira, e, seguindo o instinto, prestou muita atenção à cena que se desenvolvia lá dentro.

A maior parte da conversa estava além de sua compreensão. O lama, um pouco hesitante, falou com o curador sobre seu próprio mosteiro, o Such-zen, em frente às Rochas Pintadas, a quatro meses de caminhada. O curador buscou um enorme livro de fotografias e mostrou-lhe aquele exato lugar, empoleirado em um penhasco, com vista para um vale imenso e colorido.

— Sim, sim! — O lama colocou um par de óculos chineses com aro de chifre. — Aqui é a pequena porta que usamos para buscar madeira antes do inverno. E como um inglês sabe disso? O novo abade de Lung-Cho me contou, mas não acreditei. O Mestre, o Venerável, também é honrado aqui? Sua vida é conhecida?

— Ela foi toda esculpida em pedras. Venha ver, se já tiver descansado.

O lama andou com dificuldade pelo salão principal e, com o curador ao lado, observou a coleção com a reverência de um devoto e o instinto apreciativo de um artesão.

Ele apontou cada belo acontecimento histórico retratado nas pedras, às vezes intrigado pelo estilo grego pouco familiar, mas encantando-se como uma criança a cada novo achado. Quando havia lacunas na exposição, como na Anunciação, o curador mostrava diversos livros, em francês e alemão, que traziam fotografias e reproduções.

Aqui, o piedoso Asita, correspondente ao Simeão da história cristã, segurando o Menino Jesus no colo enquanto a mãe e o pai ouviam-no atentamente; ali, as imagens retratando a lenda do primo Devadatta. Aqui estava a mulher maligna que acusara o Mestre de ser impuro; mais adiante havia a lição no Parque dos Cervos e o milagre que surpreendeu os adoradores do fogo. Também havia o

Bodisatva em estado real, como um príncipe; o nascimento miraculoso; a morte em Kusinagara, onde o discípulo, enfraquecido, desmaiou; incontáveis retratos da meditação de Buda sob a árvore Bodhi; e, por todo lugar, a Adoração da Escudela. Em apenas alguns minutos, o curador percebeu que seu convidado não era um mero mendigo contador de histórias, mas um estudioso das obras de arte. E fizeram uma segunda visita, enquanto o lama cheirava rapé, limpava os óculos e falava rapidamente em uma mistura curiosa de hindu e da língua tibetana.

Ele ouvira falar das viagens de Fu-Hiouen e Hwen-Tsiang, os peregrinos chineses, e ansiava por saber se havia alguma tradução dos registros de suas expedições. Ficou sem fôlego ao folhear as páginas de Beal e Stanislas Julien, os quais declarou serem “um tesouro trancado”. Então, recompô-se com reverência para ouvir trechos traduzidos rapidamente para urdu. Pela primeira vez, tomou conhecimento dos trabalhos de estudiosos europeus e soube que, com a ajuda daqueles e de uma centena de outros documentos, esses estudiosos identificaram os lugares sagrados do budismo. Em seguida, o curador lhe mostrou um enorme mapa, manchado e amarelado. O dedo moreno do lama seguiu o lápis do curador por todos os lugares apontados. Ali ficava Kapilavastu, e, ali, o Reino do Meio. Aqui era Mahabodhi, a meca do budismo, e ali estava Kusinagara, o triste local de morte do Mestre. O velho abaixou a cabeça sobre os papéis e ficou em silêncio por um tempo, e o curador acendeu o cachimbo outra vez. Kim adormecera. Quando acordou, a conversa estava mais compreensível.

— ... E foi assim, ó Fonte da Sabedoria, que decidi visitar os Lugares Sagrados em que pisou o Mestre: o local de seu nascimento e até mesmo Kapila; depois, Mahabodhi, que fica em Bodh Gaya, inclusive o Mosteiro; o Parque dos Cervos; e, por fim, o local de sua morte. — O lama passou a falar em voz baixa. — E caminhei sozinho até aqui. Por cinco, sete, dezoito e quarenta anos estive convencido de que a antiga Lei não é seguida corretamente, que foi maculada, como você sabe, por demônios, encantos e idolatria. Até uma criança ali fora há pouco disse isso. Sim, até mesmo, como disse a criança, por *but-parasti*.

— O mesmo acontece em todas as religiões.

— É o que acha? Li os livros do meu mosteiro, e eles eram como madeira seca. E os rituais mais recentes da Lei Reformada, com os quais temos nos distraído, também não têm valor para estes velhos olhos. Mesmo os seguidores do Mestre lutam entre si. É tudo uma ilusão. Tudo *maya*, encantamento. Mas tenho outro desejo. — O rosto amarelado chegou a menos de 10 centímetros do curador, e a longa unha do indicador batia ritmadamente na mesa. — Por meio destes livros, seus estudiosos seguiram os pés abençoados em todas as suas andanças, mas há coisas que não procuraram. Não sei nada, nada sei, mas hei de me libertar da Roda das Coisas por um caminho amplo e aberto. — Ele sorriu com o mais simples triunfo. — Em minha peregrinação aos Lugares Sagrados, acumularei mérito. Entretanto, há mais. Ouça aqui uma verdade. Quando nosso Mestre gracioso, ainda na juventude, procurou uma companheira, os homens disseram, na corte de Seu pai, que Ele era muito sensível para o casamento. Sabia disso?

O curador assentiu, perguntando-se o que viria a seguir.

— Então, eles fizeram a prova de força tripla. E, na do arco, nosso Mestre quebrou o que recebera e pediu que dessem a Ele um arco que ninguém conseguisse vergar. Sabia disso?

— Está escrito. Eu li.

— E, ultrapassando todas as outras marcas, a Flecha foi além do que podiam ver. Quando enfim caiu e tocou o chão, ali nasceu um córrego, que logo se tornou um Rio que, graças ao Mestre e ao mérito que Ele acumulou antes de Se libertar, lava e purifica todas as máculas e manchas do pecado.

— Assim está escrito — disse o curador com tristeza.

O lama deu um longo suspiro.

— Onde fica o Rio? Ó Fonte da Sabedoria, onde caiu a Flecha?

— Isso eu não sei, irmão — respondeu o curador.

— Não, apenas esqueceu. Não me contou onde fica, mas é impossível não saber. Veja, sou um homem velho! Pergunto-lhe de joelhos, ó Fonte da Sabedoria. Sabemos que Ele atirou a Flecha! Sabemos que a Flecha caiu! Sabemos que um córrego brotou! Onde,

então, fica o Rio? Meu sonho me disse para encontrá-lo. Então, eu fui. Aqui estou eu. Mas onde está o Rio?

— Se eu soubesse, acha que não gritaria a resposta a plenos pulmões?

— Ao banhar-se nele, o homem liberta-se da Roda das Coisas — prosseguiu o lama, como se não o tivesse ouvido. — O Rio da Flecha! Pense novamente! Talvez um riacho, que desaparece durante as secas? Mas o Mestre nunca enganaria um velho dessa maneira.

— Eu não sei. Eu não sei.

O lama aproximou-se do rosto enrugado do inglês novamente.

— Vejo que não sabe. Como não segue a Lei, a resposta lhe foi ocultada.

— Sim, é isso: ocultada.

— Nós dois estamos presos à Roda, irmão. — O velho se levantou, e os trajes pesados balançaram de leve. — Entretanto, eu me libertarei. Venha comigo!

— Estou preso aqui — respondeu o curador. — Mas para onde vai?

— Primeiro seguirei para Kashi, onde mais? Lá encontrarei um adepto da fé pura em um mosteiro jainista da cidade. Ele também procura o Caminho em segredo, e talvez eu possa aprender com ele. Talvez ele siga comigo para Bodh Gaya. Então, irei para norte e oeste de Kapilavastu, e de lá partirei em busca do Rio. Não, procurarei aonde quer que eu vá, pois não se sabe onde a Flecha caiu.

— E como pretende ir? Délhi fica muito longe e Benares, mais ainda.

— Pela estrada e de trem. De Pathankot até aqui, quando deixei as montanhas, vim em um *te-rém*. Como é rápido! No começo fiquei admirado com aqueles postes altos que ficam ao lado das estradas levantando fios e mais fios. — Suas palavras foram acompanhadas por gestos indicando postes de telégrafo passando depressa pela janela do trem. — Mas, depois, tive câimbras e vontade de caminhar, como costume fazer.

— E tem certeza do caminho? — perguntou o curador.

— Ah, basta fazer perguntas e entregar dinheiro, e as pessoas escolhidas o despacham pelo caminho escolhido. Já tinham me explicado isso lá no mosteiro — respondeu o sacerdote, com orgulho.

— E quando pretende ir? — O curador sorriu, pensando na mistura de piedade do velho mundo e progresso moderno que é a Índia de hoje.

— Assim que puder. Seguirei os lugares de sua vida até encontrar o Rio da Flecha. Há um papel mais ou menos confiável com os horários dos trens que vão para o sul.

— E quanto à comida? — Como regra, os lamas carregavam uma boa quantia em dinheiro, mas o curador quis certificar-se.

— Durante a viagem, farei uso da escudela de mendigar do Mestre. Sim. Viajarei como Ele viajava, abandonando a calma de meu mosteiro. Quando deixei as Montanhas, parti acompanhado de um *chela*^[Z] que esmolava por mim, como manda a regra, mas, quando paramos em Kulu por um tempo, uma febre o levou. Não tenho mais *chela*, mas pegarei a escudela e pedirei esmolas eu mesmo, dando chance aos caridosos de acumular mérito.

Ele assentiu com a cabeça, corajoso. Lamas experientes não costumavam esmolar, mas o velho estava entusiasmado com a jornada.

— Que assim seja — disse o curador, sorrindo. — Permita agora que eu acumule mérito. Somos ambos artesãos, eu e você. Aqui está um novo livro de papel branco inglês, e aqui estão dois ou três lápis de ponta feita, próprios para um escriba. Agora, deixe-me ver seus óculos.

O curador olhou através deles. Havia vários arranhões, mas o grau era quase o mesmo do de seu próprio par, o qual ele entregou ao lama, dizendo:

— Experimente estes.

— Uma pluma! São como uma pluma sobre minha face. — O velho virou a cabeça alegremente e franziu o nariz. — Quase não os sinto! Como minha visão ficou clara!

— São de cristal *bilaur*, não arranham. São seus. Que eles o ajudem a encontrar o Rio.

— Vou levá-los com os lápis e o caderno branco, como um sinal de amizade entre dois sacerdotes. E agora... — O lama começou a mexer em seu cinto, soltou as pinças de ferro trabalhado e colocou um objeto sobre a mesa do curador. — Meu tinteiro. Deixo-o como uma recordação. É tão antigo quanto eu.

Era uma peça antiga, chinesa, de metal não fundido, e o coração de colecionador do curador se apaixonara por ele à primeira vista. Nenhum de seus protestos dissuadiu o lama de lhe dar aquele presente.

— Quando eu voltar, depois de ter encontrado o Rio, trarei uma imagem caligráfica do Padma Samthora, como as que eu produzia em seda em meu mosteiro. Sim. E outra da Roda da Vida. — Ele riu. — Porque somos dois artesãos, você e eu.

O curador o teria detido, pois poucos no mundo ainda dominam a técnica secreta das tradicionais pinturas budistas, que são metade escritas e metade desenhadas. Mas, após deter-se um instante diante da grande estátua de um Bodisatva em meditação, o lama saiu de cabeça erguida, passando pela catraca.

Kim o seguiu como uma sombra. O que ouvira o deixara extremamente curioso. Nunca vira um homem como aquele e pretendia investigar mais, do mesmo modo que teria investigado um novo edifício ou um festival estranho em Lahore. O lama era o seu tesouro, e Kim, cuja mãe também era irlandesa, decidiu se apossar dele.

O velho parou diante do Zam-Zammah e olhou em volta até seus olhos encontrarem Kim. O entusiasmo de sua peregrinação o deixara por algum tempo, e ele se sentia velho, abandonado e muito vazio.

— Não se sente debaixo do canhão — ralhou o policial com arrogância.

— Sua coruja! — replicou Kim em defesa do lama. — Sente onde quiser. Quando foi que você roubou as sandálias da leiteira, Dunnoo?

Era um insulto improvisado, sem qualquer fundamento, que surgira no calor do momento, mas que servia para silenciar Dunnoo,

que sabia que bastaria um grito de Kim para que legiões de meninos invadissem o bazar.

— A quem foi cultuar lá dentro? — perguntou Kim de modo amigável, agachado na sombra ao lado da lama.

— Não cultuo ninguém, menino. Apenas me curvo diante da Lei Excelente.

Kim aceitou esse novo deus sem se abalar. Já conhecia vários.

— E o que você faz?

— Peço esmolas. Acabo de me lembrar: já faz um tempo que não como ou bebo. Quais os hábitos de caridade nesta cidade? Pedir em silêncio, como fazemos no Tibete, ou implorar em voz alta?

— Aqueles que esmolam em silêncio passam fome em silêncio — disse Kim, citando um provérbio local. O lama tentou se levantar, mas caiu novamente, lamentando a ausência de seu discípulo, morto na distante Kulu. Kim assistiu com a cabeça levemente inclinada, interessado.

— Me dê a escudela. Sei quem são as pessoas caridosas daqui. Vou trazê-la de volta cheia.

Como uma criança, o velho entregou-lhe a vasilha de esmolar.

— Pode descansar. Eu *conheço* as pessoas.

Ele correu para a banca aberta de uma *kunjri*, uma vendedora de vegetais de baixa casta, que ficava em frente à curva da linha do trem perto do bazar Motee. Conhecia Kim havia anos.

— Ora! Pedindo esmolas? Virou *yogi*^{8}? — perguntou.

— Não — respondeu Kim com orgulho. — Chegou um sacerdote novo na cidade, um homem como nunca vi.

— Um sacerdote? Um novo tigre, isso sim! — resmungou a mulher com raiva. — Já estou farta de novos sacerdotes! Eles ficam em cima de nossas mercadorias como moscas. Por acaso o pai dos meus filhos é um poço de caridade, para dar comida a todos os que aparecem pedindo?

— Não — respondeu Kim. — Seu marido está mais para *yagi*^{9} do que *yogi*. Mas esse sacerdote é novo. Na Casa das Maravilhas, o *sahib* o tratou como um irmão. Ó minha mãe, encha essa escudela. Ele está esperando.

— Essa escudela é do tamanho da barriga de uma vaca! Você tem tanta graça quanto o touro sagrado de Shiva. Esta manhã ele já me levou as melhores cebolas do cesto, e agora você pede que eu encha sua escudela. E ele já está voltando.

O enorme touro brâmane cor de rato abriu caminho entre a multidão colorida com uma banana roubada ainda pendurada na boca. Ciente de seus privilégios de animal sagrado, foi direto para a banca, baixou a cabeça e farejou demoradamente os cestos antes de fazer sua escolha. O calcanhar duro de Kim atingiu o focinho úmido e azul do animal. Ele bufou indignado e afastou-se pelos trilhos, com sua corcunda tremendo de raiva.

— Viu? Graças a mim, a senhora economizou três vezes mais do que a minha escudela vai custar. Agora, mãe, um pouco de arroz e peixe seco por cima. E alguns vegetais ao curry.

Um resmungo veio da parte de trás da loja, onde um homem estava deitado.

— Ele afastou o touro — disse a mulher em voz baixa. — É bom dar aos pobres. — Ela pegou a escudela e a devolveu cheia de arroz quente.

— Mas meu *yogi* não é uma vaca — disse Kim com seriedade, usando os dedos para fazer um buraco no topo do monte. — Um pouco de curry seria bom. E um bolinho frito. E acho que ele gostaria de alguma conserva.

— Esse buraco é do tamanho da sua cabeça! — exclamou a mulher, aflita. Mesmo assim, ela o encheu com uma boa porção de vegetais ao curry, ainda fumegante, e um bolinho de peixe frito com um bocado de manteiga clarificada. Ao lado, serviu uma colherada de conserva de tamarindo. Kim olhou satisfeito para a escudela.

— Assim está bom! Enquanto eu estiver no bazar, esse touro não virá a esta barraca. Aquele animal é o mais ousado dos mendigos.

— E você? O que é? — provocou a vendedora, rindo. — Mas não fale mal dos touros. Já esqueceu que um dia me disse que um Touro Vermelho em um campo verde viria ajudá-lo? Agora segure essa escudela direito e vá pedir a bênção do santo homem para mim. Talvez ele conheça uma cura para os olhos da minha filha. Pergunte a ele, Amiguinho.

Mas, antes que ela terminasse a frase, Kim já saíra correndo, desviando de mestiços de baixa casta e de alguns famintos que ele conhecia.

— Assim mendigam os que sabem fazê-lo — disse, inflado de orgulho, ao lama, que arregalou os olhos quando viu o conteúdo da escudela. — Coma. Vou comer com você. — Virou-se para o homem que irrigava os canteiros do museu. — Aqui, *bhisti!* Dê água para nós! Estes dois homens estão com sede.

— Dois homens! — O *bhisti* riu. — E será um odre suficiente para dois homens como vocês? Bebam, então, em nome do Piedoso.

Ele deixou escorrer um fio de água para a mão direita de Kim, que bebeu como um nativo, mas o lama tirou um copo das infinitas dobras de seu traje e tomou a água de modo cerimonioso.

— *Pardesi*¹⁰ — explicou Kim, quando o velho pronunciou uma bênção em idioma desconhecido.

Eles comeram juntos em grande contentamento, esvaziando a escudela. Em seguida, o lama cheirou um pouco do rapé que guardava em uma belíssima caixa antiga, depois desfiou por algum tempo as contas de seu japamala e, por fim, caiu no sono fácil dos idosos, enquanto a sombra do Zam-Zammah se alongava.

Kim aproveitou para ir até a vendedora de tabaco mais próximo, uma bela jovem muçulmana, e pediu um dos charutos que os alunos da Universidade de Punjab fumavam para imitar os ingleses. Sentou debaixo do canhão com o queixo apoiado nos joelhos, fumando e pensando, e o resultado de suas reflexões foi uma ida apressada e furtiva ao estaleiro de Nila Ram.

O lama dormiu até a cidade começar a se agitar com a vida noturna. As lâmpadas foram acesas, e os funcionários começaram a voltar das repartições públicas. Ele olhou perdido em todas as direções, mas ninguém lhe deu atenção, exceto um menino hindu em um turbante sujo e roupas surradas. De repente, ele abaixou a cabeça nos joelhos e começou a chorar.

— O que aconteceu? — perguntou o menino de pé diante dele. — Alguém o roubou?

— Meu novo *chela* sumiu. Não sei onde ele está.

— E como ele era?

— Era um menino que veio tomar o lugar do que morreu, por conta dos méritos que acumulei quando me curvei diante da Lei lá de dentro. — Ele apontou para o Museu. — Ele apareceu para me mostrar um caminho que eu perdera. Ele me levou para a Casa das Maravilhas e me encorajou a falar com o Guardiã das Imagens, deixando-me animado e fortalecido. E, quando fiquei fraco de fome, ele pediu comida por mim, como faria um *chela* por seu mestre. Foi enviado de repente e desapareceu de repente. Eu pretendia ensinar a Lei a ele, quando seguíssemos para Benares.

Kim ficou espantado, porque, como entreouvira a conversa no Museu, percebeu que o velho dissera a verdade, algo que os viajantes dificilmente faziam, ainda mais ao lidarem com estrangeiros.

— Mas agora percebo que ele foi enviado por um motivo: é o sinal de que encontrarei o rio que procuro.

— O Rio da Flecha? — perguntou Kim, exibindo um sorriso de superioridade.

— Estarei diante de mais um enviado?! — exclamou o velho lama. — Não falei a ninguém sobre minha Busca, exceto ao Sacerdote das Imagens. Quem é você?

— O seu *chela* — respondeu Kim, sentado sobre os calcanhares. — Em toda a minha vida, nunca conheci alguém como você. Eu o acompanharei até Benares. E também acho que um homem tão velho que sai falando a verdade a estranhos depois do anoitecer precisa muito de um discípulo.

— Mas e o Rio da Flecha?

— Ah, eu ouvi falar sobre ele com o inglês. Escutei atrás da porta. O lama deu um profundo suspiro.

— Pensei que fosse um enviado. Tais coisas acontecem às vezes, mas não sou digno. Então, não conhece o Rio?

— Não conheço. — Kim riu, inquieto. — Eu também estou em uma Busca. Procuro um Touro Vermelho em um campo verde que há de me ajudar. — Como era típico dos garotos, se um conhecido tinha um plano, Kim rapidamente precisava fazer um para si. Na verdade,

nunca gastava mais do que vinte minutos pensando sobre a profecia do pai.

— Por quê, meu filho? — perguntou o lama.

— Só Deus sabe, mas foi o que meu pai disse. Eu ouvi você falar, na Casa das Maravilhas, sobre todos esses lugares desconhecidos nas Montanhas, e, se alguém tão velho e frágil, e tão acostumado a dizer a verdade, pode sair só para procurar um rio, então eu também devo partir em minha Busca. Se nosso destino for encontrar essas coisas, nós vamos encontrá-las: você, o seu Rio, e eu, meu Touro, os monstruosos pilares e outras coisas que já esqueci.

— Não são pilares, mas sim uma Roda da qual pretendo me libertar — corrigiu o lama.

— É tudo a mesma coisa. Talvez eu me torne rei — disse Kim, sereno, disposto a qualquer aventura.

— Durante nossa jornada, vou ensiná-lo a almejar objetivos mais dignos — respondeu o lama com a voz de autoridade. — Vamos para Benares.

— Não à noite. Os ladrões estão à espreita. Melhor esperar até o amanhecer.

— Mas não há onde dormir. — O velho estava acostumado a privações em seu mosteiro, mas, embora dormisse no chão, como dita a Lei, buscava a decência em tudo.

— Vamos conseguir um bom lugar no *serai* da Caxemira — disse Kim, rindo da perplexidade do outro. — Tenho um amigo lá. Vamos!

O bazar quente e apinhado reluzia com as lâmpadas enquanto os dois abriam caminho por entre a confusão de raças da Índia do Norte, e o lama seguia Kim como se estivesse em um sonho. Era a primeira vez que visitava uma grande cidade industrial, e o bonde lotado, com os freios guinchando a todo momento, assustou o velho. Empurrando e sendo empurrado, ele chegou aos portões do *serai* da Caxemira, a enorme praça defronte à estação ferroviária, rodeada de arcos típicos dos claustros, onde caravanas de camelos e cavalos se abrigavam ao regressarem da Ásia Central. Ali se via todo tipo de gente do Norte cuidando de cavalos amarrados e camelos ajoelhados, carregando e descarregando fardos e pacotes, tirando água dos poços para a refeição da noite, levando montes de feno

para garanhões de olhos selvagens, espantando os cães de rua, pagando aos cameleiros, contratando cavaleiros, xingando, gritando, discutindo e pechinchando pela praça lotada. Os claustros, a uns três ou quatro níveis do chão, eram como um porto de refúgio daquele turbulento mar de gente. A maioria deles fora alugada a comerciantes, como se alugam os arcos de um viaduto, e, nos espaços entre os pilares, erguiam-se paredes improvisadas de tijolos ou tábuas de madeira, transformando os espaços em cômodos fechados por portas pesadas de madeira e cadeados. Uma porta trancada indicava a ausência do dono, e pequenos quadros com alguns dizeres rudes — em alguns casos, muito rudes — informavam em giz ou tinta o seu paradeiro. Por exemplo: “Lutuf Ullah foi para o Curdistão.” E abaixo, em versos: “Ó Alá, Tu que toleras piolhos vivendo no casaco de um homem de Cabul, por que permites que este piolho Lutuf viva tanto tempo?”

Conduzindo o lama por entre homens e animais agitados, Kim esgueirou-se ao longo dos claustros até alcançarem a parte final, próxima à estação de trem, onde vivia Mahbub Ali, o negociante de cavalos, quando não estava nas misteriosas terras além do Norte.

Kim fizera muitos negócios com Mahbub em sua curta vida, especialmente entre os 10 e os 13 anos, e o afegão alto e corpulento, de barba tingida de escarlata com cal (pois já era idoso e não queria mostrar seus cabelos brancos), sabia que o menino podia trazer informações valiosas. Em certas ocasiões, pedia a Kim que espionasse homens que nada tinham a ver com cavalos, e o menino os seguia por um dia inteiro e relatava todas as pessoas com quem tivessem falado. Ao ouvir sobre suas descobertas à noite, Mahbub não esboçava palavra ou reação. Kim sabia que se tratava de algum tipo de desonestidade, mas valia a pena, e, por confiar informações apenas a ele, Mahbub lhe dava boas refeições quentes. Certa vez dera 8 anás^{11}.

— Aqui está ele — disse Kim, acertando um camelo mal-humorado no nariz. — Mahbub Ali! — O menino parou sob um arco escuro e escondeu-se atrás do lama perplexo.

O negociante de cavalos havia soltado seu cinturão bordado e estava deitado em dois tapetes de seda, fumando preguiçosamente um enorme narguilé de prata. Ele virou a cabeça ao ouvir o chamado e, vendo apenas a figura alta e silenciosa, riu com gosto.

— Por Alá! Um lama! Um Lama Vermelho! Lahore fica muito longe das Passagens. O que faz aqui?

Em um gesto mecânico, o lama estendeu a escudela de mendicância.

— Que Alá amaldiçoe todos os incrédulos! — exclamou Mahbub. — Eu não alimento tibetanos, mas vá pedir aos meus *baltis* lá atrás dos camelos. Talvez eles queiram as suas bênçãos. Ei, tropeiros, aqui está um compatriota de vocês! Vejam se ele está com fome.

Um *balti* sem barba chegou com os cavalos. Era algum tipo de budista degenerado e aproximou-se respeitosamente do sacerdote, convidando-o a se sentar à fogueira dos tropeiros em seu idioma gutural.

— Vá! — disse Kim, empurrando-o de leve. O lama se afastou, deixando-o próximo do claustro.

— Vá! — disse Mahbub Ali, retomando seu narguilé. — Some daqui, hinduzinho. Que a maldição de Deus caia sobre todos os incrédulos! Vá pedir comida àqueles que são da sua fé.

— Marajá — lamentou-se Kim, divertindo-se com o engano e imitando o jeito hindu de falar. — O meu pai morreu, minha mãe morreu, minha barriga está vazia...

— Já falei, vá pedir aos tropeiros. Deve haver alguns hindus por perto.

— Mas, Mahbub Ali, por acaso eu sou hindu? — perguntou Kim em inglês.

O negociante não deu sinal de espanto, apenas o encarou sob as sobranceiras grossas.

— Amiguinho de Todos! — exclamou ele. — O que está fazendo?

— Nada. Agora sou discípulo daquele homem santo, e vamos em peregrinação para Benares. Ele é completamente louco, e eu estou cansado de Lahore. Quero respirar novos ares.

— Mas para quem está trabalhando? Por que veio a mim? — A voz ficou áspera com a desconfiança.

— E quem mais poderia procurar? Eu não tenho dinheiro. Não é bom sair por aí sem dinheiro. Você vende muitos cavalos para os oficiais. Esses novos são muito bons, eu os vi. Dê-me uma rupia, Mahbub Ali, e quando ficar rico eu o recompensarei.

— Hum — disse Mahbub Ali, perspicaz. — Sei que não costuma mentir para mim. Chame o lama e fique escondido ali atrás, no escuro.

— Ah, nossas histórias vão combinar — disse Kim, rindo.

— Nós vamos para Benares — contou o lama, assim que entendeu as perguntas de Mahbub Ali. — Eu e o menino vamos procurar um rio.

— Talvez, mas e o menino?

— Ele é meu discípulo. Acredito que foi enviado para me guiar ao Rio. Eu estava sentado sob um canhão quando ele chegou de repente. Coisas assim acontecem aos abençoados. Mas agora me lembro: ele disse que era deste mundo, um hindu.

— E o nome dele? Qual é?

— Não perguntei. Ele não é meu discípulo?

— Mas e seu país? Sua raça, sua aldeia? É muçulmano ou hindu? De casta baixa ou alta?

— Por que eu saberia? Não há alto nem baixo no Caminho do Meio. Se ele foi enviado para ser meu *chela*, quem poderia, quereria ou viria tirá-lo de mim? Porque, veja bem, sem ele não poderei encontrar o meu Rio. — Ele balançou a cabeça solenemente.

— Ninguém vai tirá-lo de você. Vá, sente-se com os meus *baltis* — disse Mahbub Ali.

O lama se afastou após ouvir a promessa, mais tranquilo.

— Ele não é completamente louco? — perguntou Kim, saindo das sombras. — Por que eu mentiria para você, *hadji*?

Mahbub fumou seu narguilé em silêncio. Então disse, quase num sussurro:

— Ambala é caminho para Benares, se é que vocês vão mesmo para lá.

— Tsc, tsc! Já disse, aquele velho não sabe mentir como nós.

— Se levar uma mensagem para mim até Ambala, dou a você o dinheiro. É sobre um cavalo, um cavalo branco que vendi a um

oficial da última vez que estive nas Passagens. Mas então... Venha aqui, chegue mais perto e estenda as mãos... Então, o pedigree do cavalo branco não estava em ordem, e o oficial, que está agora em Ambala, quis resolver o assunto. (Mahbub descreveu o cavalo e a aparência do oficial.) Portanto, a mensagem será: "O pedigree do cavalo branco está totalmente resolvido." Ele vai entender que fui eu quem mandou a mensagem. Então, vai dizer: "E qual a prova?" E você deve responder: "Mahbub Ali me deu a prova."

— E tudo por causa de um cavalo branco — disse Kim dando uma risadinha, com os olhos brilhando.

— Darei o pedigree agora, mas do meu jeito e com algumas palavras duras.

Alguém com um camelo passou por trás de Kim. Mahbub Ali ergueu a voz:

— Por Alá! Acha que é o único mendigo na cidade? Já sei. Sua mãe morreu e seu pai também. Todos dizem a mesma coisa. Pois bem. — Virou-se, tateou o chão e atirou para Kim um pedaço engordurado de pão muçulmano. — Vá dormir com os tropeiros e o lama. Amanhã vejo se tenho serviço para você.

Kim afastou-se furtivamente, já abocanhando o pão, e não se decepcionou: dentro havia um pequeno embrulho de papel de seda e três rupias de prata. Uma fortuna. Sorriu e guardou tudo em seu amuleto de couro. O lama já fora muito bem-alimentado pelos *baltis* de Mahbub e dormia no canto de uma das barracas. Kim deitou ao lado dele e riu. Ele sabia que prestaria um serviço grande a Mahbub Ali e não acreditara nem um pouco na história do pedigree do garanhão.

Mas Kim não suspeitava que Mahbub Ali, conhecido como um dos melhores negociantes de cavalo de Punjab, um comerciante rico e empreendedor cuja caravana percorrera longas distâncias, tivesse sido registrado nos livros secretos do Indian Survey Department, o Departamento de Inteligência da Índia, como o C25 IB. Duas ou três vezes por ano, o C25 enviava um breve relatório, mal-escrito, porém muito interessante e, na maioria das vezes, verdadeiro, de acordo com as declarações do R17 e M4. Tais relatórios continham informações a respeito de pequenos e remotos principados indianos,

de exploradores não ingleses e do comércio de armas. Em resumo, era uma pequena porção da grande massa de "informações recebidas" que orientava as ações do governo indiano. Entretanto, recentemente cinco reis confederados, que nada tinham a confederar, haviam sido avisados por uma Benevolente Potência do Norte que certas informações confidenciais de seus territórios eram passadas para a Índia Britânica. Os confederados ficaram bastante aborrecidos e tomaram providências à moda oriental. Um dos suspeitos era o negociante de cavalos de barba ruiva cuja caravana ia a regiões onde a neve era tão alta quanto a barriga dos animais. Então, a caravana sofrera duas emboscadas durante a viagem, e os homens de Mahbub mataram três dos bandidos que podiam ou não ter sido pagos pelos ataques. Sendo assim, Mahbub estava evitando fazer negócios na insalubre cidade de Peshawar e fora direto para Lahore, onde, se bem conhecia seus conterrâneos, esperava desdobramentos curiosos.

E Mahbub Ali trazia algo que não desejava carregar consigo por nem um minuto a mais do que o necessário: um pequeno embrulho de papel de seda com cinco minúsculos furos em um canto, que se tratava de uma mensagem impessoal e sem destinatário que traía, de modo escandaloso, os cinco reis confederados, a Benevolente Potência do Norte, um banqueiro hindu em Peshawar, uma fábrica de armas na Bélgica e um importante soberano muçulmano semi-independente do sul. A mensagem, obra de R17, fora recolhida por Mahbub além da Passagem Dora, pois R17, por circunstâncias que fugiam ao seu controle, não podia deixar o posto de observação do qual era encarregado. Dinamite era leite perto do relatório de C25, e mesmo um oriental, com seus conceitos orientais acerca do valor do tempo, percebia que, quanto antes se livrasse da mensagem, melhor. Mahbub não desejava uma morte violenta por causa dos assuntos de duas ou três famílias poderosas do outro lado da fronteira, e, quando encerrasse suas pendências, pretendia estabelecer-se como um cidadão mais ou menos honesto. Não cruzara as portas do *serai* desde que chegara, dois dias antes, mas fora ostensivo ao enviar telegramas para Bombaim (onde tinha parte de seu dinheiro guardado), Délhi (onde um sócio vendia cavalos

para o agente de um estado rajaputro) e Ambala (onde o oficial inglês exigia o pedigree de certo garanhão branco). O escriba público, que falava inglês, compôs excelentes telegramas, tais como: "Creighton, Laurel Bank, Ambala. Cavalo é árabe como já foi afirmado. Desculpa pedigree atrasado estou traduzindo." E, mais tarde, para o mesmo endereço: "Muito infeliz atraso. Encaminhará pedigree." Para o subsócio de Délhi, ele enviou: "Lutuf Ullah. Ordem por telegrama para duas mil rupias no banco Luchman de Narain." Eram mensagens comerciais típicas, mas cada um desses telegramas fora discutido e rediscutido pelas partes que se acreditavam interessadas antes de chegar à estação ferroviária pelas mãos de um *balti* tolo, que permitia que qualquer delas fosse lida.

Quando Mahbub, para usar sua própria linguagem pitoresca, havia turvado os poços da curiosidade com a vara da precaução, Kim surgira como se tivesse caído do céu. E Mahbub, tão rápido quanto sem escrúpulos, acostumado a aproveitar cada oportunidade, prontamente aceitou os serviços do menino.

Um lama e um *chela* de casta baixa podiam atrair atenção momentânea em sua jornada pela Índia, terra de peregrinos, mas ninguém suspeitaria deles e, mais importante, ninguém os roubaria.

Ele pediu mais brasas para o narguilé e meditou sobre o assunto. Na pior das hipóteses, caso algo acontecesse a Kim, o papel não incriminaria ninguém. E ele mesmo viajaria com calma até Ambala, apesar do risco de levantar suspeitas, e recitaria a mensagem para os envolvidos.

Mas o relatório de R17 era de extrema importância, e seria um grande inconveniente se não fosse entregue. No entanto, Alá era grande, e Mahbub Ali acreditava ter feito o possível até o momento. Kim era a única pessoa no mundo que jamais mentira para ele. Essa seria uma falha terrível do garoto se o muçulmano não soubesse que Kim, para seus próprios fins comerciais ou para os de Mahbub, sabia mentir como um oriental.

Então, Mahbub Ali atravessou o *serai* e foi até a parte das harpias, que pintam os olhos e se aproveitam de estrangeiros, e decidiu procurar uma jovem que — ele tinha bons motivos para acreditar — era amiga íntima de certo *pundit* sem barba da Caxemira que

atrasava o envio de telegramas de seu *balti*. Foi uma insensatez: logo estavam tomando conhaque perfumado, contrariando a Lei do Profeta. E Mahbub, muito embriagado, não só começou a dizer mais do que deveria como foi atrás da Flor do Prazer aos tropeções, terminando por apagar entre as almofadas. Ali, a Flor do Prazer, ajudada por um certo homem sem barba da Caxemira, revistou-o da cabeça aos pés, minuciosamente.

Mais ou menos nessa hora, Kim ouviu passos suaves na tenda vazia de Mahbub. Curiosamente, o negociante de cavalos deixara a porta destrancada, e seus homens estavam ocupados celebrando o retorno para a Índia, banquetecendo-se com uma ovelha que Mahbub, generoso, cedera. Um jovem e esguio cavalheiro de Délhi, armado com um molho de chaves que a Flor retirara do cinto de Mahbub, que adormecera, vasculhou cada caixa, pacote, esteira e alforje que o negociante possuía, de modo ainda mais minucioso do que a Flor e o homem sem barba revistaram o dono daquelas coisas.

— E eu acho — disse a Flor com desdém, uma hora depois, apoiando o cotovelo no homem que roncava — que ele não passa de um porco afegão negociante de cavalos, que só pensa em mulheres e cavalos. Além disso, ele pode já ter mandado, a essa altura. Se é que algum dia esteve com ele.

— Não, se dizia respeito aos cinco reis, com certeza ele guardaria perto de seu coração negro — respondeu o homem sem barba. — Não encontrou nada?

O cavalheiro de Délhi riu e ajeitou seu turbante ao entrar.

— Procurei entre as solas de seus chinelos com o mesmo cuidado com que a Flor procurou em suas roupas. Este não é nosso homem. Eu teria encontrado.

— Eles não disseram que era ele — disse o homem sem barba, pensativo. — Eles disseram: “Investiguem se ele é o homem, pois nosso conselho está preocupado.”

— Esse país do Norte é cheio de negociantes de cavalos, como um casaco velho cheio de piolhos. Sikandar Khan, Nur Ali Beg e Farrukh Shah, todos chefes de cáfilas que fazem negócios por lá — interveio a Flor.

— Eles ainda não vieram aqui — disse o homem sem barba. — Você terá de seduzi-los mais tarde.

— Argh! — exclamou a Flor com profundo desgosto, empurrando a cabeça de Mahbub para longe de seu colo. — Eu trabalho bastante pelo meu dinheiro! Farrukh Shah parece um urso, Nur Ali Beg é um tolo, e o velho Sikandar Khan, que nojo! Vão embora! Vou dormir. Este porco só vai acordar amanhã.

Quando Mahbub acordou, Flor falou com muita seriedade sobre o pecado de embriaguez. Os asiáticos nem piscam quando enganam um inimigo, mas, depois de limpar a garganta, apertar o cinto e cambalear sob as estrelas da manhã, Mahbub Ali quase se traiu.

“O truque de um potro inexperiente”, pensou consigo. “Como se todas as mulheres em Peshawar não soubessem usá-lo! Mas foi bem feito. Agora só Alá sabe quantos outros na estrada terão ordens para me testar, talvez até com a faca. O menino deve ir agora mesmo para Ambala, de trem, pois precisa entregar logo aquele papel. Eu ficarei aqui, seguindo a Flor e bebendo vinho, como um negociante de cavalos afegão deve fazer.”

Ele voltou para perto de sua tenda. Seus cavaliços dormiam em sono profundo. Não havia sinal de Kim ou do lama.

— Levante-se! — Ele acordou um dos homens. — Para onde foram aqueles dois que dormiram aqui ontem? O lama e o menino! Alguma coisa sumiu?

— Não — resmungou o homem —, o velho louco levantou no segundo canto do galo dizendo que iria para Benares, e o garoto o levou embora.

— Que Alá amaldiçoe todos os infiéis! — praguejou Mahbub e entrou em sua tenda, resmungando.

Mas fora Kim quem acordara o lama; Kim, que espiara por uma fresta e observara o homem de Délhi vasculhar a tenda. Aquele não era um ladrão comum revirando cartas, contas e selas. Não foi um mero ladrão que abriu, à faca, as solas dos chinelos de Mahbub ou apalpou os bolsos dos alforjes com tanta destreza. Kim estivera a ponto de dar o alarme, o demorado grito de *choor*,^{12} *choor!* que

certas noites desperta o *serai*, mas pensou melhor e, com a mão no amuleto, tirou suas próprias conclusões.

— Deve ser sobre o pedigree daquele cavalo inventado — concluiu — que estou levando para Ambala. Melhor irmos agora. Quem examina sacos com facas pode muito bem examinar barrigas com facas. Certamente tem uma mulher por trás disso. Ei, ei! — sussurrou para o velho de sono leve. — Vamos. Está na hora de irmos para Benares.

Obediente, o lama levantou, e eles deixaram o *serai* como sombras.

2

E quem, liberto do Orgulho ardente,
Vê toda fé ou clero com ternura
Possa sentir a Alma do Oriente
Baixando sobre si em Kamakura.

“Buda de Kamakura”

Ainda na madrugada escura, eles adentraram a estação ferroviária que mais parecia uma fortaleza, com as lâmpadas elétricas zumbindo sobre a área de carga e descarga por onde chegava o intenso tráfego de cereais do norte.

— Isso é obra dos demônios! — exclamou o lama, tremendo diante da escuridão ecoante, dos trilhos entre as plataformas de alvenaria e do labirinto de vigas acima de sua cabeça. A estação era gigantesca, pavimentada com pedras, e o chão parecia coberto de mortos, passageiros de terceira classe que compraram os bilhetes durante a noite e agora dormiam esperando a hora de partir. Todas as 24 horas do dia eram parecidas para os orientais, e o tráfego de passageiros era ditado por essa visão.

— É aqui que chegam os carros de vapor. Atrás daquele buraco, fica um homem — explicou Kim, apontando para a bilheteria —, e ele tem os papéis que vão nos levar até Ambala.

— Mas vamos para Benares — corrigiu o velho.

— Dá no mesmo. Benares, então. Rápido: lá vem o trem!

— Aqui, pegue a bolsa.

Não tão familiarizado com trens quanto fingira ser, o lama assustou-se quando o expresso para o sul das 3h25 da madrugada chegou, roncando e fumegando. As pessoas adormecidas levantaram-se de um salto, e a estação se encheu de conversas e gritos, pregões de vendedores de água e doces, berros de policiais

do local e guinchos agudos das mulheres que recolham suas cestas, seus filhos e seus maridos.

— É o trem, é só o *te-rém*. Ele não vem até aqui. Espere! — Impressionado com a enorme simplicidade do lama (que lhe entregara uma pequena sacola cheia de rupias), Kim comprou um bilhete para Ambala. O bilheteiro sonolento resmungou e atirou-lhe um bilhete para a próxima estação, a apenas 10 quilômetros de distância.

— Nada disso! — protestou Kim, com um sorriso irônico. — Isso pode funcionar com os fazendeiros, mas eu sou de Lahore. Bem pensado, *babu*. Agora me dê o bilhete para Ambala.

Contrariado, o homem entregou o bilhete certo a Kim.

— E outro para Amritzar — continuou Kim, que não pretendia gastar o dinheiro de Mahbub Ali em algo tão insignificante quanto um bilhete para Ambala. E, voltando para o lama estupefato, disse, alegremente: — O preço é tanto. O troco é tanto. Eu entendo de *te-réns*... Nunca um *yogi* precisou tanto de um *chela* quanto você. Se não fosse por mim, eles o fariam descer em Mian Mir. Por aqui! Venha! — Ele devolveu o dinheiro, tirando como comissão, a imemorial comissão da Ásia, apenas um aná para cada rupia do valor da passagem para Ambala.

O lama parou, hesitante, em frente à porta aberta de um vagão lotado da terceira classe.

— Não seria melhor andar? — perguntou com um tremor na voz.

Um corpulento operário sique enfiou a cabeça pela porta:

— Ele está com medo? Não tenha medo. Eu lembro quando ainda tinha medo do *te-rém*. Entre! Isso aqui é do governo.

— Não estou com medo — respondeu o lama. — Cabem mais dois?

— Não cabe nem mais um rato — guinchou a mulher de um próspero lavrador, um *jat* do fértil distrito de Jalandhar. — Os trens noturnos não são tão bons quanto os diurnos, em que os homens e as mulheres viajam em carros separados.

— Ó mãe do meu filho, dá para abrir espaço — interveio o lavrador, que usava um turbante azul. — Pegue o menino. Não vê que esse é um homem santo?

— Com o meu colo cheio de setenta vezes sete pacotes? Quer que ele vá sentado em meus joelhos, seu desavergonhado? Os homens são todos iguais! — Ela olhou ao redor, procurando apoio. Uma cortesã de Amritzar que estava perto da janela fungou sob o véu.

— Entrem! Entrem! — gritou um agiota hindu gordo que carregava o livro de contabilidade embrulhado sob o braço. Com um sorriso, acrescentou: — É preciso ajudar os pobres.

— Isso, com hipoteca de sete por cento ao mês sobre o bezerro ainda na barriga — completou um jovem soldado dogra que ia de licença para o sul, fazendo todos rirem.

— Este trem vai para Benares? — perguntou o lama.

— Certamente. Por que mais estaríamos aqui? Entre, ou ficaremos de fora! — exclamou Kim.

— Viram? — guinchou a garota de Amritzar — Ele nunca entrou em um trem! Ora, vejam!

— Não, ajudem! — disse o lavrador, estendendo uma grande mão morena e puxando o velho para dentro. — Pronto, pai.

— Mas... mas... eu sento no chão. É contra a Regra se sentar em um banco — disse o lama. — Além disso, me dá câimbras.

— Veja — começou o agiota, comprimindo os lábios —, não há uma regra da decência que esses *te-réns* não nos façam quebrar. Por exemplo, sentamos lado a lado com todas as castas e todos os tipos.

— Sim, e com as mais ultrajantes desavergonhadas — disse a mulher, dando uma olhadela para a garota de Amritzar que flertava com o jovem soldado sipaio.

— Eu disse para pegarmos a carreta pela estrada — respondeu o marido. — Teríamos economizado.

— Sim, e gastaríamos o dobro do que economizamos comprando comida pelo caminho. Já conversamos sobre isso dez mil vezes.

— Sim, em dez mil idiomas... — resmungou o homem.

— Pobres de nós, mulheres, se não pudéssemos falar. Ora, vejam! Ele é do tipo que não olha nem responde a uma mulher! — Pois o lama, seguindo a sua Regra, nem sequer tomara conhecimento dela. — Será o discípulo igual?

— Não, mãezinha — respondeu Kim prontamente. — Não quando a mulher é bonita e, além de tudo, caridosa com os pobres.

— A resposta de um mendigo — observou o sique, com um sorriso. — Você o provocou, irmã!

As mãos de Kim estavam estendidas em súplica.

— E para onde vai, menino? — perguntou a mulher, entregando-lhe metade de um bolo que tirou de um pacote engordurado.

— Também para Benares.

— Fazem malabarismos? — perguntou o jovem soldado. — Têm algum truque para passar o tempo? Por que esse homem amarelo não responde?

— Porque ele é santo — respondeu Kim, ousado. — Pensa sobre assuntos que estão acima de homens como você.

— Isso pode ser verdade. Nós, siques de Ludhiana, não ocupamos nossas cabeças com a doutrina — anunciou ele, com uma voz profunda. — Nós lutamos.

— O irmão do filho da minha irmã é *naik*^{13} no regimento. — disse o operário sique em voz baixa. — Também há algumas comitivas *dogras* por lá.

O soldado olhou feio para ele, pois *dogras* e siques são duas castas diferentes, e o agiota sorriu.

— Para mim, são todos iguais — declarou a jovem de Amritzar.

— Nisso eu acredito — disse a mulher do lavrador em tom malicioso.

— Mas todos os que pegam em armas para servir ao *sirkar* formam uma irmandade. Tem a irmandade da casta, mas acima dela — continuou a garota de Amritzar, olhando timidamente ao redor — há o laço do *Pulton*, o regimento, não é?

— Meu irmão está em um regimento *jat* — disse o lavrador. — Os *dogras* são bons homens.

— Pelo menos, é o que pensam os siques — disse o soldado, franzindo a testa para o velho no canto. — Foi o que pensaram quando dois de nossos regimentos foram ajudá-los em Pirzai Kotal, no meio da batalha contra oito estandartes *afridis*, há menos de três meses.

Então, ele contou a história de uma ação nas fronteiras em que as companhias dogras dos siques de Ludhiana obtiveram êxito. A jovem de Amritzar sorriu, pois sabia que o objetivo daquela história era chamar sua atenção.

— Não acredito! — exclamou a mulher do lavrador ao final do relato. — Então, as vilas foram queimadas e as criancinhas ficaram abandonadas?

— Eles mutilaram nossos mortos. Pagaram um preço alto depois que nós, os siques, os expulsamos. É como as coisas são. Já estamos em Amritzar?

— Sim, e é aqui que furam os bilhetes — disse o agiota, procurando a passagem na cinta.

As lâmpadas empalideciam, ofuscadas pela luz da manhã, quando o guarda mestiço chegou. A verificação das passagens é coisa demorada no Oriente, onde as pessoas escondem os bilhetes nos lugares mais inusitados. Kim mostrou o seu e foi imediatamente convidado a descer.

— Mas estou indo para Ambala — protestou. — Acompanho este homem santo!

— Por mim você pode ir até para Jehannum. Mas esse bilhete é só até...

Kim irrompeu em lágrimas, alegando que o lama era seu pai e sua mãe, que ele era o último amparo do homem santo na velhice e que o lama morreria sem os seus cuidados. Todo o carro intercedeu pelo menino, e o banqueiro foi especialmente eloquente, pedindo misericórdia ao guarda, mas, ainda assim, Kim foi levado até a plataforma. O lama piscava sem entender, e Kim se lamuriava em alto e bom som ao lado da janela do vagão:

— Sou muito pobre! Meu pai morreu, minha mãe morreu. Ó almas caridosas, se eu ficar aqui, quem cuidará desse velho?

— O que... o que é isso? — repetiu o lama. — Ele precisa ir a Benares. Ele precisa me acompanhar. Ele é o meu *chela*. Se é preciso pagar...

— Ora, fique quieto! — sussurrou Kim. — Por acaso somos rajás, para desperdiçar dinheiro quando o mundo é um lugar tão caridoso?

A jovem de Amritzar saiu do vagão com seus pertences, e Kim manteve seus olhos atentos nela. Damas como aquela costumavam ser generosas.

— Um bilhete, um bilhete para Ambala, ó Destruidora de Corações!

Ela riu.

— Você não é caridosa? — insistiu Kim.

— O homem santo vem do norte?

— Sim, vem de bem longe, lá do norte — choramingou Kim. — Das Montanhas!

— Neva bastante no Norte, neva muito nos pinheiros e nas montanhas. Minha mãe era de Kulu. Aqui, compre um bilhete. Peça a ele que me abençoe.

— Dez mil bênçãos! — exclamou Kim. — Ó Vossa Santidade, uma mulher nos foi caridosa para que eu possa acompanhá-lo, uma dama com o coração de ouro! Correrei para comprar o bilhete.

A jovem olhou para o lama, que seguira Kim de maneira mecânica até a plataforma. Ele olhou para o chão, para não encará-la, e murmurou algumas palavras em tibetano enquanto ela desaparecia na multidão.

— O que vem fácil vai fácil — disse a mulher do lavrador, com desdém.

— Ela praticou a virtude — respondeu o lama. — Sem dúvida, era uma monja.

— Existem dez mil monjas como essa só em Amritzar. Volte, velho, ou o *te-rém* pode partir sem você! — gritou o agiota.

— Deu para o bilhete e ainda sobrou para um pouco de comida! — exclamou Kim, voltando para seu lugar. — Agora coma, Santo Homem. E veja: o dia está nascendo!

A névoa matinal, em tons de dourado, vermelho, cor de açafrão e cor-de-rosa, se espalhava pelas planícies verdes. A rica Punjab se estendia esplendorosa sob o sol forte. O lama piscava à medida que os postes telegráficos passavam.

— A velocidade do *te-rém* é grande — comentou o agiota, com um sorriso condescendente. — Estamos mais longe de Lahore do

que você conseguiria andar em dois dias. À tardinha chegaremos a Ambala.

— Que ainda é longe de Benares — lamentou o lama, comendo os bolos que Kim lhe trouxera.

Todos abriram seus embrulhos e fizeram sua refeição matinal. Então, o agiota, o lavrador e o soldado prepararam seus cachimbos e envolveram o vagão em uma fumaça sufocante e pungente enquanto tossiam, cuspiam e se refestelavam. O soldado sique e a mulher do lavrador mascavam *pan*, e o lama cheirou uma pitada de rapé e começou a desfiar seu japamala, enquanto Kim, de pernas cruzadas, sorria pelo conforto de ter a barriga cheia.

— Que rios passam por Benares? — perguntou o lama, de supetão, para os passageiros do carro.

— Tem o Gunga — respondeu o agiota, quando a risadinha silenciosa cessou.

— Que outros?

— Que outro além do Gunga?

— Não, estava pensando em um certo Rio que Cura.

— É o Gunga. Quem se banha em suas águas se purifica e sobe aos deuses. Fiz a peregrinação ao Gunga três vezes — informou o agiota, orgulhoso.

— Estava mesmo precisando — comentou o jovem sipaio, secamente, e os risos se voltaram para o agiota.

— Purificado... para voltar aos deuses — murmurou o lama — e para começar outra vez o ciclo das vidas, ainda preso à Roda das Ilusões. — Ele balançou a cabeça com irritação. — Mas talvez haja um engano. Quem criou o Gunga, no começo?

— Os deuses. Qual é a sua fé, homem? — respondeu o banqueiro, estarecido.

— Eu sigo a Lei, a Lei Excelente. Então, foram os deuses que criaram o Gunga. Que deuses?

A multidão no carro encarou o velho, pasma. Era inconcebível que alguém não conhecesse o Gunga.

— Quem... Quem é o seu deus? — perguntou, por fim, o agiota.

— Ouçam! — disse o lama, segurando o colar de contas. — Ouçam, pois falo Dele agora! Ouça, povo da Índia!

Ele começou a contar, em urdu, a história de Buda, mas, perdido em seus pensamentos, mudou para a linguagem tibetana e recitou longos trechos de um livro chinês sobre a vida de Buda. A multidão gentil e tolerante olhou-o com reverência. A Índia é cheia de homens santos pregando em línguas desconhecidas, abalados e consumidos pelo fogo de sua própria paixão: sonhadores, tagarelas e visionários. Assim era no começo e assim será até o fim.

— Hum! — exclamou o soldado dos siques de Ludhiana. — Havia um regimento maometano acampado perto do nosso em Pirzai Kotal, e o sacerdote deles, que era, se bem me lembro, um *naik*, entrava em transe e fazia profecias. Mas Deus olha pelos loucos, e os oficiais do regimento tinham muito respeito por ele.

O lama voltou a falar urdu, lembrando-se de que estava em uma terra estranha:

— Ouçam a história da Flecha que nosso Senhor lançou com o arco.

Esse tipo de história lhes agradava muito mais, e todos ouviram com atenção.

— E agora, povo da Índia, eu procuro esse Rio. Sabem que precisam me guiar, pois somos todos homens e mulheres cercados de mal.

— O Gunga, e só ele, lava os pecados — foi o murmúrio que percorreu o vagão.

— Mas sem dúvida também temos bons deuses em Jalandhar — comentou a mulher do lavrador, olhando pela janela. — Veja como eles abençoaram as plantações.

— Buscar em todos os rios de Punjab não é tarefa fácil — disse o marido. — Para mim, um regato que irrigue minhas terras é suficiente, e agradeço a Bhumia, o deus das Herdades. — E deu de ombros.

— Acha que nosso Senhor chegou tão longe ao norte? — perguntou o lama, voltando-se para Kim.

— Pode ser — respondeu o menino em tom conciliatório, depois de cuspir no chão um pouco do líquido vermelho que escorria do *pan* que mascava.

— O último dos gloriosos foi Alexandre, o Grande — afirmou o sique com autoridade. — Ele pavimentou as ruas de Jalandhar e construiu um grande reservatório perto de Ambala. Os dois resistem até hoje. Eu nunca ouvi falar sobre seu deus.

— Deixe o cabelo crescer e fale punjabi — zombou o jovem soldado, olhando para Kim, citando um provérbio do norte. — É só disso que precisa para ser um sique. — Mas ele não falou muito alto.

O lama suspirou e se encolheu, contorcendo-se em uma massa sombria e disforme. Nas pausas da conversa era possível ouvir um zumbido baixo do mantra *Om mane pudme hum! Om mane pudme hum!* e os cliques das contas de madeira do japamala.

— Isso me cansa — disse, por fim. — A velocidade e o barulho me cansam. Além disso, meu *chela*, acho que já passamos do Rio.

— Calma, calma — respondeu Kim. — O Rio não era perto de Benares? Ainda estamos longe de lá.

— Mas, se nosso Senhor veio ao norte, pode ser qualquer um dos pequenos rios por que passamos.

— Isso eu não sei.

— Mas você me foi enviado, não foi? Pelo mérito que acumulei lá longe, em Such-zen. Surgiu ao lado do canhão, com duas faces e dois trajés.

— Calma, não se deve falar dessas coisas aqui — sussurrou Kim. — Eu sou um só. Pense melhor e vai se lembrar: um garoto hindu ao lado do grande canhão verde.

— Mas não havia também um inglês de barba branca, no meio de várias imagens sagradas, que me deu ainda mais certeza sobre o Rio da Flecha?

— Ele... nós fomos ao Ajaib-Gher, em Lahore, rezar para os deuses de lá — explicou Kim para a plateia interessada. — E o *sahib* da Casa das Maravilhas conversou com ele. Sim, é verdade, falou como se fossem irmãos. Ele é um homem muito santo, que vem de bem longe, além das Montanhas. — E, voltando-se para o lama: — Calma, estamos indo para Ambala.

— Mas e o meu Rio, o Rio da minha Cura?

— Se é o que quer, procuraremos pelo Rio a pé. Então, não passaremos direto por nada, nem mesmo por um pequeno regato

em uma área campestre.

— Mas você também não tem uma busca própria? — O lama, contente de estar com a memória afiada, aprumou-se.

— Tenho — respondeu Kim, indulgente. O garoto estava satisfeito em viajar, mascar *pan* e ver gente nova no bom e velho mundo.

— Um touro, um Touro Vermelho virá ajudá-lo e carregá-lo... para onde? Eu esqueci. Um Touro Vermelho em um campo verde, não era?

— Não, ele não vai me carregar para lugar algum — respondeu Kim. — É apenas uma história que lhe contei.

— E que história é essa? — A mulher do lavrador inclinou-se para a frente, com as pulseiras tilintando nos braços. — Vocês dois andam tendo sonhos? Um Touro Vermelho em um campo verde, que vai carregá-lo aos céus ou algo que o valha? Foi uma visão? Alguém fez uma profecia? Temos um Touro Vermelho lá em nossa vila, depois da cidade de Jalandhar, e ele passeia, por vontade própria, apenas nos campos mais verdes!

— Dê um conto da carochinha a uma mulher, e folhas e plantas a um passarinho-tecelão, e eles produzirão coisas maravilhosas — interveio o sique. — Todos os homens santos têm sonhos. E os discípulos, por seguirem os homens santos, também adquirem esse dom.

— Um Touro Vermelho em um campo verde, não era? — repetiu o lama. — É possível que você tenha alcançado o mérito em uma vida passada, e o Touro virá recompensá-lo.

— Não, não. Foi só uma história que me contaram, provavelmente uma brincadeira. Mas vou procurar pelo Touro em Ambala, e você poderá procurar por seu Rio e descansar do barulho do trem.

— Pode ser que o Touro saiba, que tenha sido mandado para nos guiar — disse o lama, esperançoso como uma criança. Então, virou-se para a plateia e apontou para Kim: — Esse aqui me foi enviado ainda ontem. Não creio que seja deste mundo.

— Já vi muitos mendigos e diversos homens santos, mas nenhum como esse *yogi* e seu discípulo — sussurrou a mulher do lavrador.

Seu marido tocou a testa de leve, com um dedo, e sorriu. Entretanto, quando o lama precisou comer outra vez, eles trataram

de lhe dar o melhor que tinham.

Por fim, cansados, sonolentos e sujos, chegaram à estação de Ambala.

— Desceremos aqui por causa de um processo jurídico — disse a mulher do lavrador para Kim. — Nos hospedaremos na casa do irmão mais moço do primo de meu marido. Há lugar no pátio para seu *yogi* e você. Será que ele... me daria uma bênção?

— Ó Santo Homem! Uma mulher com um coração de ouro nos oferece abrigo para a noite! É uma terra boa, essa terra do sul. Veja como fomos ajudados desde a madrugada!

O lama inclinou a cabeça, abençoando-a.

— Você vai encher a casa do irmão mais novo do meu primo de vagabundos... — começou o marido, enquanto levava o pesado cajado de bambu aos ombros.

— Esse irmão do seu primo ainda deve ao primo de meu pai pelo casamento de sua filha — disse a mulher, decidida. — Ele pode pôr a hospedagem na conta. Além disso, o *yogi* vai mendigar, não duvido.

— Sim, eu mendigo por ele — disse Kim, ansiando apenas por conseguir abrigo noturno para o lama. Assim, poderia procurar o inglês de Mahbub Ali e entregar o pedigree do garanhão branco.

— Agora vou sair um pouco para fazer compras no bazar — disse o garoto, quando o lama estava instalado no pátio interno de uma casa hindu decente, atrás do posto militar. — Fique aqui até eu voltar.

— Até você voltar? Você vai mesmo voltar? — O velho segurou o pulso de Kim. — E voltará nesta mesma forma? Já está muito tarde para procurar o Rio agora?

— Muito tarde e muito escuro. Mas pense em como você já chegou longe. Estamos a 160 quilômetros de Lahore.

— Sim... E ainda mais longe do meu mosteiro. Como é grande e terrível este mundo!

Kim saiu furtivamente, e nunca uma figura tão pequena carregou o destino de tantos outros e o seu próprio pendurados no pescoço. As indicações de Mahbub Ali quase não deixaram dúvida sobre o lugar onde o inglês vivia, e um laçao conduzindo um cabriolé do Clube para a casa o fez ter certeza. Só faltava identificar o homem, e

Kim esgueirou-se pela cerca do jardim e se escondeu atrás de uma moita perto da varanda. As luzes estavam acesas, e os servos se moviam entre as mesas cobertas de flores, cristais e prataria. Um inglês vestido de preto foi ao jardim cantarolando baixinho uma melodia. Estava escuro demais para ver seu rosto, então o menino, mendigo experiente, decidiu fazer um teste.

— Ó Protetor dos Pobres!

O homem se aproximou da moita.

— Mahbub Ali diz...

— Ah! O que diz Mahbub Ali? — O homem não tentou identificar a origem da voz, o que mostrou a Kim que ele já sabia do que se tratava.

— Que o pedigree do garanhão branco está plenamente estabelecido.

— Qual a prova? — O inglês falou para a roseira perto da rua.

— Mahbub Ali me deu esta prova. — Kim jogou o papel dobrado aos pés do inglês, que pisou em cima do embrulho para escondê-lo de um jardineiro que virara a esquina. Depois que o homem passou, ele se abaixou e o pegou, deixando cair uma rupia — Kim a ouviu cair — e caminhou na direção de sua residência, sem se virar. O menino apanhou a moeda furtivamente, mas, apesar de toda a sua experiência, seu sangue irlandês não o deixava se contentar apenas com uma simples moeda: ele queria informações. Então, em vez de ir embora, ele se deitou na grama e rastejou até a casa.

Os bangalôs indianos são todos abertos, e Kim viu o inglês voltar para uma saleta perto da varanda que funcionava como escritório, entupida de papéis e caixas de relatórios, onde se sentou para ler a mensagem de Mahbub Ali. À luz da lâmpada de querosene, seu rosto assumiu uma expressão sombria. Kim, que, como todo bom mendigo, era acostumado a reparar nos semblantes, percebeu a mudança de humor.

— Will! Will, querido! — chamou uma voz de mulher. — Você deveria estar na sala de visitas, eles chegarão a qualquer momento!

O homem continuou absorto na leitura.

— Will! — chamou a voz, cinco minutos depois. — *Ele* chegou. Já consigo ouvir a escolta se aproximando.

O homem correu para o jardim com a cabeça descoberta enquanto um grande landau surgia na varanda, com uma escolta de quatro cavaleiros nativos. Dele saiu um homem alto, de cabelos castanho-escuros e postura ereta, seguido por um jovem oficial, que tinha uma risada agradável.

Kim permaneceu deitado de bruços, quase encostado nas grandes rodas do landau. O inglês e o homem de cabelos castanho-escuros trocaram algumas palavras.

— Certamente, senhor — disse o jovem oficial, prontamente. — Tudo o mais pode esperar quando se trata de um cavalo.

— Não devemos demorar mais do que vinte minutos — falou o inglês. — Você pode fazer as honras. Mantenha-os entretidos e tudo o mais.

— Diga a um dos cavaleiros que fique de prontidão — instruiu o homem alto, entrando com o inglês na saleta enquanto o landau partia. Kim viu suas cabeças se curvarem para ler a mensagem de Mahbub Ali e ouviu suas vozes: uma, baixa e respeitosa; a outra, severa e decidida.

— Isso não é uma questão de semanas, mas de dias... talvez até de horas — opinou o mais velho. — Já esperava por algo do tipo, mas essa mensagem... — Ele bateu no bilhete de Mahbub Ali. — ...deixa tudo mais claro. Grogan jantará aqui hoje, não é?

— Sim, senhor. Macklin também.

— Muito bem. Eu mesmo falarei com eles. O assunto deve ser levado ao conselho, é claro, mas é seguro supor que devemos agir depressa. Avise as brigadas de Pindi e Peshawar. Isso desorganizará o reposicionamento de verão, mas não há nada que se possa fazer. Esse é o resultado de não os termos aniquilado da primeira vez. Oito mil homens serão suficientes.

— E quanto à artilharia, senhor?

— Devo consultar Macklin.

— Então é guerra?

— Não, é apenas uma reprimenda. Quando um homem tem certas obrigações por conta dos feitos de seu predecessor...

— Mas o C25 pode ter mentido.

— A informação dele está de acordo com a de outros. Eles mostraram suas intenções há seis meses, mas Devenish acreditava que havia uma chance de paz, e é claro que eles se aproveitaram disso para se fortalecer. Mande o meu telegrama e o de Wharton imediatamente. Use o código novo, não o antigo. Não precisamos deixar as damas esperando mais tempo, podemos resolver o restante enquanto fumamos alguns charutos. Eu sabia que isso aconteceria. Mas é uma reprimenda, não uma guerra.

Enquanto o cavaleiro se afastava, Kim rastejou até a parte de trás da casa, onde, julgando por suas experiências em Lahore, achou que poderia encontrar comida e informação. A cozinha estava cheia de trabalhadores animados, um dos quais o chutou.

— Ai! — gemeu Kim, fingindo chorar. — Eu só vim para lavar os pratos em troca de comida.

— Ambala inteira quer o mesmo, dê o fora! Eles vão entrar com a sopa. Acha que os servos do *sahib* Creighton precisam de ajuda para servir um grande jantar?

— É um jantar muito grande — respondeu Kim, observando os pratos.

— Pudera, o convidado de honra é ninguém mais que o *Jang-i-Lat*^{14} *sahib*.

— Uau! — exclamou o menino, simulando o assombro apropriado. Ele descobrira o que queria. Quando o servo se virou, Kim escapuliu.

— E tudo isso por causa do pedigree de um cavalo! — murmurou em hindustâni para si mesmo. — Mahbub Ali deveria aprender a mentir comigo. Sempre levei mensagens sobre mulheres, mas agora são sobre homens. Melhor assim. O homem alto disse que enviarão um grande exército para retaliar alguém, em algum lugar, e a notícia vai para Pindi e Peshawar. Também falou sobre armas... Ah, eu queria ter ouvido mais de perto, são notícias importantes!

Ao voltar, ele encontrou o irmão mais novo do primo do lavrador discutindo o processo e todos os seus detalhes com o lavrador, sua mulher e alguns amigos, enquanto o lama cochilava. Depois do jantar, alguém lhe entregou um narguilé, e Kim se sentiu muito adulto ao levantar a casca de coco polida, com as pernas estendidas

ao luar e a língua tecendo observações de tempos em tempos. Os anfitriões eram muito educados, pois a mulher do lavrador lhes contara sobre a visão do Touro Vermelho e sua provável origem de outro mundo. Além disso, o lama era uma grande e venerável novidade.

Mais tarde, o sacerdote da família, um velho e benevolente brâmane *sarsut*, iniciou uma discussão religiosa para impressionar os parentes. Pelo credo, estavam todos de acordo com o sacerdote, mas o lama era um convidado e uma novidade. Sua gentileza e bondade e suas citações chinesas impressionantes, que soavam como feitiços, os encantavam. Naquele ambiente simples e simpático, ele se abriu tal qual a lótus de Bodisatva, falando sobre a vida nas grandes Montanhas de Such-zen antes de, como ele dizia, “se aventurar em busca da iluminação”.

Descobriram que, em seus dias mundanos, ele fora mestre em astrologia e leitura de horóscopos, e o sacerdote da família o levou a descrever seus métodos. Cada um dava aos planetas nomes que o outro não conseguia entender, apontando para cima, onde as grandes estrelas brilhavam na escuridão. As crianças mexiam nas contas de madeira do japamala sem receberem reprimenda, e o lama simplesmente esqueceu a Regra que o proibia de olhar para mulheres enquanto contava sobre as nevascas, os deslizamentos e as passagens bloqueadas que enfrentara nos picos remotos, onde podem ser encontradas safiras e turquesas, e sobre a maravilhosa estrada nas Montanhas, que levava à Grande China.

— O que você acha desse homem? — perguntou o lavrador ao sacerdote, puxando-o de lado.

— É um verdadeiro homem santo. Seus deuses não são os deuses, mas ele está no caminho certo — respondeu. — E seus métodos com os horóscopos, embora estejam além da sua compreensão, são bem-embasados.

— Diga-me — disse Kim, preguiçosamente —, vou encontrar meu Touro Vermelho em um campo verde, como me foi prometido?

— O que sabe sobre sua hora de nascimento? — perguntou o sacerdote, cheio de si.

— Entre o primeiro e o segundo canto do galo da primeira noite de maio.

— De que ano?

— Não sei, mas na hora em que chorei houve um grande terremoto em Srinagar, na Caxemira.

Kim ouvira essa história da mulher que tomava conta dele, que ouvira de Kimball O'Hara. O terremoto, sentido na Índia, era usado como marco em Punjab.

— Ah! — exclamou uma mulher, entusiasmada, pois isso parecia evidenciar a origem sobrenatural de Kim. — Nesse dia, nasceu também a filha de um conhecido...

— E a mãe deu ao marido quatro filhos em quatro anos, todos meninos! — lembrou a mulher do lavrador, sentada fora do círculo, nas sombras.

— Ninguém versado nesse conhecimento — disse o sacerdote da família — pode esquecer como os planetas se alinharam em suas casas naquela noite fatídica... — Ele começou a desenhar na terra do pátio. — Pelo que vejo, você ocupa metade da Casa de Touro. O que diz a profecia?

— Um dia — começou Kim, muito satisfeito com a atenção da plateia —, eu me tornarei poderoso graças a um Touro Vermelho em um campo verde, mas antes surgirão dois homens para preparar o caminho.

— Sim, esse é o começo de toda visão. Uma densa escuridão que vai clareando aos poucos, e logo alguém traz uma vassoura para limpar o lugar. Então, começa a visão. Você disse dois homens? Sim, sim... O Sol, deixando a Casa de Touro, adentra a de Gêmeos: eis os dois homens da profecia. Podemos considerar... Menino, traga-me um galho...

O sacerdote franziu a testa, riscou símbolos misteriosos na terra, apagou e riscou outra vez, para surpresa de todos, menos do lama, que, por delicadeza, se absteve de intervir.

Passada meia hora, o velho jogou o galho para longe com um grunhido.

— Ora! Assim dizem as estrelas: em três dias chegarão os dois homens para preparar o caminho. Depois deles, virá o Touro, mas o

sinal oposto ao dele é o de guerra e de homens armados.

— De fato, havia um sique de Ludhiana no trem de Lahore — disse a mulher do lavrador, esperançosa.

— Nada disso! Homens armados, centenas deles... Qual sua relação com a guerra? — perguntou o sacerdote, dirigindo-se a Kim. — Você está sob o signo vermelho e violento de uma guerra prestes a começar.

— Nenhuma, nenhuma! — exclamou o lama. — Procuramos apenas por paz e pelo nosso Rio.

Kim sorriu, lembrando-se da conversa que entreouvira na saleta do inglês. Definitivamente, os astros o favoreciam.

O sacerdote apagou o desenho do horóscopo rudimentar com o pé.

— Não consigo ver mais do que isso. O Touro chegará em três dias, garoto.

— E o meu Rio, o meu Rio? — implorou o lama. — Tinha esperanças de que o Touro pudesse nos levar ao rio!

— Ah, irmão, quanto a esse Rio maravilhoso... — interveio o sacerdote — ... rios assim são raros.

Na manhã seguinte, o lama insistiu em partir, embora os anfitriões insistissem para que eles ficassem. Deram a Kim um grande embrulho de boa comida e quase 3 anás em moedas de cobre, para cobrir as necessidades da viagem. Por fim, com muitas bênçãos, assistiram aos dois rumarem para o sul ao amanhecer.

— Pena que seja impossível libertar gente como essa da Roda das Coisas — suspirou o lama.

— É melhor assim, pois, senão, restaria apenas gente má na terra, e quem nos daria comida e abrigo? — protestou Kim, carregando alegremente o embrulho.

— Vejo um regato ao longe, vamos investigar — disse o lama, adiantando-se pela estrada branca que cortava os campos. Ele logo foi cercado por uma matilha de vira-latas enraivecidos.

3

Sim, voz de toda alma que retrata
A vida já escalada com bravura
No início do poder de Devadatta,
A brisa quente traz-lhe Kamakura.

“Buda de Kamakura”

Atrás da matilha, um camponês furioso brandia uma vara de bambu. Era um lavrador da casta *arain* que cultivava flores e vegetais para a cidade de Ambala, e Kim conhecia bem o tipo.

— Esse homem — disse o lama, ignorando os cães — é indelicado com estranhos, de discurso virulento e nada caridoso. Cuidado com ele, meu discípulo.

— Ei, seus mendigos sem-vergonha! — gritou o lavrador. — Fora daqui! Rua!

— Vamos — respondeu o lama, com graça e dignidade. — Vamos embora destes campos não abençoados.

— Ah — acrescentou Kim, tomando fôlego para dirigir-se ao homem. — Se a próxima colheita não vingar, a culpa será toda dessa sua boca!

O homem mudou de posição, desconfortável.

— O país anda cheio de mendigos... — começou a dizer, quase se desculpando.

— E o que o fez pensar que viemos mendigar, ó *Mali*^{15}? — disse Kim, irônico, usando o título que menos agradava aos horticultores. — Tudo o que queríamos era ver o rio que corre lá embaixo.

— Rio? — O homem deu uma risadinha desdenhosa. — De que cidade vieram para não saberem reconhecer um canal? Ele corre reto como uma flecha e eu pago pela água como se fosse prata líquida. Tem um córrego ali mais adiante, mas, se precisarem, posso lhes dar água e leite.

— Não, vamos para o Rio — disse o lama, afastando-se, decidido.

— Leite e uma refeição — gaguejou o homem, observando a estranha figura alta à sua frente. — Eu... Eu não quero atrair o mal para mim ou para minha colheita. Mas há tantos pedintes hoje em dia...

— Veja... — O lama virou-se para Kim. — Ele foi levado a falar de forma rude pela Névoa Vermelha da cólera. Quando esta se dissipou, ele se tornou cortês e de coração afável. Que seus campos sejam abençoados! E tome cuidado para não ser precipitado ao julgar, ó lavrador.

— Conheci homens santos que teriam amaldiçoado estes campos inteiros, da sua casa até o seu estábulo — disse Kim, dirigindo-se ao camponês envergonhado. — Veja como este é sábio e santo! Sou discípulo dele.

De nariz empinado, Kim cruzou a fronteira do terreno.

— Os que seguem o Caminho do Meio não devem ser orgulhosos — censurou o lama, após um momento de silêncio.

— Mas você mesmo falou que ele era de casta baixa e indelicado.

— Nada falei sobre sua casta, pois como ele poderia ser algo diferente do que é? Além disso, ele se desculpou pela indelicadeza, e eu logo a perdoei. Como nós, este homem está preso à Roda das Coisas, a diferença é que ele não procura se libertar. — Seu olhar se deteve em um pequeno regato entre os campos, e o lama contemplou as margens marcadas por cascos.

— Mas, então, como vai reconhecer o Rio? — perguntou Kim, acocorando-se à sombra de alguns pés de cana.

— Quando eu o encontrar, certamente terei uma iluminação. Sinto que este não é o local. Ó menor dos regatos, se apenas pudesses me dizer onde fica meu Rio! Apesar de tua mudez, bendito sejas e que possas nutrir os campos!

— Cuidado! Cuidado! — Kim correu até o lama e puxou-o para trás. O arbusto de flores roxas se agitou, e uma linha marrom e amarela serpenteou em direção às margens, esticou o pescoço até a água, bebeu e ficou por ali, parada. Era uma cobra enorme, de olhos imóveis e sem pálpebras.

— Uma vara, uma vara! — gritou Kim. — Preciso de uma vara para quebrar a espinha dela!

— Por quê? Ela está presa à Roda, assim como nós. Uma vida ascendendo, ou descendo, e muito longe da libertação. Que grande mal essa alma não deve ter feito para estar presa a essa forma.

— Odeio cobras — explicou Kim. Nem uma vida inteira como nativo apaga o horror do homem branco diante das serpentes.

— Deixe-a seguir sua vida — disse o lama. A cobra, enrolada, sibilou e começou a abrir o capelo. — Que a libertação venha logo, irmã! — continuou ele, de forma plácida. — Por acaso sabes do meu Rio?

— Nunca vi um homem como você — sussurrou Kim, impressionado. — Por acaso as cobras entendem o que você fala?

— Quem sabe? — Ele passou a menos de um palmo da cabeça da cobra venenosa. Ela se recolheu. — Venha também! — chamou, olhando para trás por cima do ombro.

— Eu não. Vou dar a volta.

— Venha, ela não nos fará mal.

Kim hesitou por um momento. O lama o chamou outra vez, citando baixinho um provérbio em chinês que o menino interpretou como um feitiço. Ele obedeceu e transpôs o regato. A cobra, de fato, não se mexeu.

— Nunca conheci um homem assim. — Kim limpou o suor da testa. — E, agora, para onde vamos?

— É você quem sabe. Sou um velho e um estrangeiro, estou longe da minha terra. Se as carruagens de ferro não enchessem minha cabeça com barulhos demoníacos, eu iria para Benares agora. Mas, se viajássemos assim, poderíamos perder o Rio. Vamos procurar outro regato.

Os dois caminharam pelos campos bem-cultivados, desses que dão três ou até mesmo quatro colheitas por ano, atravessando plantações de cana-de-açúcar, tabaco, nabos e abóboras à procura de qualquer reflexo de água, despertando os cães dos vilarejos e os camponeses que faziam a sesta. O lama sempre respondia às perguntas com sua simplicidade característica: eles procuravam um Rio, um Rio de Cura milagrosa. Por acaso alguém ouvira falar de

algo parecido? Alguns homens riam, mas a maioria ouvia a história até o fim e oferecia-lhe um lugar à sombra, um pouco de leite e uma refeição. As mulheres eram sempre gentis, e as crianças eram como as crianças do mundo inteiro: ora acanhadas, ora intrometidas. A noite caiu quando descansavam sob uma árvore próxima a uma choupana de barro, conversando com o chefe da aldeia enquanto o gado voltava e as mulheres preparavam a última refeição do dia. Eles haviam transposto a faixa de hortas ao redor da faminta Ambala e estavam na área verde das grandes plantações.

O chefe era um ancião cortês e de barba branca, acostumado a receber estrangeiros. Ele arrumou uma esteira para o lama, serviu-lhe comida quente, preparou-lhe um cachimbo e, quando as cerimônias noturnas terminaram no templo da aldeia, mandou chamar o sacerdote.

Kim contou às crianças mais velhas histórias sobre o tamanho e a beleza de Lahore. Falou da viagem de trem e de outras maravilhas da cidade, enquanto os homens conversavam tão lentamente quanto os rebanhos ruminavam.

— Não compreendo nada do que ele fala — disse o chefe, dirigindo-se ao sacerdote. — Veja se entende esse homem.

Depois de contar sua história, o lama desfiava o japamala em silêncio.

— Ele é um homem em uma Busca — respondeu o sacerdote. — O mundo está cheio desses. Lembra-se daquele que veio no mês passado, o faquir com a tartaruga?

— Ah, mas aquele era razoável, pois o Krishna em pessoa lhe aparecera numa visão, prometendo o Paraíso sem que ele precisasse passar pela pira funerária caso fizesse a jornada a Allahabad. Esse homem não busca nenhum deus que eu conheça.

— Calma, ele é bastante idoso, veio de longe e não está bem da cabeça — respondeu o sacerdote que não usava barba. Virou-se para o lama e disse: — Ouça-me. A grande estrada para Calcutá fica a 10 quilômetros na direção oeste.

— Mas eu queria ir para Benares... Benares.

— A estrada também vai para Benares. Ela cruza todos os córregos deste lado da Índia. O meu conselho, Vossa Santidade, é

que descanse até amanhã e pegue a estrada. — Ele falava da Grand Trunk Road. — Então, poderá examinar cada riacho por que passar. Pelo que entendi, o poder do seu Rio não se concentra em uma baía ou em determinado ponto; está presente em todo seu curso. Então, se for a vontade de Deus, que você consiga a salvação.

— Bem pensado — disse o lama, impressionado com o plano. — Partiremos amanhã, e eu lhes deixo uma bênção por indicarem uma estrada tão próxima aos meus velhos pés. — Ele encerrou a bênção com uma citação chinesa em tom profundo e melodioso. Até o sacerdote ficou impressionado, mas o chefe temeu que fosse um feitiço maligno. Entretanto, era impossível olhar para o rosto simples e sincero do lama e desconfiar dele.

— Por acaso viram meu *chela*? — perguntou, pegando sua caixinha de rapé e cheirando um pouco. Era seu dever retribuir a cortesia.

— Vejo... e ouço. — O chefe desviou o olhar para onde Kim estava. O menino conversava com uma garota de azul que atiçava o fogo.

— Ele também está em uma Busca. Não por um Rio, mas por um Touro. Sim, um Touro Vermelho em um campo verde lhe trará grandes honras. Creio que ele não pertence completamente a este mundo. Foi-me enviado de repente para auxiliar minha Busca. Seu nome é "Amiguinho de Todos".

O sacerdote sorriu.

— Olá, Amiguinho de Todos! — Seu grito atravessou a fumaça perfumada. — Quem é você?

— Sou o discípulo de Sua Santidade — respondeu Kim.

— Ele diz que você é um *but*¹⁶.

— Os *buts* comem? — replicou o menino, piscando o olho. — Pois eu estou com fome.

— Não é brincadeira — resmungou o lama. — Um astrólogo da cidade de cujo nome não me lembro...

— Que é justamente Ambala, onde dormimos ontem à noite — sussurrou Kim para o sacerdote.

— Era Ambala, não era? Ele consultou o horóscopo e declarou que meu *chela* encontraria o que busca em dois dias. Mas o que foi que ele disse das estrelas, ó Amiguinho de Todos?

Kim limpou a garganta e olhou para os anciões da aldeia.

— Minha estrela tem o signo da guerra — respondeu, pomposo.

Alguém riu da figura diminuta e esfarrapada que se empertigava no pedestal de tijolos sob a grande árvore. Um nativo teria se sentado, mas o sangue branco de Kim o fez se aprumar ainda mais.

— Sim, guerra! — confirmou.

— Eis uma profecia infalível — disse uma voz grave. — Sempre há guerra nas fronteiras... como sei muito bem.

Era um nativo velho e decrépito que servira ao governo na época da Revolta dos Sipaiois como oficial de um recém-criado regimento de cavalaria. O governo lhe dera boas propriedades na aldeia e, embora os gastos com os filhos, agora oficiais grisalhos vivendo por conta própria, o tivessem empobrecido, ainda era considerado importante. Oficiais ingleses e até mesmo vice-comissários se desviavam da estrada principal para visitá-lo, ocasiões em que ele vestia o velho uniforme e mantinha-se empertigado como uma vareta.

— Mas essa será uma grande guerra, uma guerra de oito mil. — A voz de Kim soou alta na multidão que se formava, surpreendendo-o.

— Fardas vermelhas ou nossos próprios regimentos? — indagou o velho, como se falasse com um igual. Seu tom fez com que os homens respeitassem Kim.

— Fardas vermelhas — arriscou Kim. — Fardas vermelhas e armas.

— Mas... Mas o astrólogo não disse nada sobre isso — gemeu o lama, dando uma grande fungada ansiosa.

— Mas eu sei. A notícia veio a mim, que sou o discípulo de Sua Santidade. Haverá uma guerra, uma guerra de oito mil fardas vermelhas. Eles virão de Pindi e Peshawar. Isso é certo.

— Esse garoto entreouviu algum boato no bazar — declarou o sacerdote.

— Mas ele não chegou a sair do meu lado — disse o lama. — Como poderia saber? Eu mesmo não sabia.

— O menino será um excelente prestidigitador quando o velho morrer — murmurou o sacerdote, ao ouvido do chefe. — Que truque novo é esse?

— Prova! Eu preciso de uma prova! — gritou o veterano, de repente. — Se fosse haver guerra, meus filhos teriam me contado.

— Quando tudo estiver certo, sem sombra de dúvida seus filhos serão informados. Mas há um longo caminho entre seus filhos e o homem que cuida desses assuntos. — Kim estava entusiasmado com a brincadeira, que o fazia lembrar de suas experiências como mensageiro, quando, por algumas moedinhas, fingia saber mais do que de fato sabia. Mas agora estava buscando recompensas maiores: a emoção pura e a sensação de poder. Ele inspirou fundo e continuou:

— Uma prova? Ó velho, por acaso são os subordinados que ordenam o destacamento de oito mil fardas vermelhas?

— Não. — O velho ainda se dirigia a Kim como se ele fosse um igual.

— E você sabe quem é Ele? O que dá as ordens?

— Eu já O vi.

— E conseguiria reconhecê-Lo?

— Eu O conheço desde que ele era tenente na *topkhana*.^{17}

— Um homem alto. Um homem alto de cabelos castanho-escuros que anda assim? — Kim deu alguns passos rígidos.

— Isso mesmo. Mas qualquer um pode andar desse jeito.

A multidão acompanhava a conversa sem respirar.

— É verdade — disse Kim. — Mas direi mais. Preste atenção. Além de andar desse jeito, quando pensa, Ele faz assim: — Kim levou um dedo à testa e depois o deslizou pelo rosto até segurar o queixo. — Depois, faz assim com a mão... E aí coloca o chapéu sob o braço esquerdo. — Kim reproduziu o gesto que vira dos arbustos e ficou completamente imóvel.

O velho soltou um gemido surpreso, sem palavras, e a multidão estremeceu.

— Mas... mas... mas... E como Ele faz quando está prestes a dar uma ordem?

— Ele passa a mão pela nuca. Então, apoia um dedo na mesa e dá uma fungada. Depois, fala coisas como “Mande tal e tal regimento. Peça tais e tais armas”.

O velho se empertigou e bateu continência.

Kim traduziu as sentenças entrecortadas que ouvira na saleta em Ambala:

— “Pois”, disse Ele, “deveríamos ter feito isso há muito tempo. Não se trata de uma guerra, mas de uma reprimenda.” — E completou a imitação com uma fungada.

— Já chega! Eu acredito. Eu O vi no furor das batalhas, em meio à fumaça. Vi e ouvi. É Ele!

— Não havia fumaça. — Kim passou a falar no rápido cantar dos videntes. — Eu O vi no escuro. Primeiro veio um homem trazendo notícias, depois chegou uma cavalaria. Então eu O vi, parado sob um facho de luz. O resto eu já contei. Ó Velhote, não falei a verdade?

— É Ele. Sem sombra de dúvida.

A multidão embevecida prendeu a respiração, olhando do veterano, que não se movia, para Kim, uma figura esfarrapada contra o crepúsculo roxo.

— Eu não disse... Eu não disse que ele era de outro mundo? — exclamou o lama, orgulhoso. — Ele é o Amiguinho de Todos, ele é o Amigo das Estrelas!

— Pelo menos, isso não nos diz respeito — interveio um homem. — Ó jovem vidente, se o seu dom se manifesta em todas as estações... Eu tenho uma vaca com manchas vermelhas. Pelo que sei, ela bem poderia ser irmã desse seu Touro...

— Isso não me interessa — respondeu Kim. — Minhas Estrelas não se ocupam do seu gado.

— Não, mas ela está muito doente — intrometeu-se uma mulher. — Meu marido é um búfalo que não sabe escolher direito as palavras. Diga, ela vai se recuperar?

Se Kim fosse um garoto qualquer, continuaria com a brincadeira. Mas é impossível conhecer a cidade de Lahore por treze anos, ou pelo menos todos os faquires do Portão Taksali, sem também conhecer a natureza humana.

O sacerdote, visivelmente amargo, olhava-o de soslaio com um sorriso seco e pernicioso.

— Não há um sacerdote nessa aldeia? Pensei ter visto um grande sacerdote agora há pouco — respondeu Kim.

— Sim, mas... — começou a mulher.

— Mas você e seu marido gostariam que curássemos sua vaca em troca de alguns agradecimentos. — Kim acertara em cheio: aquele era o casal mais mão-fechada da aldeia. — Não é certo roubar dos templos. Deem um novilho ao seu sacerdote e, a não ser que os deuses estejam furiosos por ações passadas, ela dará leite em um mês.

— Você é o mestre dos mendigos — disse o sacerdote em aprovação. — Nem o mais esperto poderia fazer melhor. Um discípulo assim deve ter deixado o mestre rico, não?

— Consegui um pouco de farinha, manteiga e um punhado de cardamomo — retrucou Kim, lisonjeado, mas ainda cauteloso. — Dá para ficar rico com isso? E, como você pode ver, ele é louco. Mas serve, pelo menos enquanto aprendo o caminho.

Ele sabia como os faquires do Portão Taksali conversavam entre si, então copiou os mesmos trejeitos de seus discípulos cínicos.

— A Busca dele é verdadeira ou é um disfarce para outros fins? Ele pode estar procurando um tesouro...

— Ele é louco, completamente louco. Só isso.

Nesse momento, o veterano convidou Kim a aceitar sua hospitalidade durante aquela noite. O sacerdote recomendou que o fizesse, mas insistiu que a honra de receber o lama deveria pertencer ao templo. Ao ouvir isso, o lama sorriu sem malícia, mas Kim olhou de um para outro e tirou suas próprias conclusões.

— Onde está o dinheiro? — sussurrou ao puxar o lama para uma área menos iluminada.

— Em meu peitinho, onde mais?

— Passe para cá sem que os outros percebam.

— Mas por quê? Não é preciso comprar nenhum bilhete...

— Eu sou o *chela*, não sou? Eu não protejo seus velhos pés pela estrada? Entregue o dinheiro, e vou devolvê-lo ao amanhecer. — Ele deslizou a mão pelo cinturão do monge e pegou a bolsa.

— Que assim seja... que assim seja — murmurou o velho, assentindo com a cabeça. — Como é grande e terrível este mundo! Eu nem sabia que havia tanta gente nele.

Na manhã seguinte, o sacerdote estava muito mal-humorado, mas o lama estava bastante feliz. Kim passara uma noite muito interessante na companhia do veterano, que pegara seu sabre da cavalaria e, equilibrando-o nos joelhos ressequidos, contara histórias da época do motim e dos jovens capitães, enterrados havia trinta anos, até Kim dormir.

— Sem dúvida, o ar deste lugar é bom — observou o lama. — Eu tenho um sono leve, como todos os velhos, mas esta noite dormi um sono profundo. Ainda estou com os olhos pesados.

— Tome um gole de leite morno — respondeu Kim, que muitas vezes carregara remédios como esse para os fumantes de ópio que conhecia. — Temos que seguir nosso caminho.

— Um longo caminho que passa por todos os rios da Índia — disse o lama alegremente. — Vamos. Mas não deveríamos recompensar essas pessoas, especialmente o sacerdote, pela grande gentileza? É bem verdade que são *but-parast*, idólatras, mas em outras vidas talvez recebam iluminação. Uma rupia para o templo? É feito apenas de pedra pintada de vermelho, mas temos que reconhecer onde e quando o coração do homem é bom.

— Ó Vossa Santidade, alguma vez tomou a estrada sozinho? — Kim lançou-lhe um olhar penetrante, como o dos corvos indianos que sobrevoam os campos.

— Certamente, criança: de Kulu a Pathankot... Foi em Kulu que meu primeiro *chela* morreu. Quando os homens eram gentis conosco, fazíamos oferendas, e todos os homens pelo caminho eram bondosos.

— Na Índia é bem diferente — respondeu Kim de modo seco. — Os deuses têm muitos braços e são malignos. Deixe-os em paz.

O veterano surgiu atrás dele montado em um cavalo magrelo.

— Quero acompanhá-los por um tempo, Amiguinho de Todos e homem amarelo — disse, com a luz matinal fazendo sombras em seu rosto. — Noite passada, abriu-se a fonte de memórias em meu coração velho e seco, o que foi uma bênção. Realmente, sinto no ar

um cheiro de guerra prestes a acontecer. Veja, até trouxe minha espada.

Ele estava sentado, com as pernas esticadas nos flancos do pequeno animal, e carregava consigo a enorme espada. Uma das mãos descansava na bainha, e ele fitava as terras distantes do norte com expressão determinada.

— Conte-me de novo sobre como Ele apareceu em suas visões. Venha, sente-se atrás de mim. O animal aguenta dois.

— Sou o discípulo de Sua Santidade — respondeu Kim, enquanto cruzavam os portões da aldeia. Os habitantes pareciam quase tristes ao vê-los partir, mas o adeus do sacerdote foi frio e distante: ele desperdiçara seu ópio com um homem sem dinheiro.

— Muito bem dito. Nunca convivi com muitos homens santos, mas respeito é sempre bom. Ninguém respeita ninguém, hoje em dia... Nem mesmo os *sahibs* comissários que vêm me visitar. Mas por que alguém com a estrela da guerra seguiria um homem santo?

— Ele é um homem santo de verdade — respondeu Kim com sinceridade. — Fala e age com santidade. Ele não é como os outros, nunca vi alguém assim. Não somos adivinhos, prestidigitadores ou mendigos.

— *Você não é, isso eu sei. Mas não estou certo quanto ao yogi.* Ele sabe caminhar, no entanto.

A primeira brisa do dia fazia o lama dar passos longos e firmes como os de um camelo. Ele estava absorto em pensamentos, desfiando o japamala de forma mecânica.

Pegaram a velha estrada esburacada que seguia pela planície entre os grandes bosques de mangueiras verde-escuras, com a indistinta linha do véu de neve do Himalaia a leste. Todos os campos da Índia estavam em atividade: as rodas d'água gemiam, os lavradores pastoreavam o gado aos gritos, os corvos crocitavam. Até o cavalo sentiu o bom ânimo e quase começou a trotar quando Kim segurou o estribo de couro.

— Estou muito arrependido de não ter dado uma rupia ao templo — disse o lama ao chegar à última das oitenta e uma contas do japamala.

O veterano grunhiu, e o lama finalmente percebeu sua presença.

— Você também procura o Rio? — perguntou virando-se para o ancião.

— O dia ainda está começando. Para que precisamos de um rio? Só vamos precisar beber água no pôr do sol. Vim mostrar um atalho para a Grande Estrada.

— Essa é uma gentileza memorável, ó homem de boa vontade. Mas por que a espada?

O veterano pareceu tão envergonhado quanto uma criança pega em uma mentira.

— A espada... — respondeu ele, apalpando-a. — Ora, foi apenas uma extravagância minha. A extravagância de um velho. É verdade que as ordens da polícia são de que nenhum homem na Índia deve portar armas, mas... — Ele se animou e deu uma palmadinha no cabo. — Todos os oficiais da região me conhecem.

— Não é uma boa extravagância — disse o lama. — O que se ganha matando homens?

— Muito pouco, pelo que sei. Mas, se os homens maus não fossem, volta e meia, eliminados, não teríamos um bom mundo para os sonhadores que não empunham armas. Falo com o conhecimento de alguém que já viu o sul de Délhi banhado em sangue.

— Que loucura foi essa?

— Os deuses, que mandaram a praga, sabem? Uma loucura se infiltrou no Exército, e eles se viraram contra os oficiais. Esse foi o primeiro mal, mas seria remediável se eles tivessem se contido. No entanto, decidiram matar as esposas e filhos dos *sahibs*. Então, vieram *sahibs* de além-mar para um severo acerto de contas.

— Acredito que ouvi esse rumor há um tempo. Aquele ficou conhecido como o Ano Negro, se bem me lembro.

— Que vida você levava para não saber sobre o Ano? Um rumor?! A Terra inteira soube e tremeu!

— Nossa Terra tremeu apenas uma vez, no dia em que o Excelente recebeu a Iluminação.

— Hunf! Eu vi Délhi tremer! E Délhi é o umbigo do mundo.

— Mas eles se viraram contra mulheres e crianças? Isso foi um ato terrível, a punição é inevitável.

— Muitos tentaram escapar, mas poucos conseguiram. Na época, eu estava num regimento da cavalaria que desertou. Dos 608 sabres, quantos você acha que permaneceram fiéis ao governo? Três. E eu era um deles.

— Isso é um grande mérito.

— Mérito! Não considerávamos lá grande mérito naqueles dias. Meu povo, meus amigos, meus irmãos... todos se afastaram de mim. Eles diziam: "O tempo dos ingleses passou. Que cada um tome posse de um pequeno pedaço de terra." Mas eu falara com homens de Sobraon, Chillianwallah, Moodkee e Ferozeshah. E lhes disse: "Aguentem um pouco, que o vento muda. Essa luta não é abençoada." Cavalguei mais de 100 quilômetros com uma *memsahib* inglesa na garupa e o seu bebê no alforje (Ah! Aquilo é que era cavalo!). Deixei os dois em um lugar seguro e voltei para o meu oficial, o único ainda vivo de nossos cinco. "Dê-me uma tarefa", pedi, "porque fui exilado de meu próprio povo e o sangue de meu primo ainda não secou em meu sabre". "Acalme-se", respondeu o oficial, "há um grande trabalho à frente. Quando essa loucura acabar, haverá recompensa."

— Sim, com certeza há uma recompensa ao fim da loucura — murmurou o lama para si mesmo.

— Naqueles dias eles não davam medalhas de honra a qualquer um que por acaso tivesse ouvido um tiro! Estive em 19 batalhas campais, 46 conflitos de cavalo e em um sem-número de pequenas lutas. Carrego nove feridas, uma medalha, quatro broches e uma comenda da Ordem. Meus capitães, agora generais, lembraram-se de mim quando o *Kaisar-i-Hind* fez cinquenta anos de reinado e toda a terra se rejubilou. "Dê a ele a Ordem da *Brettish* Índia", disseram, e eu a carrego em meu pescoço agora. Também tenho o *jaghir*, as terras que recebi do Estado, um presente para mim e para os meus. Os homens dos velhos tempos, que agora são comissários, chegam cavalgando pelas plantações, bem empertigados para que toda a aldeia os veja... e falamos sobre os conflitos de antigamente, o nome de um morto puxando o outro.

— E depois? — perguntou o lama.

— Bem, depois eles partem, mas não sem antes serem vistos por todos.

— E, por fim, o que você fará?

— Por fim, eu morrerei.

— E depois?

— O que os deuses mandarem. Nunca os importanei com orações, então creio que me deixarão em paz. Veja bem, ao longo da vida, notei que aqueles que constantemente aborrecem os deuses com reclamações, relatos, berros e queixas são chamados de surpresa, como o coronel costumava fazer com os homens do interior que tinham a língua solta e acabavam falando demais. Não, nunca incomodei os deuses. Eles vão se lembrar disso e me darão um lugar calmo onde eu possa praticar com a minha lança à sombra, esperando por meus filhos: tenho não menos do que três *rissaldars* nos regimentos, todos majores.

— E eles, igualmente presos à Roda, continuam de vida em vida... de desespero em desespero — murmurou o lama. — Apaixonados, inquietos, gananciosos...

— Sim. — O veterano riu. — Três *rissaldars* em três regimentos, todos majores. Gostam de jogar, assim como o pai. Devem estar montando bons cavalos, e hoje em dia não se fica mais com um garanhão pelo mesmo tempo que antigamente se ficava com uma mulher. Bem, minhas terras podem pagar por isso tudo. O que você acha? É uma faixa bem irrigada, mas meus homens me roubam. Não sei como descobrir quem foi sem usar a ponta da minha lança. Ah! Fico irritado e os amaldiçoo, e eles fingem se arrepender, mas, pelas costas, me chamam de macaco velho banguela.

— E você nunca desejou nada além disso?

— Sim, sim... um milhão de vezes! Ter postura ereta e joelhos bons outra vez; um pulso rápido e um olhar aguçado... as coisas que fazem um homem. Ah, os velhos tempos... os bons tempos em que eu era forte!

— Essa força é uma fraqueza.

— Ela se tornou uma fraqueza, sim. Mas há cinquenta anos eu lhe provaria o contrário — respondeu o veterano, fincando as esporas nos flancos magros do cavalo.

— Mas eu conheço um Rio que tudo cura.

— Já tomei água do Gunga até quase arrebentar. Só ganhei uma diarreia, mas nenhuma força.

— Não é o Gunga. O Rio que conheço lava qualquer mancha de pecado. Ao chegar à outra margem, ganha-se a Libertação. Não conheço a sua vida, mas você tem o rosto de uma pessoa honorável e cortês. Você se manteve no Caminho, sendo fiel nos momentos mais difíceis durante o Ano Negro, do qual agora começo a me lembrar. Entre agora no Caminho do Meio, que conduz à Libertação. Ouça a Lei Excelente e não persiga mais esses sonhos.

— Então fale, velhote. — O veterano riu, batendo continência. — Somos todos tagarelas nessa idade.

O lama agachou-se à sombra de uma mangueira, com raios de sol iluminando-lhe parte do rosto. O veterano manteve-se empertigado no cavalo, e Kim, depois de verificar que não havia cobras, deitou-se sobre um emaranhado de raízes retorcidas.

O ar quente zumbia com a atividade de inúmeras criaturas, o arrulho de pombos e o rumor distante das rodas d'água espalhadas pelo campo. O lama começou de forma lenta e pausada. Dez minutos depois, o veterano desceu do cavalo para, segundo ele, ouvir melhor e sentou-se com as rédeas amarradas no pulso. A voz do lama falhava, e as pausas iam aumentando. Kim se ocupava observando um esquilo cinza, e, quando a pequena bolinha peluda que se pendurava nos galhos desapareceu, pregador e audiência já dormiam em sono profundo. O veterano usava o braço dobrado como travesseiro, e o lama se recostara no tronco da mangueira, parecendo uma estátua amarela. Uma criancinha nua se aproximou, analisou a cena e, movida por um impulso de reverência, fez uma solene mesurazinha em frente ao lama. Era tão gorda e pequena que perdeu o equilíbrio e caiu, fazendo Kim rir ao ver as perninhas roliças estateladas. A criança, assustada e indignada, abriu o berreiro.

— Opa! Opa! — O veterano acordou de um salto. — O que foi? Quais são as ordens? É... É uma criança! Sonhei com um alarme. Ah, pequenino... pequenino, não chore. Por acaso eu dormi? Isso foi muito descortês da minha parte!

— Estou com medo! — choramingou a criança.

— O que há para se temer? Dois homens e um garoto? Desse jeito, como é que você vai virar soldado, príncipezinho?

O lama também despertou, mas, sem prestar atenção à criança, passou a desfiar o japamala.

— O que é isso? — perguntou o menino, parando no meio de um choramingo. — Nunca vi uma coisa dessas! Me dá!

— Ahá! — disse o lama. Com um sorriso, segurou as contas e traçou círculos na grama, cantando:

Um punhado de cardamomos,
Uma colherada de *ghi*,
pimenta, sarja e arroz:
jantar para mim e para ti!

A criança gritou de alegria e agarrou as contas escuras e brilhantes.

— Viva! — comemorou o veterano. — Onde aprendeu a canção, ó sacerdote?

— Aprendi em Pathankot, sentado ao pé de uma porta — respondeu o lama, tímido. — É bom ser gentil com bebês.

— Se bem me lembro, antes de adormecermos, você me disse que casar e ter filhos obscureciam a luz verdadeira, eram obstáculos no Caminho. Por acaso lá na sua região as crianças caem do Céu? O Caminho é cantar para elas?

— Nenhum homem é perfeito — disse o lama, gravemente, recolhendo o japamala. — Volte para a sua mãe, pequenino.

— Olhe para ele! — disse o veterano a Kim. — Está envergonhado por ter feito uma criança feliz. Um bom pai de família se perdeu em você, irmão. Adeus, criança! — Ele lhe jogou uma moedinha. — Doces serão sempre doces. — E, enquanto a pequena figura se afastava sob o sol, completou: — Eles crescem e viram homens. Ó Sua Santidade, sinto muito por ter dormido no meio de seu discurso. Perdoe-me.

— Nós estamos velhos — disse o lama. — A culpa é minha: ouvi sua conversa sobre o mundo e a loucura que nele impera, e uma

coisa levou à outra.

— Ouça-o! Que mal sofrem seus deuses por você brincar com um bebê? E você cantou muito bem. Vamos, e eu cantarei para vocês a música de Nikal Seyn^{18} diante de Délhi, a velha canção.

Eles se afastaram da sombra da mangueira enquanto a voz alta e penetrante do veterano soava pelo campo. Em lamentos, o velho cantou a história de Nikal Seyn, uma música que até hoje se canta em Punjab. Kim estava maravilhado, e o lama ouvia com muito interesse.

— *Ai, Nikal Seyn está morto... Morreu diante de Délhi! Lanças do Norte, vinguem Nikal Seyn...* — O fim veio em um lamento prolongado, enquanto o velho marcava o ritmo batendo o lado sem fio da espada no flanco do cavalo.

— E agora chegamos à Grande Estrada — disse, depois de receber elogios de Kim, pois o lama manteve-se ostensivamente calado. — Faz tempo que passei por este caminho, mas o garoto me animou. Veja, ó Sua Santidade, a Grande Estrada que cruza toda a Índia. A maior parte é sombreada, como esta aqui, por quatro fileiras de árvores. O centro é pavimentado e leva o tráfego rápido. Antes das estradas de ferro, os *sahibs* passavam por aqui às centenas, de um lado para o outro. Agora, há apenas carroças e similares. À direita e à esquerda a estrada é pior por causa das carroças pesadas, que levam cereais, algodão, madeira, forragem, cal e couro. Pode-se viajar com segurança por aqui, pois há policiamento de poucos em poucos quilômetros. Os policiais também furtam e extorquem (eu mesmo já fiz patrulha com a cavalaria: jovens recrutas e um comandante forte), mas, pelo menos, não admitem rivais. Homens de todas as castas e tipos passam por aqui. Vejam! Brâmanes e *chumars*, banqueiros e funileiros, barbeiros e comerciantes, peregrinos e oleiros... todo mundo vai e vem. Para mim, é como um rio que não me leva mais, como se eu fosse um tronco que ficou preso à margem depois de uma enchente.

E, realmente, a Grand Trunk Road é um belo espetáculo. Segue reta por mais de 2.400 quilômetros, levando, sem deixar transbordar, todo o tráfego da Índia: um verdadeiro rio caudaloso,

como não se vê em nenhum outro lugar do mundo. Eles observaram sua extensão empoeirada e ladeada de verde, a amplitude branca salpicada de lentos viajantes e o posto policial do outro lado.

— Quem porta arma contra as leis? — gritou um guarda meio risonho ao ver a espada do veterano. — A polícia não é o suficiente para destruir os bandidos?

— Foi por causa da polícia que eu a trouxe! — respondeu ele. — Vai tudo bem na Índia?

— Vai tudo bem, *sahib rissaldar*.

— Veja bem, eu sou uma tartaruga velha que, de vez em quando, espicha a cabeça para espiar os arredores. Ah, a Estrada do Hindustão, por onde todos os homens passam...

— Seu filho de um porco, a parte boa da estrada foi feita para você parar e coçar as costas? O pai de todas as filhas perdidas e marido de dez mil desavergonhadas, sua mãe cultuava o demônio, assim como a mãe dela! Suas tias não tiveram nariz por sete gerações! Sua irmã... Quem mandou você parar essa carreta na estrada? Uma roda quebrada? Então, espere, que quebro também a sua cara!

A voz e o estalido de um chicote vinham de uma nuvem de poeira a 50 metros dali, onde uma carroça quebrara. Uma égua de Kathiawar, com olhos e narinas chispando, saiu em disparada da multidão, bufando e estremecendo enquanto seu cavaleiro perseguia um homem que gritava. O cavaleiro era alto, de barba grisalha, e montava a besta enlouquecida como se fossem uma só criatura, chicoteando a vítima entre cada insulto.

O veterano se inflou de orgulho.

— Meu filho! — exclamou, batendo as rédeas para endireitar o cavalo.

— Serei espancado diante da polícia? — gritou o carreteiro. — Justiça! Terei justiça...

— Serei atrapalhado por um macaco histérico que derruba dez mil sacos em um cavalo novo? Assim você acaba com a minha égua!

— Ele fala a verdade, é claro. Mas a égua parece muito com o cavaleiro... — comentou o veterano.

O carreteiro se escondeu sob as rodas da carreta e começou a esbravejar toda sorte de improperios.

— São homens fortes, seus filhos — observou o policial serenamente, palitando os dentes.

O cavaleiro deu uma última chicotada e trotou na direção deles.

— Meu pai! — Ele percorreu mais 10 metros e desmontou.

O veterano desceu do cavalo em um instante, e eles se abraçaram como fazem pais e filhos no Oriente.

4

A Boa Sorte não é como as damas
E sim a mais odiosa cortesã,
Retraída, infiel, cheia de tramas,
Tentar conduzi-la é coisa vã.
Buscamos-la, e está com um qualquer!
Basta a encontrarmos para esvanecer!
Deixe-a sozinha, como um osso quebrado!
E ela vem como cão que abana o rabo.
Magnânima! Magnânima! Ó Fortuna,
Que dás e tiras como lhe aprouver!
Se eu não quiser nada com a Fortuna,
Ela é quem vai passar a me querer!

“Os chapéus mágicos”

Então, falando mais baixo, eles começaram a conversar. Kim foi descansar sob uma árvore, mas o lama puxou-o pela manga, impaciente.

— Vamos embora. O Rio não está aqui.

— Ai de mim! Nós já não caminhamos bastante por enquanto? Nosso Rio não vai sair correndo. Tenha paciência, ele nos mostrará o Caminho.

— Esse é o Amigo das Estrelas — disse o veterano, de repente. — Ele me contou a novidade ontem. Diz que teve uma visão com O Homem dando ordens para a guerra.

— Hum... — respondeu o filho, de forma profunda. — Ele decerto ouviu um rumor no bazar e decidiu lucrar com isso.

O pai riu.

— Pelo menos ele não veio a mim pedindo um cavalo novo ou sei lá quantas rupias. Os regimentos de seus irmãos também estão sob ordens?

— Eu não sei, tirei licença e vim logo vê-lo, caso...

— Caso eles chegassem antes e pedissem dinheiro antes. São uns jogadores e perdulários! Mas você nunca esteve na cavalaria. De fato, é preciso um bom cavalo. Um bom ajudante e um bom cavalo, para a marcha. Vejamos... Vejamos... — Ele começou a tamborilar os dedos na bainha da espada.

— Aqui não é lugar para fazer contas, meu pai. Vamos para sua casa.

— Então, ao menos dê algum dinheiro ao garoto, não tenho nenhuma moeda comigo e ele me trouxe as boas-novas. Veja, Amiguinho de Todos, uma guerra está vindo, como você disse.

— Pois é, como eu já sabia — devolveu Kim.

— É? — disse o lama, desfiando o japamala, impaciente para seguir seu caminho.

— Meu mestre não perturba as estrelas por dinheiro, levamos notícias para que sejam ouvidas. Trouxemos as notícias, agora vamos embora. — Enquanto falava, entretanto, o menino elevou um pouco a mão.

O filho jogou uma moeda de prata que reluziu à luz do sol, resmungando sobre pedintes e enganadores. Valia 4 anás e os alimentaria bem por dias. O lama, notando o reluzir do metal, entouou uma bênção.

— Siga seu caminho, Amiguinho de Todos — despediu-se o veterano, pegando as rédeas do cavalo. — Pela primeira vez na vida conheci um verdadeiro profeta, um que não estava no Exército.

Pai e filho afastaram-se, e o velho estava tão empertigado quanto o jovem.

Um agente punjabi vestindo calças de linho amarelas aproximou-se. Ele vira a moeda trocar de dono.

— Alto lá! — gritou, em inglês impecável. — Vocês não sabem que há uma taxa de 2 anás por cabeça, ou seja, no caso de vocês, são 4 anás, para os que entram na estrada por este ponto? É ordem do *sirkar*, e o dinheiro é gasto com o plantio de árvores e a conservação da estrada.

— E as barrigas dos policiais — disse Kim, saindo do alcance do agente. — Pense um pouco, ó cabeça de barro. Acha que viemos da

lagoa mais próxima, como aquele sapo do seu sogro? Você por acaso sabe o nome do seu irmão?

— E quem era ele? Deixe o garoto em paz! — gritou um agente mais velho, divertindo-se com a cena enquanto fumava um cachimbo de cócoras na varanda.

— Ele tirou o rótulo de uma garrafa de refrigerante e, depois de prendê-lo a uma ponte, coletou impostos dos que passavam durante um mês, dizendo que era ordem do *sirkar*. Então, veio um senhor inglês e arrebitou-lhe a cabeça. Ah, meu amigo, sou um corvo da cidade, não do campo!

O policial afastou-se, desapontado, enquanto Kim o via.

— Já teve um discípulo como eu? — perguntou, feliz, para o lama. — Teriam lhe tomado até os ossos a 16 quilômetros de Lahore, se não fosse por mim.

— Às vezes, penso que você é um espírito; às vezes, acho que é um demônio — disse o lama com um sorrisinho.

— Sou seu *chela*. — Kim começou a caminhar ao lado do velho, com o gingado característico dos andarilhos de todo o mundo.

— Agora vamos — murmurou o lama, e eles percorreram um bom caminho em silêncio, ao som do bater das contas do japamala. O lama, como sempre, ia mergulhado nos próprios pensamentos, mas os olhos brilhantes de Kim estavam bem abertos. Esse largo e sorridente rio de vida, pensou ele, era bem melhor do que as ruas estreitas e abarrotadas de Lahore. Havia novas pessoas e novas paisagens a cada passo, castas que conhecia e castas das quais nunca ouvira falar.

Viram um grupo de *sansis* de cabelos longos e cheiro forte, com cestas de lagartos e outras comidas impuras nas costas, e os viralatas vindo logo atrás. Eles caminhavam pelo seu próprio lado da estrada, mantendo um passo rápido e furtivo, e todas as outras castas abriam espaço para que passassem, pois os *sansis* são extremamente sujos. Atrás deles, andando sob a sombra com as pernas rígidas e bem afastadas, ainda com as marcas dos grilhões de ferro no tornozelo, ia um ex-presidiário recém-libertado. Sua grande barriga e sua pele brilhante mostravam que o governo dava aos prisioneiros uma comida melhor do que a que a maioria dos

homens honestos conseguia comprar. Kim conhecia bem aquele modo de caminhar e caçoou quando passaram. Então, um *akali* os ultrapassou, um devoto do siquismo de olhos ferozes e cabelos desgrenhados, vestindo as cores azuis de sua gente e com argolas de aço escovado penduradas no turbante. Voltava de uma visita a um dos estados siques independentes, onde cantara as antigas glórias de Khalsa para príncipinhos universitários, usando botas de montaria e calças de culote brancas. Kim tomou cuidado para não incomodar o homem, pois a paciência dos *akali* é curta, e seus braços, rápidos.

Aqui e ali, eles viam ou cruzavam com grandes grupos de aldeões em vestimentas coloridas a caminho de alguma feira local. As mulheres, com os bebês apoiados nos quadris, andavam atrás dos homens. Os meninos mais velhos galopavam em varas de cana-de-açúcar, puxando trenzinhos de bronze malfeitos, daqueles vendidos por 50 centavos, ou usando um espelhinho de bolso barato para projetar reflexos nos olhos dos outros. Dava para ver o que haviam comprado nas feiras; e, se ainda restassem dúvidas, bastava olhar as esposas que comparavam, encostando os braços bronzeados, as novas pulseiras de bijuteria vindas do Noroeste. Os alegres viajantes andavam devagar, chamando uns aos outros e parando para pechinchar com os vendedores de doces ou para fazer uma prece diante dos santuários de beira de estrada, hindus ou muçulmanos, que as castas baixas das duas religiões dividiam com louvável imparcialidade. Uma longa fileira de pessoas vestidas de azul passou tagarelando e movendo-se como uma lagarta apressada pela estrada empoeirada. Era uma tribo de *changars*, mulheres que se dedicavam ao aterro das estradas de ferro. Elas tinham pés chatos, seios grandes, eram musculosas, vestiam-se de azul e trabalhavam com a terra. Iam para o norte em busca de emprego, sem se demorar pela estrada. Pertenciam a uma casta em que os homens não têm voz e caminhavam depressa, para não perder tempo. Iam com os cotovelos arqueados, balançando os quadris e de cabeça erguida, como todas as mulheres que carregam peso.

Pouco depois, uma procissão de casamento passou pela estrada, com música, gritaria e um cheiro de calêndula e jasmim mais fortes

do que o ranço da poeira. Dava para ver a liteira da noiva, um borrão vermelho e prata avançando na confusão, enquanto o enfeitado cavalo do noivo se virava para abocanhar um punhado de palha de uma carreta que passava. Kim juntou sua voz ao coro de felicitações e piadinhas ruins, desejando ao casal cem filhos e nenhuma filha, como diz o ditado. Algo ainda mais interessante e mais digno de gritaria se deu quando um prestidigitador passou com macacos maltreinados, urso franzino e ofegante, ou uma mulher com chifres de cabra amarrados aos pés dançando sobre uma corda bamba, pondo os cavalos para correr, causando calafrios nas mulheres e arrancando exclamações de assombro das pessoas ao redor.

O lama não levantou os olhos nem por um momento. Ele não notou o agiota em seu cavalo de patas fracas, apressando-se para coletar juro cruéis, nem o pequeno batalhão que, ainda em formação, gritava em um coro de vozes profundas: eram soldados nativos de licença, felizes por se verem livres das calças e perneiras e dizendo coisas ultrajantes às mulheres mais respeitáveis que passavam. Ele não notou nem mesmo o vendedor de água do Ganges, embora Kim esperasse que, ao menos, o lama comprasse uma garrafa daquele líquido precioso. Ele encarava o chão com determinação e andava com igual força de vontade, hora após hora, a alma longe dali. Já Kim estava no sétimo céu: aquele trecho da Grand Trunk Road foi feito com terraplanagem, para prevenir as enchentes de inverno no sopé das montanhas. Andava-se, então, um pouco acima do nível do mar, seguindo por um majestoso corredor de onde era possível ver toda a Índia à direita e à esquerda. Era lindo observar as carretas abarrotadas de cereais e algodão seguindo pelas estradas menores: quase dava para ouvir os eixos guinchando a quase 2 quilômetros de distância, aproximando-se, até que, com gritos, resmungos e palavrões, subiam a rampa e tomavam a estrada principal, onde um carreteiro xingava outro. Igualmente belo era observar as pessoas, pequenas multidões de manchas vermelhas, azuis, rosa, brancas e cor de açafrão, saindo da estrada para chegar a suas aldeias, dispersando-se e diminuindo em grupos de dois ou três ao longo da planície. Kim sentia tudo e, como

não conseguia expressar seus sentimentos, contentou-se em comprar pedaços de cana-de-açúcar sem casca e cuspir grandes pedaços de bagaço pelo caminho. De tempos em tempos, o lama dava uma fungada no rapé, e, por fim, Kim não conseguiu mais suportar o silêncio.

— É uma terra boa, essa do Sul. O ar é bom, a água é boa... não é mesmo?

— E estão todos presos à Roda — respondeu o lama. — Presos de vida em vida, pois nenhum deles conhece O Caminho. — Ele despertou, de volta à realidade.

— Já caminhamos por muito tempo — disse Kim. — Em breve, teremos que procurar um *parao* para descansarmos e passarmos a noite. Que tal aquele lá? Veja, o sol está se pondo.

— Quem poderia nos receber hoje?

— Isso não importa muito, o lugar está cheio de gente boa. Além disso — diminuiu o tom da voz para sussurrar —, temos dinheiro.

A multidão aumentou quando ele se aproximaram de um lugar de descanso que marcava o fim da jornada diária. Uma fileira de barracas vendendo comida simples e tabaco, uma fogueira, uma delegacia, um poço, uma fonte para os cavalos, algumas árvores e, sob elas, o solo pisado e marcado com cinzas de antigas fogueiras: eram essas as características de um *parao* na Grand Trunk Road, sem contar os mendigos e os corvos, todos famintos.

O sol já lançava seus raios dourados por entre os galhos mais baixos das mangueiras; os periquitos e pombos voltavam para casa às centenas; as Sete Irmãs de costas cinzentas — pequenos pássaros da região —, berravam as aventuras do dia, andando em grupos de duas ou três de um lado para o outro, quase sendo pisoteadas por viajantes; ruídos e galhos balançando mostravam que os morcegos estavam prontos para dar o passeio noturno. A luz se recolhia rapidamente, pintando, por um momento, os rostos, as carroças e os chifres do gado de vermelho sangue. Então, a noite caiu, mudando o aspecto do ar, estendendo um véu azul diáfano e enevoadado sobre a superfície do país e trazendo o cheiro distinto e penetrante de fumaça de lenha, de gado, e o odor apetitoso de bolinhos de trigo assados na brasa. A patrulha noturna saiu

apressada da delegacia, tossindo com ares de importância e reiterando ordens. Um pedaço de carvão brilhou vermelho no narguilé de um carreteiro enquanto os olhos de Kim assistiam, de forma mecânica, aos últimos reflexos de sol na pinça de carvão.

A vida no *parao* lembrava a do *serai* da Caxemira, mas em menor escala. Kim adentrou a alegre desordem asiática que, com o tempo, pode oferecer tudo de que um homem simples precisar.

Seus desejos eram modestos, já que, uma vez que o lama não tinha preconceitos contra castas, a comida da barraca mais próxima serviria. Entretanto, Kim comprou, apenas pelo luxo, algumas bolinhas de esterco para acender uma fogueira. Por todo o canto, circulando pelas fogueiras, homens chamavam os vendedores de óleo, cereais, doces ou tabaco aos gritos, enquanto esperavam a vez de ir ao poço. Por baixo das vozes dos homens, vindo das carretas estacionadas e fechadas, era possível ouvir gritinhos e risadinhas das mulheres cujas faces não podiam ser vistas em público.

Hoje em dia, os nativos mais bem-educados acreditam que, quando suas mulheres viajam — o que fazem com frequência —, é melhor levá-las rapidamente pela estrada de ferro em um vagão apropriadamente fechado, e esse costume está se disseminando. No entanto, sempre existirão os partidários das velhas estradas, presos aos costumes de seus antepassados. Acima de tudo, sempre existirão as mulheres velhas, ainda mais conservadoras do que os homens, que saem em peregrinação até o fim de seus dias. Mirradas e indesejadas, elas não fazem objeção a se revelar em certas circunstâncias. Depois da longa reclusão, durante a qual estiveram em contato comercial com um milhão de forasteiros, adoram o rebuliço da estrada, as reuniões nos templos e as infinitas chances de fofocar com outras viúvas. Com frequência, as famílias resignadas enviam suas anciãs determinadas e de língua afiada para se divertir em viagens e agradecem aos deuses pela peregrinação. Então, por toda a Índia, tanto nos lugares mais remotos quanto nos mais públicos, é possível encontrar um grupo de serviçais grisalhos responsáveis por uma velha senhora mais ou menos escondida por uma cortina, sob o abrigo de uma carreta puxada por bois. Esses homens são sérios e discretos, e, quando um europeu ou em nativo

de alta casta está por perto, cobrem a carga com as mais elaboradas precauções. Porém, para as peregrinações casuais, essas precauções não são tomadas. A velha senhora é, afinal, completamente humana e vive para observar a vida.

Kim examinou com atenção uma carruagem alegremente ornamentada, com uma capota bordada com dois domos, tal qual um camelo, que acabara de se aproximar. Oito homens faziam a guarda e dois deles estavam armados com sabres enferrujados, sinais claros de que seguiam uma pessoa distinta, já que as pessoas comuns não portam armas. Uma torrente de reclamações, ordens, gracejos e do que um europeu teria considerado linguagem de baixo calão veio de detrás das cortinas. Ali estava uma mulher claramente acostumada a comandar.

O menino analisou friamente a comitiva. Metade era de ooryas, com suas pernas finas e barbas grisalhas, das terras ao sul; a outra metade era de montanhesees de jaquetas e chapéu de feltro do norte. A visão daquela mistura contava sua própria história, mesmo que ele não tivesse ouvido a discussão entre os grupos. A velha senhora ia para o sul visitar alguém, provavelmente um parente rico ou, mais provável ainda, um genro que enviara uma escolta em sinal de respeito. Os montanhesees deviam ser do povo dela, kulu ou kangra. Era claro que ela não levava a filha para casar, pois nesse caso as cortinas estariam fechadas e os homens não permitiriam que ninguém se aproximasse. Uma dama feliz e espirituosa, pensou Kim, equilibrando as bolinhas de esterco em uma das mãos e a comida na outra, enquanto guiava o lama com o ombro. Algo sairia daquele encontro. O lama não o ajudaria em nada, mas ele, como um *chela* responsável, estava mais do que feliz em pedir pelos dois.

Fez a fogueira tão próxima do carro quanto se atreveu, esperando que um dos homens da escolta o mandasse sair dali. O lama se deixou cair no chão, cansado, parecendo um morcego frutífero encolhido, e voltou sua atenção ao japamala.

— Fora daqui, pedinte! — A ordem foi gritada em hindustâni truncado por um dos montanhesees.

— Hã?! É apenas um *pahari* — disse Kim, espiando por sobre o ombro. — Desde quando os asnos das montanhas são donos do

Hindustão?

A resposta foi um rápido e brilhante insulto à linhagem de Kim por três gerações.

— Ah! — A voz de Kim soava mais doce do que nunca, enquanto quebrava o esterco em pequenos pedaços. — No *meu* país, chamamos isso de preliminares.

Uma gargalhada aguda e áspera por detrás das cortinas incitou o montanhês a contra-atacar.

— Nada mau, nada mau — disse Kim, com calma, ao ouvir o novo insulto. — Mas veja, meu irmão, tome cuidado. Ou um de nós pode retrucar com uma maldição ou outra. E essas maldições costumam funcionar muito bem.

Os ooryas riram, e o montanhês avançou, ameaçador. O lama levantou a cabeça de repente, e sua enorme boina brilhou à luz da fogueira recém-acesa por Kim.

— O que houve? — perguntou.

O homem parou, como se estivesse petrificado.

— Eu... Eu... Fui salvo de cometer um grande pecado — gaguejou.

— O estrangeiro finalmente encontrou um sacerdote — murmurou um dos ooryas.

— *Ei!* Por que esse pedinte maldito ainda não levou uma surra? — gritou a mulher.

O montanhês voltou à carruagem e sussurrou algo para a cortina. Houve silêncio e, então, um murmúrio.

“Está indo bem”, pensou Kim, fingindo nada ver ou ouvir.

— Quando... Quando terminar de comer — começou o montanhês, num tom bajulador —, o sacerdote daria a honra de conversar com alguém que quer falar com ele?

— Depois de comer, ele precisa dormir — respondeu o menino, arrogante. Ele não conseguia entender o rumo que o jogo havia tomado, mas estava disposto a tirar proveito disso. — Agora vou pegar a comida dele. — A última frase, dita em voz alta, terminou com um suspiro de cansaço.

— Eu... Eu e os outros de minha aldeia cuidaremos disso, se nos for permitido.

— É permitido — respondeu Kim, mais arrogante do que antes. — Ó Sua Santidade, essa gente nos trará comida.

— A terra é boa. Todo o país do sul é bom... Como é grande e terrível este mundo! — murmurou o lama, com uma voz sonolenta.

— Deixem-no dormir — disse Kim —, mas é bom garantirem nossa refeição quando ele acordar. Ele é um homem muito santo.

Mais uma vez, um dos ooryas teceu um comentário carregado de desdém.

— Ele não é um faquir nem um pedinte do interior — continuou Kim, severo, dirigindo-se às estrelas. — Ele é o mais santo dos homens santos. Está acima de todas as castas. Sou seu *chela*.

— Venha aqui! — gritou a voz aguda por trás das cortinas. Kim foi, sabendo que olhos que ele não conseguia ver o encaravam. Um dedo moreno e magro, com grandes anéis, surgiu na parte de trás da carruagem, e a conversa se deu assim:

— Quem é ele?

— Um homem excepcionalmente santo. Ele vem de muito longe, do Tibete.

— Onde no Tibete?

— De além das neves, de um lugar bem distante. Ele conhece as estrelas, faz horóscopos, lê nascimentos. Ele não faz isso por dinheiro, mas por bondade e grande caridade. Sou seu discípulo e também sou chamado de Amigo das Estrelas.

— Você não é um montanhês.

— Pergunte a ele. O meu santo contará sobre como fui enviado a ele pelas Estrelas, para mostrar o fim de sua peregrinação.

— Hunf! Saiba, moleque, que sou uma velha, não uma tola. Conheço lamas e os reverencio, mas, se você é um *chela* leal, meu dedo sustenta esta carroça. Você não passa de um hindu sem casta, um mendigo abusado e sem-vergonha que acompanha Sua Santidade apenas para obter ganhos.

— É o que todos nós queremos, não? — Kim alterou o tom de voz prontamente, para igualar a voz exaltada. — Ouvi dizer... — Agora ele estava apenas arriscando. — Ouvi dizer...

— O que você ouviu? — interrompeu ela, tamborilando com o dedo.

— Não consigo me lembrar bem, mas houve rumores na feira, certamente mentirosos... De que até os rajás, quer dizer, os pequenos rajás das montanhas...

— Ainda assim, todos de sangue rajput.

— Sim, com certeza, todos de bom sangue. Dizem que até eles vendem as mais graciosas de suas mulheres. Eles as vendem lá no sul, para fazendeiros e outras personalidades de Oudh.

Se há algo que os pequenos rajás das montanhas neguem com veemência é essa insinuação; mas não há bazar onde não se afirme isso ao se discutirem os mistérios do tráfico de escravos da Índia. A velha senhora disse a Kim, em um suspiro tenso e indignado, exatamente o tipo de mentiroso sem-vergonha que ele era. Se o menino tivesse falado uma coisa daquelas quando ela ainda era jovem, encontraria a morte naquela mesma noite, sob os pés de um elefante. E isso era verdade.

— Sim, não passo de um pedinte sem-vergonha, como disse o Olho da Beleza — gemeu ele em um terror exagerado.

— Olho da Beleza! Quem você pensa que sou, para me encher com seus elogios de mendigo? — Apesar disso, ela sorriu ao ouvir a velha expressão, havia muito esquecida. — Quarenta anos atrás, isso poderia ter sido afirmado com sinceridade. Ora, até mesmo trinta anos atrás! Mas, hoje em dia, é um insulto para esta viúva de um rei, que precisa viajar pela Índia cercada por todo tipo de escória e sendo motivo de chacota de mendigos...

— Grande Rainha — disse Kim, prontamente, ao ouvi-la tremer de indignação —, sou mesmo o mendigo que você diz, mas, ainda assim, meu mestre é santo. Ele ainda não ouviu a ordem da Grande Rainha para que...

— Ordem? Por acaso eu ordenaria a Sua Santidade, um Mestre da Lei, que viesse falar com uma mulher? Nunca!

— Perdoe minha estupidez, julguei que fosse uma ordem...

— Não foi. Fiz um pedido. Agora está claro?

Uma moeda de prata tilintou ao cair na borda da carruagem. Kim a pegou e fez uma reverência exagerada. A velha dama entendia que, sendo os olhos e ouvidos do lama, Kim precisava ser aplacado.

— Não sou mais do que o discípulo de Sua Santidade. Talvez ele venha depois de comer.

— Ora, seu patife sem-vergonha! — O dedo cheio de anéis balançou em reprovação, mas o menino ouviu a risadinha da velha senhora.

— O que foi? — Ele usou seu tom mais confidencial e amoroso, aquele a que, como sabia, poucos podiam resistir. — Está demorando a conseguir um herdeiro? Fale com franqueza, pois nós sacerdotes... — Esse final era plágio de um dos faquires do Portão Taksali.

— “Nós, sacerdotes”? Você não é nem velho o suficiente para... — Ela interrompeu o fim da piada com outra risada. — Saiba, ó sacerdote, que nós mulheres não pensamos apenas em filhos homens. Além do mais, minha filha já teve seu herdeiro.

— “É melhor duas flechas na aljava do que uma. Três, então, melhor ainda.” — Kim citou o provérbio em tom meditativo, olhando discretamente para o chão.

— Sim, é verdade. Mas talvez isso aconteça. Com certeza, os brâmanes do sul nada valem, pois mandei muito dinheiro e presentes, mas eles apenas profetizaram.

— Ah — disse Kim arrastando as palavras com infinito desprezo —, eles apenas profetizaram! — Um profissional não teria feito melhor.

— E só quando pedi a meus próprios deuses minhas preces foram atendidas. Escolhi uma hora auspiciosa e... Talvez Sua Santidade tenha ouvido falar no Monge do Mosteiro Lung-Cho. Levei o problema a ele, e tudo me saiu a contento. O brâmane da casa do pai do filho de minha filha já disse que isso se deve às suas preces. Um pequeno erro que esclarecerei quando minha jornada chegar ao fim. Depois disso, irei a Bodh Gaya, fazer o *shraddha*, a cerimônia de honra dos ancestrais, pelo pai de meus filhos.

— Também vamos para lá.

— Duplamente auspicioso. — A velha sorriu. — Mais um filho, afinal!

— Amiguinho de Todos! — O lama despertara e chamava o menino como uma criança inocente ao acordar em uma cama

diferente da sua.

— Já vou, já vou, Vossa Santidade! — Ele correu até a fogueira, onde encontrou o lama cercado por pratos de comida. Os montanhesees estavam visivelmente em atitude de adoração, e os sulistas, por sua vez, pareciam contrariados. — Voltem, sumam daqui! — gritou Kim. — Desde quando comemos em público, como os cães?

Eles terminaram a refeição em silêncio, cada um virado um pouco para o lado, e Kim encerrou-a fumando um cigarro de fabricação local.

— Eu não disse umas cem vezes que o Sul é uma terra boa? Ali está a viúva virtuosa e bem-nascida de um rajá das montanhas, que está em peregrinação para Bodh Gaya. Ela providenciou esta refeição e, quando você estiver descansado, gostaria de vê-lo.

— Isso também é obra sua? — O lama deu uma grande fungada no rapé.

— Quem mais olhou por você desde o começo de nossa maravilhosa jornada? — Os olhos do menino se reviraram quando ele soltou a fumaça espessa pelas narinas, esticando-se no chão empoeirado. — Por acaso deixei de atender suas necessidades, Vossa Santidade?

— Uma benção para você. — O lama inclinou a cabeça, solene. — Conheci muitos homens em minha longa vida, e não foram poucos os discípulos. Mas não há entre os homens, e me pergunto se estou mesmo diante do filho de uma mulher, um sequer que tenha ganhado meu coração de tal forma. Você é atencioso, esperto e cortês, ainda que um pouco travesso.

— E eu nunca conheci um sacerdote como você. — Kim analisou cada ruga do rosto amarelo. — Faz menos de três dias que pegamos a estrada juntos, mas é como se cem anos já tivessem se passado.

— Talvez, em uma vida anterior, os deuses permitiram que eu tenha lhe prestado algum serviço. Talvez — disse o velho com um sorriso —, eu o tenha salvado de alguma armadilha, ou, quem sabe, quando eu ainda não era iluminado, tenha pescado você em um rio e o jogado de volta.

— Talvez — respondeu Kim, baixinho. Ouvira esse tipo de especulação muitas vezes, das bocas de homens que os ingleses não considerariam fantasiosos. — Mas agora vamos tratar da mulher no carro de boi. *Acho* que ela quer um segundo filho para a filha.

— Isso não faz parte do Caminho — suspirou o lama. — Mas, pelo menos, ela é das Montanhas. Ah, as Montanhas... e a neve das Montanhas!

Ele se levantou e foi até a carroça. Kim teria dado as orelhas para ir junto, mas o lama não o convidou, e as poucas palavras que ouviu eram em uma língua desconhecida, pois os dois falavam a língua das montanhas. A mulher parecia fazer perguntas sobre as quais o lama meditava antes de responder. De vez em quando, ouvia a cadência ritmada de uma citação chinesa. A cena a que assistia por entre os olhos semicerrados era muito estranha: o lama, rígido e empertigado, com as dobras das roupas amarelas sombreadas pelas luzes das fogueiras do *parao*, parecia um tronco de árvore nodoso sombreado pela luz do poente. Dirigia-se a uma figura suntuosa e envernizada, que brilhava como uma joia colorida sob a mesma luz bruxuleante. As cortinas douradas estampadas ondulavam, derretendo-se e formando novas figuras, conforme os babados esvoaçavam à brisa noturna. Quando a conversa ficou mais séria, o dedo cheio de anéis deixou fiapos de luz passarem por entre as dobras do tecido. Por detrás da carroça, a escuridão era salpicada por pequenos pontos de luz e parecia ter vida devido aos relances de rostos, formas e sombras. O burburinho da tardinha se transformara em um zumbido tranquilo, cujo tom mais grave vinha do aglomerado de bois ruminando, e o mais agudo, do tilintar do *sitar* de uma dançarina bengali. A maioria dos homens terminara o jantar e tragava profundamente os narguilés borbulhantes, produzindo sons semelhantes aos dos sapos-boi.

Por fim, o lama voltou. Um montanhês o seguiu com uma colcha de algodão amassada e estendeu-a com cuidado ao lado do fogo.

“Ela merece dez mil netos”, pensou Kim. “No entanto, se fossem apenas para mim, os presentes não viriam.”

— É uma mulher virtuosa e sábia. — O lama se sentou com calma, como um camelo lento. — O mundo está cheio de caridade para

aqueles que seguem o Caminho. — Ele cobriu Kim com uma justa metade da colcha.

— E o que ela disse? — Kim se enrolou em seu lado da colcha.

— Ela fez muitas perguntas e levantou diversos problemas, a maioria originada de bobagens que ela ouvira de sacerdotes do demônio, que fingiam seguir o Caminho. Respondi algumas vezes e, em outras, disse que eram bobagens. Muitos podem vestir o manto, mas poucos se mantêm no Caminho.

— Sim. Isso é verdade. — Kim usou o tom atencioso e conciliatório dos que buscam ouvir confidências.

— Mas ela é sensata em seus pensamentos. Ela queria muito que a acompanhássemos até Bodh Gaya, uma vez que partilharemos a mesma estrada por muitos dias de jornada.

— E?

— Tenha paciência. Respondi-lhe que minha Busca vem antes de tudo. Ela ouvira muitas lendas tolas, mas nunca escutara a grande verdade sobre meu Rio. Esses sacerdotes das terras baixas! Ela sabia sobre o Monge de Lung-Cho, mas não sobre o meu Rio nem sobre o conto da Flecha.

— E?

— Conte-lhe sobre a Busca, o Caminho e outros assuntos proveitosos. Ela desejava apenas que eu a acompanhasse e fizesse uma prece por um segundo filho.

— Ahá! “Nós, mulheres” só pensamos em filhos — disse Kim, sonolento.

— Mas, como nossas estradas correm juntas por um tempo, não vejo como nos afastaríamos de nossa Busca, não vejo como nos desviaríamos do Caminho se a acompanhássemos, pelo menos até... Esqueci o nome da cidade...

— *Ei!* — disse Kim, virando-se e sussurrando em tom astuto para um dos ooryas, que estava a alguns metros de distância. — Onde é a casa de seu mestre?

— Um pouco além de Saharanpur, entre as plantações de frutas.
— Ele disse o nome da aldeia.

— Esse era o lugar — disse o lama. — Até lá, pelo menos, podemos acompanhá-la.

— As moscas vão para a carniça... — comentou o oorya, em tom preocupado.

— Para a vaca doente, um corvo; para o homem doente, um brâmane. — Kim citou o provérbio de forma impessoal, como se estivesse falando com as copas de árvores que via no alto.

O oorya resmungou e se conteve.

— Então, iremos com ela, Vossa Santidade?

— Há razão para não irmos? Ainda poderei desviar e testar todos os rios que cruzam a estrada. Ela deseja que eu vá, realmente deseja muito que eu vá.

Kim abafou uma risada no cobertor. Quando aquela velha arrogante enfim se recuperasse da admiração pelo lama, provavelmente teria uma conversa agradável.

Ele estava quase dormindo quando o lama, de súbito, citou um provérbio: “Os maridos das tagarelas têm uma grande recompensa vindoura.” Então, Kim o ouviu fungar o rapé três vezes e, ainda sorrindo, adormeceu.

O amanhecer brilhante acordou homens, corvos e bois. Kim sentou-se, bocejou, espreguiçou-se e vibrou de alegria. Aquilo, sim, era ver o mundo de verdade. Aquela era a vida que ele queria, com alvoroço e gritaria; o afivelar de cintos, as batidas nos bois e o ranger das rodas; o acender do fogo e a preparação da comida; e com novas visões a cada movimento dos olhos satisfeitos. A névoa matinal se desfazia aos poucos, os papagaios gritavam rumo a um rio distante, e todas as roldanas de poços ao alcance dos ouvidos já trabalhavam. A Índia estava acordada, e Kim estava no meio dela, mais acordado e animado do que qualquer um, mascando a ponta de um galho que usaria como escova de dente, pois havia abraçado os mais diversos costumes do país que conhecia e amava. Não precisava mais se preocupar com comida ou gastar dinheiro em uma das barracas lotadas: ele era o discípulo de um homem santo, que fazia companhia a uma senhora obstinada. Providenciariam tudo para eles, que, quando fossem respeitosamente convidados, sentariam e comeriam. De resto, refletiu Kim, rindo enquanto escovava os dentes, a anfitriã intensificaria o prazer da estrada. Ele inspecionou os bois de maneira crítica, quando chegaram grunhindo

e bufando sob o jugo. Se fossem muito rápidos, o que não era provável, haveria um bom lugar para ele se sentar junto ao eixo, enquanto o lama iria ao lado do condutor. A comitiva, obviamente, seguiria a pé. A velha senhora, também obviamente, falaria muito, e, pelo que ouvira, naquela conversa não faltaria emoção. Ela já estava ordenando, discursando, repreendendo e, verdade seja dita, praguejando contra os súditos pela demora.

— Pegue o cachimbo dela! Pelo amor dos deuses, pegue aquele cachimbo para calar essa boca maldita! — gritou um oorya, recolhendo sua cama. — Ela é como os papagaios: começam a berrar ao amanhecer.

— Os bois da carreta! *Ei!* Cuidado com os bois! — Os animais estavam recuando e empurrando as rodas da carreta, pois os bois haviam prendido os chifres no eixo de uma carreta de grãos. — Filho de uma coruja, aonde pensa que vai? — gritou alguém para o condutor, que exibia um sorriso irônico.

— *Ei, ei!* Quem vai aí é a Rainha de Délhi, para rezar por seu filho! — respondeu o homem, sentado sobre sua gigantesca carga. — Abram caminho para a Rainha de Délhi e seu primeiro-ministro, o macaco cinzento que escala em sua própria espada! — Outra carreta, lotada de couro, que ia para um curtume do interior, seguia a primeira de perto, e seu condutor deixou mais alguns elogios enquanto os bois da viúva continuavam recuando.

De trás das cortinas que balançavam veio uma torrente de insultos. Não foi muito longa, mas mesmo Kim jamais ouvira algo tão espirituoso, inventivo, apropriado e mordaz. O condutor murchou, surpreendido, e começou a falar com grande respeito, descendo da carreta e ajudando a comitiva a recolocar aquele vulcão na estrada. Então, a velha explicou em detalhes o tipo de mulher com quem ele se casara e o que ela estava fazendo em sua ausência.

— *Shabash!* — murmurou Kim, incapaz de se conter, quando o homem foi embora discretamente.

— Muito bem mesmo! — concordou a viúva. — É uma vergonha e um escândalo que uma pobre mulher não possa ir orar a seus deuses sem virar chacota ou ser insultada por todos os indignos do

Hindustão! Que precise engolir *gâli*^[19] como os homens engolem *ghi*. Mas ainda tenho um pouco da minha velha língua, uma ou duas boas palavras adequadas à situação. E *ainda* estou sem o meu tabaco! Quem foi o caolho desavergonhado que não preparou o meu cachimbo?

O cachimbo foi preparado mais do que depressa por um montanhês, e um fio de fumaça que escapava pelas frestas das cortinas mostrou que a paz fora restabelecida.

Se no dia anterior Kim andara ostentando o orgulho de ser discípulo de Sua Santidade, hoje ele ia com dez vezes mais orgulho por seguir uma procissão quase real, sob a proteção direta de uma velha senhora de maneiras encantadoras e recursos infindáveis. A comitiva, de cabeças cobertas como os nativos, seguia dos lados da carruagem, levantando enormes nuvens de poeira.

Kim e o lama andavam um pouco afastados. Kim mascava sua cana-de-açúcar sem dar passagem a ninguém abaixo do status de sacerdote. Eles podiam ouvir a incansável língua da velha senhora, que não parava, quase como um debulhador de arroz. Ela mandou que a comitiva lhe contasse o que estava acontecendo na estrada e, assim que saíram do *parao*, abriu as cortinas e espiou pela janela, com o véu escondendo apenas um terço do rosto. Seus homens não a encaravam diretamente quando ela se dirigia a eles, então os costumes foram mais ou menos respeitados.

O superintendente da polícia regional, um inglês de pele morena e amarelada, e uniforme impecável, passou por eles em um cavalo cansado e, percebendo pela comitiva o tipo de pessoa de que se tratava, gracejou.

— Mãezinha — gritou —, é assim que ficam nas *zenanas*? Imagine se aparecesse um inglês e visse que a senhora não tem nariz!

— O quê? — reagiu a velha. — Quer dizer que sua mãe não tem nariz? Para que dizer isso no meio da estrada?

Foi uma resposta justa. O inglês levantou as mãos como se estivesse se rendendo ao perder na esgrima. Ela riu e acenou com a cabeça.

— Por acaso o motivo desse véu é que o seu rosto tenta a virtude?

Ela tirou o véu e o encarou. Não era, de forma alguma, um rosto bonito. Mas, enquanto pegava as rédeas, o homem a chamou de Lua do Paraíso e Perturbadora da Integridade, entre outros fantásticos epítetos que a fizeram dobrar-se de tanto rir.

— É um *nut-cut*, um tratante! — disse ela. — Todos os policiais são *nut-cuts*, mas os superiores são os piores. Vá, meu filho. Você aprendeu muito desde que chegou de Belait.^{20} Quem lhe deu de mamar?

— Uma *pahareen* montanhesa de Dalhousie, mãezinha. Esconda a beleza sob o véu, ó Distribuidora de Encantos! — E ele se foi.

— Homens desse tipo — comentou em tom imparcial, enchendo a boca de *pan* — servem bem à justiça. Eles conhecem a terra e os costumes. Os outros, recém-chegados da Europa, que foram amamentados por mulheres brancas e aprenderam nossa língua pelos livros, são piores do que a peste. Eles fazem mal até aos reis. — Então, contou uma longa, longa história, para quem quisesse ouvir, sobre um jovem policial ignorante que perturbara um pequeno rajá das montanhas, seu primo de nono grau, a respeito de uma insignificante questão de terras. Encerrou-a com uma citação de um livro nem um pouco religioso.

Então, seu humor mudou, e ela mandou alguém da comitiva perguntar se o lama gostaria de acompanhá-la e discutir assuntos espirituais. Kim se afastou na poeira e voltou a atenção para sua cana-de-açúcar. Por uma hora ou mais, a boina do lama aparecia como uma lua entre as nuvens de poeira, e, pelo que ouviu, Kim entendeu que a velha senhora chorava. Um dos ooryas quase se desculpou pela grosseria da noite anterior, dizendo que nunca vira sua senhora com um temperamento tão brando, o que atribuía à presença do estranho sacerdote. Pessoalmente, ele acreditava em brâmanes, embora, como todos os nativos, estivesse ciente de sua astúcia e ganância. Os brâmanes não faziam outra coisa senão irritar a sogra de seu amo com demandas e súplicas. Sentindo-se ofendidos quando ela os mandava embora, os brâmanes que

amaldiçoavam toda a comitiva (que era o real motivo do boi estar ficando manco e de o varal da carruagem ter quebrado na véspera). Por isso, ele estava disposto a aceitar qualquer sacerdote, de qualquer religião de dentro ou de fora da Índia. A isso, Kim respondeu com sábios acenos de cabeça e disse ao oorya que notasse que o lama não pediu qualquer dinheiro e que o custo da alimentação dele e de Kim seria devolvido em cem vezes mais sorte para a caravana em seu caminho dali em diante. Ele também contou histórias sobre Lahore e cantou uma ou duas canções que fizeram o homem sorrir. Como um bom rato da cidade, Kim conhecia bem as músicas mais recentes dos compositores famosos, na maioria mulheres, e tinha uma grande vantagem sobre os homens de uma pequena aldeia frutífera depois de Saharanpur, mas simplesmente deixava que os outros conduzissem essa vantagem.

Ao meio-dia, eles pararam à beira da estrada para comer, e a refeição foi boa, farta e servida com muita decência em pratos de folhas limpas, longe do alcance da poeira. Eles deram os restos a alguns mendigos, para que todos os pedidos fossem atendidos, e sentaram-se para fumar preguiçosamente. A velha senhora se recolhera para trás das cortinas, mas volta e meia se metia na conversa, e os servos discutiam e a contradiziam, como fazem os servos do Oriente. Ela comparou a brisa e os pinheiros das montanhas de Kangra e Kulu à poeira e às mangas do Sul. Contou a história de alguns antigos deuses locais da fronteira do território de seu marido. Fumou muito, desacatou todos os brâmanes e especulou abertamente sobre a vinda de muitos netos.

5

Volto aos meus uma vez mais,
Perdoado e acolhido uma vez mais,
Amado em minha casa uma vez mais,
 Já não sou estrangeiro.
O cordeiro mais gordo veio a mim,
Mas o joio é mais atraente a mim.
Creio que os porcos servem mais a mim,
 Então volto ao chiqueiro.
 “O filho pródigo”

A lenta procissão se pôs em movimento, e a velha senhora dormiu até chegarem à parada seguinte. A marcha foi curta, e ainda faltava uma hora para o pôr do sol, então Kim decidiu dar uma volta para se divertir.

— Mas por que não se senta e descansa? — perguntou um dos homens da escolta. — Só os demônios e os ingleses caminham por aí sem rumo.

— Nunca faça amizade com o demônio, um macaco ou um garoto; ninguém sabe o que estão prestes a fazer — disse um de seus companheiros.

Kim lhe deu as costas com desprezo. Não queria ouvir a velha história sobre como o demônio brincava com garotos, se arrependia e passava a vagar pelo país.

O lama o seguiu. Durante a caminhada, sempre que passavam por um rio, ele ia examiná-lo. Contudo, em nenhuma das vezes recebeu qualquer sinal de que encontrara o Rio. O prazer de poder falar com alguém em uma língua mais familiar e de ser o proclamado e respeitado conselheiro espiritual de uma mulher bem-nascida afastara um pouco sua mente da Busca. Além disso, ele estava preparado para passar alguns anos serenos nessa jornada, já que

nada tinha da impaciência do homem branco: em vez disso, era um homem de muita fé.

— Aonde você está indo? — chamou ele por Kim.

— Nenhum lugar em especial. A marcha foi curta, e tudo isso é novo para mim — respondeu Kim, indicando o espaço ao redor.

— Ela é, sem dúvida, uma mulher sábia e perspicaz. Mas é difícil meditar quando...

— Todas as mulheres são assim. — As palavras de Kim poderiam ter sido ditas por Salomão.

— Antigamente, o convento de lamas era uma grande plataforma de pedra — começou o lama, girando o velho japamala. — Deixei no chão as marcas dos meus pés, andando de um lado para o outro batendo essas contas.

Ele as bateu e começou a entoar o "*Om mane pudme hum*" de sua fé, agradecido pela brisa, pelo silêncio e pela ausência de poeira.

Sem buscar nada em especial, o olhar indolente de Kim percorreu a planície. Não tinha ainda propósito algum em seus pensamentos, a não ser a ideia de que as cabanas por ali pareciam novas e ele gostaria de vê-las mais de perto.

Eles chegaram a uma vasta área de pastagem, marrom e roxa à luz do crepúsculo, com um denso arvoredo de mangueiras no centro. Kim achou curioso o fato de não haver santuários em um local tão apropriado: o garoto tinha olhos de sacerdote para essas coisas. Ao longe, na planície, quatro homens andavam lado a lado e pareciam pequenos com a distância. Ele fez esforço para enxergar, com as mãos curvadas acima dos olhos, e notou o brilho do bronze.

— Soldados. Soldados brancos! — gritou. — Vamos ver!

— Sempre há soldados quando nós dois andamos sozinhos. Mas nunca vi soldados brancos.

— Eles são inofensivos, a não ser que estejam bêbados. Fique atrás dessa árvore.

Eles se esconderam atrás dos troncos grossos, na sombra fresca das mangueiras. Duas das pequenas figuras pararam; as outras seguiram em frente, indecisas. Eram os batedores de um regimento em marcha, mandados, como sempre, para marcar o acampamento. Carregavam longas varetas de 1,5 metro de comprimento com

bandeiras tremulantes e gritavam uns com os outros enquanto se espalhavam pela campina.

Finalmente, entraram no terreno das mangueiras, a passos pesados.

— Ficaremos por aqui. Acho que as tendas dos oficiais ficarão sob as árvores, e o restante de nós pode ficar lá fora. Será que já marcaram o caminho para a comitiva das bagagens lá atrás?

Eles gritaram outra vez para os companheiros que estavam longe, e uma breve resposta viajou até eles de volta, fraca e baixa.

— Enfie a bandeira aqui, então — sugeriu um dos homens.

— O que eles estão preparando? — perguntou o lama, admirado.
— Como é grande e terrível este mundo! O que significa aquela bandeira?

Um soldado enfiou uma ripa na terra a poucos metros deles, resmungou em desaprovação, tirou-a da terra e consultou seu parceiro, que analisou de cima a baixo o buraco escuro cavado no verde. Então, enfiou a ripa novamente.

Kim observava de olhos bem abertos, a respiração lhe saía curta e rápida entre os dentes. Os soldados retornaram para a luz do sol com passadas firmes.

— Ó Vossa Santidade! — disse o menino, nervoso. — Meu horóscopo! Aquele, desenhado na terra pelo sacerdote de Ambala! Lembre-se do que ele disse. Primeiro viriam dois, *ferashes* para deixar tudo pronto, em um lugar escuro, como é sempre o começo de uma visão.

— Mas isso não é nenhuma visão — respondeu o lama. — É uma Ilusão do mundo, nada mais.

— E depois deles virá o Touro, o Touro Vermelho em um campo verde. Veja! Lá está ele!

Ele apontou para a bandeira que tremulava na brisa da tarde a alguns metros de distância. Era uma bandeira de marcação como outra qualquer, mas o regimento, sempre meticoloso com as questões militares, ilustrara-a com seu mascote: o Touro Vermelho, brasão dos Mavericks. Um grande Touro Vermelho sobre um fundo verde irlandês.

— Sim, vejo. E agora me lembro — disse o lama. — Esse é o seu Touro. Os dois homens, sem dúvida, também vieram preparar o terreno.

— São soldados, soldados brancos. O que foi que o sacerdote disse? “O signo do touro é o signo da guerra e dos homens armados.” Ó Vossa Santidade, isso tem a ver com a minha Busca!

— Sim, é verdade. — O lama olhava fixamente para o tecido que brilhava como um rubi na luz do crepúsculo. — O sacerdote de Ambala disse que o seu signo era o da guerra.

— O que faremos agora?

— Vamos esperar.

— A escuridão da floresta está diminuindo — comentou Kim. Era natural que os raios do sol poente se insinuassem entre os troncos do bosque uma última vez, enchendo o ambiente com uma pálida luz dourada por alguns momentos. Para Kim, no entanto, aquilo coroava a profecia do brâmane de Ambala.

— Ouça! — disse o lama — Alguém está tocando um tambor ao longe.

No começo, o som vinha abafado no ar seco, lembrando o pulsar de uma artéria na cabeça. Logo, um som agudo juntou-se a ele.

— Ah, a música! — explicou Kim. Ele já conhecia o som de uma banda de regimento, mas o lama ficou impressionado.

Do outro lado da planície, uma grande fileira de homens podia ser vista levantando poeira. Então, o vento trouxe a canção:

Pedimos sua licença
Para contar que além
Do porto de Sligo, pode confiar,
A Guarda Mulligan vem!

Entram as flautas estridentes e a música continua.

Em posição
Marchamos muito bem
De Phoenix Park
À baía de Dublin também

Flauta e tambor
Tocando sem desdém
Quando a Guarda — Guarda — Guarda
Mulligan vem!

Era a banda dos Mavericks, tocando para que o regimento acampasse, pois os homens marchavam enquanto carregavam suas bagagens. A coluna aproximou-se do descampado, e as carretas atrás se dividiam à esquerda e à direita, como se emergissem de um formigueiro.

— Mas isso é feitiçaria! — exclamou o lama.

A planície ficou pontilhada de tendas que pareciam se elevar, já montadas, dos carrinhos. Outra leva de homens invadiu o bosque e montou uma grande tenda em silêncio. Outros oito ou nove se juntaram a eles e pegaram potes, panelas e embrulhos, que foram levados por servos locais. O campo de mangueiras transformava-se em uma cidade organizada diante de seus olhos!

— Vamos — disse o lama, afastando-se assustado enquanto as fogueiras crepitavam e oficiais brancos carregando espadas tilintantes se encaminhavam para a tenda das refeições.

— Esconda-se nas sombras, ninguém consegue ver além da luz de uma fogueira — disse Kim, com os olhos ainda fixos na bandeira. Nunca testemunhara os procedimentos de um regimento experiente montando um acampamento inteiro em meia hora.

— Olhe, olhe, olhe! — exclamou o lama. — Lá vem um sacerdote!
— Era Bennett, da Igreja da Inglaterra, capelão do regimento, mancando em um traje negro e empoeirado. Um membro de seu rebanho fora rude ao duvidar de sua resistência, e Bennett, para calá-lo, acompanhara cada passada do regimento naquele dia. A túnica preta, a cruz dourada na corrente do relógio, o rosto sem barba e o chapéu preto largo e macio teriam indicado que era um homem santo em qualquer lugar da Índia. Ele afundou em uma das cadeiras do acampamento, perto da entrada da tenda das refeições, e descalçou as botas. Três ou quatro oficiais se juntaram ao seu redor, rindo e fazendo piadas sobre sua proeza.

— A conversa dos homens brancos é completamente desprovida de dignidade — comentou o lama, que julgava apenas o tom. — Mas observei a postura do padre e penso que ele é estudado. Será que entenderia nossa língua? Eu gostaria de falar com ele sobre minha Busca.

— Nunca fale com um homem branco se ele estiver com fome — disse Kim, citando um provérbio bem conhecido. — Eles vão comer agora, e... acho que não é bom pedir esmolas a eles. Vamos voltar ao *parao*. Depois de comer, viremos aqui outra vez. Aquele certamente é um Touro Vermelho, o *meu* Touro Vermelho.

Os dois estavam visivelmente distraídos quando a comitiva da velha senhora serviu sua refeição. Ninguém se intrometeu, pois perturbar os convidados dá azar.

— Agora — disse Kim, palitando os dentes —, vamos voltar lá. Mas você, Vossa Santidade, deve esperar um pouco fora de vista, porque seus pés são mais pesados do que os meus, e eu estou ansioso para ver mais daquele Touro Vermelho.

— Mas você consegue entender o que eles falam? Vá devagar, a estrada está escura — respondeu o lama, inquieto.

Kim deixou a pergunta de lado.

— Marquei um lugar perto das árvores onde você pode se sentar até que eu o chame. — Quando o lama deu mostras de que protestaria, Kim acrescentou: — Nada disso. Lembre-se de que esta é a *minha* Busca, a Busca pelo meu Touro Vermelho: o signo das estrelas não brilhava sobre você. Conheço alguns costumes dos soldados brancos e sempre gosto de ver coisas novas.

— Tem alguma coisa que você não saiba sobre este mundo? — O lama agachou-se, obediente, em um pequeno desnível no chão, a menos de cem metros do bosque de mangueiras, sombras negras em contraste com o céu estrelado.

— Fique aqui até que eu o chame. — Kim desapareceu no crepúsculo. Ele sabia que muito provavelmente haveria sentinelas rodeando o acampamento e sorriu ao ouvir o som pesado das botas de uma delas. Um garoto que consegue se esgueirar pelos telhados de Lahore sob o luar, usando cada beco e esquina escura para despistar perseguidores, tem grandes chances de passar

despercebido por um grupo de soldados bem-treinados. Ele rastejou entre dois deles e ora correndo, ora parando, encolhendo-se e arrastando-se, conseguiu chegar à tenda bem iluminada das refeições, onde, junto a uma mangueira, esperou o momento oportuno.

Kim só pensava em descobrir mais sobre o Touro Vermelho. Pelo que sabia, aqueles homens, os novecentos demônios da profecia de seu pai, poderiam muito bem rezar para o animal após o anoitecer, como os hindus rezam para a Vaca Sagrada. Aquilo seria, pelo menos, lógico e certo, e o padre com a cruz dourada seria o homem ideal para informá-lo sobre o assunto. Por outro lado, se fosse parecido com um dos padres sem barba que Kim evitava em Lahore, esse sacerdote poderia incomodá-lo com perguntas, o que o impediria de descobrir o que queria. Mas não ficara provado, em Ambala, que seu signo nas alturas clamava a guerra e os homens armados? Ele não era o Amigo das Estrelas, assim como de Todos, cheio de terríveis segredos? E, por último, e mais importante, de acordo com seus pensamentos, aquela aventura, embora não conhecesse a palavra inglesa, era uma gigantesca brincadeira, uma deliciosa continuação de suas expedições sobre os telhados, além de ser o cumprimento da sublime profecia. Segurando seu amuleto, Kim deitou-se no chão e rastejou em direção à entrada da tenda das refeições.

Os *sahibs* rezavam para seu deus, como Kim suspeitara. No centro da mesa estava o único ornamento usado durante a marcha: um touro cor de cobre, de cabeça baixa, posando ameaçador em um campo irlandês verde. Fora feito a partir de itens antigos do Palácio de Verão em Pequim. Os *sahibs* ergueram seus copos para o touro e fizeram saudações confusas.

O reverendo Arthur Bennett sempre deixava a tenda das refeições após aquele brinde e, bastante cansado por causa da marcha, naquele momento, movia-se de modo mais deselegante que o habitual. Com a cabeça levemente erguida, Kim ainda olhava para seu totem sobre a mesa quando o capelão pisou em sua omoplata direita. Kim se encolheu por reflexo e, rolando de lado, derrubou o capelão, um homem ágil, que agarrou seu pescoço e quase o

sufocou até a morte. Kim chutou-o desesperadamente no estômago. O Sr. Bennett arquejou e se curvou, mas, ainda apertando o pescoço de Kim, rolou de lado outra vez e, sem fazer barulho, puxou o menino para sua própria tenda. Os Mavericks adoravam pregar peças, e o inglês achou que o silêncio era a melhor opção até que ele esclarecesse tudo.

— Mas é um garoto! — exclamou, aproximando o menino da lanterna da tenda. Então, sacudindo-o, perguntou: — O que você estava fazendo? Você é um ladrão. — Seu hindustâni era bem básico, e Kim, perturbado e aborrecido, decidiu interpretar o papel que lhe fora atribuído. Enquanto recuperava o fôlego, inventava uma linda e plausível história sobre seu parentesco com algum ajudante de cozinha, enquanto se mantinha atento ao espaço um pouco abaixo da axila esquerda do capelão. Quando teve a chance, esquivou-se e tentou escapar rumo à porta, mas um braço comprido segurou seu pescoço, rompendo o cordão e agarrando o amuleto.

— Me devolva, me devolva! Está arrebitado? Me dê os papéis.

As palavras foram ditas no inglês truncado típico dos nativos, e o capelão se sobressaltou.

— Um escapulário! — disse, abrindo a mão. — Não, algum tipo de talismã pagão. Por que... Por que você fala inglês? Meninos que roubam apanham, sabia disso?

— Eu não... Eu não roubei! — Kim se agitava, em agonia, como um cachorro diante de um graveto. — Ai, me devolva! O talismã é meu, não o roube de mim!

O capelão, sem lhe dar atenção, foi até a porta e chamou por alguém. Um homem gordo e sem barba apareceu.

— Quero um conselho, padre Victor — disse Bennett. — Encontrei esse garoto no escuro, do lado de fora da tenda das refeições. Normalmente, eu o castigaria e o deixaria ir, porque acredito que seja um ladrão. Mas parece que ele fala inglês... e tem muito apego a uma espécie de talismã preso ao seu pescoço. Pensei que talvez você pudesse me ajudar.

Entre ele e o capelão católico romano, do contingente irlandês, havia, como Bennett gostava de pensar, um abismo intransponível. Mas, quase sempre que a Igreja da Inglaterra precisava lidar com

um problema de caráter humano, pedia ajuda à Igreja de Roma. A aversão de Bennett à “Mulher Escarlata”^{21} e suas práticas só se comparava ao seu respeito pessoal pelo padre Victor.

— Um ladrão que fala inglês? Deixe-me ver esse talismã... Não, não é um escapulário, Bennett. — Ele estendeu a mão.

— Mas nós temos o direito de abri-lo? Acho que algumas chicotadas...

— Eu não roubei nada! — protestou Kim. — Você acertou chutes em todo o meu corpo! Agora, me dê o meu talismã, e eu irei embora.

— Não tão rápido. Primeiro vamos dar uma olhada — respondeu o padre Victor, abrindo devagar os documentos de *ne varietur* do pobre Kimball O’Hara, sua certidão de baixa e a de nascimento de Kim. Neste último documento, o pai, com a noção confusa de que estava fazendo um bem ao filho, escrevera diversas vezes: “Cuide do garoto. Por favor, cuide do garoto”, anotando seu nome e número do regimento completos.

— Pelas forças das Trevas! — exclamou o padre Victor, entregando os documentos ao Sr. Bennett. — Você sabe o que são essas coisas?

— Sim — respondeu Kim. — Elas são minhas e eu quero ir embora.

— Eu não estou entendendo muito bem... — disse o Sr. Bennett. — Ele provavelmente as trouxe de propósito. Pode ser um truque de mendigos ou algo do tipo.

— Nunca vi um mendigo menos ansioso para ficar com seus pares, então. Aqui está o princípio de um mistério deslumbrante. Você crê na Providência, Bennett?

— Espero que sim.

— Bem, eu acredito em milagres, que são a mesma coisa. Pelas forças das Trevas! Kimball O’Hara! E seu filho! Mas, então, ele é um nativo... E eu vi com meus próprios olhos Kimball se casar com Annie Shott. Há quanto tempo você tem esses documentos, garoto?

— Desde que eu era pequeno.

Padre Victor deu um passo adiante e abriu a parte da frente da blusa de Kim.

— Veja, ele não é muito escuro. Qual é o seu nome?

— Kim.

— Ou Kimball?

— Talvez. Você vai me deixar ir?

— O que mais?

— Me chamam de *Kim rishti ke*. Quer dizer Kim do *rishti*.

— O que quer dizer “*rishti*”!

— *Ai-rishti*... Era o regimento... do meu pai.

— *Irish*... Irlandês, entendi...

— Sim. Foi o que o meu pai me contou. Meu pai, ele viveu.

— Ele viveu onde?

— Ele viveu. Agora, *claro*, já morreu. Ele se foi.

— Ah, e esse é o seu jeito de explicar, não é mesmo?

Bennett interrompeu:

— É possível que eu tenha sido injusto com o garoto. Ele com certeza é branco, embora claramente negligenciado. Acho que o machuquei. Será que alguma bebida...

— Dê a ele um copo de xerez, então, e deixe-o se sentar no catre. Veja, Kim — prosseguiu padre Victor —, ninguém vai machucá-lo. Beba isso e nos conte sobre você. A verdade, se não se importa.

Kim tossiu um pouco ao devolver o copo vazio e pensou. Parecia ser hora de ter cautela e imaginação. Meninos que perambulam por acampamentos eram mandados embora depois de levarem umas chicotadas. Mas ele não recebera nenhuma, o amuleto estava claramente o ajudando, e parecia que o horóscopo de Ambala e as poucas palavras de que conseguia se lembrar das divagações de seu pai se encaixavam de forma milagrosa. Por que mais o padre gordo pareceria tão impressionado e o magro teria lhe trazido um copo cheio de bebida amarela e quente?

— Meu pai está enterrado na cidade de Lahore desde que eu era muito pequeno. A mulher tinha um brechó perto de onde ficam os coches de aluguel — disse Kim de uma vez, sem saber até que ponto a verdade o ajudaria.

— Sua mãe?

— *Não!* — O menino fez um gesto de desprezo. — Minha mãe se foi quando eu nasci. Meu pai conseguiu esses papéis do Jadoo-

Gher... é assim que vocês o chamam? — Bennett confirmou com um aceno da cabeça. — Porque se destacava. É essa a palavra? — Bennett assentiu outra vez. — Meu pai me contou isso. E também disse, assim como o brâmane que desenhava no chão em Ambala dois dias atrás, que eu encontraria um Touro Vermelho em um campo verde, e que o Touro me ajudaria.

— Um mentirosinho fenomenal — murmurou Bennett.

— Pelas forças das Trevas, mas que país! — murmurou padre Victor. — Continue, Kim.

— Eu *não* roubei. Além disso, agora sou o discípulo de um homem muito santo. Ele está sentado lá fora. Vimos dois homens com bandeiras, preparando o terreno. É sempre assim nos sonhos ou nos relatos de uma... profecia. Então, eu sabia que seria verdade. Vi o Touro Vermelho no campo verde, e meu pai tinha me contado que “novecentos demônios e o coronel montado a cavalo vão cuidar de você, quando você encontrar o Touro Vermelho!”. Fiquei sem saber o que fazer quando vi o Touro, então fui embora e voltei quando já estava escuro. Eu queria ver o Touro novamente e o vi, quando os *sahibs* estavam rezando para ele. Acho que o Touro pode me ajudar. Sua Santidade também disse isso. Ele está sentado ali fora. Vocês vão machucá-lo, se eu chamar por ele? Ele é muito santo, pode confirmar tudo o que falei e sabe que não sou ladrão.

— *Sahibs* rezando para um touro! O que você acha disso? — perguntou Bennett. — Discípulo de Sua Santidade! Esse garoto está maluco?

— Com certeza é o filho de O’Hara, aquele garoto tinha alianças com todas as forças das Trevas. É bem o tipo de coisa que diria se estivesse bêbado. Melhor chamarmos o homem santo, ele pode saber de algo.

— Ele não sabe de nada — respondeu Kim. — Eu mostrarei a vocês, se vierem. Ele é o meu mestre. E depois iremos embora.

— Pelas forças das Trevas! — Foi tudo o que padre Victor conseguiu dizer, enquanto Bennett marchava segurando o ombro de Kim com firmeza.

Encontraram o lama onde ele se sentara mais cedo.

— A minha Busca está acabando! — gritou Kim, na língua local. — Encontrei o Touro, mas só Deus sabe o que virá a seguir. Venha, eles não vão machucá-lo. Venha para a tenda do padre gordo com este homem magro. É tudo novo, e eles não sabem falar hindi. São dois asnos que não sabem nada.

— Então, não é bom zombar de sua ignorância — respondeu o lama. — Fico contente por estar tão alegre, *chela*.

Cheio de dignidade e sem suspeitar de nada, o lama entrou na pequena tenda, saudou os sacerdotes como um clérigo e se sentou perto do braseiro. A luz da lamparina refletia no forro amarelo da tenda e deixava seu rosto com um tom acobreado.

Bennett o olhou com o incomparável desinteresse da seita que classificava noventa por cento da humanidade como “infiel”.

— E qual foi o resultado da Busca? Que presentes trouxe o Touro Vermelho? — perguntou o lama a Kim.

— Ele perguntou “O que vocês farão?”.

Bennett encarava inquieto o padre Victor, e Kim tomou para si o papel de intérprete.

— Não sei o que esse faquir tem a ver com o garoto. Provavelmente foi enganado por ele ou é seu comparsa — começou Bennett. — Não podemos permitir que um garoto inglês... Supondo que ele seja o filho de um maçom, quanto antes ele for para o orfanato da maçonaria, melhor.

— Bem, essa é a sua opinião como secretário da Loja Maçônica — respondeu o padre Victor —, mas não há problemas em contar ao velho o que pretendemos fazer: ele não parece mal-intencionado.

— Pela minha experiência, a mente oriental é incompreensível. Bem, Kimball, quero que traduza a esse homem o que eu disser, palavra por palavra.

Kim resumiu o que lhe foi dito e começou:

— Ó Vossa Santidade, o tolo magrelo que parece um camelo diz que sou o filho de um *sahib*.

— Mas como?

— Ah, é verdade. Eu já sabia desde que nasci, mas ele só descobriu quando tomou o amuleto do meu pescoço e tirou os papéis. Ele pensa que, uma vez *sahib*, sempre *sahib*. E os dois

querem me manter neste regimento ou me enviar a uma *madrissah*, uma escola. Já aconteceu antes, e eu sempre evitei. O tolo gordo pensa uma coisa e o que parece um camelo, outra. Mas não há chance de isso acontecer: posso passar esta noite e talvez a próxima por aqui, como já aconteceu tantas vezes antes, mas depois eu fujo e me junto a você.

— Mas conte a eles que você é o meu *chela*! Conte que você veio a mim quando eu estava fraco e aturdido. Conte sobre a nossa Busca, e eles certamente o deixarão ir.

— Eu já contei. Eles riram e falaram sobre a polícia.

— O que você está dizendo? — perguntou o Sr. Bennett.

— Bem, ele apenas disse que, se vocês não me deixarem partir, isso o prejudicará, atrapalhará “seus assuntos urgentes e particulares”. — Essa última parte era resquício de uma conversa com um funcionário do Departamento do Canal. Entretanto, suas palavras provocaram apenas um sorriso, o que o irritou. — E, se vocês soubessem quais são seus assuntos, não estariam tão ansiosos por interrompê-los.

— Quais são? — perguntou o padre Victor, sem indiferença, enquanto estudava o rosto do lama.

— Há um rio neste país que ele deseja muito encontrar. Nasceu de uma Flecha que... — Kim batia o pé, impaciente, enquanto traduzia mentalmente do vernáculo para o seu inglês carregado de sotaque. — Bem, foi feito por Nosso Senhor Buda, sabe, e, se você se lavar lá, lavará também todos os seus pecados e ficará tão branco quanto o algodão. — Kim ouvira o discurso dos missionários. — Sou seu discípulo, e temos que encontrar esse Rio. É muito valioso para nós.

— Repita isso — ordenou Bennett.

Kim obedeceu, recontando com mais detalhes.

— Mas isso é uma terrível blasfêmia! — gritou o representante da Igreja da Inglaterra.

— Tsc, tsc... — fez o padre Victor, compassivo. — Eu daria qualquer coisa para falar esse idioma. Um Rio que lava o pecado! E há quanto tempo vocês procuram por ele?

— Ah, muitos dias. Agora queremos ir embora e seguir procurando. Ele não está aqui, entendem?

— Entendo — disse o padre Victor, com gravidade —, mas você não pode continuar na companhia desse velho. Seria diferente, Kim, se você não fosse o filho de um soldado. Diga a ele que o regimento cuidará de você e o transformará em um homem tão bom quanto o seu... no melhor homem possível. Diga-lhe que, se ele acredita em milagres, deve acreditar que...

— Não convém apelar para a credulidade dele — interrompeu Bennett.

— Não é o que estou fazendo. Ele precisa acreditar que a vinda do garoto aqui, ao seu próprio regimento, em busca de seu Touro Vermelho, é parte do milagre. Pense nas probabilidades, Bennett. Esse garoto, dentre toda a Índia, e o nosso regimento, dentre todos os outros que estão marchando, se encontrarem! Está predestinado! Sim, diga a ele que é o *Kismet*.^{22} *Kismet, mallum?*^{23}

Ele se virou para o lama, para quem ele podia muito bem estar falando sobre a Mesopotâmia. Mas os olhos do velho se iluminaram quando Kim começou a traduzir:

— Eles estão dizendo que a vontade do meu horóscopo foi cumprida e que, agora que reencontrei essas pessoas e o Touro Vermelho, embora você saiba que foi só por curiosidade, devo ir a um *madrissah* e virar um *sahib*. Agora eu fingirei concordar, pois o pior que pode acontecer serão algumas refeições longe de você. Depois, eu fugirei e seguirei a estrada para Saharanpur. Então, Vossa Santidade, fique com aquela mulher de Kulu, não se afaste dela por nada até que eu retorne. Além disso, meu signo é o da guerra e de homens armados: veja como eles me deram vinho e me deitaram em um leito de honra! Meu pai deve ter sido um grande homem. Se eles me honrarem, bom. Se não me honrarem, bom também. De qualquer forma, eu fugirei e voltarei para você quando me cansar. Mas fique com os rajputi, ou eu perderei o seu rastro... Bem, é isso — concluiu o garoto já em inglês. — Conte-lhe tudo o que me pediram.

— E não vejo por que precisamos esperar — respondeu Bennett, com a mão no bolso das calças. — Podemos investigar os detalhes depois, e eu lhe darei uma ru...

— Dê-lhe tempo. Talvez ele goste do garoto — disse o padre Victor, interrompendo o movimento do clérigo.

O lama retirou seu japamala e puxou a aba enorme da boina sobre seus olhos.

— O que ele quer agora?

— Ele disse... — Kim levantou uma das mãos. — “Façam silêncio.” Ele quer conversar comigo sozinho. Vocês não entendem nem uma palavrinha do que ele diz e acho que, se interromperem, talvez ele lance maldições terríveis. Quando ele segura as contas assim, é porque quer ficar em silêncio.

Os dois ingleses se sentaram, assombrados, mas havia um brilho nos olhos de Bennett que parecia significar perigo a Kim assim que ele finalmente fosse deixado em poder dos religiosos.

— Um *sahib* e o filho de um *sahib*... — a voz do lama mostrava sinais de sofrimento. — Mas nenhum outro homem branco conhece a terra e os costumes como você. Como isso pode ser verdade?

— O que importa, Vossa Santidade? Lembre-se de que é apenas por uma noite ou duas e de que sei me transformar rápido. Será como quando falei com você pela primeira vez, sob o grande canhão Zam-Zammah...

— Como um garoto vestido como um inglês... quando fui à Casa das Maravilhas. Da segunda vez, você era hindu. Qual será a terceira encarnação? — Ele deu uma risada tristonha. — Ah, meu *chela*, você fez mal a este velho homem, porque meu coração agora está consigo.

— E o meu com você. Mas como eu poderia saber que o Touro Vermelho causaria isso?

O lama cobriu o rosto outra vez e começou a mexer, nervosamente, no japamala. Kim se agachou ao seu lado, agarrando a barra do traje.

— Agora ficou claro que o garoto é um *sahib*? — continuou o lama, em tom abafado. — Tão *sahib* quanto era aquele que cuidava da Casa das Maravilhas. — O conhecimento do lama sobre os homens brancos era limitado, e ele parecia estar repetindo uma lição. — Não parece, então, que ele precisa agir como os outros *sahibs*? Ele deve voltar para sua própria gente.

— Por um dia, uma noite e mais um dia — argumentou Kim.

— Nada disso! — Padre Victor viu Kim se virando para a porta e bloqueou a passagem com a perna forte.

— Não compreendo os costumes dos homens brancos. O Sacerdote das Imagens da Casa das Maravilhas, em Lahore, era muito mais cortês do que esse magricela. O garoto será tirado de mim. Eles transformarão meu discípulo em um *sahib*? Ai de mim! Como encontrarei meu Rio? *Eles* não têm discípulos? Pergunte.

— Ele está muito triste porque agora não conseguirá mais encontrar o Rio. Ele pergunta por que não arranjam seus próprios discípulos e param de incomodá-lo. Ele quer ser lavado de seus pecados.

Nem Bennett nem o padre Victor respondeu de imediato.

Kim continuou falando em inglês, aflito pela agonia do lama.

— Se vocês me deixarem sair agora, iremos em paz e não roubaremos. Procuraremos pelo Rio, como fazíamos antes de me capturarem. Eu gostaria de não ter vindo aqui procurar o Touro Vermelho. Eu não o quero.

— Mas essa é uma das melhores coisas que você já fez por si mesmo, menino — retrucou Bennett.

— Ó céus, não sei como consolá-lo! — comentou o padre Victor, observando o lama com atenção. — Ele não pode levar o garoto, mas, ainda assim, é um bom homem. Tenho certeza de que é um bom homem. Bennett, se você lhe der aquela rupia ele o amaldiçoará dos pés à cabeça.

Eles ouviram a respiração uns dos outros por três, talvez cinco minutos. Então, o lama ergueu a cabeça e fitou o vazio atrás dos padres.

— E eu sou um Seguidor do Caminho — disse, em tom amargo. — O pecado é meu, e a punição é minha. Agora percebo que me deixei acreditar em algo que não passava de faz de conta: você ter sido enviado para me ajudar na Busca. Dei-lhe, assim, meu afeto, por toda a sua caridade e cortesia, e pela sabedoria dos seus poucos anos. Mas aqueles que seguem o Caminho não podem se permitir sentir o fogo de qualquer desejo ou apego, porque é tudo Ilusão. Como diz... — Ele citou um provérbio chinês muito, muito velho,

completou-o com outro e reforçou tudo com um terceiro. — Eu me afastei do Caminho, meu *chela*. Não é culpa sua. Eu me deleitei com a vida, com as novas pessoas nas estradas e com a sua alegria ao ver tudo isso. Estava feliz com você e acreditei que se dedicaria à minha Busca, e somente a ela. Agora estou triste, pois você está sendo levado de mim e meu Rio está longe. Isso é pela Lei que quebrei!

— Pelas forças das Trevas sob nós! — disse o padre Victor, que, como confessor experiente, percebera o sofrimento em cada frase.

— Vejo agora que o signo do Touro Vermelho era tão meu quanto seu: todo Desejo é vermelho e mau. Aceitarei a penitência e encontrarei o meu Rio sozinho.

— Pelo menos, volte para a mulher de Kulu — disse Kim —, ou você se perderá nas estradas. Ela o alimentará até que eu volte.

O lama fez um movimento com a mão, mostrando que para ele o assunto estava encerrado. Seu tom de voz se alterou ao voltar-se para Kim:

— Agora, o que eles farão com você? Acumulando mérito, talvez eu consiga superar os erros passados.

— Farão de mim um *sahib*... é o que eles acham! Depois de amanhã eu voltarei, não fique triste.

— De que tipo? Como esse homem ou aquele? — Ele apontou para o padre Victor. — Ou como aqueles que vi esta manhã, portando armas e marchando?

— Talvez.

— Isso não é bom. Esses homens seguem o desejo e encontram o vazio. Você não deve se tornar um deles.

— O sacerdote de Ambala disse que minha estrela era da guerra — interveio Kim. — Perguntarei a esses tolos, embora não haja necessidade: fugirei esta noite, porque quero ver novas paisagens.

Kim fez duas ou três perguntas em inglês para o padre Victor, traduzindo as respostas para o lama.

— Ele disse: “Vocês vão tirá-lo de mim e não podem me dizer o que farão com ele. Digam-me antes que eu vá, pois o destino de uma criança é algo muito importante.”

— Você será enviado a uma escola. Depois, veremos. Kimball, imagino que você gostaria de ser um soldado.

— *Gorah-log*, homens brancos, de jeito nenhum! De jeito nenhum!

— Kim sacudiu a cabeça com vontade. Treinamento e rotina não tinham qualquer valor para ele. — Eu *não* serei soldado.

— Você será o que lhe ordenarem — respondeu Bennett. — E deveria agradecer a nossa ajuda.

Kim respondeu com um sorriso compassivo: se esses homens tinham a ilusão de que ele faria qualquer coisa que não quisesse, melhor ainda.

Outro longo silêncio se seguiu. Bennett se remexia, impaciente, e sugeriu que chamassem uma sentinela para expulsar o faquir.

— Entre os *sahibs*, o conhecimento é dado ou vendido? Pergunte a eles — pediu o lama. Kim traduziu.

— Eles disseram que o dinheiro é dado ao professor... mas o regimento cuidará disso. Para que perguntar isso? É apenas por uma noite.

— E, quanto mais dinheiro se paga, melhor o ensino? — O lama ignorou os planos de fuga de Kim. — Não é errado pagar por aprendizado: ajudar os ignorantes a adquirir conhecimento é sempre um mérito. — As contas do japamala batiam umas nas outras rapidamente, como um ábaco. Então, ele encarou seus opressores.

— Pergunte quanto dinheiro eles pagam a um bom professor e em que cidade as aulas acontecem.

— Bem — respondeu o padre Victor em inglês, quando Kim traduziu os questionamentos —, isso depende. O regimento pagará integralmente por sua permanência no Orfanato Militar, ou talvez você vá para a lista do Orfanato Maçônico de Punjab (não que você ou ele fossem entender o que isso significa). Mas o melhor ensino que se pode ter na Índia é, obviamente, na Escola de São Xavier em *Partibus*^{24} em Lucknow.

Dessa vez a tradução levou algum tempo, pois Bennett queria encerrar logo a conversa.

— Ele quer saber o valor — insistiu Kim, calmamente.

— Duzentas ou trezentas rupias por ano. — O padre Victor já deixara de se surpreender com as indagações. Bennett, impaciente, não compreendia.

— Ele pediu para escrever o nome da escola e a quantia em um papel e dar a ele. E também para escrever seu nome embaixo, porque ele vai lhe enviar uma carta em alguns dias. Disse que você é um homem bom e que o outro é um tolo. E agora está indo embora.

O lama se levantou de repente.

— Sigo minha Busca — disse. E partiu.

— Ele vai dar de cara com as sentinelas! — exclamou o padre Victor, levantando-se às pressas quando o lama saiu. — Mas não posso deixar o garoto. — Kim fez menção de segui-lo, mas parou e olhou ao redor. Não havia som de luta lá fora. O lama havia desaparecido.

Kim se sentou comportado no catre do capelão. Pelo menos o lama prometera que ficaria com a mulher rajput de Kulu, o restante não importava. Agradou-lhe ver os dois padres tão claramente entusiasmados. Eles conversaram em voz baixa por um bom tempo: padre Victor tentava convencer o Sr. Bennett de algo, e este parecia incrédulo. Tudo era muito novo e fascinante, mas Kim estava com sono. Eles chamaram alguns homens à tenda: um deles era, sem dúvida, o coronel, como seu pai profetizara. Eles lhe fizeram um sem-fim de perguntas, sobretudo sobre a mulher que cuidava dele, e Kim respondeu a todas com honestidade. Eles pareciam pensar que a mulher não fosse uma boa guardiã.

Essa era, afinal, sua aventura mais recente. Cedo ou tarde, quando quisesse, poderia escapar de volta para a gigantesca Índia, cinzenta e sem forma, que se estendia muito além das tendas de padres e coronéis. Enquanto isso, se os *sahibs* queriam se impressionar, ele faria o melhor para impressioná-los. Afinal, ele também era um homem branco.

Depois de muita conversa que ele não conseguiu compreender, entregaram-no a um sargento com claras instruções de não deixá-lo escapar. O regimento seguiria até Ambala, e Kim seria enviado, parte

à custa da Loja Maçônica e parte por meio de doações, para um lugar chamado Sanawar.

— É um milagre maior do que podemos compreender, coronel — disse o padre Victor, depois de falar sem parar por dez minutos. — O amigo budista de Kim se foi depois de anotar meu nome e endereço. Não consigo adivinhar se ele planeja pagar pela educação do garoto ou se está preparando algum feitiço por conta própria. — Então se virou para Kim: — Você um dia será grato ao seu amigo, o Touro Vermelho. Nós o transformaremos em um homem em Sanawar, mesmo que para isso tenhamos que transformá-lo em um protestante.

— Certamente, certamente — completou Bennett.

— Mas vocês não irão a Sanawar — disse Kim.

— Ah, nós iremos, rapazinho. São ordens do comandante, que manda muito mais do que o filho de O'Hara.

— Vocês não irão a Sanawar, irão à Guerra.

Todos na tenda riram.

— Quando souber um pouco mais sobre seu regimento, não vai confundir o grupamento de marcha com o de batalha, Kim. Esperamos ir "à guerra" algum dia.

— Ah, já sei tudo sobre isso. — Kim decidiu arriscar outra vez. Se eles não iriam à guerra, então não sabiam sobre a conversa na varanda de Ambala.

— Sei que não estão em guerra agora, mas *lhes* digo que, assim que chegarem a Ambala, serão enviados para a guerra, a nova guerra. É uma guerra de oito mil homens, além das armas.

— Aí já é demais. Por acaso a profecia é um dos seus dons? Leve-o, sargento. Pegue uma roupa para ele no armazém e cuide para que não fuja. Quem disse que o tempo dos milagres acabou? Acho que vou dormir. Minha pobre cabeça está exausta.

Meia hora depois, Kim estava do outro lado do acampamento, quieto como um animal selvagem. Tomara banho e usava uma roupa terrivelmente áspera, que pinicava seus braços e pernas.

— Um jovenzinho impressionante — comentou o sargento. — Ele apareceu acompanhado por um sacerdote brâmane que carregava uma escudela e tinha a cabeça amarela, carregando o certificado do

pai no pescoço, falando sabe Deus o quê sobre um Touro Vermelho. O brâmane desapareceu sem explicações, e o menino se sentou de pernas cruzadas na cama do capelão, profetizando uma guerra sangrenta para os homens ao redor. A Índia é uma terra selvagem para os tementes a Deus. Amarrarei sua perna a um pau da tenda, para o caso de tentar escapar pelo telhado. O que você disse sobre a guerra garoto?

— Oito mil homens, além das armas — respondeu Kim. — Em breve, você verá.

— Você é um demoniozinho reconfortante. Deite-se entre os tambores e tire uma soneca. Esses dois garotos vigiarão seu sono.

6

Lembro-me agora dos meus camaradas —
Velhos colegas em mares recentes —
Negociando então ouro-pimenta
Entre aqueles selvagens —
Faz trinta anos, mil léguas ao sul —
Não conheciam o nobre Valdez
Mas conheciam-me, e eles me amavam.

“Canção de Diego Valdez”

Na manhã seguinte, bem cedo, as tendas foram desarmadas, e os Mavericks tomaram a estrada para Ambala. Ela não passava perto do *parao*, e Kim, apertado em um dos carros de bagagens e sendo alvo dos comentários das mulheres dos soldados, não sentia a mesma segurança da noite anterior. Ele descobriu que era vigiado de perto, de um lado, pelo padre Victor, e, do outro, pelo Sr. Bennett.

Pouco antes do meio-dia, a coluna interrompeu a marcha. Um mensageiro montado em um camelo trazia uma carta para o coronel, que a leu e foi conversar com um major. A menos de um quilômetro, na retaguarda, Kim ouviu a gritaria rouca e exultante que atravessou a grossa nuvem de poeira até ele. Sentiu alguém bater em suas costas, exclamando:

— Conte-nos como você sabia, seu filho do capeta! Meu caro padre, veja se consegue fazê-lo falar.

Um cavalo passou ao seu lado, e o menino foi jogado para a sela do padre.

— Veja, meu filho, sua profecia de ontem à noite se concretizou. Temos ordens de seguir amanhã para Ambala, rumo ao front.

— O que é isso? — perguntou Kim, para quem o termo era novidade.

— Vamos para “a guerra”, como você disse.

— É claro que vão. Eu disse que iam, ontem à noite.

— Sim, disse. Mas, pelo poder das Trevas, como você sabia disso?

Os olhos de Kim brilharam. Ele fez silêncio, assentiu com a cabeça e fitou o nada. O capelão continuou avançando entre a poeira e os soldados, enquanto sargentos e subalternos conversavam entre si sobre o garoto. No início da coluna, o coronel observou-o com curiosidade.

— Provavelmente ouviu algum boato no bazar — pressupôs. — Mas, mesmo assim... — Ele voltou a atenção ao papel em suas mãos. — Impressionante, isso só foi decidido nas últimas 48 horas.

— Existem muitos outros como você pela Índia? — perguntou o padre Victor. — Ou você é um *lusus naturae*, uma aberração da natureza?

— Agora que você sabe — respondeu o menino —, posso voltar para o meu mestre? Tenho medo de que ele morra, caso não tenha ficado com a mulher de Kulu.

— Pelo que vi, ele é tão capaz de cuidar de si mesmo quanto você. Não. Você nos trouxe sorte, e nós vamos transformá-lo em um homem. Vou levá-lo de volta até o carro das bagagens e você virá me ver esta noite.

Pelo resto do dia, Kim foi objeto de ilustre respeito entre algumas centenas de homens brancos. A história de como aparecera no acampamento, a descoberta da identidade de seu pai e sua profecia foram recontadas em detalhes. Uma mulher branca enorme e disforme, deitada em uma pilha de colchões, perguntou, misteriosa, se Kim sabia se seu marido voltaria da guerra. Kim refletiu com seriedade e disse que sim, então a mulher lhe deu comida. Em muitos aspectos, a procissão — que tocava música de tempos em tempos, tagarelando e rindo com facilidade — lembrava um festival em Lahore. Até então não havia sinal de trabalho duro, e ele decidiu juntar-se ao espetáculo. À noitinha, bandas de música foram ao seu encontro, tocando enquanto o regimento levantava acampamento, próximo à ferrovia de Ambala. Foi uma noite interessante, com homens de outros regimentos visitando os Mavericks e os próprios Mavericks indo fazer visitas. Alguns piquetes saíam para trazê-los de volta e encontravam soldados de outros regimentos realizando a

mesma função. Depois de um tempo, as cornetas soaram bem altas, para que outros piquetes, acompanhados de oficiais, fossem conter o tumulto. Os Mavericks tinham de estar à altura de sua reputação de regimento vivaz. Na manhã seguinte, entretanto, chegaram à plataforma, em formação perfeita. E Kim, deixado para trás com os doentes, as mulheres e as crianças, viu-se gritando um efusivo adeus enquanto os trens partiam. Viver como um *sahib* fora divertido até o momento, mas ele preferia agir de forma cautelosa.

Kim foi deixado sob a supervisão de um jovem tocador de tambor no quartel vazio e caiado de branco, com pisos cobertos de lixo, barbante e papel, cujo teto fazia ecoar o som de seus passos solitários. Tal qual os nativos da região, ele se encolheu em um catre listrado e dormiu. Um homem irritado entrou batendo os pés, acordou-o e se apresentou como mestre. Aquilo foi demais para Kim, que se enfiou de novo entre as cobertas. Ele já era capaz de decifrar todos os avisos da Polícia de Lahore, porque afetavam seu bem-estar. Entre os vários convidados da mulher que tomava conta dele, houvera um alemão excêntrico que pintava os cenários de um teatro parse itinerante. Ele dissera a Kim que estivera nas barricadas em 1848, portanto poderia ensiná-lo a escrever em troca de comida — pelo menos foi o que o menino entendeu. Kim aprendera as letras do alfabeto, mas não gostava muito delas.

— Eu não sei nada! Vá embora! — respondeu Kim, sentindo que o desconhecido não tinha boas intenções. O homem agarrou sua orelha e o arrastou até uma sala onde uns dez garotos tocadores de tambor estavam sentados em fileiras e disse a ele que ficasse quieto caso não conseguisse fazer mais nada. Essa missão Kim cumpriu com sucesso. O homem explicou uma coisa ou outra enquanto traçava linhas brancas em um quadro-negro por pelo menos meia hora, e Kim continuou sua soneca. Ele não estava nada feliz com a situação, pois era justamente aquele tipo de escola e disciplina que passara os últimos dois terços da vida evitando. De repente, uma ótima ideia lhe ocorreu, e ele se perguntou por que não pensara naquilo antes.

O homem os dispensou, e Kim foi o primeiro a sair pela varanda para aproveitar o sol.

— Ei, você! Alto lá! Pare! — Uma voz se fez ouvir logo atrás dele.
— Tenho que vigiar você. Recebi ordens para não perdê-lo de vista. Aonde está indo?

Era o tocador de tambor que estivera por perto durante toda a manhã, um jovem gordo e sardento de mais ou menos 14 anos, a quem Kim odiava da sola dos sapatos até o topo do quepe.

— Ao bazar... comprar doces para você — mentiu Kim, depois de pensar.

— Nada disso! O bazar fica fora dos limites. Se você for até lá, nós dois levaremos bronca. Volte.

— Qual o mais perto que podemos chegar? — Kim não sabia o significado de limites, mas queria ser bem-educado, pelo menos por enquanto.

— O mais perto? O mais longe, você quer dizer! Só podemos ir até aquela árvore na estrada.

— Então, vou até ela.

— Certo. Está quente demais para mim, vou ficar vigiando daqui. Não vale a pena tentar fugir, eles vão encontrar você rapidinho por causa do uniforme. Usando as coisas do regimento, não há um piquete em Ambala que não o traria de volta assim que você conseguisse fugir.

Essas palavras preocuparam Kim muito menos do que a certeza de que seu traje o deixaria cansado caso tentasse correr. Ele andou cabisbaixo até a árvore na esquina de uma estrada de terra que levava até o bazar e ficou observando os nativos passarem. A maioria era serviçal do quartel, da mais baixa casta. Kim cumprimentou um varredor, que retrucou com uma insolência desnecessária, crendo, naturalmente, que um garoto europeu não conseguiria entendê-lo. A resposta baixa e rápida não enganou Kim, que adorou a oportunidade de insultar alguém na língua que conhecia melhor. Depois, disse:

— Agora, diga ao primeiro escriba que encontrar no bazar para vir aqui. Quero escrever uma carta.

— Mas... que tipo de filho de homem branco é você, que precisa de um escriba do bazar? Não tem um mestre no quartel?

— Sim, e o inferno está cheio deles. Faça o que mandei, seu... seu *od*, seu varredor! Sua mãe se casou sob uma cesta! Seu servo de Lal Beg (Kim conhecia o deus dos varredores), vá logo tratar disso ou vai se ver comigo.

O varredor saiu em disparada.

— Há um garoto branco perto do quartel, esperando sob uma árvore, que não é um garoto branco — gaguejou, dirigindo-se ao primeiro escriba que encontrou. — Ele precisa de você.

— Ele vai pagar? — perguntou o escriba garboso, recolhendo a mesa, a caneta e a cera.

— Não sei. Ele não é como os outros, vá até lá vê-lo, vale a pena.

Kim se remexia, impaciente, quando o jovem e magro *kayeth* apareceu. Assim que o escriba chegou perto, Kim despejou sobre ele uma torrente de palavrões.

— Primeiro quero meu pagamento — disse o escriba —, e os xingamentos fizeram o preço subir. Mas quem é você, vestido desse jeito e falando dessa maneira?

— Ahá! Isso será explicado na carta que vai me escrever. Nunca houve uma história como essa... Mas não tenho pressa, qualquer escriba há de servir. Ambala é cheia deles, assim como Lahore.

— Quatro anás — cobrou o escriba, sentando-se e abrindo seu tapete à sombra de uma ala deserta do quartel.

Kim agachou-se ao seu lado de forma automática, como só os nativos fazem, apesar de suas calças coladas.

O escriba o olhou de esguelha.

— Esse é o preço para os *sahibs* — disse o menino. — Qual é o preço de verdade?

— Um aná e meio. Como vou saber se você não vai fugir depois que eu escrever a carta?

— Não posso ir além desta árvore... e também tem o preço do selo.

— Eu não recebo comissão pelo selo. Mas quero saber: que tipo de garoto branco é você?

— Isso será explicado na carta, que é para Mahbub Ali, o negociante de cavalos no *serai* da Caxemira, em Lahore. Ele é meu amigo.

— Inacreditável! — murmurou o escriba, molhando a pena no tinteiro. — É para escrever em hindi?

— Certamente. Para Mahbub Ali, então. Vou começar! *Peguei o trem com o velho até Ambala, então entreguei as notícias do pedigree da égua baia.* — Depois do que vira no jardim, Kim não falaria sobre cavalos brancos.

— Mais devagar. O que uma égua baia tem a ver...? É para Mahbub Ali, o grande negociante?

— Quem mais? Eu trabalhei para ele. Agora pegue mais tinta. Mais um pouco. *Fiz o que me foi pedido, depois seguimos a pé para Benares. Mas, no terceiro dia, encontramos um regimento.* Escreveu?

— Sim, *pulton*^{25}. — murmurou o escriba, todo ouvidos.

— *Entrei no acampamento e fui pego. Por causa do amuleto em meu pescoço, que você conhece, descobriram que eu era o filho de alguém de lá, como dizia a profecia do Touro Vermelho, já bem conhecida no nosso bazar.*

Kim esperou que o coração do escriba se acalmasse depois dessa flechada. Então, limpou a garganta e continuou:

— *Um padre me vestiu e me deu outro nome. O outro padre, no entanto, era um tolo. As roupas são muito pesadas, mas sou um sahib, e meu coração também está pesado. Eles me fazem ir à escola e me batem. Não gosto do ar nem da água daqui. Venha me ajudar, Mahbub Ali, ou me mande algum dinheiro, pois não tenho o bastante nem para pagar o homem que escreveu esta carta.*

— “Que escreveu esta carta.” É minha culpa ter sido enganado: você é tão esperto quanto Husain Bux, que falsificou os selos do Tesouro em Nucklao.^{26} Mas que história, que história! Por acaso é verdade?

— Não é bom negócio mentir para Mahbub Ali. É muito melhor ajudar seus amigos emprestando um selo. Prometo pagar quando o dinheiro chegar.

O escriba resmungou com desconfiança, mas pegou um selo da mesa e colocou-o na carta. Depois, entregou-a a Kim e partiu. Mahbub Ali era um nome poderoso em Ambala.

— É assim que se ganha vantagens com os deuses! — gritou Kim para o homem.

— Me pague o dobro quando chegar o dinheiro! — gritou o homem, em resposta.

— Sobre o que você estava conversando com aquele preto? — perguntou o jovem tocador de tambor quando Kim voltou à varanda.

— Eu estava vigiando.

— Só estava conversando com ele.

— Você fala a língua dos pretos, não é?

— Nada disso, nada disso... só sei um pouquinho. O que faremos agora?

— A corneta vai soar nos chamando para o jantar daqui a pouco. Meu Deus! Queria ter ido para o front com o regimento. É horrível não fazer nada além de estudar por aqui. Você não odeia?

— Odeio!

— Eu fugiria se soubesse para onde ir, mas é como dizem: nesta maldita Índia você não passa de um prisioneiro. Não pode desertar sem ser encontrado e levado de volta na mesma hora. Estou cansado disso!

— Você já esteve na Inglaterra?

— Minha mãe me trouxe com as últimas tropas. É claro que *já estive* na Inglaterra! Que mendigo ignorante você é! Você cresceu na sarjeta, não foi?

— Ah, sim. Fale mais sobre a Inglaterra. Meu pai veio de lá.

Embora não admitisse, Kim obviamente não acreditou em uma palavra do rapaz sobre o subúrbio de Liverpool, que ficava na Inglaterra. A conversa serviu para passar o tempo até o jantar, uma refeição nada apetitosa servida aos garotos e a alguns inválidos nos cantos de um dos aposentos do quartel. Se não tivesse escrito a Mahbub Ali, Kim se sentiria deprimido. Estava acostumado à indiferença das multidões nativas, mas a enorme solidão entre os homens brancos o consumia. Ele se sentiu agradecido quando, durante a tarde, um soldado mais velho o levou até o padre Victor, que vivia em outra ala, para além do terreno poeirento dos quartéis. O padre estava lendo uma carta em inglês, escrita em tinta roxa. Ele encarou Kim, mais curioso do que nunca.

— E o que achou até agora, meu filho? Não gostou muito, não é? Deve ser difícil, muito difícil, para um animal selvagem. Ouça: recebi uma missiva maravilhosa de seu amigo.

— Onde ele está? Ele está bem? Ah, se ele consegue escrever cartas, está tudo bem!

— Você gosta dele, então?

— *Claro* que gosto. E ele gostava de mim.

— Parece que gostava mesmo. Ele não sabe escrever em inglês, não é mesmo?

— Ah, não. Não que eu saiba, mas ele *obviamente* encontrou um escriba que escreve em inglês muito bem, então escreveu. Espero que você consiga entendê-la.

— Isso explica... Você sabe alguma coisa sobre a situação financeira dele? — O rosto de Kim mostrou logo que não.

— Como posso saber?

— É o que estou perguntando. Ouça com atenção, se conseguir entender. Vou pular a primeira parte... veio da estrada de Jagadhir... *“Sentado à beira do caminho, em profunda meditação, confio que serei favorecido com sua aprovação nesta ideia que foi recomendada por Vossa Excelência para cumprir a vontade do Deus Onipotente. A educação é a maior das bênçãos, quando de qualidade. Se não for, de nada vale.”* Minha nossa! O homem acertou na mosca! *“Se Vossa Excelência me permitir dar ao meu garoto a melhor educação Xavier...”* Creio que ele esteja falando da Escola de São Xavier, em Partibus. *“... de acordo com o que conversamos em sua tenda, em 15 do corrente...”* Ele demonstra educação comercial! *“... então que o Grande Deus abençoe Vossa Excelência até a terceira e quarta gerações. Peço que...”* Ouça! *“... confie neste humilde servo para a remessa de 300 rupias por ano para cobrir os custos da cara educação na Escola de São Xavier, Lucknow, e conceda-me um pequeno prazo para a remessa do dinheiro, que será enviada a qualquer lugar da Índia endereçado por Vossa Excelência. Este humilde servo não tem, no presente momento, lugar para repousar a cabeça, mas prossegue para Benares de trem para fugir da perseguição de uma velha senhora que fala demais, por não estar*

ansioso em ficar em Saharanpur em uma situação doméstica." O que será que isso quer dizer?

— Ela deve ter pedido a ele para ser seu *puro*, seu clérigo, em Saharanpur, *acredito*. Ele não vai aceitar por causa do Rio. E ela fala muito mesmo.

— Então, você compreende? Para mim é um pouco confuso. *"Então, sigo para Benares, onde encontrarei o endereço e remeterei rupias para o garoto que é a menina dos olhos, e que o Deus Onipotente permita-lhe uma boa educação, pelo que este suplicante, como o dever obriga, rezará incessantemente. Escrito por Sobrao Satai, candidato reprovado à Universidade de Allahabad, para o Venerável lama Teshoo, sacerdote de Suchzen em busca de um rio, endereçado ao Templo de Tirthankaras, Benares. P.S.: Por favor, lembre-se de que o garoto é a menina dos olhos, e as rupias serão enviadas com regularidade, trezentas por ano. Em nome do Deus Onipotente."* Então, isso é um devaneio de um louco ou uma proposta de negócios? Eu lhe pergunto porque realmente não sei.

— Ele disse que vai me dar trezentas rupias por ano, não? Então é o que fará.

— Ah, é o que você acha, então?

— *Claro* que é, se ele disse.

O padre assobiou, então se dirigiu a Kim como a um igual.

— Eu não acredito, mas veremos. Você parte hoje para o Orfanato Militar em Sanawar, onde o regimento vai mantê-lo até atingir a idade de se alistar. Você será criado seguindo a doutrina da Igreja da Inglaterra, Bennett cuidou disso. Por outro lado, se você for para São Xavier, terá uma educação melhor e... vai aprender a religião. Você entende o meu dilema?

Kim nada via, tinha na mente apenas a imagem do lama indo para o sul de trem, sem ninguém para mendigar por ele.

— Bem, como a maioria das pessoas faria, adiarei a decisão. Se o seu amigo mandar dinheiro de Benares... Mas, pelas forças das Trevas, como é que um mendigo vai juntar trezentas rupias? Bem, até lá você vai para Lucknow à minha custa, pois não posso usar o dinheiro do regimento se quiser fazer de você um católico, como pretendo. Se ele não mandar, você irá para o Orfanato Militar à custa

do regimento. Vou dar a ele um prazo de três dias, embora eu realmente não acredite que o dinheiro chegará. E ainda pode acontecer de ele não mandar nos anos seguintes... mas isso não está em minhas mãos. Neste mundo, só podemos dar um passo de cada vez, graças a Deus! E eles enviaram Bennett para o front e me deixaram para trás... Bem, ele não pode cuidar de tudo sozinho.

— Ah, claro... — murmurou o menino, sem prestar atenção.

O padre se inclinou para a frente.

— Eu daria o salário de um mês para descobrir o que se passa nessa sua cabecinha redonda.

— Nada — respondeu Kim, coçando a cabeça. Ele estava pensando se por acaso Mahbub Ali enviara ao menos uma rupia. Então, poderia pagar o escriba e mandar uma carta para o lama, em Benares. Talvez Mahbub Ali o visitasse da próxima vez que fosse ao sul com seus cavalos. Certamente ele sabia que a carta que Kim entregara ao oficial em Ambala deflagrara a grande guerra que garotos e homens discutiram em alto e bom som nas mesas de jantar do quartel. Mas, se Mahbub Ali não soubesse, seria muito perigoso contar a ele. Mahbub Ali era duro com garotos que sabiam muito, ou que pensavam saber.

— Bem, até termos mais notícias — disse o padre Victor, interrompendo seus pensamentos —, você pode ir e brincar com os outros meninos. Eles vão lhe ensinar muito, mas acho que você não vai gostar.

O dia se arrastou. Quando Kim quis dormir, foram lhe ensinar a dobrar suas roupas e cuidar das botas, enquanto os outros garotos zombavam dele. Ao raiar do sol, soaram as cornetas. O mestre o encontrou depois do café da manhã, enfiou uma página com caracteres sem sentido debaixo de seu nariz, deu a elas nomes sem sentido e bateu em Kim sem qualquer razão aparente. O menino considerou envenená-lo com ópio afanado de um zelador dos alojamentos, mas refletiu que, como todos comiam à mesa em público (uma peculiaridade revoltante para Kim, que preferia dar as costas para qualquer plateia durante as refeições), poderia ser perigoso. Ele, então, tentou fugir para a vila onde o sacerdote tentara drogar o lama, aquela em que vivia o veterano. Mas

sentinelas que tudo viam e surgiam de todos os cantos escoltaram de volta a figura escarlate. As calças e as jaquetas pinicavam tanto a mente quanto o corpo, então ele abandonou a ideia e passou a contar, à maneira oriental, com o tempo e a sorte. Passaram-se três dias de tormento nas grandes salas brancas. Ele passeava durante as tardes, escoltado pelo jovem tocador de tambor, e tudo o que ouvia de seus companheiros eram as poucas palavras inúteis que pareciam constituir as ofensas dos homens brancos. Kim conhecia e desprezava todas havia muito tempo. O jovem acompanhante se ressentia de seu silêncio e sua falta de interesse e batia nele, como de hábito. Não ligava para os bazares que estavam dentro dos limites e chamava todos os nativos de “pretos”. Os serviçais e faxineiros, por sua vez, dirigiam-se a ele com xingamentos terríveis que, iludido pelo tom cortês, não era capaz de entender. De certa forma, isso consolava Kim pelas surras.

Na manhã do quarto dia, um castigo caiu sobre o jovem do tambor: eles haviam saído juntos na direção da pista de corrida de Ambala, e ele voltou sozinho, choramingando, com notícias de que o pequeno O’Hara, a quem nada fizera, parara um preto de barba ruiva montado em um cavalo. O preto lhe dera várias chicotadas bem doloridas e levara O’Hara embora na garupa. A notícia logo chegou ao padre Victor, que ficou boquiaberto: ele já estava bastante surpreso pela carta que recebera do Templo de Tirthankaras, em Benares, com uma nota promissória de 300 rupias e uma maravilhosa oração ao Deus Todo-Poderoso. O lama teria ficado muito mais incomodado do que o padre se soubesse como o escriba do bazar traduzira sua expressão “acumular mérito”.

— Pelas forças das Trevas! — O padre Victor examinava o papel que tinha em mãos. — E justo agora ele some com um de seus amigos *peep o’ days*.^{27} Não sei se ficarei mais aliviado de encontrá-lo ou se nunca mais puser os olhos nele; este menino está além da minha compreensão. Como diabos — sim, *diabos!* — pode um mendigo arrecadar tanto dinheiro para a educação de um menino branco?

A quase 5 quilômetros dali, na pista de corrida de Ambala, Mahbub Ali montava um cavalo cinzento de Cabul, com Kim sentado à sua frente, e dizia:

— Mas, Amiguinho de Todos, também precisamos considerar a *minha* honra e reputação. Todos os oficiais *sahibs*, em todos os regimentos e em toda Ambala, conhecem Mahbub Ali. A multidão me viu pôr você em minha garupa e chicotear aquele garoto. Podem nos ver muito além desta colina... Como posso levá-lo embora, ou explicar seu desaparecimento, caso o deixe fugir pelas plantações? Eles me prenderiam! Seja paciente. Uma vez *sahib*, sempre *sahib*. Quem sabe, quando se tornar homem, você me agradeça por isso.

— Me leve para além das sentinelas, onde eu possa tirar esta roupa vermelha. Me dê algum dinheiro, e eu vou para Benares encontrar meu lama. Eu não quero ser um *sahib*, e não esqueça que entreguei aquela mensagem.

O cavalo empinou de forma selvagem. Sem querer, Mahbub Ali havia fincado nele a ponta dos estribos. (Ele não era um daqueles vendedores de cavalos modernos que usam botas e esporas inglesas.) Kim tirou suas próprias conclusões daquela traição.

— Era uma coisa sem importância, aquela mensagem, ficava no caminho para Benares. Eu e o *sahib* nem pensamos mais nisso. Mando tantas cartas e mensagens para homens com dúvidas sobre cavalos que já nem distingo uma da outra. Por acaso era sobre uma égua baia cujo pedigree o *sahib* Peters queria?

Kim viu a armadilha. Se ele dissesse égua baia, Mahbub saberia na hora que o garoto suspeitava de algo. Então, respondeu:

— Égua baia, não. *Eu* não esqueço minhas mensagens, era um cavalo branco.

— Ah, sim, é verdade. Um cavalo branco árabe. Mas na carta você escreveu égua baia.

— Quem se importa com o que um escriba põe no papel? — perguntou Kim, sentindo a palma da mão de Mahbub sobre seu coração.

— Ei, Mahbub Ali, seu velhote! Espere aí! — chamou uma voz, e um inglês montado em um cavalo de polo foi na direção deles. —

Procurei você por metade do país! Gostei desse seu Kabuli...^{28} está à venda?

— Estou para receber um potro que parece ter sido enviado pelo céu, perfeito para um jogo delicado e difícil como o polo. Não há igual a ele...

— Já sei, já sei: joga polo e serve a mesa. Mas que diabos você tem aí?

— Um garoto — respondeu Mahbub, gravemente. — Estava apanhando de outro garoto. Seu pai foi um soldado na grande guerra, e o menino é de Lahore. Ele brincava com meus cavalos quando era pequeno. Agora, acho que farão dele um soldado. Foi capturado pelo regimento de seu pai, que partiu para a guerra semana passada, mas acho que ele não quer ser soldado. Decidi levá-lo para dar um passeio. Diga onde ficam os alojamentos que o levo de volta.

— Não precisa, eu consigo encontrar o quartel sozinho.

— E se fugir? Vão pôr a culpa em mim.

— Ele vai voltar para o jantar. Para onde mais iria? — perguntou o inglês.

— Ele é nativo da Índia, tem amigos. Vai aonde quer, é um *chabuk sawai*, um menino esperto. Só precisa mudar as roupas e, num piscar de olhos, vai parecer um garoto hindu de baixa casta.

— Iria droga nenhuma! — O inglês analisou o garoto enquanto Mahbub seguia para o quartel. Kim rangeu os dentes. Mahbub estava zombando dele, como fazem os afegãos sem fé, pois continuou dizendo:

— Vão mandá-lo para uma escola, calçarão botas pesadas em seus pés e o manterão nessas roupas. Então, ele esquecerá tudo o que sabe. Agora, qual dos alojamentos é o seu?

Kim apontou, pois não conseguia falar, para a ala do padre Victor, que era ali perto.

— Talvez ele dê um bom soldado — refletiu Mahbub. — Pelo menos, dará um bom ordenança. Uma vez, mandei-o entregar uma mensagem de Lahore sobre o pedigree de um cavalo branco...

Mahbub ainda colocava sal na ferida, e o *sahib* a quem Kim tão engenhosamente entregara a carta que havia desencadeado a guerra ouviu tudo. Kim desejou que Mahbub Ali ardesse em chamas pela traição, pois em seu futuro havia apenas um enorme quartel, escolas e mais quartel. Olhou suplicante para o rosto sem barba no qual não havia sequer sinal de reconhecimento, mas, mesmo naquelas circunstâncias extremas, não lhe ocorreu se pôr à mercê do homem branco ou denunciar o afegão. Mahbub encarou o inglês abertamente, que, por sua vez, encarou Kim abertamente, que tremia e não conseguia dizer uma palavra.

— Meus cavalos são bem-treinados — disse o negociante. — Outros teriam dado coices, *sahib*.

— Ah — disse o inglês, por fim, esfregando o pescoço branco do cavalo suado com o cabo do chicote. — Quem quer transformar o menino em soldado?

— Segundo ele, o regimento que o encontrou, em especial o *sahib*-padre.

— Ali está o padre! — Kim engasgou ao ver o padre Victor, de cabeça descoberta, saindo da varanda e indo em direção a eles.

— Pelas forças das Trevas, O'Hara! Quantos outros amigos estranhos você tem pela Ásia? — gritou o padre, enquanto Kim descia do cavalo e se punha à sua frente, impotente.

— Bom dia, padre — saudou o inglês, alegremente. — Conheço bem sua reputação, já era hora de vir aqui para uma visita. O meu nome é Creighton.

— Do Serviço Etnológico? — perguntou o padre Victor. O inglês assentiu. — Céus, é um prazer conhecê-lo, então. E estou agradecido por ter trazido o garoto de volta.

— Não me agradeça, padre. Além disso, o menino não estava fugindo. Você não conhece o velho Mahbub Ali. — O negociante de cavalos aguardava impassível ao sol. — Conhecerá quando passar um mês na estação: ele nos vende boatos. Esse garoto é muito curioso... pode me contar mais sobre ele?

— *Eu*, contar algo a você? — Padre Victor riu. — Pois você é justamente o homem que pode me ajudar nesse enigma! E, pelas forças das Trevas, como eu preciso de ajuda!

Um cavaliço surgiu na esquina. O coronel Creighton levantou a voz, falando em urdu:

— Muito bom, Mahbub Ali, mas de que adianta contar todas essas histórias sobre o cavalo? Não vou dar mais do que 350 rupias!

— O *sahib* ficou um pouco transtornado depois de cavalgar — replicou o negociante de cavalos, com malícia experiente. — Acho que, quando se acalmar, verá as vantagens do meu cavalo com mais clareza. Vou esperar debaixo daquela árvore até que tenha terminado sua conversa com o padre.

— Mas que diabos! — O coronel riu. — É nisso que dá olhar para um dos cavalos de Mahbub, esse sanguessuga. Pode esperar, Mahbub, se não está com pressa. Agora, estou a seu serviço, padre. Epa, cadê o garoto? Ah, ele foi ali conversar com Mahbub. É um menino meio estranho. Posso tomar a liberdade de pedir que leve a minha égua até um lugar com sombra?

Ele se sentou em uma cadeira de onde podia observar Kim e Mahbub Ali conversando sob a árvore. O padre entrou para pegar alguns charutos.

Creighton ouviu Kim dizer, com amargura:

— Confie mais em um brâmane do que em uma cobra; mais em uma cobra do que em uma cortesã; e mais em uma cortesã do que em um pachtun, Mahbub Ali.

— É tudo a mesma coisa — respondeu o homem da grande barba ruiva, em tom solene. — As crianças não deviam julgar um tapete no tear até que esteja pronto. Acredite em mim, Amiguinho de Todos, estou lhe fazendo um grande favor. Eles não vão transformá-lo em soldado.

“Seu velhote desavergonhado!”, pensou Creighton. “Mas até que não está errado. O garoto não deve ser desperdiçado, se for tudo o que dizem ser.”

— Aguarde só mais um momento, por favor — gritou o padre, de algum lugar lá dentro —, estou pegando os documentos referentes ao caso.

— Se graças a mim o coronel *sahib* passar a olhá-lo com admiração e você receber grandes honras, como agradecerá a Mahbub Ali, quando for um homem?

— Nada disso! Eu implorei para que me deixasse tomar a Estrada, onde eu estaria a salvo, mas você me vendeu de volta aos ingleses. Qual vai ser seu pagamento sujo?

— Você é mesmo um diabinho! — O coronel mordeu seu charuto e se virou educadamente para o padre Victor.

— O que são as cartas que o padre gordo está mostrando ao coronel? Fique atrás do cavalo como se estivesse olhando para as rédeas! — instruiu Mahbub Ali.

— Uma carta do meu lama, que veio da estrada de Jagadhi, dizendo que ele pagará 300 rupias por ano pela minha educação.

— Uau! O velho do Chapéu Vermelho?! Em que escola?

— Só Deus sabe. Acho que Nucklao.

— Sim, há uma grande escola lá para os filhos dos *sahibs* e meio-*sahibs*. Já vi quando fui à cidade vender cavalos. Então, o lama se afeiçoou ao Amiguinho de Todos?

— Sim. E ele não mentiu para mim nem me levou de volta ao cativoiro.

— Não me admira o padre não conseguir desvendar o mistério, olhe como fala rápido com o coronel *sahib*! — Mahbub Ali riu. — Por Alá! — Os olhos atentos examinaram a varanda por um instante. — O lama enviou o que me parece ser uma nota promissória. Fiz muitos negócios com esses pedacinhos de papel. O coronel *sahib* está examinando.

— De que me adianta? — respondeu Kim, cansado. — Você vai embora, e eu serei obrigado a voltar àqueles quartos vazios onde não há um bom lugar para dormir e os garotos me batem.

— Acho que isso não vai acontecer. Tenha paciência, criança. Nem todos os pachtun são infiéis, a não ser os cavalos.

Cinco, dez, quinze minutos se passaram, e padre Victor falava de maneira enérgica ou fazia perguntas, as quais o coronel respondia.

— Agora já contei tudo o que sei do garoto, do início ao fim, e é um alívio para mim, uma bênção. Já ouviu história parecida?

— De qualquer forma, o velho mandou o dinheiro: as notas promissórias de Gobind Sahai valem daqui até a China — respondeu o coronel. — Quanto mais conheço os nativos, menos consigo dizer o que farão ou deixarão de fazer.

— Está aí uma ideia consoladora do chefe do Serviço Etnológico. É um embolado de Touros Vermelhos, Rios de Cura (pobre pagão, que Deus o ajude!), notas promissórias e certificados maçônicos... Por acaso o senhor é maçom?

— Por Júpiter! Sou! Acabei de me lembrar. Portanto, mais uma razão.. — disse o coronel, distraído.

— Fico feliz que veja razão nisso tudo. Mas, como eu disse, essa mistura de acontecimentos está além da minha compreensão. E ele profetizou ao nosso coronel, sentado em meu catre, com a camisa rasgada, mostrando a pele branca. E a profecia se concretizou! Eles vão curar todas essas besteiras na São Xavier, não é?

— Jogue água benta nele! — O coronel riu.

— Já tive vontade, juro! Mas tenho esperanças de que ele cresça como um bom católico. O que me incomoda é o que acontecerá se o velho mendigo...

— Lama, ele é um lama, meu bom padre. E muitos deles são reverenciados em seus países.

— O que acontecerá se o lama, então, não pagar no ano que vem. Ele é um bom homem de negócios para planejar as coisas no momento, mas vai morrer algum dia. E aceitar dinheiro pagão para dar uma educação cristã a uma criança...

— Mas ele deixou claro o que queria. Assim que soube que o garoto era branco, fez seus arranjos de acordo. Daria o salário de um mês para ouvi-lo explicar isso no Templo de Tirthankaras, em Benares. Padre, não digo que sei muito sobre os nativos, mas, se ele diz que vai pagar, é porque vai. Morto ou vivo. Quer dizer, seus herdeiros assumirão a dívida. Aconselho que o senhor envie o garoto a Lucknow, e, se o capelão anglicano pensar que você lhe passou a perna...

— Azar do Bennett! Ele foi enviado ao front no meu lugar, Doughty disse que minha saúde não permitia... Vou excomungá-lo se ele voltar vivo! Certamente Bennett ficará satisfeito com...

— A glória, deixando a religião para você. Exatamente! Na verdade, acho que Bennett não se incomodará. Ponha a culpa em mim. Eu, bem... recomendo fortemente que o garoto vá para São Xavier. Ele pode entrar como órfão de soldado, e economizaremos o

dinheiro do trem. E você pode comprar o uniforme com os fundos do regimento. A Loja Maçônica será poupada de arcar com a educação dele, o que a deixará satisfeita. É bem fácil. Preciso ir a Lucknow semana que vem, posso cuidar do garoto no caminho... Vou deixá-lo sob os cuidados dos meus servos.

— Você é um bom homem.

— Não sou mesmo, não se engane. O lama nos enviou o dinheiro para um fim, e não podemos devolver, então devemos fazer o que foi pedido. Bem, está decidido, não é mesmo? Vamos ver... Na próxima terça-feira o senhor pode levá-lo até mim, no trem noturno para o sul? São apenas três dias, ele não vai criar muitos problemas em três dias...

— É um peso que sai das minhas costas, mas... e isso aqui? Não conheço Gobind Sahai ou seu banco, que pode muito bem ser um buraco na parede.

— Vejo que nunca foi um subalterno com dívidas, padre. Posso sacar, se quiser, e enviarei o dinheiro com tudo em ordem.

— Mas com todo o seu trabalho! É pedir dema...

— Não é incômodo algum. Sabe, como etnólogo, eu me interesso por assuntos como este. Adoraria colocar o caso em um de meus relatórios... A transformação da insígnia de um regimento, como o Touro Vermelho, em uma espécie de ídolo do garoto é muito interessante.

— Bem, não sei como agradecer.

— Tem uma coisa que você pode fazer. Todos nós, etnólogos, somos muito ciumentos a respeito de nossas descobertas. Coisas assim só interessam a nós, é claro, mas você sabe como são os colecionadores de livros. Bem, não diga uma palavra, direta ou indiretamente, sobre o lado asiático do menino, suas aventuras, sua profecia, e por aí vai. Mais tarde hei de expulsá-las do garoto, se é que me entende.

— Entendo. E o senhor fará um relatório admirável. Não direi uma palavra para ninguém até que o veja impresso.

— Obrigado, isso acalma meu coração de etnólogo. Bem, devo voltar ao meu café da manhã. Meu Deus, o velho Mahbub ainda está

aqui? — Ele levantou a voz, e o negociante de cavalos saiu da sombra da árvore. — Bem, o que foi?

— Sobre aquele potro... — começou Mahbub. — Acho que, quando um cavalo nasce para ser cavalo de polo, perseguindo a bola antes mesmo de ser ensinado, quando esse potro sabe as regras do jogo por natureza... então, acho que é um crime mandá-lo para a carroça, *sahib!*

— Concordo, Mahbub. O potro será usado apenas no polo. (Esses camaradas não pensam em nada além de cavalos, padre.) Vejo você amanhã, Mahbub, se tiver algo parecido para vender.

O negociante despediu-se, acenando como um cavaleiro.

— Tenha paciência, Amiguinho de Todos — sussurrou Mahbub para Kim, contrariado. — Sua sorte está lançada. Em pouco tempo, partirá para Nucklao e... bem, tome isso para pagar o escriba. Devo vê-lo muitas outras vezes, creio eu. — E ele se foi, galopando pela estrada.

— Ouça-me — disse o coronel da varanda, falando a língua local. — Em três dias você irá comigo para Lucknow, vendo e ouvindo coisas novas o tempo todo. Então, sente-se por três dias e não fuja. Você vai para a escola em Lucknow.

— E lá encontrarei Sua Santidade? — choramingou Kim.

— Pelo menos, lá é mais perto de Benares do que Ambala. E pode ser que você fique lá sob minha proteção. Mahbub Ali sabe disso e ficará com raiva se você voltar para a Estrada agora. Lembre-se, muito me foi dito, e eu não esqueço.

— Vou esperar — respondeu Kim —, mas os garotos vão me bater. E a corneta soou, anunciando o jantar.

7

Para quem se equilibram esses sóis tão fecundos
Com luas tolas e astros que ocultam outros astros?
Desliza entre isso tudo — tua vinda passa muda.
Os Céus têm suas guerras no alto e a Terra,
embaixo.
Herdeiro do tumulto, da agitação, do espanto
(Ligado aos teus pecados, de teus pais, de Adão);
Perscruta teu horóscopo e dize para mim:
Que planeta redime ou deturpa teu destino?
“Sir John Christie”

À tarde, o mestre de rosto corado disse a Kim que ele fora “dispensado da força”, o que não fez sentido para o menino até lhe mandarem sair e brincar. Então, correu para o bazar e encontrou o jovem escriba a quem devia um selo.

— Aqui está o pagamento — disse Kim com ar majestoso —, mas agora tenho outra carta a ser escrita.

— Mahbub Ali está em Ambala — disse o escriba, de modo jovial. Ele era, em virtude de seu ofício, um verdadeiro balcão de desinformações gerais.

— Não é para Mahbub, é para um sacerdote. Pegue sua pena e escreva depressa. *Para o lama Teshoo, Sua Santidade de Bhotiyal^[29] à procura de um rio, que está agora no Templo de Tirthankaras, em Benares. Pegue mais tinta! Em três dias, devo ir para a escola em Nucklao. A escola se chama São Xavier. Não sei onde fica a escola, mas fica em Nucklao.*

— Mas eu conheço Nucklao — interrompeu o escriba. — Conheço a escola.

— Diga a ele onde fica. Pago meio aná.

O cálcamo deslizou sobre o papel rapidamente.

— Ele não tem como errar. — O homem levantou a cabeça. — Quem é aquele nos espionando do outro lado da rua?

Kim olhou imediatamente para onde o homem apontava e viu o coronel Creighton em trajes de tenista.

— Ah, é um *sahib* que conhece o padre gordo do quartel. Ele está me chamando.

— O que você estava fazendo? — perguntou o coronel quando Kim se aproximou.

— Eu... eu não estou fugindo. Só queria enviar uma carta para Sua Santidade, em Benares.

— Não tinha pensado nisso. Você disse que o levarei a Lucknow?

— Não, não disse. Leia a carta, se duvida de mim.

— E por que o meu nome ficou de fora da carta para Sua Santidade? — O coronel sorriu de forma estranha. Kim se encheu de coragem e respondeu:

— Uma vez me disseram que não é certo escrever o nome de estranhos envolvidos em algum assunto, pois citar nomes acaba atrapalhando muitos bons planos.

— Ensinaram-lhe bem — respondeu o coronel, deixando Kim corado. — Meu estojo de charutos está na varanda do padre. Leve-o até minha casa hoje à noite.

— Onde fica sua casa? — perguntou Kim. Seu raciocínio rápido lhe indicou que estava, de alguma forma, sendo testado, e o menino ficou alerta.

— Pergunte a qualquer um no grande bazar. — O coronel seguiu seu caminho.

— Ele esqueceu o estojo de charutos — disse Kim, ao voltar para perto do escriba. — Disse para eu levá-lo até sua casa hoje à noite. Minha mensagem acaba aí, mas acrescente três vezes: *Vá me buscar! Vá me buscar! Vá me buscar!* Agora, vou pagar pelo selo e colocar a carta no correio. — Ele se levantou e, pensando melhor, perguntou: — Quem é esse *sahib* com cara de bravo que perdeu o estojo de charutos?

— Ah, é só o *sahib* Creighton, um *sahib* muito tolo. É um coronel *sahib* sem regimento.

— E o que ele faz?

— Só Deus sabe. Está sempre comprando cavalos que não consegue montar e fazendo perguntas enigmáticas sobre as obras de Deus: as plantas, as pedras e os costumes do povo. Os vendedores o chamam de pai dos tolos, pois é muito fácil de enganar quando compra cavalos. Mahbub Ali diz que ele é mais maluco que os outros *sahibs*.

— Ah! — respondeu Kim e partiu. A experiência lhe ensinara um pouco sobre a personalidade dos homens, e ele ponderou que não se dão aos tolos informações que possam levar à convocação de oito mil homens mais as suas armas. O Comandante Supremo de toda a Índia não falaria com tolos, e Kim o vira falar com o coronel. E Mahbub Ali não pronunciaria seu nome da maneira que fez se o *sahib* fosse um tolo. Isso animou Kim, pois ali havia algum mistério, e Mahbub Ali provavelmente espionava para o coronel, assim como Kim havia espionado para Mahbub. E, tal qual o negociante de cavalos, o coronel evidentemente respeitava as pessoas que não deixavam transparecer sua inteligência.

Kim ficou contente por não ter demonstrado que sabia onde ficava a casa do coronel. Quando voltou ao quartel e descobriu que nenhum estojo de charutos fora esquecido, sorriu encantado: o coronel era dos seus, um homem dissimulado e dúbio, com segundas intenções. Bem, se ele era um tolo, então Kim também era.

O menino não deixou transparecer seus pensamentos quando o padre Victor, durante três longas manhãs, falou sobre deuses e semideuses inteiramente desconhecidos. Falou em especial de uma deusa chamada Maria, que ele imaginou ser equivalente à Bibi Miriam da fé de Mahbub Ali. Não esboçou qualquer emoção quando, após a aula, o padre Victor o arrastou de loja em loja para comprar roupas, nem reclamou quando outros garotos do tambor, invejosos, lhe deram chutes porque estava indo para uma escola melhor. Em vez disso, aguardou os desdobramentos de sua situação com ansiedade. O padre Victor, que era um bom homem, levou-o à estação e o colocou em um vagão desocupado da segunda classe, vizinho ao do coronel Creighton, que viajava na primeira classe, e despediu-se dele com uma tristeza genuína.

— Eles farão de você um homem na São Xavier, O'Hara. Um homem branco e, espero, um bom homem. Eles sabem sobre a sua chegada, e o coronel cuidará para que você não se perca ou vá parar em outro lugar. Já lhe dei noções de religião, pelo menos assim espero, e você vai se lembrar, quando lhe perguntarem sua religião, de que é católico. Melhor dizer católico romano, embora eu não goste muito desse termo.

Kim acendeu um cigarro (ele fora cuidadoso e comprara uma boa reserva no bazar) e deitou-se para pensar. A viagem solitária era muito diferente daquela alegre jornada com o lama na terceira classe. "Os *sahibs* não sabem se divertir em viagens", refletiu.

"*Hai mai!* Vou pulando de um lugar a outro como uma bola. É o meu *Kismet*, e ninguém pode escapar de seu *Kismet*. Mas devo rezar para Bibi Miriam, eu sou um *sahib*." Ele olhou para as botas com pesar. "Não, eu sou Kim. O mundo é grande, e eu sou apenas Kim. Quem é Kim?" Ele pensou em sua própria identidade, algo que jamais fizera, até a cabeça doer. Ele era mais um, alguém insignificante no intenso turbilhão da Índia, indo para o sul em direção a um destino desconhecido.

O coronel logo mandou que o chamassem. Da longa conversa que tiveram, Kim compreendeu que deveria aplicar-se em seus estudos para entrar no Serviço Topográfico como agrimensor. Se ele se saísse bem e passasse nas provas, ganharia 30 rupias por mês aos 17 anos, e o coronel Creighton lhe arranjaría um emprego adequado.

A princípio, Kim fingiu entender, talvez, uma a cada três palavras da conversa. Então, o coronel, percebendo seu erro, passou a falar em um urdu fluente e rico, para alívio do garoto. Tolo, o coronel? Um tolo não conheceria tão bem a língua nativa, não se moveria de maneira tão sutil e silenciosa nem teria olhos tão diferentes dos olhos grandes e sem brilho dos outros *sahibs*.

— Sim, e você precisa aprender a retratar estradas, montanhas e rios, e a guardar essas imagens na memória até o momento adequado de passá-las para o papel. Talvez um dia, quando você for agrimensor e estivermos trabalhando juntos, eu chegue a dizer: "Atravesse as montanhas e veja o que há além delas." E alguém

dirá: “Há pessoas más que vivem nessas colinas e que matarão o agrimensur se o acharem parecido com um *sahib*.” E então?

Kim pensou. Não sabia o que deveria dizer.

— Eu lhe contaria o que ouvi dessa pessoa.

— Mas e se eu respondesse “Darei a você 100 rupias para saber o que há atrás daquelas montanhas e quero que me traga um desenho de um rio ou informações sobre o que dizem as pessoas das aldeias”?

— Como posso saber? Sou apenas um menino. Espere até que eu seja um homem. — Então, vendo o cenho franzido do coronel, continuou: — Mas acho que eu conseguiria ganhar as 100 rupias em poucos dias.

— Como?

Kim negou com a cabeça, decidido.

— Se eu disser como iria ganhá-las, outro homem pode ouvir e passar a minha frente. Não é bom dar conhecimento a troco de nada.

— Diga. — O coronel mostrou uma rupia. A mão de Kim se mexeu para pegá-la, mas ele se conteve.

— Não, *sahib*, não. Eu sei o preço da resposta, mas não sei a razão da pergunta.

— Bem, então, aceite isso como um presente — concluiu Creighton, jogando a rupia para ele. — Você tem um bom espírito, não deixe que ele se apague na São Xavier. Há muitos meninos lá que desprezam os negros.

— As mães deles eram mulheres de bazar — respondeu Kim. Ele sabia muito bem que não há ódio como o que o mestiço sente por seus cunhados.

— Verdade, mas você é um *sahib* e é filho de um *sahib*. Portanto, não se deixe ser levado a desprezar os negros. Conheci meninos recém-aceitos no serviço do governo que fingiam não entender a conversa ou os costumes dos homens negros. O pagamento deles foi cortado pela ignorância: não há pecado maior que a ignorância, lembre-se disso.

Várias vezes, no decorrer das longas 24 horas de viagem para o sul, o coronel chamou Kim, sempre aprofundando a conversa

anterior.

“Somos todos elos da mesma corrente, então”, concluiu Kim, finalmente. “O coronel, Mahbub Ali e eu, quando virar agrimensor. Vou trabalhar para ele como fiz para Mahbub Ali. É bom, eu acho, se eu puder voltar à estrada. Mesmo com o uso, esta roupa não fica mais confortável.”

Quando chegaram à estação lotada de Lucknow, não havia sinal do lama. Ele engoliu o desapontamento enquanto o coronel o colocava em um *ticca-gharri*, uma carruagem, com seus pertences e despachava-o sozinho para São Xavier.

— Não digo adeus, pois nos encontraremos outra vez! — gritou. — Outra vez, e muitas outras, se você tiver um bom espírito. Mas você ainda não foi testado.

— Nem quando entreguei a você — rebateu Kim, atrevendo-se a usar o *tum* do urdu, falando de igual para igual — o pedigree de um cavalo branco, naquela noite?

— Esquecer rende muitos frutos, irmãozinho — respondeu o coronel, com um olhar que perfurou as omoplatas de Kim enquanto o menino se dirigia à carruagem.

Ele levou quase cinco minutos para se recuperar. Então, respirou os novos ares, e aprovou.

— Uma cidade rica — comentou. — Mais rica do que Lahore. Os bazares devem ser muito bons! Cocheiro, leve-me para ver os bazares daqui.

— Minha ordem é levá-lo à escola. — O cocheiro usou o tratamento informal, uma grosseria quando um nativo se dirigia a um homem branco. Kim indicou seu erro na língua local, de modo claro e fluente, em seguida, passou para o assento do cocheiro e, já que se entendiam perfeitamente, dirigiu por algumas horas, conjecturando, comparando e apreciando. Não há cidade (com exceção de Bombaim, a rainha de todas) mais bonita e exuberante do que Lucknow, quando vista da ponte sobre o rio ou do topo da torre Imambara, que dão para as praças douradas do Chutter Munzil e as árvores que cercam a cidade. Reis a enfeitaram com edifícios fantásticos, dotaram-na de instituições de caridade, encheram-na de pensionistas e a encharcaram de sangue. Ela é o centro de toda a

preguiça, intriga e luxo, e, como Délhi, tem a fama de falar o melhor e mais puro urdu.

— Uma cidade belíssima. — O cocheiro, que era de Lucknow, ficou feliz com o elogio e contou a Kim muitas histórias surpreendentes, enquanto um guia inglês teria falado apenas sobre a Revolta.

— Agora, vamos para a escola — disse Kim, finalmente. A grande e antiga Escola de São Xavier, em *Partibus*, com diversos prédios baixos e brancos, ficava em um vasto terreno diante do rio Gumti, um pouco afastada da cidade.

— Como são as pessoas de lá? — perguntou Kim.

— São jovens *sahibs*, todos uns demônios. Para falar a verdade, eu levo e trago muitos deles da estação de trem, e nunca vi um que parecesse mais endiabrado do que você, o jovem *sahib* que transporto agora.

Já que nunca foi ensinado a julgar tal comportamento impróprio, Kim passara parte do dia com algumas senhoras frívolas que vira nas janelas de uma certa rua, e saiu-se bem na troca de elogios. Ele estava prestes a rebater a última insolência do cocheiro quando seus olhos — já estava anoitecendo — perceberam alguém sentado perto de um dos portões brancos do longo muro.

— Pare! — gritou. — Pare aqui. Não vou para a escola ainda.

— Mas quem vai me pagar para ficar indo e vindo? — retorquiu o cocheiro, rabugento. — Ficou maluco? A última vez foi uma dançarina, e agora é um sacerdote!

Kim chegara ao fim da estrada e dava tapinhas nos pés empoeirados sob a túnica amarela suja do lama.

— Estou esperando aqui há um dia e meio — disse o *yogi*, muito calmo. — Não, eu tinha um discípulo comigo. Meu amigo no Templo dos Tirthankaras me deu um guia para esta viagem. Eu estava no *te-rém* saído de Benares quando recebi sua carta. Sim, estou bem-alimentado. Não preciso de nada.

— Mas por que você não ficou com a velha de Kulu, Vossa Santidade? Como chegou a Benares? Meu coração ficou pesado desde que nos separamos.

— A mulher me cansou os ouvidos com seu falatório e os pedidos de feitiços para crianças nascerem. Eu a deixei, permitindo que

acumulasse mérito por meio de doações. Pelo menos é uma mulher mão-aberta, e prometi voltar à sua casa se houvesse necessidade. Então, vendo-me sozinho neste mundo grande e terrível, refleti durante a viagem de *te-rém* para Benares, onde eu conhecia um monge do Templo dos Tirthankaras que, assim como eu, estava em uma Busca.

— Ah! Seu Rio! — disse Kim. — Eu tinha me esquecido do Rio.

— Já, meu *chela*? Eu nunca o esqueci. Mas, quando parti, achei melhor ir ao Templo em busca de conselhos. A Índia é muito grande, e pode ser que sábios antes de nós, dois ou três talvez, tenham deixado algum registro do local do nosso Rio. Há um debate no Templo dos Tirthankaras sobre esse assunto, cada um diz uma coisa. É um povo gentil.

— Que seja. Mas o que você está fazendo agora?

— Acumulo méritos por ajudá-lo a encontrar sabedoria, meu *chela*. O sacerdote daquele grupo de homens que servem ao Touro Vermelho me escreveu, dizendo que você receberá tudo o que pedi que tivesse. Mande dinheiro suficiente para um ano e depois vim, para vê-lo cruzar os Portões do Conhecimento. Esperei um dia e meio, não motivado por meu afeto a você, pois isso não é parte do Caminho, mas porque, como disseram no Templo dos Tirthankaras, como enviei o dinheiro para a sua educação, por isso preciso supervisionar a conclusão do caso. Eles esclareceram bem minhas dúvidas. Temi que, talvez, tivesse vindo aqui porque queria vê-lo, desviado pela Névoa Vermelha da afeição. Mas não é bem assim... Além disso, estou preocupado com um sonho.

— Mas, certamente, Vossa Santidade, você não se esqueceu de tudo o que se passou na Estrada. Sem dúvida, você veio, pelo menos um pouco, para me ver, não foi?

— Os cavalos estão com frio e já passou da hora de comerem — lamentou-se o cocheiro.

— Vá para o *Jahannam*^{30} e fique lá com a sua tia infame! — rosnou Kim por cima do ombro. — Estou sozinho nesta terra, não sei aonde vou nem o que vai me acontecer. Derramei meu coração

naquela carta que lhe enviei. Exceto por Mahbub Ali, que é um pachtun, Vossa Santidade é meu único amigo. Não me abandone!

— Também refleti sobre isso — respondeu o lama, com a voz trêmula. — É necessário que, de vez em quando, eu acumule mérito, antes de encontrar o meu Rio. Assim o farei, certificando-me de que você esteja trilhando o Caminho do Conhecimento. O que eles ensinarão a você eu não sei, mas o sacerdote me escreveu dizendo que nenhum filho de *sahib*, em toda a Índia, terá educação melhor que a sua. Então, de tempos em tempos, eu voltarei. Talvez você se torne um *sahib* como aquele que me deu estes óculos — disse o lama, limpando-os com cuidado — na Casa das Maravilhas em Lahore. Essa é a minha esperança, pois ele era uma Fonte de Sabedoria, mais sábio do que muitos abades... Novamente, talvez você venha a se esquecer de mim e de nossos encontros.

— Se estou comendo o pão que Vossa Santidade me dá, como poderia esquecê-lo? — perguntou Kim, comovido.

— Não... não. — Ele afastou o garoto. — Devo voltar a Benares. De tempos em tempos, agora que conheço os costumes dos escribas desta terra, enviarei uma carta; e, de tempos em tempos, virei visitá-lo.

— Mas para onde eu devo enviar minhas cartas? — lamentou-se Kim, agarrando a túnica do lama e esquecendo-se de que era um *sahib*.

— Para o Templo dos Tirthankaras em Benares. É o lugar que escolhi até encontrar o meu Rio. Não chore. Perceba, todo Desejo é Ilusão, é um novo artifício que nos prende à Roda. Vá até os Portões do Conhecimento. Deixe que eu o veja ir... Você me ama? Então, vá, ou o meu coração vai se partir... Eu voltarei. Com certeza voltarei.

O lama observou o *ticca-gharri* transpor os portões da escola e afastou-se, fungando a cada larga passada.

“Os Portões do Conhecimento” se fecharam com um estrondo.

OS MENINOS NASCIDOS e criados no campo têm maneiras e costumes próprios, que em nada se assemelham aos de qualquer outra terra, e os seus professores os abordam por meios que um mestre inglês não entenderia. Portanto, teriam pouca relevância as

experiências de Kim como aluno da São Xavier, entre duzentos ou trezentos jovens precoces, a maioria dos quais nunca vira o mar. Ele sofreu os castigos normais por ir além dos muros quando a cidade estava tomada pela cólera. Isso foi antes de aprender a escrever decentemente em inglês, sendo obrigado a procurar um escriba no bazar. Ele foi, é claro, punido por fumar e por dizer os mais variados impropérios já ouvidos em São Xavier. Aprendeu a tomar banho com o escrúpulo levítico dos nativos, que, lá no fundo, consideram os ingleses um tanto sujos. Usou suas habituais artimanhas para fazer os pacientes *coolies*^{31} levarem os *punkahs*^{32} para os quartos onde os meninos se agitavam nas noites quentes contando histórias até o amanhecer. E, em segredo, também se comparava aos seus autoconfiantes companheiros.

Havia filhos de funcionários subalternos da ferrovia, dos telégrafos e dos canais; de oficiais de justiça, às vezes aposentados e às vezes atuando como comandantes em chefe de algum exército feudal do rajá; de capitães da Marinha da Índia; de aposentados, agricultores, comerciantes do distrito e missionários. Alguns eram cadetes das antigas famílias da Eurásia com fortes raízes em Dharmatala — Pereira, De Souza e D’Silva. Seus pais poderiam muito bem tê-los educado na Inglaterra, mas adoravam a escola em que haviam estudado; assim, gerações de garotos de pele clara frequentavam a São Xavier.

Eles vinham desde Howrah, dos ferroviários, a regiões de postos militares abandonados, como Monghyr e Chunar; das velhas plantações de chá de Shillong; de aldeias onde seus pais eram grandes proprietários de terras, em Oudh ou Deccan; de missões remotas que ficavam a uma semana de distância da linha de trem mais próxima; de portos a 1.600 quilômetros ao sul, à beira da ruidosa maré indiana; e das plantações de cinchona no extremo sul. O mero relato de suas aventuras a caminho da escola, o que, para eles, não era realmente uma aventura, teria arrepiado os cabelos de um garoto ocidental. Estavam acostumados a percorrer, sozinhos, 160 quilômetros de selva, onde sempre havia a maravilhosa chance de se atrasarem por causa dos tigres; mas a probabilidade de se

banhar no canal da Mancha em um mês de agosto tipicamente inglês era a mesma de seus irmãos do outro lado do mundo permanecerem imóveis enquanto um leopardo farejava seu palanquim.

Havia garotos de 15 anos que passaram um dia e meio em uma ilhota no meio de um rio inundado, tomando conta, como de direito, de um campo de peregrinos apavorados que voltavam de um santuário. Alguns alunos mais velhos haviam requisitado o elefante de um rajá conhecido, em nome de São Francisco Xavier, quando as chuvas destruíram a estrada que levava à propriedade de seu pai, e quase perderam o enorme animal na areia movediça. Havia um garoto que dizia, e ninguém duvidava, que ajudara o pai a afugentar com tiros de rifles, de sua varanda, um ataque da tribo dos akas, na época em que os colecionadores de cabeças tentavam invadir plantações isoladas.

E cada história era contada na voz calma e indiferente dos nativos, pontuada de expressões curiosas, que, sem perceber, os garotos pegavam emprestadas das amas locais e de frases traduzidas do vernáculo ao pé da letra, à medida que falavam. Kim viu, ouviu e aprovou. Não era a conversa insípida e monossilábica dos garotos que tocavam tambor, mas uma vida que ele conhecia e, em parte, compreendia. A atmosfera o agradava, e ele começou a crescer. A escola lhe deu um terno branco de algodão quando o tempo esquentou, e Kim adorou as novas mordomias que vestiam seu corpo, assim como adorava usar a mente aguçada nas tarefas que lhe designavam. Seu raciocínio rápido teria encantado um mestre inglês, mas, na São Xavier, já conheciam o ímpeto inicial das jovens mentes estimuladas pelo sol e pelo ambiente, assim como o colapso parcial que sofriam aos 22 ou 23 anos.

Kim, no entanto, procurou manter-se discreto. Quando trocavam relatos em noites quentes, ele não alardeava suas histórias. A São Xavier não via com bons olhos os garotos que “se tornam nativos por completo”: não deviam esquecer que eram *sahibs* e que algum dia, passados os exames, liderariam os nativos. Kim tomou nota disso, pois começou a entender a que tais exames levariam.

Depois vieram as férias, de agosto a outubro, um longo recesso imposto pelo calor e pelas chuvas. Kim foi informado de que iria para o norte, para algum lugar nas montanhas além de Ambala, e que o padre Victor cuidara dos preparativos.

— Um quartel-escola? — indagou Kim, após fazer muitas perguntas e pensar em diversas outras.

— Sim, acho que sim — respondeu o mestre. — Mantê-lo longe de confusões não vai fazer nenhum mal. Você pode ir com o jovem De Castro até Délhi.

Kim considerou a questão de todos os ângulos possíveis. Ele havia sido aplicado, como aconselhara o coronel. As férias de um garoto pertenciam apenas a ele, conforme as conversas com seus companheiros haviam deixado claro. Um quartel-escola seria um suplício depois da São Xavier. Além disso, agora ele sabia escrever (o que era uma magia de valor inestimável). Em três meses, Kim havia descoberto como os homens podiam se comunicar sem a ajuda de um terceiro, a custo de meio aná e um pouco de conhecimento. Não recebera notícias do lama, mas ainda havia a Estrada. Kim ansiava pela carícia do barro mole espremendo-se entre os dedos dos pés, e sua boca se enchia de água à lembrança do carneiro cozido com manteiga e couve, do arroz salpicado com cardamomos perfumados, do arroz com alho, cebola e um toque de açafrão, e dos gordurosos doces proibidos dos bazares. No quartel-escola, comeria carne crua e teria que fumar escondido. Mas, ele era um *sahib* e estava na São Xavier, e aquele porco do Mahbub Ali... Não, ele não testaria a hospitalidade de Mahbub, mas, mesmo assim... Ele refletiu sozinho no dormitório e chegou à conclusão de que tinha sido injusto com Mahbub.

A escola estava vazia, quase todos os mestres haviam partido. Kim tinha nas mãos o passe ferroviário do coronel Creighton e ficou orgulhoso de si por não ter usado o dinheiro do coronel ou de Mahbub de forma irresponsável: ele ainda possuía 2 rupias e 7 anás. Seu novo baú, marcado com K. O'H., e seu novo saco de dormir estavam jogados em um canto do quarto vazio.

— Os *sahibs* são muito apegados às suas bagagens — disse Kim, balançando a cabeça para os objetos. — Vocês vão ficar aqui. — E

saiu na chuva quente, sorrindo com falsa inocência, procurando por uma casa em cujo exterior havia reparado algum tempo atrás...

— *Arre!* Você não conhece a fama das mulheres no nosso bairro? Ah, que vergonha!

— E por acaso nasci ontem? — Kim se agachou como os nativos sobre as almofadas do cômodo superior. — Só queria um pouco de tinta e três metros de tecido para uma brincadeira. É pedir muito?

— Quem é *ela*? Você é jovem demais, considerando-se que é um *sahib*, para uma diabrura dessas.

— Ah, ela? É a filha do mestre de um regimento. Ele me bateu duas vezes, porque fui visitá-los com estas roupas. Agora eu iria como um filho de jardineiro. Os velhos são muito ciumentos.

— Isso é verdade. Mantenha o rosto parado enquanto eu o pinto.

— Não muito escuro, *naikan*. Ela vai pensar que sou um *hubshi*, um negro.

— Ah, mas o amor não liga para essas coisas. E quantos anos ela tem?

— Doze anos, acho — disse Kim, sem qualquer vergonha. — Espalhe também sobre o peito. Pode ser que o pai dela rasgue as minhas roupas, e, se eu aparecer com duas cores... — Ele riu.

A moça pôs-se a trabalhar, molhando um pedaço de pano em um pires cheio de uma tintura marrom mais resistente do que qualquer extrato de amêndoas.

— Agora mande buscarem um pano para o turbante. Ai de mim, não raspei a cabeça! E ele certamente arrancará o meu turbante.

— Não sou cabeleireira, mas vou dar um jeito. Você nasceu para partir corações! Todo esse disfarce para uma noite? Lembre-se, a tintura não sai com água. — Ela riu tanto que suas pulseiras e tornozeleiras tilintaram. — Mas quem vai me pagar por isso? Nem a própria Huneefa teria feito disfarce melhor.

— Confie nos deuses, minha irmã — disse Kim em tom grave, franzindo a testa enquanto a tinta secava. — Além disso, você já ajudou a pintar um *sahib* assim antes?

— Nunca, de fato. Mas gracejos não são dinheiro.

— Pois valem muito mais.

— Garoto, você é sem dúvida o mais descarado filho de Shaitan^{33} que já conheci, tomando o tempo de uma pobre moça com essa brincadeira e dizendo: “Um gracejo não basta?” Você vai muito longe neste mundo. — Ela fez a saudação das dançarinas, em zombaria.

— Talvez. Ande logo e raspe a minha cabeça. — Os pés de Kim estavam inquietos, e seus olhos brilhavam de felicidade enquanto pensava nos dias de abundância que estavam por vir. Ele deu 4 anás à moça e desceu as escadas com a aparência de um garoto da baixa casta hindu, um disfarce perfeito em todos os detalhes. Sua próxima parada seria um restaurante, onde jantou com toda a pompa e fartura gordurosa.

Na plataforma da estação de Lucknow, ele observou o jovem De Castro, todo coberto de brotoejas, entrar em um compartimento de segunda classe. Kim entrou em um na terceira, e ali se tornou o centro das atenções. Explicou aos demais viajantes que era assistente de um malabarista que o abandonara com febre e que iria encontrar seu mestre em Ambala. Conforme os ocupantes do carro mudavam, ele modificava a história, ou a aumentava com diversos elementos fantasiosos, ainda mais empolgado por finalmente poder usar a língua nativa depois de tanto tempo. Não havia, em toda a Índia, um ser humano mais feliz do que Kim, naquela noite. Em Ambala, ele saltou e dirigiu-se para o leste, chapinhando pelos campos encharcados até a aldeia onde vivia o velho soldado.

Naquele momento, o coronel Creighton, em Simla, recebia um telegrama de Lucknow informando-lhe que o jovem O’Hara desaparecera. Mahbub Ali estava na cidade vendendo cavalos, e o coronel lhe confidenciara o caso enquanto cavalgava certa manhã pelo hipódromo de Annandale.

— Ah, isso não é nada — disse o negociante de cavalos. — Os homens são como cavalos. Às vezes, precisam de sal e, se não há sal nas manjedouras, vão lambê-lo da terra. Ele voltou para a Estrada por um tempo, o *madrissah* o deixou exausto. Eu sabia que isso aconteceria. Da próxima vez, eu mesmo o levarei à Estrada. Não se preocupe, *sahib* Creighton. É como se um cavalo se libertasse e corresse para aprender a jogar polo sozinho.

— Então, você acha que ele está vivo?

— A febre poderia matá-lo. Fora isso, não temo pelo garoto. Um macaco não cai da árvore.

Na manhã seguinte, no mesmo local, o garanhão de Mahbub acompanhou o do coronel.

— Era o que eu pensava — contou o negociante de cavalos. — Ele veio por Ambala, e de lá me escreveu uma carta, após descobrir no bazar que eu estava aqui.

— Leia — pediu o coronel, com um suspiro de alívio. Era absurdo que um homem de sua posição se interessasse por um moleque do interior, mas o coronel se lembrava da conversa no trem, e muitas vezes, nos últimos meses, se vira pensando naquele garoto tão estranho, calado e seguro de si. Sua fuga, é claro, era o cúmulo da insolência, mas também demonstrava astúcia e ousadia.

Os olhos de Mahbub brilharam quando ele parou no centro da pequena planície, de onde ninguém podia chegar perto sem ser visto.

— *O Amigo das Estrelas, que é o Amiguinho de Todos...*

— O que é isso?

— É como o chamamos em Lahore. *O Amiguinho de Todos tomou licença para ir a outros lugares. Ele voltará no dia marcado. Alguém apanhará aí o baú e o saco de dormir e, se algum problema foi causado, que a Mão da Amizade contenha o Chicote da Calamidade.* Ainda tem um resto, mas...

— Não importa, leia.

— *Certas coisas não podem ser compreendidas por aqueles que comem com garfos. É melhor comer com as duas mãos por um tempo. Fale de forma suave àqueles que disso nada entendem, e o retorno será propício.* Bem, pela maneira como foi posto, é, com certeza, trabalho de um escriba, mas veja que o garoto fez tudo de forma tão inteligente que não há qualquer pista do assunto, exceto para aqueles que já sabem a respeito!

— Esta é a Mão da Amizade para conter o Chicote da Calamidade?

— O coronel riu.

— Veja como o menino é sábio. Ele voltaria para a Estrada, como falei. Não sabendo ainda o que o senhor faz...

— Não tenho certeza disso — resmungou o coronel.

— Ele me procurou para que eu os reconcilie. Não é inteligente? Ele diz que vai voltar, está somente aperfeiçoando seu conhecimento. Pense, *sahib*! Ele esteve três meses na escola e não gostou. Sinceramente, fico feliz. O cavalo está aprendendo a jogar.

— Sim, mas da próxima vez ele não deve ficar sozinho.

— Por quê? Ele fez isso, antes de se tornar protegido do coronel *sahib*. Quando vier para o Grande Jogo, deve aparecer sozinho. Uma viagem solitária e arriscada. Se ele cuspir, espirrar ou se sentar diferente das pessoas que observa, pode ser morto. Por que impedi-lo agora? Lembre-se do que dizem os persas: o chacal que vive nas selvas de Mazanderan só pode ser capturado pelos cães de Mazanderan.

— Verdade. É verdade, Mahbub Ali. E, se ele não sofrer nenhum mal, já me darei por satisfeito. Mas é uma grande insolência da parte dele.

— Ele nem sequer me diz aonde vai — disse Mahbub. — Não é bobo. Quando concluir essa empreitada, virá me procurar. É hora de o curador de pérolas cuidar dele. Ele amadurece muito rápido, como dizem os *sahibs*.

A profecia foi cumprida ao pé da letra, um mês depois. Mahbub foi para Ambala levando um novo lote de cavalos, e, ao encontrá-lo cavalgando sozinho na estrada de Kalka ao anoitecer, Kim lhe pediu uma esmola, recebeu um insulto e replicou em inglês. Não havia ninguém por perto para ouvir a exclamação de espanto de Mahbub.

— Mas vejam! Por onde você andou?

— Por aí.

— Saia do molhado! Venha para debaixo de uma árvore e me conte.

— Passei um tempo com um senhor perto de Ambala; depois, fiquei na casa de conhecidos por lá. Com um deles, segui para o sul até Délhi: é uma cidade maravilhosa. Então, levei um boi para um *teli*^{34} na volta para o norte, mas soube de uma festança em Patiala e lá fui eu, na companhia de um fabricante de fogos de artifício. Foi um grande banquete! — Kim esfregou a barriga. — Vi rajás e

elefantes com arreios de ouro e prata. E eles soltaram todos os fogos de artifício de uma só vez, o que acabou matando onze homens, entre eles o fabricante que estava comigo. Fui jogado para o outro lado da barraca, mas não me feriu. Então, voltei para o *rêl* com um cavaleiro sique, a quem servi como cavalaria em troca de pão, e agora estou aqui.

— *Shabash!* — exclamou Mahbub Ali.

— Mas o que diz o coronel *sahib*? Não quero apanhar.

— A Mão da Amizade conteve o Chicote da Calamidade. Mas, da próxima vez, quando você pegar a Estrada, será comigo. É cedo demais.

— Para mim, já foi tarde o suficiente. Aprendi a ler e escrever um pouco de inglês no *madrissah*. Em breve, serei um *sahib* completo.

— Olha só para ele! — Mahbub riu, admirando a pequena figura encharcada que dançava no terreno molhado. — *Salaam... sahib* — disse, saudando-o ironicamente. — Bem, você está cansado da Estrada, ou quer ir para Ambala comigo e trabalhar de novo com os cavalos?

— Vou com você, Mahbub Ali.

8

Devo bastante a esta terra espessa —
E mais ainda à vida preta assim —
Mas sobretudo a Alá que deu a mim
Dois lados separados na cabeça.

Eu viveria sem calçado, peça
De roupa, amigos, fumo ou alimento
Antes de, mesmo que por um momento,
Perder qualquer dos lados da cabeça.

“O homem frente e verso”

— Por Alá, troque esse vermelho por azul! — disse Mahbub, referindo-se às cores hindus do vergonhoso turbante de Kim.

Kim respondeu com um antigo provérbio:

— Trocarei de crença e de cama, desde que você pague.

O negociante riu tanto que quase caiu do cavalo. A troca de turbante foi feita em uma loja nos arredores da cidade, e Kim surgiu parecendo um verdadeiro muçulmano, pelo menos por fora.

Mahbub alugou um quarto perto da estação de trem e mandou trazerem uma apetitosa refeição com doce de amêndoas (chamado de *balushai*), além do fino fumo de Lucknow.

— Isso é melhor do que qualquer carne que já comi com os siques — disse Kim, sorrindo ao se agachar —, e com certeza não servem nada assim no meu *madrissah*.

— Eu gostaria de ouvir mais sobre esse seu *madrissah*. — Mahbub devorava grandes pedaços da carne de carneiro temperada e frita na gordura, com repolho e cebolas caramelizadas. — Mas, antes, diga-me, sem mentir ou omitir, como você fugiu. Pois, ó Amiguinho de Todos — o homem afrouxou o cinto —, acho que não é comum os *sahibs*, ou mesmo os filhos de *sahibs*, escaparem daqui.

— E como poderiam? Eles não conhecem o país! Não foi grande coisa... — Kim começou a contar sua história. Quando chegou à parte do disfarce e da garota do bazar, Mahbub não conseguiu mais se manter sério. Ele riu alto, batendo com a mão na própria perna.

— *Shabash! Shabash!* Muito bem, garotinho! O que será que o curador de turquesas diria? Agora, com calma, conte o que aconteceu depois! Conte-me tudo, não esconda nada.

Kim narrou suas aventuras com todos os pormenores, tossindo sempre que a fumaça perfumada do tabaco entrava em seus pulmões.

— Eu disse... — resmungou Mahbub Ali para si mesmo — eu *disse* que era como um cavalo fugindo para jogar polo. O fruto já está maduro, basta aprender a medir as distâncias e a manter o ritmo, familiarizar-se com os tacos e compassos. Ouça: contive o chicote do coronel, o que foi um favor e tanto.

— Verdade — respondeu Kim, sereno. — Verdade.

— Mas não é para você pensar que essa história de ficar fugindo para lá e para cá está certa.

— Eram as minhas férias, *Hajji*.^{35} Fui escravo por muitas semanas. Por que eu não poderia fugir quando a escola estava fechada? Veja, também, como eu economizei o dinheiro do coronel, vivendo da ajuda de amigos ou trabalhando pelo meu pão, como fiz com os siques.

Os lábios de Mahbub se contorceram sob o bigode muçulmano bem aparado.

— O que são algumas rupias para o coronel *sahib*? — O pachtun fez um gesto de desprezo com a mão. — Ele não gasta por amor a você, de maneira alguma, e sim porque tem um objetivo.

— Disso eu já sabia há muito tempo — respondeu Kim, lentamente.

— Quem lhe contou?

— O próprio coronel. Não com todas as letras, mas de forma clara o suficiente para alguém que não tem lama na cabeça entender. Sim, ele me contou no *te-rém*, quando estávamos indo para Lucknow.

— Que bom. Então, contarei mais, Amiguinho de Todos, embora, ao fazer isso, eu arrisque o meu pescoço.

— Você já arriscou — respondeu Kim, com grande gosto — em Ambala, quando me levou em seu cavalo depois que o tocador de tambor me bateu.

— Seja mais direto. Todo mundo pode contar mentiras, menos eu e você. Pois a sua vida também está em risco se eu escolher levantar este dedo aqui.

— Sei muito bem disso — replicou Kim, mexendo em um pedaço de carvão que saíra do lugar. — Temos um laço bem forte. De fato, seu poder é ainda maior do que o meu, pois quem sentiria falta de um garoto espancado até a morte, ou talvez jogado em um poço pela estrada? Por outro lado, a maioria das pessoas daqui, de Simla e das redondezas, dos vales além das montanhas, se perguntaria o que aconteceu com Mahbub Ali se ele fosse encontrado morto junto a seus cavalos. Com certeza, o coronel *sahib* também faria perguntas. Mas, de qualquer maneira — continuou Kim, com ar astuto —, ele não investigaria por muito tempo, temendo que as pessoas começassem a se perguntar o que aquele coronel *sahib* tinha com o negociante de cavalos. Mas eu, caso sobrevivesse...

— Você morreria, com certeza...

— Talvez. Mas digo que, caso sobrevivesse, eu e somente eu saberia que alguém, como um ladrão comum, fora à noite ao telhado do *serai* para matar Mahbub Ali, antes ou depois de fazer uma busca completa em suas bolsas e entre as solas de suas sandálias. Uma notícia dessas poderia ser contada ao coronel, que responderia (pois ainda me lembro de quando ele me mandou buscar uma caixa de charutos que não havia esquecido): “Quem se importa com Mahbub Ali?”

Uma grande nuvem de fumaça se seguiu. Houve uma longa pausa, e o negociante falou com admiração:

— E, com tudo isso em mente, você ainda dorme e acorda todos os dias no meio dos filhotes de *sahib* no *madrissah* e segue docilmente as instruções de seus mestres?

— É uma ordem — declarou Kim, sem expressão. — Quem sou eu para questionar ordens?

— Um completo filho de Iblis. Mas que história é essa do ladrão e da Busca?

— Foi o que vi na noite em que eu e o lama dormimos perto de você no *serai* da Caxemira. A porta ficou destrancada, o que não me parecia ser um hábito seu, Mahbub. Ele entrou como se estivesse certo de que você demoraria a voltar. Espiei tudo por uma fresta, o homem parecia procurar alguma coisa, mas não um tapete, um estribo, antolhos ou vasos de cobre: algo pequeno e escondido com muito cuidado. Por que outro motivo ele espetaria as solas de suas sandálias com um pedaço de ferro?

— Ah! — Mahbub Ali sorriu gentilmente. — E, vendo tal cena, que história você criou para si, Poço da Verdade?

— Nenhuma. Apenas agarrei meu amuleto, que está sempre junto do meu peito, e, lembrando-se do pedigree de um certo garanhão branco que encontrei ao morder o pão muçulmano, fui embora para Ambala ciente de que uma grande confiança tinha sido depositada em mim. Naquele momento, caso eu quisesse, você perderia o seu pescoço. Bastava que dissesse àquele homem: “Tenho aqui um papel a respeito de um cavalo e não consigo ler.” E, então, quem sabe? — Kim encarou Mahbub.

— Então, você teria bebido água apenas duas ou talvez três vezes depois disso. Acho que não passaria de três — respondeu Mahbub, com simplicidade.

— É verdade. Isso me passou pela cabeça, mas pensei principalmente em como eu o amava, Mahbub. Desse modo, fui para Ambala, como é de seu conhecimento, mas (e esta parte não é de seu conhecimento) fiquei escondido no jardim para ver o que o *sahib* coronel Creighton faria depois de ler sobre o pedigree do garanhão branco.

— E o que ele fez? — indagou Mahbub, pois Kim havia parado de falar.

— Você *dá* informações por amor ou as vende? — perguntou Kim.

— Eu vendo e compro. — Mahbub tirou uma moeda de 4 anás do bolso e a exibiu.

— Oito! — disse Kim, seguindo, sem pensar, o instinto oriental de pechinchar.

Mahbub riu e guardou o dinheiro.

— É muito fácil negociar assim, Amiguinho de Todos. Conte por amor: nossas vidas estão nas mãos um do outro.

— Muito bem. Vi o *Jang-i-Lat sahib* chegando para um grande jantar e ir ao escritório do *sahib* Creighton. Eu vi os dois lerem o pedigree do garanhão branco e ouvi as ordens sendo dadas para que se iniciasse uma grande guerra.

— Ahá! — Mahbub assentiu com a cabeça enquanto seus olhos flamejavam. — O jogo foi bem jogado. Essa guerra já acabou, e o mal, esperamos, foi cortado pela raiz. Graças a mim e a você. E depois?

— Usei as informações para conseguir mantimentos e conquistar o respeito dos camponeses de uma aldeia onde o sacerdote drogou o meu lama. Mas guardei a bolsa do velho, e o brâmane não encontrou nada. Na manhã seguinte, ele estava furioso, haha! E ainda usei a informação quando caí nas mãos daquele regimento branco com o Touro!

— Isso foi estupidez — reprovou Mahbub. — Informação não foi feita para ser jogada como estrume, mas para se usar aos poucos, como o *bhang*.^{36}

— É como eu penso agora, e, além do mais, não me fez nenhum bem. Mas foi há muito tempo. — Ele fez um gesto de indiferença com a mão morena e magra, como se aquilo apagasse tudo. — E, desde então, especialmente nas noites sob o *punkah*, no *madrissah*, refleti muito sobre o assunto.

— Posso ter o prazer de saber aonde o pensamento do Filho do Céu o teria levado? — indagou Mahbub com cortesia sarcástica, alisando a barba ruiva.

— Pode — respondeu Kim, passando a sussurrar. — Dizem em Nucklao que *sahib* nenhum deve admitir a um negro que errou.

A mão de Mahbub foi instintivamente para o bolso, pois chamar um pachtun de negro era uma grave ofensa. Então, ele se lembrou e riu. — Fale, *sahib*. Seu negro escuta.

— Mas — continuou Kim — eu não sou um *sahib*, e admito que errei ao maldizê-lo naquele dia em Ambala, quando julguei ter sido

traído por um pachtun. Eu estava sendo imprudente, pois quase fui pego, e queria matar aquele garoto do tambor de casta baixa. Pois agora digo, *Hajji*, que você fez bem, e vejo claramente que tenho um bom futuro pela frente. Ficarei no *madrissah* até amadurecer.

— Faz bem. Há distâncias, números e compassos para se aprender nesse jogo. Nas montanhas acima, há alguém que vai ensiná-lo a jogar.

— Aceitarei os ensinamentos com uma condição: que eu receba minha liberdade sem questionamentos durante as férias do *madrissah*. Peça isso ao coronel por mim.

— Mas por que não pede você ao coronel na língua dos *sahib*?

— O coronel serve ao governo. Ele é mandado para lá e para cá, seguindo ordens, e precisa pensar no próprio futuro. (Veja só o quanto aprendi em Nucklao!). E mais: eu o conheço há apenas três meses. Conheço um certo Mahbub Ali há seis anos. Então! Ao *madrissah* eu irei, no *madrissah* estudarei. No *madrissah* me tornarei um *sahib*. Mas, durante as férias, devo ser livre para caminhar junto a meu povo. Senão vou morrer!

— E qual é o seu povo, Amiguinho de Todos?

— Esta terra grande e bela — respondeu Kim, gesticulando para indicar a pequena sala de paredes de argila onde a lamparina a óleo queimava, envolta na densa fumaça do tabaco. — Além disso, quero ver meu lama outra vez. E também, preciso de dinheiro.

— Todo mundo precisa — replicou Mahbub, contrariado. — Eu vou lhe dar 8 anás, pois o dinheiro não surge em ferraduras de cavalo, e esse valor deve ser bastante para muitos dias. De resto, estou bem satisfeito, e não há mais o que discutir. Aprenda depressa, e, em três anos, talvez menos, você será de grande ajuda, até mesmo para mim.

— Tenho sido um estorvo pra você até agora? — perguntou Kim, com uma risada infantil.

— Não seja respondão — grunhiu Mahbub. — Você é meu novo cavaliço. Vá dormir entre meus homens. Eles estão perto da ala norte da estação, com os cavalos.

— Eles vão me chutar até o outro lado da estação se eu chegar sozinho.

Mahbub apalpou seu cinto, molhou o polegar em um pouco de nanquim e fez uma marca em um pedaço de papel. De Balkh a Bombaim as pessoas reconheceriam aquela impressão digital com a velha cicatriz em diagonal.

— Basta mostrar isto ao meu encarregado. Volto pela manhã.

— Por qual estrada? — indagou Kim.

— Pela estrada que vem da cidade. Só tem uma, e então encontraremos o *sahib* Creighton. Eu o livrei de uma surra.

— Alá! O que é uma surra quando se corre o risco de ficar sem cabeça?

Kim se esgueirou pela noite, deu meia-volta pela casa, mantendo-se colado às paredes, e seguiu em direção à estação por quase 2 quilômetros. Depois, pegando uma grande bússola, voltou devagar, pois precisava de tempo para inventar uma história se algum dos empregados de Mahbub fizesse perguntas.

Encontrou-os acampados em um terreno baldio ao lado da ferrovia e, como bons nativos, ainda não tinham, é claro, descarregado os animais de Mahbub, que estavam entre outros comprados pela companhia de trens de Bombaim. O encarregado, um muçulmano esfarrapado e de aparência tuberculosa, logo interpelou Kim, mas se acalmou ao ver o papel com a marca de Mahbub.

— O *Hajji* me deu permissão para ficar — disse Kim, petulante. — Se duvida, espere até que ele venha pela manhã. Enquanto isso, quero um lugar perto do fogo.

Seguiu-se o falatório desnecessário dos nativos de baixa casta, típicos dessas ocasiões. Quando o barulho cessou, Kim deitou-se atrás do pequeno grupo de empregados de Mahbub, quase que sob as rodas de um vagão, com um cobertor emprestado para se aquecer. Uma cama entre tijolos e restos de lastro em uma noite úmida, em meio a inúmeros cavalos e *baltis* sujos, não soaria tentadora para muitos garotos brancos, mas Kim estava muito feliz. A mudança de ambiente, costumes e lugar era o ar que respirava, e pensar nos catres brancos da São Xavier enfileirados pelo *punkah* enchia-lhe de uma alegria semelhante a repetir a tabuada em inglês.

“Estou muito velho”, pensou Kim, sonolento. “A cada mês, envelheço um ano. Eu era muito jovem e bastante tolo quando levei a mensagem de Mahbub para Ambala. Mesmo quando estava com aquele regimento branco, ainda era muito jovem, pequeno e sem sabedoria. Mas, agora, aprendo todos os dias, e em três anos o coronel vai me tirar do *madrissah* e vou poder pegar a Estrada com Mahbub, caçando pedigrees de cavalos. Talvez eu vá sozinho, ou então encontre o lama e viaje com ele. Sim, isso seria melhor ainda. Andar outra vez como um *chela*, acompanhando o meu lama quando ele voltar para Benares.”

Os pensamentos vinham mais lentos e desordenados. Ele estava adentrando uma linda terra de sonhos quando seus ouvidos captaram um sussurro fraco e cortante, um pouco acima dos murmúrios das conversas em volta do fogo. O som vinha do vagão dos cavalos.

— Então, ele não está aqui?

— Deve estar em alguma farra na cidade. Quem procura um rato em uma lagoa de sapos? Vamos. Ele não é o nosso homem.

— Ele não pode atravessar as Passagens outra vez. É a ordem.

— Contrate alguma mulher para envenená-lo. Vai custar apenas algumas rupias e não deixa pistas.

— Exceto pela mulher. Tem que ser algo mais certo; lembre-se do preço por sua cabeça.

— Sim, mas a polícia está atenta, e a fronteira é longe. Se ao menos estivéssemos em Peshawar...

— Sim, em Peshawar — disse a segunda voz com ironia. — Peshawar, cheia de gente da laia dele, com vários buracos para se entocar e várias mulheres para ele se esconder debaixo das saias. Sim, Peshawar ou Jahannam daria no mesmo.

— Então qual é o plano?

— Idiota, eu já não disse mil vezes? Espere ele chegar para dormir, então é só dar um tiro certo. Os vagões estão entre nós e os perseguidores. Só precisamos correr até as linhas de trás e seguir o nosso caminho. Nem verã de onde veio o tiro! Espere aqui até o amanhecer: que tipo de faquir é você que treme por causa de uma vigília tão pequena?

“Estão outra vez atrás de Mahbub”, pensou Kim, sem abrir os olhos. “O pedigree de um garanhão branco com certeza não é um bom negócio para se fazer com os *sahibs*! Ou talvez Mahbub esteja vendendo informações para outros. E agora? O que fazer, Kim? Não sei onde Mahbub está passando a noite, e, se ele chegar antes do amanhecer, vão atirar nele! Isso não seria vantajoso para você, Kim. E este não é um caso de polícia. Também não seria vantajoso para Mahbub, e (e quase riu alto ao pensar nisso) não me lembro de nenhuma aula de Nucklao que me ajude agora. Alá! Aqui está Kim e lá estão eles. Primeiro, então, Kim tem que acordar e se levantar, para não levantar suspeitas. Vou acordar de um sonho ruim. Assim...”

Ele jogou o lençol para longe de seu rosto e levantou subitamente com os gritos terríveis, desconexos e sem sentido dos asiáticos acordados por um pesadelo.

— Urr-urr-urr-urr! Ya-la-la-la-la! *Narain!* O *churel!* O *churel!*

Um *churel* é o fantasma particularmente maligno de uma mulher que morreu no parto. Ele assombra estradas solitárias, tem os pés virados para trás, e seu espírito atormenta os homens.

Kim gritou bem alto, até finalmente se pôr de pé e cambalear, sonolento, enquanto o acampamento inteiro o xingava por acordar a todos. Uns vinte metros à frente, ele se abaixou de novo, tomando cuidado para que as figuras afastadas o ouvissem resmungando e grunhindo enquanto se acalmava. Após alguns minutos, esgueirou-se até a estrada e desapareceu na escuridão.

Ele se arrastou de forma rápida e furtiva até encontrar um bueiro, onde se escondeu, ficando só com a cabeça de fora. Dali seria possível observar toda a movimentação noturna sem ser visto.

Duas ou três carroças passaram, sacudindo em direção aos subúrbios, além de um policial que tossia e um ou dois pedestres apressados que cantavam para espantar os maus espíritos. Por fim, ouviu o barulho dos cascos de um cavalo.

“Ah, agora sim deve ser Mahbub”, pensou Kim, quando o animal se esquivou da pequena cabeça acima do bueiro.

— Ei, Mahbub Ali! — sussurrou ele. — Cuidado!

O cavalo empinou, e o negociante o forçou a ir até o bueiro.

— Nunca mais usarei um cavalo com ferradura para um trabalho noturno — resmungou o muçulmano. — Ficam com todos os ossos e unhas da cidade presos nos cascos! — Ele se inclinou e levantou a pata dianteira do animal, ficando a 30 centímetros da cabeça de Kim. — Fique assim, abaixado — murmurou para o garoto. — A noite está cheia de olhos.

— Dois homens atrás dos vagões dos cavalos estão esperando ali. Eles vão atirar em você quando estiver dormindo, porque sua cabeça está a prêmio. Eu os ouvi quando estava deitado perto dos cavalos.

— Você os viu? — sussurrou. — Quietos, Senhor dos Demônios! — exclamou, furioso, para o cavalo.

— Não.

— Um deles se vestia como um faquir?

— Ouvi um deles dizer: “Que tipo de faquir é você que treme por causa de uma vigília tão pequena?”

— Bom. Volte para o acampamento e fique deitado: eu não morrerei esta noite.

Mahbub montou em seu cavalo e desapareceu. Kim fez o caminho pela vala de onde viera, até chegar perto do lugar onde choramingara, rastejou pela estrada e se cobriu com o lençol.

“Ao menos Mahbub sabe”, pensou, aliviado. “E com certeza falou como se já esperasse por isso. Acho que aqueles homens não lucrarão com a vigília desta noite.”

Uma hora mais tarde, apesar do grande esforço para se manter acordado, Kim caiu em sono profundo. Vez ou outra um trem barulhento passava pelos trilhos a seis metros dele; mas o menino possuía a indiferença oriental a ruídos, e o som nem mesmo reverberou em seu sono profundo e sem sonhos.

Mahbub, entretanto, não pregou os olhos. Sentia-se extremamente irritado por aquelas pessoas que não eram de seu povo e que não eram afetadas por seus romances passageiros estarem tentando matá-lo. Seu primeiro impulso natural era de cruzar a linha do trem mais à frente, voltar, e, pegando seus admiradores por trás, exterminá-los sumariamente. Mas naquela área, refletiu com tristeza, outro órgão do governo, sem qualquer relação com o coronel Creighton, poderia exigir explicações que

seriam difíceis de dar. E ele sabia que, ao sul da fronteira, se faria um escarcéu ridículo caso um ou dois cadáveres fossem encontrados. Não havia sido incomodado daquela maneira desde que mandara Kim para Ambala com a mensagem e esperara ter se livrado de todas as suspeitas.

Então, ocorreu-lhe uma ideia brilhante.

“Os ingleses, de fato, sempre dizem a verdade. Assim, neste país, somos sempre feitos de tolos. Por Alá, direi a verdade a um inglês! Para que serve uma polícia governamental se um pobre *homem de Cabul* tem seus cavalos roubados de seus próprios vagões. Este lugar é tão ruim quanto Peshawar! Eu deveria reclamar na estação. Melhor ainda, algum jovem *sahib* deve reclamar na estação! Eles são zelosos, e, se pegarem os ladrões, será uma honra para eles!”

Ele amarrou seu cavalo fora da estação e seguiu até a plataforma.

— Olá, Mahbub Ali — cumprimentou um jovem assistente do superintendente da Divisão de Tráfego, que esperava para inspecionar a linha. Louro e alto, o jovem usava roupas brancas encardidas. — O que você está fazendo aqui? Vendendo ervas, é?

— Não, não: tenho problemas com os meus cavalos. Estou procurando Lutuf Ullah. Estou com um vagão nos trilhos... será que alguém seria capaz de levá-los sem o conhecimento da companhia ferroviária?

— Creio que não, Mahbub. Você pode reclamar conosco se fizerem isso.

— Eu vi dois homens agachados sob as rodas de um dos vagões quase a noite toda. Faquires não roubam cavalos, então nem me preocupei tanto. Mas gostaria de ver Lutuf Ullah, meu sócio.

— Mas que diabos! Você nem se preocupou? Acredite em mim: ainda bem que falou comigo. Como eles eram?

— Eram só uns faquires: não devem levar mais do que alguns grãos de um dos vagões. Há muitos deles pela linha: o Estado não vai sentir falta. Eu vim aqui procurando por meu sócio, Lutuf Ullah.

— Deixe o seu sócio para lá. Onde estão os vagões com os cavalos?

— Um pouco para o lado daquele lugar mais afastado onde eles colocam as lâmpadas para os trens.

— O sinaleiro! Sim!

— Seguindo pelos trilhos, mais perto da estrada pelo lado direito, olhando a partir da linha. Mas quanto a Lutuf Ullah... É um homem alto, com um nariz quebrado, e um cão, da raça saluki...

Mas o rapaz já havia corrido para acordar um policial jovem e motivado; pois, como dissera, a linha vinha sofrendo muito com depredações perto dos pátios. Mahbub Ali riu sob a barba tingida.

“Eles vão chegar com essas botas, fazendo barulho, e depois se perguntarão por que não encontram faquir nenhum. São garotos muito espertos, o *sahib* Barton e o outro.”

Ele aguardou alguns minutos, esperando vê-los passar correndo atrás dos bandidos. Até que uma locomotiva auxiliar deslizou pela estação, e ele viu de relance o jovem Barton no lugar do maquinista.

“Fui injusto com o rapaz: ele não é tolo coisa nenhuma”, pensou Mahbub Ali. “Pegar um trem a vapor para perseguir um ladrão é uma ideia e tanto!”

Ao amanhecer, quando Mahbub Ali voltou ao acampamento, ninguém achou que valia a pena contar as novidades daquela noite. Exceto um jovem cavaleiro, recém-contratado para servir o grande homem, a quem Mahbub chamou à sua pequena tenda para ajudá-lo a arrumar seus pertences.

— Estou sabendo de tudo — sussurrou Kim enquanto arrumava alforjes. — Dois *sahibs* chegaram em um *te-rém*. Fiquei indo e voltando na escuridão perto dos vagões, enquanto o *te-rém* ia e voltava devagar. Eles encontraram dois homens sentados sob um dos vagões... *Hajji*, o que faço com este tabaco? Embrulho em um papel e guardo embaixo da sacola de sal? Certo. Sim, então eles atacaram os homens, mas um deles tinha um chifre e acertou um *sahib* (Kim se referia aos chifres de antílopes usados como armas pelos faquires), e sangue foi derramado. Aí o outro *sahib*, depois de nocautear o primeiro inimigo, acertou o atacante com o revólver que caíra das mãos do outro homem. Pareciam loucos gritando.

Mahbub sorriu com resignação celestial.

— Não! Isto não é bem *dewanee*; ^{37} está mais para *nizamut*. ^{38} Um revólver, é isso mesmo? Vai passar uns bons dez anos na prisão.

— Então, os dois ficaram parados, mas eu acho que estavam quase mortos quando foram postos no *te-rém*: nenhum deles levantava a cabeça. E tem muito sangue na linha. Quer ver?

— Eu já vi sangue antes. Com certeza irão para a cadeia, e com certeza darão nomes falsos e ninguém os encontrará por um bom tempo. Eles não eram meus amigos. Seu destino e o meu estão interligados, Kim. Que história para o curador de pérolas! Agora, rápido com os alforjes e com a chapa de cozinhar: vamos pegar os cavalos e seguir para Simla.

Rapidamente, ou, melhor dizendo, com a rapidez dos orientais — depois de longas explicações, insultos, conversa fiada, descuidos e objetos esquecidos que precisaram ser buscados — a caravana desorganizada levantou acampamento e partiu, conduzindo a meia dúzia de cavalos assustadiços pela estrada de Kalka sob o frescor do orvalho da manhã. Reconhecido como o favorito de Mahbub Ali por todos os que queriam cair nas graças do pachtun, Kim não precisou trabalhar. Seguiram pela via mais fácil, parando a cada poucas horas em abrigos à beira da estrada. Muitos *sahibs* pegavam aquele caminho, e Mahbub Ali dizia que todos os *sahibs* se julgavam capazes de determinar o valor de um cavalo, e, por mais que estivessem em débito com o negociante, agiam como se fossem comprá-lo. Era por isso que, *sahib* após *sahib*, passando nas carruagens, sempre paravam para conversar. Alguns chegavam a descer de seus veículos para sentir as pernas do cavalo, fazendo perguntas idiotas ou, por pura ignorância da língua nativa, insultando muito gravemente o imperturbável negociante. Enquanto Kim enchia o cachimbo de Mahbub, este confidenciou ao menino:

— Quando comecei a fazer negócios com os *sahibs*, na época em que o coronel Soady ainda era governador do Forte Abazai e, por puro despeito, inundava a área dos acampamentos do comissário, eu ainda não sabia como eles eram tolos, e isso me deixava furioso. Então... — E ele contou a Kim uma história que fez o garoto gargalhar, sobre um mal-entendido por conta de determinada expressão. — Mas agora entendo — continuou, enquanto fumava — que eles são como todos os homens: em alguns aspectos são sábios, em outros são completos idiotas. É muita estupidez usar a

palavra errada ao falar com um estrangeiro, ainda que se tenha boas intenções, pois como o outro vai saber? Há grande chance de ele querer esclarecer o assunto puxando uma faca.

— É verdade, é verdade — respondeu Kim, solene. — Há idiotas que falam de gatos quando têm uma mulher em sua cama, por exemplo. Eu já ouvi.

— Assim, em uma situação como a sua, é importante que se lembre disso com suas duas faces. Entre os *sahibs*, sem jamais se esquecer de que você é um deles; e, entre as pessoas da Índia, sempre se lembrando do que você é. — Ele parou de falar, com um sorriso desconcertado.

— O que eu sou? Muçulmano, hindu, jainista ou budista? Essa é uma pergunta difícil.

— Você é, sem sobra de dúvida, um infiel, portanto está condenado. É o que diz a minha Lei, ou o que acho que diz. Mas você também é o Amiguinho de Todos, e eu o amo. É o que diz meu coração. Essa história de crenças é como os cavalos: os inteligentes reconhecem que todos os cavalos são bons, pois todos podem dar lucro. Mas sou um bom sunita e odeio os homens de Tirah; então, eu poderia dizer o mesmo de todas as outras fés. Uma égua de Kathiawar retirada das areias de sua terra natal nada vale se levada para oeste de Bengala, e mesmo um garanhão de Balkh (e não haveria cavalo melhor do que os de Balkh, não fossem os ombros tão largos) perde seu valor nos grandes desertos do Norte, quando comparado aos camelos de neve que lá vi. Por isso, digo em meu coração que as crenças são como os cavalos: cada uma tem valor em seu próprio país.

— Mas o meu lama disse coisas completamente diferentes.

— Ah, ele é um velho sonhador, com sonhos de Bhotiyal. Meu coração está um pouco zangado, Amiguinho de Todos, por você ver tanto valor em alguém que mal conhece.

— Verdade, *Hajji*: mas vejo esse valor nele, e meu coração se ligou a ele.

— E o coração dele se ligou a você, ouvi dizer. Os corações também são como os cavalos: eles vêm e vão, contra freio ou espora. Grite para Gul Sher Khan que é para ele controlar melhor

aquele garanhão, não queremos os cavalos brigando a cada parada para descansar, e aqueles dois estão querendo se enfrentar... Agora escute. Para que seu coração fique contente, você precisa visitar esse lama?

— Sim, preciso — respondeu Kim. — Se eu não o vir, se ele for tirado de mim, vou sair daquele *madrissah* em Nucklao. E, se eu fugir, quem poderia me encontrar?

— É verdade. Nunca vi um potro preso por uma correia tão frouxa quanto a sua — Mahbub concordou com a cabeça.

— Não precisa ter medo — disse Kim, como se fosse capaz de sumir naquele exato momento. — Meu lama disse que iria me visitar no *madrissah*.

— Um pedinte e sua escudela na presença de todos aqueles jovens *sa...*

— Não todos! — exasperou-se Kim. — Muitos têm os olhos azuis e as unhas escuras do sangue das castas baixas. São filhos de faxineiras, cunhados de varredores.

Não havia necessidade de detalhar o restante do pedigree, mas Kim o fez, com calma e clareza, enquanto mascava um pedaço de cana-de-açúcar.

— Amiguinho de Todos — falou Mahbub, passando o cachimbo para que o garoto o limpasse —, eu conheci muitos homens, mulheres e garotos, e não poucos *sahibs*. Mas nunca na vida encontrei alguém tão ardiloso quanto você.

— E por quê? Eu sempre digo a verdade.

— Talvez por isso mesmo: este é um mundo perigoso para um homem honesto. — Mahbub Ali se levantou, ajeitou o cinto e se dirigiu aos cavalos.

— Acha que eu deveria vendê-la?

Algo no tom daquela pergunta fez Mahbub parar e se virar.

— Que nova diabrura você está aprontando?

— Oito anás, e eu lhe conto — respondeu Kim, com um sorriso. — É sobre você.

— Ó *Shaitan!* — exclamou Mahbub, entregando o dinheiro.

— Lembra-se daquela história dos ladrões no escuro, lá em Ambala?

- Já que eles queriam me matar, lembro-me muito bem. Por quê?
- Lembra-se do *serai* da Caxemira?
- Olha que eu torço suas orelhas, *sahib*.
- Não será preciso, pachtun. É só que o segundo faquir, aquele que apanhou dos *sahibs* até desmaiar, era o homem que revirou suas coisas lá em Lahore. Eu vi o rosto dele enquanto o colocavam no vagão: era o mesmo homem.
- Por que não me disse isso antes?
- Ah, ele irá para a cadeia e você ficará a salvo por alguns anos. Não é preciso dizer mais do que o estritamente necessário no momento. Além disso, na hora, eu não precisava de dinheiro para comprar doces.
- *Alá kerim!*^{39} — exclamou Mahbub Ali. — Algum dia você vai vender minha cabeça por alguns doces, se lhe aprouver?

KIM JAMAIS SE esqueceria daquela longa e preguiçosa jornada pela estrada de Kalka e pelos Jardins Pinjore, de Ambala até Simla. Uma enchente repentina na altura do rio Gugger fez com que um cavalo (o mais valioso, claro) fosse levado pela correnteza e quase afogou Kim. Mais à frente, na estrada, os cavalos saíram em debandada ao encontrarem um elefante do governo, e, como o pasto era bom, foi preciso um dia e meio para recuperarem todos. Então, encontraram Sikandar Khan voltando com alguns cavalos velhos, que ninguém mais compraria, remanescentes de uma tropa, e Mahbub, que sabia mais sobre o assunto do que cem Sikandar Khans, precisou comprar dois dos piores, o que levou oito horas de diplomacia pesada e muito tabaco.

Mas tudo foi puro deleite: a estrada errante, as subidas e descidas, o sol da manhã iluminando a neve distante, as fileiras de cactos ramificados nas encostas pedregosas, a voz de milhares de canais, o barulho dos macacos, as fileiras de cedros solenes, com galhos pendentes, a vista das planícies bem distantes, as cornetas de chifre tocando incessantemente e o ímpeto selvagem dos cavalos quando uma *tonga*^{40} despontava em uma curva. Assim como as paradas para oração (Mahbub era muito religioso quando o tempo

permitia), as reuniões à tardinha nos locais de descanso, quando camelos e novilhos ruminavam juntos e os tropeiros traziam notícias da Estrada... Aquilo tudo fazia o coração de Kim bater feliz no peito.

— Mas, quando a dança e a cantoria acabarem — alertou Mahbub Ali —, começa a dança do coronel *sahib*, muito menos divertida.

— Uma linda terra, uma belíssima terra é a Índia, e a Terra dos Cinco Rios é a mais bela de todas! — O menino só faltava cantar. — Voltarei para ela se Mahbub Ali ou o coronel levantarem a mão contra mim. Depois que eu me for, quem me encontraria? Olhe, *Hajji*, é a cidade de Simla? Alá, que cidade!

— O irmão de meu pai, que já era velho na época em que o poço do *sahib* Mackerson era novidade em Peshawar, ainda se lembra de quando havia somente algumas poucas casas ali.

Ele guiou os cavalos pela estrada principal até o bazar da parte baixa de Simla, um labirinto apinhado que vai do vale até a sede administrativa em um ângulo de 45 graus. Um homem que conheça os caminhos dali pode despistar toda a polícia da capital indiana de verão, tamanha a astúcia com que varandas, becos e esconderijos se conectam. Lá vivem os que atendem os desejos da alegre cidade: *jhampanis* — que, à noite, puxam os riquexós de belas damas e depois jogam até o amanhecer —, donos de mercearias, vendedores de óleo, de curiosidades ou de lenha, sacerdotes, punguistas e nativos funcionários do governo. Lá as informações que deveriam ser os segredos mais profundos do Conselho Indiano são discutidas por cortesãs, e lá também se reúnem todos os subagentes de metade dos reinos locais. Lá, também, Mahbub Ali alugou um quarto, muito mais seguro do que sua sacada em Lahore, na casa de um comerciante de gado muçulmano. Além disso, era um lugar de milagres, pois ali entrou, ao anoitecer, um cavaliço muçulmano que uma hora mais tarde saiu como um garoto branco (a tinta da garota de Lucknow era realmente muito boa) em roupas que não lhe caíam muito bem.

— Eu falei com o *sahib* Creighton — informou Mahbub Ali —, e outra vez a Mão da Amizade deteve o Chicote da Calamidade. Ele diz que você já desperdiçou sessenta dias na estrada e que, portanto, é tarde demais para mandá-lo para qualquer escola nas colinas.

— Eu já falei que as minhas férias são só minhas: não vou à escola duas vezes. Isso é parte do acordo.

— O coronel *sahib* ainda não tomou conhecimento desse acordo. Você deverá se instalar na casa do *sahib* Lurgan até chegar a hora de voltar a Nucklao.

— Eu preferiria ficar com você, Mahbub.

— Você não sabe a honra que lhe foi dada: o *sahib* Lurgan pediu especificamente para hospedá-lo. Suba aquela estrada lá no alto da colina e esqueça por um tempo que sequer me conhece ou que falou comigo, Mahbub Ali, que vende cavalos para o *sahib* Creighton. Lembre-se desta ordem.

Kim assentiu.

— Está bem. E quem é esse *sahib* Lurgan? — Ele percebeu o olhar afiado de Mahbub Ali. — Nunca ouvi esse nome. Por acaso ele seria um de nós? — perguntou em voz baixa.

— Que história é essa de *nós, sahib*? — Mahbub Ali falou no tom que usava com europeus. — Eu sou um pachtun; você é um *sahib*, filho de um *sahib*. O *sahib* Lurgan tem uma loja no bairro europeu, toda Simla sabe disso. Pergunte por ele... e, Amiguinho de Todos, você deve obedecer até às piscadelas dele. Dizem que o homem faz mágica, mas isso não deve afetá-lo. Suba pela colina e pergunte. O Grande Jogo vai começar.

9

S'doaks foi filho do sábio Yelth —
Que do clã do corvo era o chefe.
Itswoot, o Urso, o acolheu inteiro
Para torná-lo um curandeiro.

Era veloz, e mais velozmente aprendia —
Maior, e ainda maior em ousadia:
Ele dançava a espantosa Kloo-Kwallie
Para gozar com Itswoot, o Urso, por ali.

“A lenda de Oregon”

Kim se lançou de coração aberto ao próximo giro da Roda do Destino. Ele seria um *sahib* de novo por um tempo. Com isso em mente, procurou por alguém para impressionar assim que chegou à larga estrada que descia a partir da sede administrativa de Simla. Uma criança hindu de uns 10 anos estava agachada sob um poste.

— Onde fica a casa do Sr. Lurgan? — exigiu saber.

— Eu não falo inglês — foi a resposta, e Kim repetiu a pergunta em hindi.

— Eu lhe mostrarei — foi a resposta.

Juntos, eles seguiram pelo crepúsculo misterioso, ouvindo os barulhos da cidade lá embaixo e o som da brisa fresca balançando os cedros do monte Jakko, que se erguia até as estrelas. As luzes das casas, espalhadas pela encosta, davam a impressão de um segundo firmamento. Algumas eram fixas, outras pertenciam aos riquexós dos falantes ingleses que saíam para jantar.

— É aqui — disse o guia de Kim, parando em frente a uma varanda à beira da estrada principal. Nenhuma porta bloqueava sua passagem, mas havia uma cortina de contas que filtrava a luz do interior.

— Aqui está ele — disse o menino, em um tom pouco mais alto que um sussurro, e sumiu. Kim teve certeza de que o garoto estivera lá para guiá-lo, mas, forçando uma expressão destemida, atravessou a cortina. Um homem de barba preta com uma lanterna verde presa à testa estava sentado em uma cadeira e, com mãos pequenas e brancas, pegava glóbulos iluminados de uma bandeja atrás de si, colocando-os em um fio de seda e falando sozinho. Kim percebeu que, para além do círculo de luz, a sala estava cheia de coisas que tinham o odor dos templos orientais. Sentiu um perfume almiscarado, um aroma de sândalo e um leve odor enjoativo de óleo de jasmim.

— Aqui estou — disse Kim, finalmente, falando a língua local. Os cheiros fizeram-no esquecer que deveria ser um *sahib*.

— Setenta e nove, oitenta, oitenta e um — contava o homem para si mesmo, enfiando pérolas no cordão de seda com tamanha rapidez que Kim mal conseguia acompanhar o movimento de seus dedos. Ele empurrou a pequena lanterna presa à testa para cima e olhou fixamente para Kim por trinta segundos. As pupilas de seus olhos se dilatavam e se contraíam, como se o homem as controlasse. Havia um faquir no Portão Taksali que tinha a mesma habilidade e ganhava dinheiro com ela, principalmente ao amaldiçoar mulheres tolas. Kim o observou com interesse: seu amigo de reputação duvidosa também sabia mexer as orelhas, quase como uma cabra, e o menino ficou um pouco desapontado ao ver que o desconhecido não sabia imitá-lo.

— Não tenha medo — disse o *sahib* Lurgan de repente.

— Por que eu teria medo?

— Você vai dormir aqui esta noite e ficará comigo até a hora de voltar para Nucklao. É uma ordem.

— É uma ordem — repetiu Kim. — Mas onde vou dormir?

— Aqui nesta sala. — *Sahib* Lurgan indicou as trevas atrás dele.

— Assim seja — respondeu Kim formalmente. — Agora?

O homem assentiu e ergueu a lanterna acima da cabeça. Quando o fecho verde os iluminou, também revelou, na parede, uma coleção de máscaras tibetanas para danças demoníacas, penduradas logo acima dos trajes bordados usados nos mesmos rituais. Eram

máscaras com chifres, com caretas e expressões do mais puro terror. Em um canto, um guerreiro japonês de armadura e capacete plumado o ameaçava com uma alabarda, e um conjunto de lanças, *khandas* e *kuttars* brilhavam à luz da lanterna. Mas o que mais despertou o interesse de Kim, uma vez que ele já vira máscaras de danças demoníacas no museu de Lahore, foi o garoto hindu de olhos tranquilos que o levara até a porta, sentado de pernas cruzadas sob a mesa das pérolas, com um pequeno sorriso nos lábios vermelhos.

“Eu acho que o *sahib* Lurgan quer me assustar. E tenho certeza de que o moleque dos diabos embaixo da mesa quer me assustar”, pensou Kim.

— Este lugar — comentou ele — é como uma Casa das Maravilhas. Onde fica a minha cama?

O *sahib* Lurgan apontou para uma esteira em um canto perto das máscaras repugnantes, pegou sua lanterna e saiu, deixando a sala no escuro.

— Aquele era o *sahib* Lurgan? — perguntou Kim ao se deitar.

Não houve resposta. Ele ouvia a respiração do menino hindu, contudo, e, guiado pelo som, esgueirou-se pelo piso e deu um murro às cegas, exclamando:

— Responda, demônio! Isso é modo de tratar um *sahib*?

Em meio à escuridão, julgou ter ouvido o eco de uma risada: não poderia vir de seu companheiro fraco, pois este estava chorando. Então, Kim levantou a voz e gritou bem alto:

— *Sahib* Lurgan! *Sahib* Lurgan! É por ordem sua que seu servo não fala comigo?

— É uma ordem, sim. — A voz veio de detrás de Kim.

— Muito bem. Mas lembre-se... — murmurou ele, voltando para a esteira. — Vou bater em você amanhã. Não gosto de hindus.

A noite de Kim não foi das melhores, dentro daquele cômodo cheio de vozes e música. Kim foi acordado duas vezes por alguém que chamava seu nome. Na segunda vez, levantou-se para investigar e acabou batendo com o nariz em uma caixa que certamente falava em uma língua humana, embora sem qualquer sotaque. A caixa estava colada a uma trombeta de lata e era ligada por fios a uma caixa menor no piso, ou ao menos foi o que Kim

conseguiu perceber pelo tato. A voz, bastante metálica, vinha da trombeta. Kim massageou o nariz e ficou furioso, pensando, como sempre, em hindi:

“Isso seria jeito de tratar um pedinte em um bazar, mas eu sou um *sahib*, filho de um *sahib* e, mais importante ainda, um estudante de Nucklao. Sim. (Aqui ele passou a pensar em inglês.) Um aluno da São Xavier. Maldito seja o Sr. Lurgan! Acho que estou escutando algum tipo de maquinário, como uma máquina de costura. Ah, é muita pretensão dele, mas lá em Lucknow não nos assustamos com qualquer coisa. Não mesmo! (E voltou ao hindi.) Mas o que ele ganha com isso? É só um comerciante, e eu estou em sua loja. Acho que o *sahib* Creighton mandou que ele me tratasse assim. Ah, como eu vou bater naquele hindu amanhã de manhã! Epa, o que foi isso?”

A caixa da trombeta estava tocando uma sucessão dos mais elaborados xingamentos, até mesmo para Kim, em uma voz desinteressada. Aquilo, por um momento, deixou-o todo arrepiado. Quando aquele objeto terrível fez uma pausa, Kim se sentiu acalmado ao ouvir o leve zumbido da máquina.

— *Chup!*^{41} — gritou ele, e ouviu outra risada, o que o fez tomar uma decisão: — *Chup!* Ou eu quebro a sua cabeça.

A caixa não lhe deu atenção. Kim arrancou a trombeta e algo se moveu com um clique: ele abrira uma tampa. Se houvesse um demônio ali dentro, aquele seria o momento... — Ele farejou o ar. — Aquele era o cheiro das máquinas de costura do bazar. Ele cuidaria daquele *shaitan*. Tirou a jaqueta e a enfiou na boca da caixa. Uma coisa redonda cedeu à pressão, houve um zunido e a voz parou, como costumam parar quando se enfia um casaco amassado pelo mecanismo de um fonógrafo caro. Kim finalmente pôde dormir sossegado.

De manhã, ele acordou sob o olhar do *sahib* Lurgan parado diante dele.

— Olá — cumprimentou Kim, decidido a continuar agindo como um *sahib*. — Uma caixa começou a me insultar no meio da noite, então eu a parei. Era sua?

O homem estendeu-lhe a mão.

— Aperte a minha mão, O'Hara — disse ele. — Sim, a caixa era minha: eu tenho essas coisas porque meus amigos rajás gostam. Essa quebrou, mas era barata. Sim, meus amigos, os reis, adoram esses brinquedos. E eu também, às vezes.

Kim o observou pelo canto do olho. Ele se vestia como um *sahib*; mas o sotaque de seu urdu e a entonação do seu inglês mostravam que ele era tudo menos um *sahib*. Ele parecia adivinhar os pensamentos de Kim antes de o menino abrir a boca e não se lançou em explicações, como faziam o padre Victor ou os mestres de Lucknow. E o que era ainda melhor: tratava Kim como um igual.

— Infelizmente, você não pode bater no meu garoto esta manhã. Ele disse que vai matá-lo com uma faca ou veneno. Está com ciúmes, então eu o coloquei de castigo em um canto e não falarei com ele hoje, pois acabou de tentar me matar. Você vai ter que me ajudar com o café da manhã hoje: ele está com muita inveja para ser confiável, por ora.

Um legítimo *sahib* importado da Inglaterra teria feito um grande escarcéu naquela situação. O *sahib* Lurgan relatou os acontecimentos com a mesma naturalidade com que Mahbub Ali costumava contar seus pequenos casos no Norte.

A varanda dos fundos da loja fora construída na encosta da colina, e dela dava para ver as chaminés dos vizinhos, como era costume em Simla. Mas, ainda mais do que a refeição persa que Lurgan preparava com as próprias mãos, o que fascinava Kim era a loja. O Museu de Lahore era maior, mas ali havia mais maravilhas: punhais contra fantasmas e rodas de rezar do Tibete, colares de turquesa e âmbar, braceletes de jade, incensos curiosamente embalados em jarras com ornamentos rústicos, as máscaras demoníacas da noite anterior e uma parede coberta de tapeçarias azul-esverdeadas, Budas dourados e altares portáteis envernizados, samovares russos incrustados de turquesas, porcelana chinesa de casca de ovo disposta em caixas octogonais, crucifixos de marfim — por incrível que pareça — do Japão, de acordo com o *sahib* Lurgan —, tapetes empoeirados cheirando terrivelmente mal, guardados atrás de biombos carcomidos, vasos persas para lavar as mãos após as refeições, queimadores de incenso de cobre, nem chineses nem

persas, com frisos de fantásticos demônios, cintos de prata manchados, presilhas de cabelo de jade, marfim e quartzo verde, armas de todos os tipos e mil outras curiosidades. Tudo arrumado, empilhado ou simplesmente jogado pelo aposento, e o único espaço livre era em volta da mesa capenga onde o *sahib* Lurgan trabalhava.

— Isso não é nada — disse o anfitrião, seguindo o olhar de Kim. — Eu compro essas coisas porque são bonitas, e, de vez em quando, vendo-as, se gostar da cara do comprador. Meu trabalho está na mesa... parte dele.

Elas resplandeciam sob a luz da manhã — reflexos vermelhos, azuis e verdes, com brilhos de diamantes aqui e ali. Kim arregalou os olhos.

— Ah, essas pedras, elas estão ótimas: tomar sol não vai lhes fazer mal. Além disso, são baratas. Mas, com pedras doentes, é bem diferente. — Ele encheu o prato de Kim outra vez. — Eu sou o único capaz de curar uma pérola doente e devolver o azul à turquesa. Há quem trate opalas, admito. Qualquer um pode tratar opalas, mas *eu* sou o único que cuida de pérolas doentes. Se eu morresse, não haveria mais ninguém... Ah, não! *Você* não consegue fazer nada com joias: já será muito se um dia aprender um pouco sobre turquesas.

Ele se dirigiu ao fundo da varanda para encher de novo o pesado e poroso jarro de barro no filtro.

— Quer água?

Kim assentiu. Cinco metros adiante, o *sahib* Lurgan pousou a mão no jarro. No momento seguinte, ele estava perto de Kim, quase cheio. Na toalha branca ficara marcada uma linha, mostrando por onde o jarro deslizara.

— Uau! — exclamou Kim, completamente espantado. — É mágica! O sorriso do *sahib* Lurgan mostrou que apreciava o elogio.

— Jogue de volta.

— Vai quebrar.

— Estou dizendo, jogue de volta.

Kim obedeceu. O jarro caiu e se espatifou em cinquenta pedaços, enquanto a água se espalhava pelo chão de tábuas da varanda.

— Eu disse que ia quebrar.

— Está bem. Olhe para ele: veja o pedaço maior.

O caco maior ainda tinha um pouco de água, parecia uma estrela no chão. Kim o olhou com atenção. O *sahib* Lurgan pousou uma das mãos gentilmente em sua nuca, afagou-o duas ou três vezes e sussurrou:

— Veja! Ele vai se consertar sozinho, um pedaço de cada vez. Primeiro o caco maior vai se juntar aos dois ao seu lado, à esquerda e à direita. Olhe!

Kim não teria desviado o olhar nem se sua vida dependesse disso. O leve toque em sua nuca o mantinha preso, e seu sangue pulsava feliz. Onde houvera três pedaços, agora havia um, e, acima deles, estava visível o contorno transparente do vaso inteiro. Ele conseguia ver a varanda através dele, mas, a cada batida de seu coração, o contorno ganhava cor e materializava-se. No entanto, o jarro — ah, como era difícil pensar! — fora quebrado diante de seus olhos. Sentiu outro formigamento na nuca, à medida que o *sahib* Lurgan movia a mão.

— Veja! Está tomando forma — continuou o *sahib* Lurgan.

Até então, Kim estivera pensando em hindi, mas foi atingido por um tremor e, com dificuldade, como alguém fugindo de tubarões e tentando desesperadamente sair da água, sua mente saltou das trevas que a engoliam e se refugiou... Na tabuada, em inglês!

— Veja! Está tomando forma — sussurrou o *sahib* Lurgan.

O jarro havia quebrado — sim, quebrado —, não a palavra em hindi, ele não pensaria nela, mas quebrado em cinquenta pedaços, e dois vezes três dá seis, e três vezes três dá nove, e quatro vezes três dá doze... Ele se agarrava desesperadamente à repetição da tabuada. O contorno do jarro desfez-se como uma névoa diante de seus olhos. Lá estavam os cacos; lá estava a água espalhada secando ao sol, e, pelas rachaduras da varanda, era possível ver a parede da casa branca abaixo, cheia de ranhuras — e três vezes doze dá trinta e seis!

— Veja! Está ficando inteiro? — perguntava *sahib* Lurgan.

— Mas *está* quebrado! Quebrado! — arfou ele. *Sahib* Lurgan estivera sussurrando pelos últimos trinta segundos. Kim virou a cabeça. — Veja! *Dekho!* Continua como antes.

— Continua como antes — repetiu Lurgan, observando Kim atentamente, enquanto o garoto massageava a nuca. — Mas você é o primeiro de muitos a perceber isso. — Ele enxugou a testa larga.

— Foi outra mágica? — perguntou Kim, desconfiado. A comichão em suas veias desaparecera, e ele se sentia estranhamente desperto.

— Não, não foi mágica. Foi apenas um truque para verificar se havia... algum defeito na joia. Às vezes joias caríssimas se quebram nas mãos de um homem que sabe como fazê-lo. Por isso é preciso ter cuidado com onde você as deixa. Diga-me: você viu o contorno do jarro?

— Por algum tempo. Brotou do chão como uma flor.

— Então, o que você fez? Quer dizer, no que pensou?

— Ah, eu sabia que estava quebrado e tal, acho. Então, foi isso o que pensei. E *estava* quebrado.

— Hum. Alguém já fez esse tipo de mágica com você, alguma vez?

— Se tivesse feito, você acha que eu deixaria fazerem de novo? Eu teria fugido.

— Mas, agora, você não está com medo, não é?

— É, agora não estou.

Sahib Lurgan olhou para ele com mais atenção do que nunca.

— Vou perguntar a Mahbub Ali... Não agora, mas algum outro dia... — murmurou para si mesmo. — Você me agrada e me desagrada. Foi o primeiro a se salvar sozinho, e eu queria saber como foi que... Mas você tem razão. Não deve contar, nem para mim.

Ele voltou para a parte mal iluminada da loja e se sentou à mesa, esfregando levemente as mãos. Um pequeno soluço de choro veio de detrás da pilha de tapetes. Era o menino hindu, parado de frente para a parede, obediente. O choro fazia com que seus ombros magros se sacudissem.

— Ah, ele está com ciúmes, tantos ciúmes. Eu me pergunto se ele vai tentar envenenar o meu café da manhã de novo, me fazendo prepará-lo uma segunda vez.

— *Kubbee, kubbee nahin*^{42} — foi a resposta soluçada.

— E será que vai matar o outro garoto?

— *Kubbee, kubbee nahin*.

— O que *você* acha que ele vai fazer? — perguntou, de repente, para Kim.

— Ah, eu não sei. Talvez *você* pudesse tirá-lo do castigo. Por que ele queria envenenar *você* ?

— Porque gosta muito de mim. Imagine se *você* adorasse uma pessoa e chegasse um estranho, então a pessoa passasse a preferir o recém-chegado. O que *você* faria?

Kim pensou. Lurgan repetiu a frase mais devagar, em hindi.

— Eu não envenenaria essa pessoa — disse Kim, depois de refletir —, mas bateria no recém-chegado. Se ele quisesse roubar meu lugar. Mas primeiro perguntaria a ele se isso era verdade.

— Ah, ele acha que todos gostam de mim.

— Então, eu acho que ele é um tolo.

— Ouviu isso? — perguntou Lurgan para os ombros que ainda se sacudiam. — O filho dos *sahibs* acha que *você* é um tolinho. Saia daí e, da próxima vez que sentir ciúmes, não tente me envenenar com arsênico branco de um jeito tão óbvio. Com certeza, o Demônio Dasim foi o Senhor de nossa mesa hoje! Poderia ter me deixado doente, criança, e aí um estranho viria tomar conta das joias. Venha!

Com os olhos avermelhados de tanto chorar, a criança saiu de detrás da pilha de tapetes e se jogou aos pés do *sahib* Lurgan, com um remorso exagerado que impressionou até mesmo Kim.

— Eu vou cuidar dos potes de nanquim, vou guardar direitinho as joias! Ó meu pai e minha mãe, *mande-o* embora! — Ele indicou Kim com o pé descalço.

— Ainda não, ainda não. Em pouco tempo ele partirá. Mas agora ele está na escola, em um novo *madrissah*, e *você* deve ser seu professor. Jogue o Jogo das Joias com ele. Eu contarei os pontos.

A criança secou as lágrimas na mesma hora e correu para os fundos da loja, de onde voltou com uma bandeja de cobre.

— Jogue *você* ! — disse ao *sahib* Lurgan. — É melhor *você* distribuir, assim ele não poder dizer que eu já tinha visto.

— Calma, calma — respondeu o homem, abrindo uma gaveta da mesa e colocando um punhado de pedrinhas na bandeja.

— Agora — disse o menino, segurando um velho jornal —, olhe para elas por quanto tempo quiser, estranho. Conte-as e, se precisar, pode tocá-las. Eu só preciso *de alguns segundos*. — Ele deu as costas, orgulhoso.

— Mas como é o jogo?

— Quando você tiver terminado de contar e segurar as pedrinhas e tiver certeza de que se lembra de todas, eu as cubro com este jornal, e, então, você deve dizer a contagem ao *sahib* Lurgan. *Eu* vou escrever a minha.

— Ah! — O espírito competitivo de Kim despertou. Ele se curvou sobre a bandeja para examiná-la. Não tinha mais do que quinze pedras ali. — É fácil — disse ele depois de um minuto. O menino cobriu as joias brilhantes com um jornal e escreveu sua resposta em um caderninho.

— Sob o papel há cinco pedras azuis: uma grande, uma menor e três pequenas — disse Kim, mais do que depressa. — Há quatro pedras verdes e uma com um buraco no meio, uma pedra amarela, através da qual a gente consegue ver, e uma parecida com o cabo de um cachimbo. Há duas pedras vermelhas e... e... Eu contei quinze, mas me esqueci de duas. Não! Me dê mais tempo. Uma era de marfim, pequena e amarronzada. E... e... Me dê mais tempo...

— Um, dois... — O *sahib* Lurgan contou até dez. Kim balançou a cabeça.

— Ouça a minha contagem. — disse o menino sem se conter, rindo de felicidade. — Primeiro, há duas safiras quebradas, uma de dois *ruttees* e outra de quatro, se não me engano. A safira de quatro *ruttees* é achatada na ponta. Há uma turquesa paquistanesa, lisa com veias pretas, e há duas gravadas: uma com o Nome de Deus em dourado; a outra, que tinha uma rachadura no meio, por ter vindo de um anel velho, eu não consegui ler. Agora, temos as cinco pedras azuis. Quatro esmeraldas defeituosas, mas uma foi perfurada em duas partes e a outra está um pouco...

— Seus pesos? — perguntou o *sahib* Lurgan, impassível.

— Três, cinco, cinco e quatro *ruttees*, creio eu. Há um pedaço de um tubo de cachimbo de âmbar esverdeado e um topázio lapidado na Europa. Há um rubi de Burma, de dois *ruttees*, sem falhas, e uma espinela, defeituosa, de dois *ruttees*. Há um marfim da China esculpido, representando um rato chupando um ovo; e a última, uma bola de cristal do tamanho de um grão, embutida em uma folha dourada.

Ele bateu palmas ao terminar.

— Ele é seu mestre — disse o *sahib* Lurgan, sorrindo.

— Ah, ele sabia os nomes das pedras — disse Kim, corando. — Vamos outra vez! Com objetos comuns que os dois conheçam.

Eles rearrumaram a bandeja com objetos apanhados da loja, e até da cozinha, e o menino sempre ganhava, até Kim se espantar.

— Pode vendar meus olhos. Posso sentir os objetos com as mãos, e *mesmo* assim continuarei ganhando — desafiou o menino.

Kim ficou furioso quando ele cumpriu o prometido:

— Se fossem homens ou cavalos, eu venceria. Essa brincadeira com pedras, facas e tesouras não serve para nada.

— Aprenda primeiro, ensine depois — repreendeu o *sahib* Lurgan. — Ele é seu mestre?

— É. Mas como faz isso?

— Praticando muitas e muitas vezes, até alcançar a perfeição. E vale a pena praticar.

O menino hindu, pavoneando-se, chegou a dar um tapinha tranquilizador nas costas de Kim.

— Não se desespere — consolou. — Eu mesmo vou ensiná-lo.

— E eu me certificarei de que seja bem-ensinado — disse o *sahib* Lurgan, ainda falando hindi. — Pois, com exceção do meu garoto aqui (e foi uma tolice da parte dele comprar arsênico quando, se ele tivesse pedido, eu mesmo teria dado), exceto pelo meu garoto aqui, há muito tempo não via alguém que valesse tanto a pena ensinar. E ainda faltam dez dias até que você possa retornar a Lucknow, onde não ensinam nada e cobram uma fortuna para isso. Acredito que seremos amigos.

Foram dez dias bastante loucos, mas Kim se divertiu demais para se preocupar com essa loucura. De manhã, praticavam o Jogo das

Jóias, às vezes com pedras verdadeiras, às vezes com espadas e punhais, e em outras ocasiões com fotografias de nativos. À tarde, ele e o menino hindu montavam guarda na loja, sentados em silêncio atrás de uma pilha de tapetes ou de um biombo, observando os inúmeros e estranhos visitantes do Sr. Lurgan. Havia rajás pouco importantes, cujas escoltas ficavam tossindo na varanda, que iam comprar curiosidades como fonógrafos e brinquedos mecânicos. Havia senhoras à procura de colares, e homens — Kim pensava (embora talvez sua mente estivesse poluída por tarefas que desempenhara anteriormente) — à procura de senhoras: nativos de cortes independentes e feudatárias com a desculpa de consertar colares que haviam arreventado, que se derramavam sobre a mesa como rios de luz. Mas seu verdadeiro objetivo parecia ser angariar dinheiro para mulheres zangadas de marajás, ou de jovens rajás. Havia *babus* com quem o *sahib* Lurgan falava com austeridade e autoridade; e, ao fim de cada reunião, lhes dava moedas de prata e cédulas. Havia, de vez em quando, encontros de nativos espalhafatosos que usavam longas vestes e discutiam metafísica em inglês e bengali, para grande edificação do Sr. Lurgan: ele sempre se interessara por religiões. No fim do dia, Kim e o menino hindu, cujo nome variava ao bel-prazer de Lurgan, deveriam fornecer um relato detalhado de tudo o que viram e ouviram. Davam pareceres sobre o caráter de cada homem, com base em sua aparência e seu comportamento, e opinavam sobre qual seria o real motivo de sua visita.

Depois do jantar, a atividade proposta pelo *sahib* Lurgan era o que se podia chamar de elaborar disfarces, uma brincadeira pela qual ele se interessava muito. Conseguia pintar rostos maravilhosamente bem e era capaz de deixá-los irreconhecíveis com algumas pinceladas. A loja estava cheia de todos os tipos de trajes e turbantes, e Kim se disfarçou como um jovem muçulmano de boa família e como um vendedor de azeite e, uma vez (foi uma noite animada), como o filho de um proprietário de terras de Oudh, usando uma rica vestimenta. Os olhos de águia do *sahib* Lurgan podiam detectar a menor imperfeição na maquiagem. Deitado em um velho divã, ele explicou detalhadamente, por meia hora, como as

peessoas de tal e tal casta falavam, andavam, tossiam, cuspiam ou espirravam e, já que os “comos” não eram tão importantes, os “porquês” de tudo. O menino hindu não era tão bom nesse jogo: aquela pequena mente, tão afiada para a contagem das joias, não conseguia se pôr no lugar de outros. Mas uma parte de Kim cantava de felicidade nesses momentos, enquanto mudava de roupas, de modo de falar e de se comportar.

Deixando-se levar pelo entusiasmo, certa noite Kim se ofereceu para mostrar ao *sahib* Lurgan como os discípulos de uma certa casta de faquires, velhos conhecidos de Lahore, pediam esmolas à beira da estrada; e como um inglês falaria com um lavrador punjabi a caminho de uma feira e com uma mulher sem véu. O *sahib* Lurgan riu muito e pediu a Kim que ficasse como estava, imóvel, durante meia hora: de pernas cruzadas, rosto pintado de cinza e uma expressão selvagem, nos fundos da loja. Passado esse tempo, entrou um *babu*, tão obeso que a gordura de suas pernas balançava, e Kim o recebeu com uma saraivada de gracejos. Para irritação de Kim, o *sahib* Lurgan observava o *babu*, não a sua atuação.

— Para mim — disse o *babu* com sua voz arrastada, acendendo um cigarro —, a performance foi extraordinária e convincente. Se o senhor tivesse tentado me dizer, eu acharia que estava brincando. Em quanto tempo, aproximadamente, ele se tornará agrimensor? Porque, assim que for um, precisarei dele.

— Isso é o que ele deve aprender em Lucknow.

— Então, mande-o para lá o mais rápido possível. Boa noite, Lurgan. — O *babu* se retirou, caminhando como uma vaca atolada.

Quando discutiram os visitantes daquele dia, o *sahib* Lurgan perguntou a Kim se ele fazia ideia de quem era aquele homem.

— Deus sabe — respondeu Kim alegremente. O tom quase poderia ter enganado Mahbub Ali, mas não chegou nem perto de enganar o curador de pérolas.

— É verdade. Deus sabe. Mas quero saber o que você acha.

Kim olhou de relance para o seu companheiro, cujos olhos tinham um estranho poder de extrair a verdade.

— Eu... Eu acho que ele vai querer meus serviços quando eu acabar a escola, mas... — Ele passou a falar em tom confidencial, e

o *sahib* Lurgan assentiu com aprovação. — Não sei como *ele* pode vestir tantas roupas diferentes e falar tantas línguas.

— Você entenderá essas coisas mais tarde. Ele escreve histórias para um certo coronel. Sua fama é grande apenas em Simla, e vale dizer que ele não tem nome, apenas um número e uma letra. É o costume entre nós.

— E a cabeça dele também está a prêmio, como a de Mah... a de todos os outros?

— Ainda não, mas se um certo garoto que está sentado aqui agora se levantasse, saísse (veja bem, a porta está aberta) e fosse até uma certa casa com a varanda pintada de vermelho, atrás da qual fica o velho teatro no bazar, e sussurrasse pelas persianas: "Hurree Chunder Mookerjee trouxe as más notícias do mês passado", esse garoto poderia sair de lá com o bolso cheio de rupias.

— Quantas? — perguntou Kim, na mesma hora.

— Quinhentas, mil, quantas ele pedisse.

— Ótimo. E quanto tempo o garoto viveria após dar essa notícia?

— Ele sorriu alegremente para o rosto barbado do *sahib* Lurgan.

— Ah! Não sei dizer com certeza. Talvez, se ele fosse bem esperto, chegasse ao final do dia. Mas não sobreviveria à noite. Certamente não sobreviveria à noite.

— Então, qual é o pagamento do *babu*, se sua cabeça vale tanto?

— Oitenta, cem, talvez cento e cinquenta rupias. Mas o pagamento é o menos importante do trabalho: de tempos em tempos, Deus faz com que nasçam homens (e você é um deles) que têm sede de sair por aí arriscando suas vidas para descobrir coisas novas. Hoje pode ser uma terra distante, amanhã uma montanha escondida e, no outro dia, um homem tolo que fez uma tolice contra o Estado. Essas almas são bem raras. E, dessas raras, apenas dez são realmente especiais. Entre esses dez está o *babu*, e isso é muito curioso. Como deve ser encantadora uma atividade que faz ferver o coração de um bengali!

— Verdade. Mas ainda falta muito para mim: sou apenas um garoto, não faz nem dois meses que aprendi a escrever em inglês e ainda não sei ler muito bem. Faltam muitos anos para eu me tornar agrimensor.

— Tenha paciência, Amiguinho de Todos. — Kim se espantou ao ouvi-lo usar seu título. — Quem me dera ter alguns desses anos da juventude que o incomodam tanto. Fiz vários testes com você, e isso não será esquecido quando fizer o meu relatório para o coronel *sahib*. — Então, passou a falar inglês, com uma risada profunda:

— Por Júpiter! O'Hara, acho que você tem algo especial, mas não deve ficar orgulhoso demais nem se gabar. Você deve voltar a Lucknow, ser um bom garoto e se concentrar nos estudos, e, talvez, nas próximas férias, você possa voltar pra cá! — A decepção de Kim foi clara. — Digo, só se quiser. Eu sei aonde você quer ir.

Quatro dias depois, Kim e seu pequeno baú ocupavam um lugar na parte de trás de uma *tonga*, a caminho de Kalka. Seu acompanhante era o imenso *babu*, que, com seu xale de franjas enrolado na cabeça e sua perna esquerda enfiada debaixo do corpo, tiritava no frio da manhã.

“Como esse homem pode ser um de nós?”, pensou Kim, observando as costas gordas se sacudirem com o balanço da estrada. Esse pensamento o levou aos mais agradáveis devaneios. O *sahib* Lurgan lhe dera 5 rupias, uma quantia esplêndida, assim como a promessa de sua proteção caso ele se empenhasse. Diferentemente de Mahbub, o *sahib* fora claro a respeito da recompensa que a obediência poderia trazer, e Kim estava contente. Ah, se ele pudesse, como o *babu*, gozar da dignidade de uma letra e um número e ter sua cabeça a prêmio! Um dia ele teria isso e muito mais. Um dia ele seria quase tão grande quanto Mahbub Ali! Investigaria metade da Índia, seguiria reis e ministros, como seguira por Lahore, nos velhos tempos, advogados e olheiros de clientes para advogados, a serviço de Mahbub Ali. Enquanto isso, ele precisava frequentar a São Xavier, o que não era o fim do mundo. Ele ouviria histórias de férias e trataria alguns garotos com condescendência. O jovem Martin, filho do plantador de chá em Manipur, se gabara de que enfrentaria, com um rifle, os caçadores de cabeças.

Isso até podia ser verdade, mas, com certeza, o jovem Martin não tinha sido jogado no meio do pátio de um palácio em Patiala com a força da explosão de fogos de artifício, nem... Kim começou a

recordar as aventuras dos três meses anteriores. Ele poderia prender a atenção de todos, até mesmo dos mais velhos, que já se barbeavam, com suas histórias, se tivesse permissão. Mas isso estava, evidentemente, fora de questão. Sua cabeça seria posta a prêmio um dia, como prometera o *sahib* Lurgan; e, se ele soltasse a língua agora, isso não só jamais aconteceria, como ele também seria expulso pelo coronel Creighton e ficaria à mercê da ira de Mahbub Ali e do *sahib* Lurgan pelo curto tempo de vida que lhe restasse.

“E eu perderia Délhi por um peixe”, filosofou Kim. A reflexão o fez se esquecer das férias. Sempre haveria a diversão de inventar outras aventuras e, como dizia o *sahib* Lurgan, empenhar-se. De todos os garotos voltando às pressas para a São Xavier, de Sukkur, nas areias de Galle, nenhum era mais virtuoso que Kimball O’Hara, que ia sacolejando pelo caminho até Ambala atrás de Hurree Chunder Mookerjee, cujo nome nos livros de certa seção do Serviço Etnológico era R17.

E, se era necessário qualquer estímulo adicional, *babu* o providenciou: depois de uma farta refeição em Kalka, ele falara ininterruptamente. Kim ia para a escola? Então, ele, mestre pela Universidade de Calcutá, explicaria as vantagens da educação. Havia notas para quem estudasse latim e a “Excursão” de Wordsworth (isso era grego para Kim). Francês também era fundamental, e o melhor francês era ensinado em Chandernagore, a poucos quilômetros de Calcutá. Era possível ir longe, como ele mesmo fizera, estudando as peças chamadas *Rei Lear* e *Júlio César*, pois ambas eram favoritas dos examinadores. *Rei Lear* não tinha tantas alusões históricas quanto *Júlio César*, o livro custava 4 anás, mas podia ser comprado de segunda mão no bazar na rua Bow por dois. Contudo, mais importante que Wordsworth, ou que os autores célebres, Burke e Hare, eram a arte e a ciência da agrimensura: um menino que fosse aprovado na matéria — para a qual, aliás, não havia apostilas —, seria capaz de, apenas caminhando com uma bússola, um nível e um olho atento, reproduzir imagens dos locais visitados, que poderiam ser vendidas por muitas moedas de prata. Mas, como era difícil andar por aí carregando equipamentos de medição, um rapaz poderia se aproveitar do fato de conhecer o

comprimento exato de seus passos, de modo que, ainda que desprovido do que Hurree Chunder chamava de equipamento de aventuras, ele conseguisse medir as distâncias. Para manter a conta de milhares de passos, a experiência de Hurree Chunder mostrava que nada era melhor do que um japamala de 81 ou 108 contas, pois eram divisíveis e subdivisíveis por muitos múltiplos e submúltiplos. Apesar das oscilações do inglês, Kim entendeu o sentido geral da conversa e ficou bastante interessado. Ali estava um novo ofício a ser aprendido, e, pelo modo como o vasto mundo se desvelava para ele, parecia que, quanto mais Kim o estudasse, melhor.

Após meia hora de conversa, o *babu* disse:

— Espero um dia ter o prazer de conhecê-lo oficialmente. *Ad interim*, se me perdoa a expressão, vou dar a você esta caixinha de bétele, muito valiosa, que há quatro anos me custou 2 rupias.

A caixa era feita de bronze barato, em forma de um coração, com três compartimentos para guardar nozes de bétele, tília e folha de *pan*, e estavam cheios de pequenos vidros de comprimidos.

— Esta é a sua recompensa por representar tão bem aquele homem santo. Veja, você é jovem e acha que vai durar pra sempre, então não cuida do corpo. É muito inconveniente adoecer no meio de uma missão. Eu aprecio esses remédios, e eles são muito úteis para curar os pobres. Estes são bons remédios do governo, quinina e coisas assim. Guarde como lembrança. Agora, adeus. Tenho assuntos urgentes a tratar aqui na estrada.

Ele desceu, silencioso como um gato, para a estrada de Ambala, pegou uma carruagem que passava e se foi, enquanto Kim, boquiaberto, segurava a caixinha.

A EDUCAÇÃO DE um garoto interessa a poucos, salvo seus pais, e, como se sabe, Kim era órfão. Há registros nos livros da São Xavier, em *Partibus*, que um relatório do progresso de Kim era encaminhado, ao fim de cada período, para o coronel Creighton e para o padre Victor, que enviava o dinheiro da mensalidade. Também há registros nesses livros de que ele mostrava grande aptidão para a área matemática e a de topografia, chegando a ganhar um prêmio (*A vida de Lord Lawrence*, encadernação de couro, dois volumes, 9

rupias e 8 anás) por seu excelente desempenho nessas matérias. Além disso, os livros mencionavam sua participação no time de críquete da São Xavier contra o colégio muçulmano de Alighur, aos 14 anos e 10 meses, e o fato de que fora revacinado (o que leva a concluir que houve outra epidemia de varíola em Lucknow) na mesma época. Notas a lápis no canto de um relatório indicam que foi punido várias vezes por “conversar com estranhos”. E parece que, certa vez, sofreu um severo castigo por “faltar um dia inteiro de aula para passear com um mendigo”. Foi quando ele atravessou os portões e implorou ao lama por um dia inteiro, às margens do Gumti, que o deixasse acompanhá-lo no Caminho nas férias seguintes, nem que fosse por um mês, ou só uma semana. O lama foi irredutível, alegando que a hora ainda não havia chegado. O que Kim devia fazer, disse o ancião, enquanto comiam bolo, era adquirir toda a sabedoria dos *sahibs*, e então veriam o que fazer. A Mão da Amizade deve ter contido o Chicote da Calamidade de alguma forma, pois, seis semanas depois, Kim prestou o exame de agrimensura elementar e foi aprovado com honras, aos 15 anos e 8 meses. A partir daí, os registros nada dizem. Seu nome não aparece no anuário dos que entraram para a administração da Índia, há apenas uma nota dizendo que foi “afastado por convocação”.

Muitas vezes, naqueles três anos, o lama apareceu no Templo dos Tirthankaras, em Benares, um pouco mais magro e pálido, se é que era possível, mas afável e puro como sempre. Às vezes vinha do Sul, além de Thoothukudi, de onde os maravilhosos barcos a vapor partem para o Ceilão, onde há sacerdotes que sabem falar páli. Outras, era do verde e úmido Oeste e das mil chaminés das fábricas de algodão que rodeiam Bombaim. Certa vez, veio do Norte, até onde caminhara 1.300 quilômetros por um dia de conversa com o Guardiã das Imagens da Casa das Maravilhas. O lama voltava para a sua cela, cruzando o fresco mármore lapidado (os padres do Templo eram bondosos com o ancião), lavava-se na poeira da estrada, orava e partia para Lucknow, já acostumado com trens, em um vagão de terceira classe. Como seu amigo — que também estava em uma Busca — sempre mostrava ao monge superior, quando o ancião regressava era visível como deixava, por algum tempo, de se

lamentar por seu Rio ou de desenhar extraordinárias imagens da Roda da Vida, preferindo falar da beleza e da sensatez de um certo *chela* misterioso, que ninguém do Templo jamais vira. Sim, ele seguira as pegadas dos Pés Abençoados por toda a Índia. (O curador do museu ainda possuía um relato maravilhoso de suas peregrinações e meditações.) Só lhe restava a Busca pelo Rio da Flecha. No entanto, foi-lhe revelado em sonhos que essa não era uma tarefa para ser empreendida com qualquer esperança de sucesso, a menos que estivesse acompanhado do único *chela* designado a obter êxito, possuidor de grande sabedoria — uma sabedoria como a do Guardiã das Imagens de cabelos brancos. E dava um exemplo (pegava a caixinha de rapé, e os bondosos monges jainistas faziam silêncio):

— Há muito, muito tempo, quando Devadatta era Rei de Benares... Ouçam o *Jataka!*^{43} Um elefante foi capturado pelos caçadores do rei, mas conseguiu fugir, ainda preso a dolorosos grilhões. Ele tentou removê-los com ódio e fúria em seu coração. Correu pelas florestas e procurou a ajuda de seus irmãos: um a um, com suas fortes trombas, eles tentaram e falharam. Por fim, concluíram que os grilhões não poderiam ser removidos por qualquer animal. Foi quando o elefante viu, em uma moita próxima, um recém-nascido ainda sujo do parto, cuja mãe morrera. Torturado, esquecendo-se momentaneamente de sua agonia, ele disse: "Se eu não ajudar este filhote, ele morrerá pisoteado." Assim, protegeu o pequeno assustado com o próprio corpo. Ele pediu leite de uma fêmea virtuosa e o filhote bebeu, e o elefante acorrentado se tornou o guardião do recém-nascido. Os elefantes... Ouçam o *Jataka*... Os elefantes demoram trinta e cinco anos para atingir a maturidade, e por trinta e cinco períodos de chuva o elefante acorrentado cuidou do mais jovem, enquanto os grilhões feriam sua carne.

"Até que um dia o jovem elefante viu o ferro meio enterrado na pata do mais velho e lhe perguntou: 'O que é isso?' 'É a minha dor', respondeu o que o acolhera. Então o mais jovem ergueu sua tromba e, em um piscar de olhos, removeu os grilhões, dizendo: 'A hora

chegou.' Assim, o virtuoso elefante, que esperara pacientemente e praticara o bem, foi libertado, na hora certa, pelo próprio filhote de quem cuidara. Ouçam todos o *Jataka!* Pois o elefante era Ananda, e o filhote que quebrou seus grilhões não era ninguém menos que o Nosso Senhor Buda..."

Então, ele balançava a cabeça bondosamente, sempre desafiando o japamala, e comentava como o filhote de elefante estava livre do pecado do orgulho. Ele era tão humilde quanto um *chela* que, ao ver seu mestre sentado no chão do outro lado dos Portões do Conhecimento, pulava-os (pois estavam trancados) e o abraçava na frente de todos os habitantes da cidade orgulhosa. Ricas seriam as recompensas de tal mestre e tal *chela* quando chegasse a hora de buscarem a Libertação juntos!

Assim falava o lama, indo e vindo pela Índia, suave como um morcego. Uma velha de língua afiada em uma casa entre as árvores frutíferas atrás de Saharanpur o honrava como se ele fosse o próprio profeta, mas os aposentos dele não ficavam entre as paredes. Sentava-se no pátio de entrada, em meio aos pombos arrulhantes, enquanto a velha retirava seu véu inútil e tagarelava sobre espíritos e demônios de Kulu, netos ainda por vir e o moleque ousado que havia falado com ela no *parao* da estrada. Certa vez, o lama vagou sozinho pela Grand Trunk Road, saindo de Ambala, e chegou à mesma aldeia onde o sacerdote tentara drogá-lo. Mas os Céus, que protegem os lamas, guiaram-no pelo crepúsculo em meio às plantações, distraído e inocente, até a porta do *rissaldar*. Houve então um grande mal-entendido, pois o velho soldado lhe perguntou por que o Amigo das Estrelas passara por ali apenas seis dias antes.

— É impossível — disse o lama. — Ele voltou para o seu povo.

— Ele se sentou naquele canto contando cem histórias fabulosas há apenas cinco noites — insistiu o anfitrião. — É verdade que ele sumiu de repente ao amanhecer, depois de conversas tolas com a minha neta. Ele está crescendo, mas é o mesmo Amigo das Estrelas que me trouxe a notícia verdadeira da guerra. Vocês se separaram?

— Sim e não — respondeu o lama. — Nós... nós não nos separamos completamente, mas ainda não é a hora de seguirmos

juntos o Caminho. Ele adquire sabedoria em outro lugar. Devemos esperar.

— Está bem. Mas, se não era o garoto, como ele falou tanto de você?

— E o que ele disse? — perguntou o lama, ansioso.

— Palavras doces, muitas delas. Que você é o seu pai e sua mãe, e tudo o mais. Pena que ele não escolheu servir à rainha, é um destemido.

A notícia pegou o lama de surpresa, que não sabia que Kim cumpria fielmente o acordo feito com Mahbub Ali e ratificado pelo coronel Creighton...

— É impossível impedir a entrada do jovem potro no Jogo — dissera o negociante de cavalos, quando o coronel apontou que vagabundear pela Índia nas férias era absurdo. — Se lhe for negada permissão para ir e vir como lhe aprouver, ele fará pouco da recusa. Então, quem poderia encontrá-lo? Coronel *sahib*, só uma vez a cada mil anos nasce um cavalo tão talentoso para o Jogo como esse potro, e precisamos de homens.

10

Seu falcão vagou por muito tempo, meu Senhor.
Não foi treinado cedo, mas caçava pelo ar,
Até ter sido pego. Creio que se fosse meu
(Como é minha esta luva em que ele come ao se cansar)
Faria que voasse com um falcão bem-adestrado,
Todo emplumado — habituado ao homem, ao seu
chamar...
Devolva-o ao firmamento para o qual Deus o criou,
Que força neste mundo lhe ousará tirar o ar?

“Vigília de Gow”

O *sahib* Lurgan não falou diretamente, mas sua opinião era parecida com a de Mahbub, e a conclusão era favorável a Kim. O garoto sabia que não era boa ideia deixar Lucknow vestido de nativo e, se Mahbub estivesse ao alcance de uma carta, ia direto para o acampamento dele, vertir seu disfarce sob os olhos atentos do pachtun. Se a caixinha de tintas de topógrafo que ele usava para pintar os mapas durante as aulas pudesse falar sobre o que fez nas férias, Kim poderia muito bem ser expulso. Certa vez, ele chegara a acompanhar Mahbub até a bela cidade de Bombaim com um carregamento de três vagões de cavalos, e o homem quase chorara quando o menino sugeriu que atravessassem o oceano Índico em um *dhow* para comprar cavalos árabes no golfo, onde, pelo que pôde entender de um informante do vendedor Abdul Rahman, obteriam preços melhores do que os de Cabul.

Ele compartilhou a comida desse mesmo grande negociante quando Mahbub e alguns colegas foram convidados para um grande jantar *haj*. Eles voltaram por mar, passando por Karachi, e Kim enjoou no mar pela primeira vez, sentado à proa de um barco a vapor, convencido de que fora envenenado. A famosa caixa de

remédios do *babu* se mostrou inútil, embora Kim tivesse repostos os medicamentos que faltavam em Bombaim. Mahbub tinha negócios a resolver em Quetta, e lá, o negociante teve que admitir, Kim ganhou seu sustento, e até um pouco mais, passando quatro dias peculiares como ajudante de cozinha na casa de um gordo sargento em cujo escritório descobriu, por sorte, um livro de contas que aparentava se tratar inteiramente de vendas de gado e camelo. Escondido atrás da casa em uma noite quente, copiou seu conteúdo à luz do luar. Então, guardou o livrinho e, a mando de Mahbub, deixou o serviço sem receber, caminhando por quase 10 quilômetros com a cópia em seu peitilho.

— Aquele soldado era peixe pequeno — explicou Mahbub Ali —, mas, no tempo certo, pegaremos um maior. Ele apenas vende os animais a dois preços, um por si e outro pelo governo, o que não acho que seja um grande pecado.

— Por que eu não pude pegar o livro e pronto?

— Porque ele ficaria desconfiado e contaria ao seu mestre, então provavelmente perderíamos o grande carregamento de rifles novos que estão sendo levados de Quetta para o Norte. O Jogo é tão grande que não dá para ver tudo de uma vez só.

— Ah! — exclamou Kim e calou-se.

Isso aconteceu durante as férias das monções, depois de ele ter ganhado o prêmio em matemática. Ele passou as férias de Natal (exceto pelos dez dias em que viajou por onde quis) com o *sahib* Lurgan, ajudando-o com suas pérolas. Na maior parte do tempo ficou sentado diante do fogo, pois a estrada de Jakko fora coberta por mais de um metro de neve naquele ano, e o pequeno hindu partira para se casar. O homem fizera Kim decorar capítulos inteiros do Alcorão, até que pudesse recitá-los com a entonação e a cadência idênticas às de um mulá, uma personalidade corânica. Além disso, ensinou a Kim os nomes e as propriedades de muitos remédios nativos, assim como os versos apropriados para recitar ao administrá-los. À noite, ele escrevia encantamentos em pergaminhos, pentagramas elaborados com nomes de demônios como Murra e Awan, o Companheiro dos Reis, descritos em uma caligrafia espetacular em suas pontas. De forma mais prática,

instruiu Kim sobre como cuidar do próprio corpo, curar febre e alguns simples medicamentos para levar na Estrada. Uma semana antes de regressar, o *sahib* coronel Creighton, injustamente, mandou a Kim uma prova escrita apenas sobre tirantes, correntes, anéis e ângulos.

Nas férias seguintes, viajou com Mahbub. Aliás, essa foi a vez em que quase morreu de sede ao atravessar o deserto a camelo, rumo à misteriosa Bikaner, onde os poços têm mais de 100 metros de profundidade e são cercados por ossadas desses corpulentos animais. Não foi uma viagem divertida para Kim, porque, a despeito do acordo que fizeram, o coronel ordenara que ele elaborasse um mapa daquela cidade murada e fervilhante. E, como seria estranho o jovem ajudante de um negociante de cavalos andar por aí com uma trena na capital de um Estado independente, Kim foi obrigado a medir todas as distâncias com um japamala. Ele usou sua bússola apenas nos momentos oportunos, como ao cair da noite, quando os camelos já haviam sido alimentados. Com a ajuda de sua pequena caixa de pintura de seis cores e três pincéis, produziu algo não tão diferente da cidade de Jaisalmer. Mahbub riu bastante e o aconselhou a escrever um relatório também; e Kim seguiu o conselho usando a contracapa do grande livro de contabilidade que guardava sob a manta da sela de Mahbub.

— Você deve relatar tudo o que viu, tocou ou ponderou. Escreva como se o próprio *sahib Jang-i-Lat* tivesse aparecido de surpresa, com um grande exército pronto para a guerra.

— Um exército de que tamanho?

— Ah, mais ou menos meio *lakh*.

— Impossível! Esqueceu que os poços do deserto são escassos e malconservados? Mil homens sedentos jamais chegariam aqui.

— Então escreva isso, e também escreva sobre todas as brechas nas muralhas, os lugares onde se corta lenha e o temperamento e as inclinações do rei. Ficarei aqui até vender todos os meus cavalos. Vou alugar um quarto perto do portão, e você será meu contador. A porta do quarto tem uma boa fechadura.

O relatório apresentava a inconfundível caligrafia dos alunos da São Xavier, e o mapa aquarelado em tons de sépia, amarelo e rosa

(um funcionário descuidado o enchera de notas da segunda medição de terreno de E23) ainda podia ser visto há poucos anos, mas hoje em dia as palavras já devem estar quase ilegíveis. Kim, suando sob a luz de uma lamparina a óleo, traduzira o relatório para Mahbub no segundo dia da viagem de volta.

O pachtun se ergueu e pegou algo em seus alforjes manchados.

— Sabia que seu relatório mereceria um traje de honra, então deixei um pronto — disse, sorrindo. — Se eu fosse o Amir do Afeganistão (e talvez possamos vê-lo um dia), enchera sua boca de ouro. — Com um gesto formal, estendeu a vestimenta aos pés de Kim. Havia um turbante de Peshawar em forma de cone, bordado em ouro, e uma comprida faixa de turbante com franjas douradas, além de um corpete de Délhi, também bordado em ouro, para ser usado sobre uma blusa bufante, branca como o leite. Também havia pijamas verdes com cinto de seda trançada e, para não faltar nada, pantufas de couro russo com um cheiro maravilhoso e as pontas levemente arrebitadas.

— Dá boa sorte usar roupas novas em uma quarta-feira, ainda mais pela manhã — disse Mahbub, solene —, mas não podemos nos esquecer de que há muita gente má no mundo. Então...

Kim já estava maravilhado, mas Mahbub apresentou, então, o melhor de todos os presentes: um revólver calibre .45, niquelado, com cabo de madrepérola.

— Tinha pensado em algo menor, mas lembrei de que este usa a munição produzida pelo governo, que dá pra encontrar em qualquer lugar, especialmente além das fronteiras. Levante-se e me deixe ver. — Ele deu um tapinha nos ombros de Kim. — Que você nunca se canse, pachtun! Ah, os corações que você ainda vai partir!

Kim virou-se, esticou os pés, alongou o corpo e, sem pensar, levou a mão ao bigode que começava a nascer. Então, para agradecer de forma apropriada, fez uma reverência tocando os pés de Mahbub com as mãos suadas e trêmulas, emocionado demais para falar. Mahbub percebeu e o abraçou.

— Meu filho — disse —, nós não precisamos mais de palavras. A arma não é uma maravilha? Os seis cartuchos saem com um giro. Deve guardá-la sempre junto ao corpo: o suor ajuda a mantê-la

lubrificada. Nunca a deixe em nenhum outro lugar, e, se Alá assim quiser, um dia você há de matar um homem com ela.

— *Hai mai!* — exclamou Kim, penalizado. — Quando um *sahib* mata um homem, morre enforcado!

— Verdade, mas, do outro lado das fronteiras, os homens são mais espertos. Guarde-a, mas carregue-a primeiro. De que serve uma arma sem munição?

— Mas eu terei que devolvê-la antes de voltar ao *madrissah*: Eles não permitem armas. Você a guardaria para mim?

— Filho, já estou cansado desse *madrissah*, onde um homem passa os melhores anos de sua vida estudando o que só aprende na Estrada. A loucura dos *sahibs* não tem fim. Mas não importa: talvez o relatório o salve dessa prisão; Alá sabe que precisamos de mais homens no Jogo.

Eles caminharam, enfrentando as lufadas de areia, cruzando o deserto de Jodhpur, onde Mahbub e seu belo sobrinho, Habib Ullah, fizeram muitos negócios. Então, infelizmente, usando roupas europeias curtas demais para ele, Kim viajou na segunda classe até a São Xavier. Três semanas depois, o coronel Creighton, que fora examinar alguns punhais contra fantasma na loja de Lurgan, deparou-se com Mahbub Ali, visivelmente contrariado e apoiado pelo *sahib* Lurgan.

— O cavalo está pronto, perfeito de boca e passo, *sahib!* De agora em diante, quanto mais esperarmos, mais ele vai acabar ficando destreinado. Solte as rédeas e deixe-o correr — argumentou o negociante de cavalos —, precisamos dele.

— Mas ele ainda é tão jovem, Mahbub. Não tem mais do que 16 anos, não é mesmo?

— Aos 15 anos matei meu primeiro homem e me tornei um, *sahib*.

— Seu pagão impenitente! — Creighton se virou para Lurgan. O barba negra, porém, concordava com o afegão de barba pintada.

— Eu deveria estar usando Kim há muito tempo — opinou Lurgan. — Quanto mais novo, melhor. É por isso que minhas joias mais valiosas são vigiadas por crianças. Você o mandou aqui para um teste e eu o testei de todas as formas possíveis. Foi o único garoto que não consegui fazer ver coisas.

— Nem no cristal ou no tinteiro? — perguntou Mahbub.

— Em nada. Mesmo tocando sua nuca, como contei. Isso nunca aconteceu antes. Significa que o garoto é forte o bastante, embora você discorde, coronel, para levar as pessoas a fazerem o que ele quer. E isso foi há três anos. Eu lhe ensinei muita coisa desde então, coronel Creighton, e acho um erro não aproveitá-lo agora.

— Hum, talvez tenha razão. Mas, como sabem, não há trabalhos topográficos para ele, no momento.

— Solte-o, deixe-o vagar — interrompeu Mahbub. — Quem espera que um potro comece carregando cargas pesadas? Deixe-o ir com as caravanas, como fazemos com os jovens camelos brancos, para dar sorte. Eu mesmo o levaria, mas...

— Há um negócio no Sul onde o garoto seria mais útil — sugeriu Lurgan, com uma suavidade pouco característica, fechando as pálpebras azuladas.

— E23 vai cuidar disso — respondeu Creighton, mais do que depressa. — Ele não deve ir para lá. Além disso, não fala turki.

— Explique como são as cartas que queremos e ele as trará para nós — insistiu Lurgan.

— Não: isso é trabalho para um homem — replicou Creighton.

Tratava-se de uma correspondência incendiária e não autorizada entre uma pessoa que dizia ser a maior autoridade da religião muçulmana no mundo e um jovem membro da realeza acusado de sequestrar mulheres em território britânico. O líder islâmico fora enérgico e arrogante, e o jovem príncipe estava apenas contrariado por perder seus privilégios, mas não tinha necessidade de continuar uma correspondência que poderia vir a comprometê-lo. De fato, uma das cartas já havia sido localizada, mas quem a descobriu fora encontrado morto na beira da estrada, vestido de negociante árabe, conforme E23, que assumira a missão, havia informado.

Esses fatos, e alguns outros que não devem ser revelados, fizeram Mahbub e Creighton concordarem com um aceno de cabeça.

— Deixe-o sair pelo mundo com seu Lama Vermelho — sugeriu o negociante de cavalos, engolindo a óbvia dificuldade. — Ele gosta do velho e pode, pelo menos, aprender a marcar as distâncias com o japamala.

— Já conversei com o lama por carta — respondeu o coronel Creighton, sorrindo. — Por onde ele anda?

— Para cima e para baixo, por todo o país, como fez durante os últimos três anos, buscando um Rio de Cura. Que Alá amaldiçoe todos os... — Mahbub conteve-se. — Ele se hospeda no Templo dos Tirthankaras ou em Bodh Gaya, quando volta da Estrada. Então vai visitar o garoto no *madrissah*. Sabemos disso porque o garoto foi punido umas duas ou três vezes, justamente por esse motivo. É louco, mas inofensivo: já o conheci. O *babu* também já o viu, nós o vigiamos há três anos. Lamas Vermelhos são raros na Índia, então é fácil não perdê-lo de vista.

— Esses *babus* são muito curiosos — comentou Lurgan, pensativo. — Sabe o que *babu* Hurree realmente quer? Tornar-se membro da Real Sociedade, como coletor de dados etnológicos. Contei a ele tudo o que Mahbub e o garoto disseram sobre o lama, e *babu* Hurree segue para Benares à sua própria custa, eu acho.

— Não sei — disse Creighton, com simplicidade. Ele pagara as despesas da viagem de Hurree por pura curiosidade em saber mais sobre o lama.

— E há anos ele vai atrás do lama em busca de informação sobre o lamaísmo, danças demoníacas, feitiços e encantos. Caramba, eu poderia ter dito tudo o que ele queria saber há muito tempo. Acho que *babu* Hurree está velho demais para a Estrada, mas o homem prefere buscar informações sobre hábitos e costumes. Sim, ele quer ser membro da Real Sociedade.

— Hurree gosta do garoto, não é mesmo?

— Ah, gosta muito. Passamos algumas tardes agradáveis em minha casa, mas acho que seria um desperdício deixá-lo com Hurree na etnologia.

— Não como primeira experiência. O que acha, Mahbub? Deixamos o garoto passear por aí com o lama por seis meses, depois disso veremos. Ele vai ganhar experiência.

— Ele já tem essa experiência, *sahib*; é como um peixe que controla a água em que nada. Mas concordo que será melhor tirá-lo daquela escola.

— Muito bem, então — concluiu Creighton, falando para si. — Ele pode viajar com o lama, e, se o *babu* Hurree puder ficar de olho nele, melhor ainda. Ele não vai botar o garoto em perigo, como Mahbub faria. É muito curioso ele querer ser um membro da Real Sociedade... E muito humano, também. Ele é o melhor no campo etnológico, o Hurree.

O coronel não se afastaria de seu trabalho no Serviço Topográfico por dinheiro ou promoção nenhuma no mundo, mas, no fundo de seu coração, também ambicionava assinar MRS (membro da Real Sociedade) depois de seu nome. Era uma honraria que sabia poder ser obtida apenas por meio da engenhosidade e de amigos bem-relacionados, mas, até onde sabia, nada além do trabalho, os papéis que representavam uma vida de empenho, permitia a entrada de um homem no Serviço Topográfico que ele bombardeara por anos com relatórios sobre cultos estranhos e costumes asiáticos desconhecidos. Nove em cada dez homens morreriam de tédio durante um encontro da Real Sociedade, mas Creighton fazia parte dos dez por cento, e às vezes sua alma ansiava pelas salas abarrotadas de Londres, onde cavalheiros carecas e grisalhos que nada sabem sobre o Exército circulam entre experimentos espectroscópicos, placas com amostras da vegetação da tundra, máquinas elétricas para medição de voos e aparatos para cortar o olho esquerdo de um mosquito fêmea em lâminas finíssimas. A Real Sociedade Geográfica é que deveria lhe interessar, mas os homens são tão estranhos quanto as crianças na hora de escolher seus brinquedos. Creighton sorriu e passou a ter uma opinião melhor sobre *babu* Hurree, pois era movido por desejos semelhantes.

Ele abaixou o punhal contra fantasmas e olhou para Mahbub.

— Quando poderemos tirar o potro do estábulo? — perguntou o negociante de cavalos, lendo a expressão do coronel.

— Hummm... O que acha que ele faria se eu ordenasse sua saída agora? Nunca dirigi a educação de alguém assim.

— Ele viria até mim — respondeu Mahbub na hora. — Eu e *sahib* Lurgan o prepararemos para a Estrada.

— Que assim seja, então. Ele fará o que quiser por seis meses. Mas quem será seu fiador?

Lurgan inclinou a cabeça de leve.

— Ele não contará nada, coronel, se é essa a sua preocupação.

— Ele é só um garoto.

— Sim, mas não tem nada para contar, além de saber o que lhe aconteceria, caso revelasse algo. E, mais ainda, ele gosta muito de Mahbub e um pouco de mim.

— Ele receberá algum ordenado? — perguntou o negociante de cavalos, sempre prático.

— Apenas o bastante para comida e água. Vinte rupias por mês.

Uma das vantagens do Serviço Secreto é não haver prestações de contas inoportunas. Os recursos são muito escassos, claro, mas os fundos são administrados por poucos homens, que não pedem notas fiscais ou relações de itens. Os olhos de Mahbub se iluminaram como se fosse um sique apaixonado por dinheiro. Até o rosto impassível de Lurgan mudou. Ele pensou em um futuro próximo, quando Kim entrasse no Grande Jogo que nunca parava, dia e noite, por toda a Índia. Honra e crédito seriam conquistados graças àquele pupilo. *Sahib* Lurgan fizera de E23 o que o homem era hoje, e ele antes não passava de um provinciano do noroeste, pretensioso, impertinente e mentiroso.

Mas a felicidade desses mestres não foi nada comparada à alegria de Kim quando o diretor da São Xavier contou-lhe da convocação feita pelo coronel Creighton.

— Creio, O'Hara, que o coronel ofereceu a você um posto como agrimensor assistente na Administração de Canais: veja o quanto valeu estudar matemática! É muito bom para você, já que tem apenas 16 anos, mas não se esqueça de que não será um *pukka*^{44} até que passe no exame de outono. Então, não pense que está indo lá fora para se divertir ou que seu futuro está garantido. Ainda há muito trabalho duro pela frente, e você sabe que só passará a ganhar 450 por mês caso se forme um *pukka*.

Em seguida, o diretor da escola ainda lhe deu bons conselhos sobre conduta, modos e moral. Os alunos mais velhos, que não foram convocados, falaram, como só os anglo-indianos conseguem, sobre favoritismo e corrupção. De fato, o jovem Cazalet, cujo pai era

um pensionista em Chunar, dava a entender pelos cantos que o interesse do coronel Creighton por Kim era visivelmente paternal, mas Kim, em vez de responder, permaneceu calado. Pensava na grande diversão que se seguiria, na carta de Mahbub que recebera no dia anterior, escrita em bom inglês e marcando um encontro para aquela tarde em um lugar que teria arrepiado os cabelos do diretor.

Ainda nesse mesmo dia, diante das balanças de bagagem na estação de trem, Kim dissera a Mahbub:

— Tive medo de que, no último segundo, o teto da escola desabasse sobre mim. Ó meu pai, realmente estou livre da escola?

Mahbub estalou os dedos para confirmar o término do período na escola, e os olhos do menino brilharam como brasas.

— Então, onde está a minha pistola?

— Calma! Pedi ao coronel *sahib* que lhe desse seis meses para passear em liberdade, com 20 rupias por mês. O velho Chapéu Vermelho sabe que você está a caminho.

— Pagarei a *dustoorie*^{45} do meu ordenado por três meses — respondeu Kim, sério. — É, 2 rupias por mês. Mas, antes, vamos nos livrar disso... — Ele indicou as calças de linho e puxou o colarinho da blusa. — Trouxe comigo tudo de que precisarei na estrada. Meu baú foi enviado para o *sahib* Lurgan.

— Ele manda seus *salaams* a você... *sahib*.

— *Sahib* Lurgan é um homem esperto. Mas e você? O que fará?

— Vou para o Norte outra vez, para o Grande Jogo. O que mais faria? Ainda está decidido a seguir o velho Chapéu Vermelho?

— Não se esqueça de que ele fez de mim o que sou, embora não saiba disso. Todos os anos, mandava o dinheiro que pagou meus estudos.

— Eu teria feito o mesmo se a ideia tivesse passado pela minha cabeça dura — resmungou Mahbub. — Vamos, já anoiteceu. Ninguém vai notá-lo no bazar. Vamos para a casa de Huneefa.

No caminho, Mahbub dera a Kim muitos conselhos parecidos com os que Lemuel recebera de sua mãe e, curiosamente, Mahbub fora muito enfático ao afirmar que mulheres como Huneefa destruíam reis.

— E bem me lembro — começou ele, maliciosamente — de alguém que disse: “Confie mais em uma cobra do que em uma cortesã; e mais em uma cortesã do que em um pachtun, Mahbub Ali.” Agora, tirando a parte do pachtun, pois sou um deles, é tudo verdade. E é mais verdade ainda que, no Grande Jogo, são as mulheres que colocam em risco todos os planos e fazem com que sejamos encontrados de madrugada com a garganta cortada. Foi o que aconteceu com alguém que conheci... — E Mahbub deu os detalhes sórdidos.

— Então por que...? — começou a dizer Kim, mas parou de falar ao chegar a uma escadaria imunda que levava a uma saleta abafada no segundo andar, atrás da tabacaria de Azim Ullah. O lugar era conhecido como Gaiola de Passarinhos, por causa dos cantos, trinados e gorjeios escutados ali.

Com suas almofadas suspeitas e narguilés abandonados, a sala cheirava a tabaco velho. Em um dos cantos havia uma mulher imensa em trajes verdes, deitada com joias pesadas adornando a sobancelha, o nariz, as orelhas, o pescoço, os pulsos, os braços, a cintura e os tornozelos. Quando se virava, o barulho que fazia era o de alguém batendo panelas. Um gato deitado na sacada da janela miava com fome. Kim parou, desconcertado, na cortina da porta.

— Trouxe carne fresca, Mahbub? — perguntou Huneefa preguiçosamente, mal afastando a boquilha da boca. — Ó Buktanoos! — Como as mulheres de seu tipo, ela jurava pelos gênios. — Ó Buktanoos! Ele é muito bonito de se ver.

— Isso faz parte do negócio dos cavalos — explicou Mahbub a Kim, que riu.

— Ouço essa conversa desde o meu Sexto Dia — replicou Kim, agachando-se perto de uma lamparina. — Aonde isso vai levar, afinal?

— Proteção. Esta noite, mudaremos sua cor. Essa história de dormir sob um teto o deixou pálido como uma amêndoa sem casca. Mas Huneefa conhece o segredo de uma boa pintura. Não é como aquelas que saem em um dia ou dois. Também vamos prepará-lo para os perigos da Estrada. É o *meu* presente para você, meu filho.

Tire todos os metais de seu corpo e deixe-os ali. Prepare-se, Huneefa.

Kim pegou a bússola, a caixa de pintura topográfica e a caixinha de remédios, que completara há pouco tempo. Esses objetos o acompanhavam em sua jornada, e, de uma forma juvenil, tinham grande valor sentimental.

A mulher se levantou devagar e estendeu as mãos à frente do corpo. Kim percebeu, então, que ela era cega.

— Não, não — murmurou ela —, o pachtun disse a verdade. Minhas pinturas duram muito mais que uma semana ou um mês, e aqueles que eu protejo ficam sob forte guarda.

— Quando se está longe e sozinho, corre-se o risco de pegar lepra ou alguma doença — disse Mahbub. — Quando você viajava comigo era diferente. Além disso, um pachtun tem pele clara. Dispa-se até a cintura e veja como está pálido.

Huneefa tateava para encontrar o caminho até eles.

— Não se preocupe, ela não enxerga — completou Mahbub para Kim, então pegou uma vasilha de metal da mão cheia de anéis da mulher.

A tinta parecia azulada e empolada. Kim passou um pouco no pulso, usando um pano de algodão, mas Huneefa o ouviu.

— Não, não — protestou —, não é assim que se faz, há todo um cerimonial. A pintura é o menos importante. Eu lhe darei a proteção total da Estrada.

— *Jadoo?*^{46} — perguntou Kim, recuando um pouco. Ele não gostava daqueles olhos brancos e sem foco. Mahbub pôs a mão em sua nuca e o fez agachar-se até seu nariz ficar a um centímetro do chão.

— Fique parado. Nada de mal vai acontecer a você, meu filho. Eu serei seu sacrifício!

Kim não conseguia ver o que a mulher fazia, mas ouviu o tilintar de suas joias por vários minutos. Um fogo se acendeu nas trevas; ele sentiu o aroma conhecido do incenso. Então, a sala se encheu de uma fumaça forte e enebriante. Quase adormecendo, Kim ouviu nomes de demônios — Zulzaban, filho de Iblis, que vive em bazares

e *paraos*, despertando a luxúria nos lugares de descanso das estradas; Dulhan, invisível sobre as mesquitas, que lida com os que tropeçam na fé e desvia as pessoas de suas preces; Musboot, senhor das mentiras e do pânico. Ora sussurrando em seu ouvido, ora falando como se estivesse muito distante, Huneefa tocava-o com dedos horríveis e macios, mas a mão de Mahbub continuou pousada em sua nuca, até que, relaxando com um suspiro, o garoto perdeu os sentidos.

— Por Alá, como ele lutou! Nunca conseguiríamos sem remédios. Acho que foi seu sangue branco — disse Mahbub, impaciente. — Prossiga com a *dawut*.^{47} Dê a ele proteção total.

— *Ó Ouvinte! Tu que ouves com mil ouvidos, sê presente. Ouve!* — murmurou Huneefa, com os olhos mortos voltados para o oeste. A saleta escura se encheu de murmúrios e grunhidos.

Na sacada, uma figura gorda levantou a cabeça redonda e tossiu nervosamente.

— Não interrompa a necromancia ventríloqua, meu amigo — disse a figura em inglês. — Entendo que seja muito perturbador para você, mas nenhum estudioso esclarecido se deixa afetar.

— *... Tramarei a ruína deles! Ó Profeta, tolera os incrédulos. Deixa-os em paz por um tempo!* — O rosto de Huneefa, virado para o norte, se contorcia horrivelmente, e era como se vozes lhe respondessem do teto.

O *babu* Hurree voltou-se para o seu caderno, recostando-se no peitoril da janela, mas suas mãos tremiam. Huneefa, em uma espécie de transe provocado pelas drogas, contorcia-se, sentada com as pernas cruzadas próxima à cabeça inerte de Kim, e chamava demônio após demônio, na antiga ordem do ritual, compelindo-os a se afastar de cada ação do garoto.

— *Ele carrega as chaves das Coisas Secretas! Ninguém as conhece além Dele próprio. Ele conhece o que está na terra e no mar!* — Mais uma vez foram ouvidas as vozes sobrenaturais.

— Esse... Esse procedimento não é maligno, é? — perguntou o *babu*, observando o pescoço de Huneefa se contorcer e tremer enquanto ela continuava a falar muitas línguas. — Ela... Ela não

matou o garoto, não é? Se tiver matado, eu me recuso a testemunhar no tribunal... Qual foi o último demônio hipotético que ela mencionou?

— *Babuji*^{48} — respondeu Mahbub em hindi —, não dou qualquer importância aos demônios da Índia, mas os filhos de Iblis são outra coisa. E, sejam eles *jumalee*^{49} ou *jullalee*,^{50} não têm amor por *kafirs*, por infiéis.

— Então acha melhor eu ir? — perguntou *babu* Hurree, já se levantando. — Eles são, é claro, um fenômeno desmaterializado. É o que diz Spencer.

A crise de Huneefa passou, como costuma acontecer, com um último uivo agonizante e um pouco de espuma nos lábios. Ela jazia esgotada e imóvel ao lado de Kim, e as vozes enlouquecidas haviam cessado.

— Ah! O trabalho terminou. Tomara que ajude o garoto. Huneefa é certamente a senhora do *dawut*. Ajude-me a levantá-la, *babu*. Não tenha medo.

— Como posso temer algo que não existe? — disse *babu* Hurree, falando em inglês para se tranquilizar. É terrível temer a magia que você investiga com desdém, ou coletar relatos folclóricos para a Real Sociedade acreditando em todos os Poderes das Trevas.

Mahbub deu uma risadinha. Ele já conhecia bem Hurree.

— Vamos terminar a pintura — disse o afegão. — O garoto está bem protegido, se os Senhores do Ar tiveram ouvidos para ouvir. Eu sou um *sufi*, um livre pensador, mas, quando é possível se esquivar de uma mulher, um garanhão ou um demônio, por que voltar e abrir a guarda? Ponha-o no caminho, *babu*, e certifique-se de que o velho Chapéu Vermelho não o leve para além do nosso alcance. Preciso voltar para meus cavalos.

— Está bem — concordou *babu* Hurree. — No momento, ele é um espetáculo curioso.

APÓS O TERCEIRO cantar do galo, Kim acordou de um sono de milênios. Huneefa, em seu canto, roncava bastante, mas Mahbub se fora.

— Espero que você não esteja assustado — disse uma voz próxima, docemente. — Fiscalizei toda a operação, que foi interessantíssima do ponto de vista etnológico. Foi um *dawut* de alto nível.

— Hã — fez Kim, reconhecendo *babu* Hurree, que sorria de forma agradável.

— Também tive a honra de trazer seu uniforme, enviado por Lurgan. Oficialmente, a indumentária de meus subordinados não costuma ser minha responsabilidade, mas seu caso é claramente excepcional. — Ele deu uma risadinha. — Espero que o Sr. Lurgan leve isso em conta.

Kim bocejou e se espreguiçou. Era bom poder se mexer usando roupas confortáveis de novo.

— O que é isso? — Ele olhou com curiosidade para o traje pesado que tinha cheiro do Norte.

— Ah! Esta é uma modesta roupa de um *chela* que acompanha um lamaísta. Completa em cada detalhe. — *Babu* Hurree foi até a varanda para limpar a boca com um gargarejo. — Na minha opinião, não é exatamente da religião do seu velho cavalheiro, mas sim de uma variante. Escrevi para o *Asiatic Quarterly Review* a respeito desse mesmo assunto. É curioso como o velho cavalheiro não tem qualquer religiosidade, não é nada exigente.

— Você o conhece?

Ainda na sacada, *babu* Hurree ergueu a mão espalmada, indicando que estava ocupado com o ritual de limpeza da boca e com outras atividades de bengalis bem-nascidos. Em seguida, recitou em inglês uma prece *arya samaj* de natureza teísta e encheu a boca de *pan* e bétele.

— Ah, sim. Encontrei-o várias vezes em Benares e também em Bodh Gaya, em busca de informações sobre alguns aspectos da religião e da adoração de demônios. Ele é um agnóstico puro, assim como eu.

Huneefa agitou-se em seu sono, e *babu* Hurree foi nervosamente até o queimador de incenso de cobre — preto e descolorido na luz matinal —, enfiou um dedo nas cinzas e fez um risco diagonal em seu rosto.

— Quem morreu? — perguntou Kim em hindi.

— Ninguém, mas a feiticeira pode ter mau-olhado — replicou o *babu*.

— O que você vai fazer agora?

— Vou colocá-lo no caminho para Benares, se é que você vai para lá, e lhe contar o que Nós devemos saber.

— Eu vou. A que horas sai o trem? — Ele se levantou e olhou em volta, examinando a saleta miserável e o rosto pálido de Huneefa enquanto alguns raios de sol entravam pela porta. — Devemos alguma coisa à bruxa?

— Não. Ela o protegeu de todos os demônios e perigos em nome dos demônios dela. Foi o desejo de Mahbub. — E continuou, em inglês: — Ele é bem ultrapassado, por acreditar nessa superstição. Afinal, é tudo ventriloquia, entende?

Kim estalou os dedos automaticamente, tentando espantar qualquer mal não previsto por Mahbub que pudesse ter sido provocado pelos encantos de Huneefa, e Hurree riu outra vez. Mas, quando atravessou a sala, teve o cuidado de não pisar na larga sombra de Huneefa. Quando querem, as bruxas podem se apoderar da alma de um homem, se ele pisar em sua sombra.

— Agora, escute bem — disse o *babu* quando chegaram ao lado de fora. — As cerimônias da noite passada serviram para obter amuletos muito eficazes para os membros do nosso departamento. Se procurar em seu pescoço, sentirá um pequeno amuleto prateado bem barato. Ele é *nosso*. Entendeu?

— Ah, entendi, *hawa-dilli*^{51} — disse Kim, sentindo-o em seu pescoço.

— Huneefa os faz por 2 rupias e 12 anás, com... bem, com todo tipo de exorcismo. Eles são bem comuns, exceto por serem, em parte, esmaltados de preto e terem dentro um papel com nomes de santos locais e coisas assim. *Isso* é um negócio exclusivo de Huneefa, entende? Ela os faz apenas para nós. Mas, caso não faça, colocamos neles um pequeno pedaço de turquesa, antes de distribuí-los. É o Sr. Lurgan quem trata disso, não há outra fonte de suprimento. Mas fui eu quem inventou isso tudo. É estritamente não

oficial, claro, mas conveniente para os funcionários. O coronel Creighton não sabe, pois é europeu. A turquesa é enrolada no papel... Sim, esta é a estrada para chegarmos ao trem... Agora, imagine que você vá com o lama ou comigo, um dia, espero, ou com Mahbub. Suponha que entremos em um lugar perigoso. Eu sou um homem medroso, bem medroso, mas lhe digo que o número de lugares perigosos em que estive é maior que a quantidade de cabelos na minha cabeça. Se isso acontecer, basta dizer: "Eu sou Filho do Sortilégio." E pronto.

— Acho que não entendi. E não deveríamos estar falando inglês aqui.

— Não, tudo bem. Eu sou apenas um *babu* me gabando do meu inglês para você. Todos nós *babus* falamos inglês para nos gabar — disse Hurree, jogando o xale por cima do ombro alegremente. — Mas, como eu ia dizendo, "Filho do Sortilégio" significa que você possui o talismã e pode ser um membro do *Sat Bhai*, a sociedade secreta Sete Irmãos, em hindi e tântrico. Acredita-se que seja uma sociedade extinta, mas escrevi alguns relatórios provando que ainda estão na ativa. Na verdade, é tudo invenção minha. Muito bem. O *Sat Bhai* tem muitos membros, e, antes de cortarem alegremente a sua garganta, talvez deem a você uma chance de viver, se disser essas palavras. O que sempre pode ser útil. Além disso, esses tolos nativos, quando não estão fora de si, costumam parar para pensar antes de matar alguém que diga pertencer a uma organização específica. Entende? Você diz, então, quando estiver em perigo: "Eu sou Filho do Sortilégio" e talvez consiga, bem, aquela segunda chance. Isso é apenas para casos extremos, ou ao iniciar negociações com um estranho. Entendeu? Muito bem. Agora, suponha que eu, ou alguém do departamento, vá até você disfarçado. Você definitivamente não me reconheceria, a não ser que eu quisesse, um dia provarei isso. Mas apareço como um mercador de Ladakhi, ou qualquer outra coisa, e lhe digo: "Quer comprar pedras preciosas?" Você responde: "Pareço com um homem que compra pedras preciosas?" Então, eu respondo: "Mesmo um homem muito pobre pode comprar uma turquesa ou um *tarkeean*, vegetais ao curry."

— É *kichree*, arroz, ovos e peixe — corrigiu Kim.

— Claro. Mas, então você diz: “Deixe-me ver o *tarkeean*.” E eu respondo: “Foi preparado por uma mulher, e talvez isso seja ruim para a sua casta.” Então, você diz: “Castas não importam quando um homem vai à procura... de *tarkeean*.” Faça uma pausa entre essas palavras, “procura” e “de”. Esse é o grande segredo. A pequena pausa entre as palavras.

Kim repetiu a frase-teste.

— Muito bem. Então, eu lhe mostro minha turquesa, se houver tempo, e você saberá quem sou. Daí trocamos informações, documentos, essas coisas. É assim com qualquer um de nós. Às vezes falamos de turquesas, outras vezes de *tarkeean*, mas sempre com essa pequena pausa entre as palavras. É muito fácil. Primeiro, “Filho do Sortilégio” se estiver em perigo. Talvez ajude, talvez não. Então, aquelas coisas que falei sobre o *tarkeean*, se quiser fazer negócios oficiais com um estranho. Mas, é claro, no momento você não tem nenhum negócio oficial. Você é, ahá... Um extranumerário em período de experiência. Um espécime realmente singular. Se fosse asiático de nascença, já estaria empregado, mas esse período de seis meses servirá para desinglesá-lo, entende? O lama o espera, porque eu o informei de forma não oficial que você foi aprovado em todos os exames e logo receberá uma convocação do governo. Haha! Você está em período de experiência, entende? De modo que, se for chamado para ajudar os Filhos do Sortilégio, sinta-se à vontade para tentar. Agora, devo me despedir, caro amigo, e desejo a você todo o sucesso do mundo.

Recuando um ou dois passos, *babu* Hurree misturou-se à multidão na entrada da estação de Lucknow e desapareceu. Kim respirou fundo e tateou suas roupas. Sentiu o revólver niquelado de cabo de madrepérola contra o peito, o amuleto pendurado no pescoço, a escudela dos pedintes, o japamala e o punhal contra fantasmas (o Sr. Lurgan não se esquecera de nada). Estavam todos à mão, assim como os remédios, a caixa de tinta e a bússola. E, em um gasto cinturão que servia de bolsa, com estampa de porco-espinho, estava o pagamento de um mês. Nem reis eram tão ricos. Ele comprou

doces com um mercador hindu e os comeu, muito feliz, até que um oficial o mandou sair da escada.

11

Dê a alguém não treinado
No agir
Espadas para cortar e brandir
Moedas para contar, tilintar
Gente para ferir ou curar
Serpentes para encantar e enganar —
Sua lâmina o machucará,
A serpente desobedecerá,
Seu desengonçar o trairá,
As pessoas rirão dele no ato —
Mas não com o malabarista nato!
Uma flor murcha, um punhado de pó,
Uma fruta caída, um pau e só
Já servem para dar-lhe este poder
De fazer gargalhar ou renascer.
Exceto o homem, etc.
“A canção do malabarista”

Seguiu-se uma súbita reação, perfeitamente natural:

“Agora estou só, completamente só”, pensou. “Em toda a Índia, não há ninguém tão sozinho quanto eu! Se eu morresse hoje, quem daria a notícia? E para quem? Se eu viver, e Deus for bom, minha cabeça será posta a prêmio, pois sou um Filho do Sortilégio. Eu, Kim.”

Pouquíssimas pessoas brancas — mas muitos asiáticos — podem se lançar em uma espécie de transe apenas repetindo insistentemente seus próprios nomes, deixando a mente vagar livre, especulando sobre a chamada identidade pessoal. Com o passar dos anos, essa habilidade costuma desaparecer. Contudo, enquanto dura, pode se manifestar a qualquer momento.

“Quem é Kim?... Kim... Kim?”

Ele se agachou em um canto da sala de espera lotada, pensando apenas nessa pergunta, com as mãos sobre o colo e as pupilas muito contraídas. Sentia que, em apenas mais um minuto, ou no meio segundo seguinte, chegaria à solução desse gigantesco enigma; mas, então, como sempre acontece, sua mente despencou dessa altura como um pássaro ferido, e, passando a mão diante dos olhos, Kim sacudiu a cabeça.

Um hindu *bairagi* — um homem santo — de cabelos compridos, que acabara de comprar um bilhete, parou diante dele e o encarou por um longo tempo.

— Eu também o perdi — disse o velho, com pesar. — É um dos Portões para o Caminho, mas este se fechou para mim há muitos anos.

— Do que está falando? — perguntou Kim, atônito.

— Você estava pensando, em seu espírito, em como deve ser a sua alma. O estalo veio de súbito, eu sei. *Sei* muito bem. Para onde está indo?

— Para Kashi.^{52}

— Não há deuses lá, já procurei. Vou para Allahabad pela quinta vez. Busco a Estrada para Iluminação. Qual é a sua fé?

— Também estou em uma Busca — respondeu Kim, usando umas das palavras favoritas do lama —, mas — acrescentou, esquecendo-se por um momento de suas vestimentas do Norte — apenas Alá sabe o que procuro.

O velho pôs a bengala *bairagi* debaixo do braço e se sentou em um pedaço de pele de leopardo, enquanto Kim se levantava ao ouvir o chamado do trem para Benares.

— Vá em paz, irmãozinho — disse o velho. — É uma longa jornada até os pés do que é Um, mas ainda assim todos nós a fazemos.

Kim não se sentiu tão sozinho após esse encontro e, 30 quilômetros depois de se sentar em um vagão lotado, já estava entretendo seus companheiros de viagem com histórias maravilhosas sobre seus dons mágicos e os de seu mestre.

Benares lhe pareceu uma cidade especialmente suja, embora fosse agradável perceber que sua roupa de *chela* era respeitada. Pelo menos um terço da população reza, durante toda a vida, para um grupo ou outro das milhares de deidades existentes, então reverencia qualquer tipo de homem santo. Kim foi levado ao Templo dos Tirthankaras, a mais ou menos 1,5 quilômetro da cidade, perto de Sarnath, por um agricultor punjabi. Era um *kamboh* vindo da estrada de Jalandhar, que pedira em vão a todos os deuses de sua cidade que curassem seu filho pequeno. Estava indo a Benares como último recurso.

— Você é do Norte? — perguntou o agricultor, abrindo caminho entre a multidão nas ruas estreitas e fedorentas, como fazia seu touro de estimação em sua terra natal.

— Sim, e conheço Punjab. Minha mãe era uma *pahareen*, mas meu pai veio de Amritsar, perto de Jandiala — respondeu Kim, adaptando sua língua afiada às necessidades da estrada.

— Jandiala... Jalandhar? Ahá! Então somos, de certa maneira, vizinhos! — Ele indicou com um aceno terno de cabeça para a criança que chorava em seus braços. — A quem você serve?

— A um homem muito santo, no Templo dos Tirthankaras.

— Eles são todos muito santos... e muito gananciosos — disse o *jat*, amargurado. — Andei por todos os pilares e templos, gastando meus pés, e a criança não melhorou nem um pouquinho. E a mãe está ficando doente também... Calma, pequeno, calma... Já mudamos o nome dele quando a febre começou, já o vestimos de menina para fazê-lo parecer ter menos valor. Tentamos tudo, mas, como falei para minha mulher quando me mandou para Benares, ela deveria ter vindo comigo. Eu *avisei* que o santuário Sultão Sakhi Sarwar poderia nos servir melhor. Conhecemos Sua generosidade, mas esses deuses do interior são estranhos.

A criança se virou nos braços do homem, grandes como almofadas, e encarou Kim por baixo das pálpebras cansadas.

— E foi tudo em vão? — perguntou Kim, interessado.

— Tudo em vão, tudo em vão — repetiu a criança, com os lábios ressecados pela febre.

— Os deuses deram a ele uma mente afiada, ao menos — disse o pai, orgulhoso. — E pensar que estava escutando tudo, tão inteligente. Aquele é o seu Templo. Agora, sou um homem pobre, os homens santos levaram tudo o que eu tinha, mas meu filho é meu filho, e se um presente ao seu mestre for curá-lo... Não sei mais o que fazer.

Kim meditou por um momento, cheio de orgulho. Três anos antes, teria lucrado com a situação e seguido seu caminho. Mas, agora, o próprio respeito que o agricultor lhe mostrara provava que Kim era um homem. Além disso, sabia o que era sofrer de febre e também sabia o bastante para reconhecer os efeitos da fome.

— Traga seu mestre e lhe darei a minha melhor junta se meu filho for curado.

Kim parou diante da porta do templo. Um *oswal* banqueiro, vestido de branco, vindo do Ajimir e recém-purificado de seus pecados, perguntou o que queria.

— Sou o *chela* do lama Teshoo, Sua Santidade de Bhotiyal, que está aí dentro. Ele me pediu para vir. Estou esperando, diga a ele.

— Não se esqueça do meu filho! — gritou o *jat* por cima do ombro, para então entoar, em punjabi: — Ó homem santo, ó discípulo do homem santo, ó deuses sobre todos os mundos, contemplem a aflição diante deste portão!

O grito era tão comum em Benares que os passantes nem se deram o trabalho de virar a cabeça para olhar.

Em paz com a humanidade, o *oswal* voltou para dentro para entregar o recado, e os minutos vagarosos e incontáveis do Oriente transcorreram, pois o lama dormia em sua cela, e nenhum monge se atrevia a acordá-lo. Quando o estalar das contas de seu japamala outra vez quebrou o silêncio de onde ficam as calmas imagens dos *arhats*, os santos budistas, um noviço sussurrou:

— Seu *chela* está aqui.

O velho se levantou imediatamente, esquecendo-se do fim daquela reza.

A alta figura mal surgira no batente da porta, e o *jat* correu para ele. Erguendo o filho, gritou:

— Olhe para ele, Vossa Santidade, e, se for a vontade dos deuses, ele viverá, viverá!

Tateou seu cinto e encontrou uma pequena moeda de prata.

— O que é isso?

O lama voltou-se para Kim. Era visível que seu urdu melhorara muito desde aquele dia distante, debaixo do Zam-Zammah, mas o pai da criança não permitiria que conversassem em particular.

— É apenas uma febre — informou Kim. — A criança não está bem-alimentada.

— Ele não consegue comer, e a mãe não está aqui.

— Se me for permitido, posso curá-lo, Vossa Santidade.

— O quê?! Eles o ensinaram a curar? Espere aqui — disse o lama e sentou-se ao lado do *jat* no degrau mais baixo do templo, enquanto Kim, observando pelo canto do olho, abriu devagar a caixinha de bétele.

Na escola, havia sonhado em voltar para o lama como um *sahib*, em enganar o ancião antes de revelar sua identidade, mas aqueles eram sonhos de garoto. Era muito mais dramática essa busca com a testa franzida, revirando frascos de comprimidos e parando de vez em quando para pensar e murmurar algumas invocações. Tinha comprimidos de quinino e uns tabletes de extrato de carne concentrada; carne de vaca, provavelmente, mas Kim nada tinha a ver com isso. A criança chupou avidamente um dos tabletes e disse que gostava do gosto salgado.

— Fique, então, com esses seis. — Kim entregou-os ao homem. — Reze e ferva três em leite, e os outros três em água. Depois que ele beber o leite, dê isto. — Era meio comprimido de quinino. — E deixei-o bem agasalhado. Quando ele acordar, dê a água dos outros três tabletes e a outra metade do comprimido branco. Enquanto isso, aqui está outro remédio para ele chupar no caminho para casa.

— Deuses, que sabedoria! — disse o *kamboh*, agarrando os remédios.

Era tudo o que Kim conseguia recordar do seu próprio tratamento, quando teve malária no outono. Grande parte do falatório fora apenas para impressionar o lama.

— Pode ir! Volte amanhã de manhã.

— Mas o preço, e o preço? — perguntou o *jat*, em postura orgulhosa. — O meu filho é meu filho. Agora que vai ficar bem de novo, como posso voltar para a mãe dele e contar que recebi ajuda à beira da estrada e nem sequer dei uma escudela de coalhada como pagamento?

— São todos iguais, esses *jats* — disse Kim com delicadeza. — Conta-se que um *jat* estava em uma pilha de estrume quando viu passarem os elefantes do rei. “Condutor!”, chamou ele, “por que vai vender esses pequenos burros?”

O *jat* desatou a rir, desmanchando-se em desculpas para o lama.

— É o ditado da minha terra... exatamente o que ele disse. É, como nós somos, os *jats*. Voltarei amanhã com o menino; e que a bênção dos deuses do Lar, que são deuses menores e generosos, recaia sobre vós... Agora, filho, vamos ficar fortes outra vez. Não cuspa, pequeno príncipe! Rei do meu coração, não cuspa o remédio, e amanhã de manhã seremos homens fortes, grandes guerreiros.

O agricultor partiu, cantarolando e murmurando. O lama virou-se para Kim, e seus olhos entreabertos transmitiam toda a afeição de sua velha alma.

— Curar os doentes é acumular mérito. Mas, antes, deve-se obter a sabedoria. Você demonstrou muita sabedoria, Amiguinho de Todos.

— Foi você quem me tornou sábio, Vossa Santidade — disse Kim, esquecendo-se da pequena encenação que fizera, da São Xavier, do seu sangue branco e até mesmo do Grande Jogo, e fazendo uma reverência, à maneira maometana, para tocar os pés do seu mestre, no chão do templo jainista. — Devo meu estudo a você. Comi do seu pão durante três anos, mas agora acabou. Estou livre da escola. Vim vê-lo.

— E essa é a minha recompensa. Entre! Entre! E está tudo bem? — Foram para o pátio interior, iluminado pelos raios dourados do sol do entardecer. — Deixe-me olhar para você. Então! — Examinou-o, criticamente. — Já não é mais uma criança, e sim um homem, sábio e amadurecido, caminhando como um médico. Fiz bem... fiz bem quando o entreguei aos homens armados naquela noite escura. Lembra-se de quando nos conhecemos, debaixo do Zam-Zammah?

— Lembro. E você? Lembra-se de quando saltei da carruagem no primeiro dia em que fui para...

— Os Portões do Conhecimento? Lembro. E o dia em que comemos bolos do outro lado do rio, em Nucklao. Ah! Já mendigou para mim muitas vezes, mas naquele dia eu mendiguei para você.

— Por um bom motivo — disse Kim. — Eu era um estudante diante dos Portões do Conhecimento, vestido como um *sahib*. Não se esqueça, Vossa Santidade — continuou em tom brincalhão —, ainda sou um *sahib*... e por sua causa.

— É verdade. É um *sahib* muito estimado. Venha à minha cela, *chela*.

— Como sabe disso?

O lama sorriu.

— Primeiro, por meio das cartas do gentil padre que conhecemos no acampamento dos homens armados, mas que agora voltou para o seu país. Então, passei a mandar o dinheiro para o irmão dele. — O coronel Creighton, que substituíra o padre Victor quando este foi para Inglaterra com os Mavericks, não era o irmão do capelão, como supunha o lama. — Mas não compreendo bem as cartas dos *sahibs*. Alguém precisa explicá-las para mim. Escolhi um meio mais seguro. Muitas vezes, quando voltava da minha Busca para este templo, que tem sido um refúgio para mim, vinha uma pessoa procurando por Iluminação, um homem de Leh, que segundo ele, fora um hindu, mas havia se cansado de todos esses deuses. — O lama apontou para os *arhats*.

— Um homem gordo? — perguntou Kim, com um brilho divertido no olhar.

— Muito gordo, mas compreendi que sua mente gostava de se ocupar de inutilidades: demônios, encantamentos, o cerimonial do chá nos mosteiros e por que caminhos eram iniciados os noviços. Um homem com muitas perguntas, mas era seu amigo, *chela*. Contou que você estava no caminho para se tornar um honrado escriba. E agora descubro que se tornou um médico.

— Sim, sou um escriba quando sou *sahib*, mas isso fica esquecido quando venho ser seu discípulo. Já terminei os estudos necessários para me tornar um *sahib*.

— Como se fosse um noviço? — perguntou o lama, assentindo. — Está liberado da escola? Não quero que saia antes do tempo.

— Estou completamente liberado. Logo trabalharei para o governo como escriba.

— Não como guerreiro. Isso é bom.

— Mas primeiro vim correr o mundo com meu mestre. Então, aqui estou. Quem mendiga para você, agora? — disse Kim mudando de assunto, pois o tema era delicado.

— Em geral eu mesmo tenho feito isso. Mas, como sabe, raramente estou aqui, a não ser quando venho visitar o meu discípulo. Tenho viajado de uma ponta a outra da Índia, a pé e de *te-rém*. Que terra vasta e maravilhosa! Mas, quando me instalo aqui, é como se estivesse em meu próprio Bhotiyal.

Olhou com satisfação para a pequena cela limpa. Uma almofada fina servia de assento, e nela o ancião se acomodou com as pernas cruzadas, na posição do Iluminado que emerge de uma meditação. À sua frente havia uma mesa de madeira preta, com menos de 50 centímetros de altura, posta com xícaras de cobre. Em um dos cantos havia um pequeno altar, também da mesma madeira, e sobre ele ficava uma imagem de cobre do Buda sentado, um recipiente para incensos e um par de vasos de metal com flores.

— O Guardiã das Imagens da Casa das Maravilhas acumulou mérito ao me presentear com estas coisas no ano passado — explicou ele, seguindo o olhar de Kim. — Quando estamos longe da nossa terra natal, tais objetos trazem lembranças; e devemos venerar o Senhor, pois Ele nos mostrou o Caminho. Veja! — exclamou, apontando para um montículo de arroz colorido, disposto de forma curiosa, coroado com um fantástico ornamento de metal. — Quando era um monge em minha terra, sem o conhecimento que tenho hoje, fazia essa oferenda todos os dias: é o sacrifício do universo ao Senhor. Assim nós, de Bhotiyal, oferecemos todo o mundo diariamente à Lei Excelente. E faço isso até hoje, embora saiba que o Excelente está acima dessas coisas. — O lama, então, aspirou uma pitada de rapé.

— Vossa Santidade faz bem — murmurou Kim, sentando-se à vontade nas almofadas, muito feliz e bastante cansado.

— E também... — O velho riu. — Faço gravuras da Roda da Vida. Levo três dias para cada gravura. Estava ocupado com uma delas, ou talvez na hora tenha descansado os olhos rapidamente, quando me avisaram que você havia chegado. É bom tê-lo aqui; mostrarei a minha arte, não por orgulho, mas porque você deve aprender. Os *sahibs* não detêm *toda* a sabedoria do mundo.

O lama tirou, de debaixo da mesa, uma folha amarela de papel chinês estranhamente perfumada, pincéis e tinta indiana. Em traços rigorosos, traçara a Grande Roda com os seis raios, com o centro formado pelo Porco, pela Serpente e pela Pomba (Ignorância, Cólera e Luxúria) e compartimentos com todos os Céus, Infernos e oportunidades da vida humana. Os homens dizem que o próprio Buda Iluminado, no princípio, formava a Roda com grãos de arroz na areia, para ensinar aos discípulos a causa das coisas. A passagem de muitas eras cristalizara-a na mais admirável convenção, coroada por centenas de pequenas figuras, cada uma delas trazendo um significado. São poucos os que sabem traduzir a pintura-parábola, e não há vinte pessoas no mundo capazes de desenhá-la de cabeça com segurança: desses que sabem desenhá-la, apenas três conseguem interpretá-la.

— Aprendi a desenhar um pouco — contou Kim. — Mas isto é a maravilha das maravilhas!

— Sei fazê-la há muitos anos. Houve um tempo em que conseguia desenhá-la inteira entre o acender de um lampião e o ascender do sol, no dia seguinte. Ensinarei a você a arte, depois da devida preparação; e mostrarei o significado da Roda.

— Vamos para a Estrada, então?

— Para a Estrada e para a nossa Busca. Estava apenas à sua espera. Tornou-se evidente para mim, em uma centena de sonhos, especialmente em um que veio na noite do dia em que os Portões do Conhecimento se fecharam, que, sem meu *chela*, eu jamais encontraria o Rio. Muitas vezes, como sabe, afastei essa ideia, temendo uma ilusão. Por isso não o trouxe comigo naquele dia em Lucknow, quando comemos os bolos. Não o traria até que o momento fosse propício e auspicioso. Caminhei das montanhas ao

mar, e do mar às montanhas, mas foi em vão. Então, lembrei-me do *Jataka*.

O lama contou a Kim a história do elefante com os grilhões, como contara tantas vezes aos monges jainistas.

— Não é necessária mais nenhuma prova — terminou o lama, sereno. — Você foi enviado para me ajudar. Sem essa ajuda, a Busca seria em vão. Por isso, partiremos juntos outra vez, e desta vez teremos êxito.

— Para onde vamos?

— Isso não importa, Amiguinho de Todos. O sucesso da Busca está garantido. Se preciso for, o Rio jorrará da terra à nossa frente. Acumulei mérito quando o fiz atravessar os Portões do Conhecimento e lhe dei a joia da sabedoria. Você retornou, pude ver, um seguidor de Sakyamuni, o Médico, cujos altares são incontáveis no Bhotiyal. É suficiente. Estamos juntos e tudo está como era antes, Amiguinho de Todos, Amigo das Estrelas... meu *chela*!

Discutiram assuntos mundanos; mas o lama não quis saber de detalhes sobre a vida na São Xavier nem mostrou a mais tênue curiosidade em relação aos modos e hábitos dos *sahibs*. Estava interessado no passado e reviveu todos os passos de sua primeira jornada juntos, esfregando as mãos e rindo até cair no sono repentino da velhice.

Kim observou o último e pálido raio de sol desaparecer do pátio e brincou com o punhal contra fantasmas e o japamala. O clamor de Benares, a mais antiga cidade do mundo, batia dia e noite nas paredes do templo, como ondas batendo em um quebra-mar. De vez em quando, um monge jainista atravessava o pátio com alguma pequena oferenda às imagens e varria o chão com muito cuidado ao voltar, temeroso de tirar a vida de alguma criatura por acidente. Um lampião tremeluziu, e seguiu-se o som das orações. Kim observava as estrelas surgirem na noite calma. Sonhou em hindi, sem uma única palavra em inglês...

— Vossa Santidade — avisou, perto das 3 horas da manhã, quando o lama, ao despertar de seus sonhos, quis iniciar a peregrinação —, não se esqueça da criança a quem demos o remédio. O *jat* vai voltar ao amanhecer.

— Bem lembrado. Na minha pressa, quase causei um mal. — Sentou-se nas almofadas e voltou ao japamala. — É bem verdade que os velhos são como as crianças — disse ele, pateticamente. — Quando querem algo, precisa ser imediatamente, ou ficam contrariados e choram! Muitas vezes, quando estou na Estrada, quase bato os pés de frustração ao me deparar com um obstáculo como um carro de bois ou uma simples nuvem de poeira. Eu não agia assim quando era mais jovem, há muito tempo. Ainda assim, é prejudicial...

— Mas você é mesmo velho, Vossa Santidade.

— Já está feito. Uma Causa foi posta no mundo e, velho ou novo, doente ou são, sabendo ou não, quem pode impedir o efeito dessa Causa? A Roda fica imóvel se uma criança, ou alguém embriagado, a faz girar? *Chela*, como é grande e terrível este mundo.

— Eu gosto dele — respondeu Kim, com um bocejo. — O que tem para comer? Não como desde ontem à tarde.

— Tinha me esquecido de sua fome. Há bom chá de Bhotiyal e arroz frio.

— Não chegaremos muito longe comendo essas coisas. — Kim sentia toda a ânsia europeia por carne, que não existe em um templo jainista. Mesmo assim, em vez de sair imediatamente com a escudela de mendigar, saciou o estômago até o dia nascer com um pouco de arroz frio. O nascer do dia trouxe o agricultor eloquente, que gaguejava de gratidão.

— À noite a febre baixou e meu filho começou a suar! Sinta só... a pele dele está fresca e curada! Ele gostou dos tabletes e bebeu o leite com avidez.

O homem retirou o pano que cobria o rosto da criança, que sorriu para Kim, sonolenta. Um pequeno grupo de monges, silencioso e atento, reuniu-se à porta do templo. Sabiam, e Kim sabia que eles sabiam, que o velho lama encontrara seu discípulo. Como os monges cortesões, não incomodaram os dois na noite anterior com sua presença, palavras ou gestos. Por isso, Kim os recompensou quando o sol nasceu.

— Agradeça aos deuses dos jainistas, irmão — disse Kim ao *jat*, mesmo não sabendo como se chamavam esses deuses. — A febre

baixou mesmo.

— Olhem! Vejam! — O lama, parado atrás de Kim, sorriu com alegria para os seus anfitriões de três anos. — Existe *chela* como este? Ele segue o nosso Senhor que Cura.

Os jainistas reconhecem oficialmente todos os deuses do credo hindu, assim como o Lingam e a Serpente. Usam o cordão bramânico e obedecem a todas as leis do regime de castas. Mas, como conheciam e amavam o lama, como se tratava de um ancião que buscava o Caminho e era seu hóspede, e como conversava nas longas noites com o monge-superior, um metafísico de ideias tão originais quanto as dele, murmuraram em concordância.

— Não se esqueça... — Kim indicou a criança. — O problema pode voltar.

— Não se vocês fizerem o encantamento certo — argumentou o pai.

— Mas estamos de partida.

— É verdade — disse o lama para os monges. — Vamos partir juntos na Busca que muitas vezes mencionei. Esperei até que o meu *chela* amadurecesse. Olhem para ele! Vamos para o Norte. Nunca mais verei este lugar do meu repouso, ó gente de boa vontade.

— Mas eu não sou um mendigo. — O agricultor se levantou, agarrando o filho.

— Fique quieto. Não perturbe Sua Santidade — advertiu um monge.

— Vá — sussurrou Kim. — Encontre-nos debaixo da grande ponte dos trilhos e, pelo amor de todos os deuses do nosso Punjab, traga comida... curry, legumes, bolinhos fritos e doces. Principalmente doces. Vá logo!

A palidez da fome convinha muito a Kim, parado ali de pé, alto e esguio, com as suas vastas túnicas cor de areia, uma das mãos no japamala e a outra em um gesto de bênção, copiado fielmente do lama. Um inglês que visse a cena poderia ter dito que Kim parecia um jovem santo de um vitral, quando na verdade não passava de um garoto em fase de crescimento, fraco de fome.

As despedidas foram longas e cerimoniais, sendo repetidas três vezes. O amigo do lama que também estava em uma Busca, o que

convidara o lama para aquele refúgio quando viesse do longínquo Tibete, um asceta sem barba e calvo, não participou delas, mas meditou, como sempre, sozinho entre as imagens. Os outros eram muito humanos; insistiam em oferecer pequenos confortos ao ancião: uma caixa de bétele, um belo tinteiro de ferro, mantimentos e coisas do tipo. Advertiam-no dos perigos do mundo exterior, profetizando um desfecho feliz para a Busca. Enquanto isto, Kim, mais solitário do que nunca, agachou-se nos degraus e começou a praguejar sozinho na linguagem da São Xavier.

“Mas a culpa é minha”, concluiu. “Com Mahbub, eu comeria do pão de Mahbub, ou do pão do *sahib* Lurgan. Na São Xavier, fazia três refeições por dia. Aqui, tenho que cuidar de mim mesmo. Estou desacostumado. *Adoraria* um prato de carne agora!”...

— Pronto, Vossa Santidade?

O lama, erguendo as mãos, entoou uma bênção final em um chinês rebuscado.

— Preciso me apoiar em seu ombro — disse o velho, quando as portas do templo se fecharam. — Minhas pernas estão rijas.

O peso de um homem de 1,80 metro não é pouco para ser suportado por quilômetros e quilômetros de ruas cheias de gente, e Kim, carregado de pacotes e embrulhos para a viagem, ficou contente quando chegaram à sombra da ponte dos trilhos.

— Vamos comer aqui — disse Kim, decidido, ao avistar o sorridente *kamboh* vestido de azul, com um cesto em uma das mãos e o filho na outra.

— Aqui, homens santos! — gritou, a uns cinquenta metros de distância. Estava debaixo do primeiro arco da ponte, fora da vista de outros sacerdotes famintos. — Trouxe arroz e curry, bolinhos quentes temperados com *hing*^{53} e coalhada com açúcar. — Então, virou-se para o filho: — Rei dos meus campos, vamos mostrar a esses homens santos que nós, os *jats* de Jalandhar, sabemos pagar pela ajuda que recebemos... Ouvi falar que os jainistas não comem nada que não tenham preparado, mas, na verdade... — Ele desviou o olhar para o largo rio, com delicadeza. — Onde não há olhos, não há castas.

— E nós — completou Kim, enchendo um prato de folhas com comida para o lama — estamos além qualquer casta.

Em silêncio, comeram da boa comida até se fartarem. Só depois de ter lambido o resto do doce pegajoso do seu dedo mindinho foi que Kim reparou que o *jat* também estava preparado para viajar.

— Enquanto nossos caminhos forem o mesmo — disse o homem, com voz áspera —, acompanharei vocês. É difícil encontrar um fazedor de milagres, e a criança ainda está fraca. Mas *eu* não sou fraco. — Ele exibiu o seu *lathi*, uma vara de bambu de 1,5 metro, com extremidades de ferro polido, e o agitou no ar. — Os *jats* são acusados de serem briguentos, mas não é verdade. A não ser quando ficamos zangados, somos como os búfalos.

— Que assim seja — concordou Kim. — Uma boa arma é uma boa razão.

O lama olhava placidamente rio acima, onde a fumaça das pilhas funerárias subia aos céus. De vez em quando, apesar de todas as leis municipais, o pedaço de um corpo quase carbonizado passava boiando na correnteza forte.

— Se não fosse por você — disse o *kamboh* a Kim, abraçando o filho contra o peito peludo —, eu poderia ter ido para lá hoje... com meu filho. Os sacerdotes dizem que Benares é sagrada, e disso ninguém duvida, portanto é um bom lugar para se morrer. Mas não conheço os deuses deles, e eles pedem dinheiro. E, quando se acaba de fazer uma oferenda, um cabeça-rapada diz que ela não tem efeito algum se não fizermos outra. “Banhem-se aqui, banhem-se aqui!”, dizem. Derramem, bebam, banhem-se e espalhem flores... mas não deixem de pagar aos sacerdotes. Não, prefiro Punjab. E, em Punjab, a boa terra de Jalandhar.

— Eu disse muitas vezes no templo: acho que, se preciso for, o Rio jorrará da terra à nossa frente. Por isso, iremos para o Norte — disse o lama, levantando-se. — Lembro-me de um lugar agradável, com árvores frutíferas, onde se pode caminhar em meditação... e o ar lá é mais fresco, pois vem das montanhas e da neve das montanhas.

— Qual o nome do lugar? — perguntou Kim.

— Não faço ideia. Você não... não, isso foi depois de o Exército sair da terra e levá-lo embora. Lá vivi em meditação, perto dos pombos, a não ser quando ela não parava de falar.

— Ah, a mulher de Kulu! Isso é perto de Saharanpur. — Kim riu.

— De que modo o espírito conduz seu mestre? Ele vai a pé, para purificar-se de velhos pecados? — perguntou o *jat*, de modo respeitoso. — Fica bem longe de Délhi.

— Não — respondeu Kim. — Mendigarei um bilhete para o *te-rém*. Na Índia, não se admite a posse de dinheiro.

— Então, em nome dos deuses, vamos pegar a máquina a vapor: meu filho ficará melhor nos braços da mãe. O governo nos cobra muitos impostos injustos, mas nos deu uma coisa boa: o *te-rém*, que reúne os amigos e une os ansiosos. É uma coisa maravilhosa.

Duas horas mais tarde, estavam todos amontoados nele, dormindo no calor do dia. O *jat* incomodou Kim com milhares de perguntas sobre as peregrinações e a vida do lama e recebeu algumas respostas curiosas. Kim ficava feliz por estar onde estava, por poder olhar para a paisagem plana do Noroeste e conversar com os companheiros de viagem, que sempre mudavam. Ainda hoje, os bilhetes e seu processo de validação constituem uma terrível opressão para os rústicos indianos: não compreendem por que é que, depois de pagarem por um pedaço de papel mágico, alguns funcionários da companhia chegam para destruí-los com um picador. Por isso, há longas e veementes discussões entre viajantes e inspetores de bilhetes. Kim interferiu em duas ou três, opinando com seriedade, determinado a exibir sua sabedoria para o lama e o seu admirado *jat*. Mas, a caminho de Somna, o Destino lhe deu um assunto sobre o qual refletir.

Quando o trem estava prestes a partir, um sujeitinho sujo e franzino entrou tropeçando no vagão: um marata, a julgar pelo modo de amarrar o turbante. O rosto do desconhecido estava ferido, os trajes muçulmanos estavam rasgados, e uma das mãos estava envolvida em uma atadura. Contou que a carroça em que estava capotara e quase o matara no caminho de Délhi, onde vivia o filho. Kim o estudou com atenção: se, como alegava, tivesse caído e rolado na terra, seus ferimentos deviam ter sido provocados pelo

cascalho. Entretanto, pareciam o resultado de golpes perfeitos, e uma simples queda de carroça não deixaria um homem tão aterrorizado. Quando, com os dedos trêmulos, ajeitou a roupa rasgada perto do pescoço, revelou um amuleto protetor. Os amuletos são muito comuns na Índia, mas não costumam estar pendurados em um fio metálico, e é ainda mais raro que sejam esmaltados de preto ou banhados em prata. Exceto pelo *jat* e pelo lama, o vagão estava vazio e, felizmente, era de um tipo antigo com paredes sólidas nas duas pontas. Kim fingiu coçar o peito, deixando à mostra o próprio amuleto. O rosto do marata se alterou de imediato ao vê-lo, e ele exibiu abertamente o amuleto em seu peito.

— Sim — continuou ele para o *kamboh* —, eu estava com pressa, e a carroça, conduzida por um desgraçado, prendeu a roda em uma vala. Além do mal que me causou, perdeu-se um prato cheio de *tarkeean*. Não fui Filho do Sortilégio, não tive sorte naquele dia.

— Uma perda e tanto — comentou o *kamboh*, perdendo o interesse. O tempo que passara em Benares o tornara mais desconfiado.

— Quem o cozinhou? — perguntou Kim.

— Uma mulher. — O marata o encarou.

— Mas todas as mulheres sabem cozinhar *tarkeean* — opinou o *kamboh*. — É um bom curry, pelo que sei.

— Ah, sim, é um bom curry — concordou o marata.

— E barato — disse Kim. — Mas de que casta?

— Ah, castas não importam quando um homem vai à procura... de *tarkeean* — replicou o marata, na cadência certa. — Está a serviço de quem?

— A serviço de Sua Santidade. — Kim apontou para o lama, feliz e sonolento, que acordou de repente ao ouvir seu título.

— Ah, ele foi enviado pelos céus para me ajudar. É chamado de Amiguinho de Todos, e também de Amigo das Estrelas. Caminha como médico e está maduro. Possui grande sabedoria.

— E também um Filho do Sortilégio — murmurou Kim, enquanto o *kamboh* se apressava a preparar um cachimbo, receoso de que o marata começasse a mendigar.

— E o *outro*? — perguntou o marata, olhando nervosamente para o *jat*.

— Eu... nós curamos o filho dele. Está em grande dívida conosco... Sente-se perto da janela, nativo de Jalandhar. Temos aqui um doente.

— Humpf! *Não* pretendo me misturar a vagabundos encontrados pelo caminho, *minhas* orelhas não são compridas. *Não* sou uma mulher querendo me intrometer para escutar segredos. — O *jat* afastou-se ruidosamente.

— Você entende de Cura? Preciso desesperadamente de ajuda! — gemeu o marata, aproveitando a deixa.

— Este homem está todo cortado e ferido. Vou tratá-lo — respondeu Kim. — Ninguém se intrometeu quando curei seu filho.

— Mereço a repreensão — disse o *kamboh*, humilde. — Devo a você a vida de meu filho. Sei que opera milagres... eu sei.

— Deixe-me ver os ferimentos. — Kim curvou-se na direção do marata, com o coração batendo muito depressa, pois aquele era um caso de vingança do Grande Jogo. — Agora conte a sua história. Depressa, irmão, enquanto faço um encantamento.

— Vim do Sul, onde trabalho. Um dos nossos foi assassinado à beira da estrada. Já soube?

Kim balançou a cabeça. Ele, claro, não sabia nada sobre o antecessor do E23, encontrado morto no Sul, vestido de comerciante árabe.

— Quando consegui a carta que me mandaram buscar, fui embora. Saí da cidade e fui para Mhow. Estava tão seguro de que ninguém desconfiara de nada que não troquei o disfarce. Em Mhow, uma mulher me acusou de roubar joias na cidade onde eu estivera, então vi que tinha sido descoberto. Fugi de lá durante a noite, subornando a polícia, que tinha sido subornada para me entregar, sem perguntas, aos inimigos no Sul. Fiquei uma semana na velha Chitor, disfarçado de penitente em um templo, mas não consegui me livrar da carta que trazia comigo. Acabei enterrando-a debaixo da Pedra da Rainha, em Chitor, no lugar conhecido por todos nós.

Kim não conhecia o lugar, mas por nada deste mundo interromperia a história.

— Em Chitor, veja só, eu estava no país dos reis, pois a leste de Kotah não impera mais a Lei da Rainha e, ainda mais para leste, ficam Jaipur e Gwalior. Nenhum dos dois lugares gosta muito de espiões, e justiça não há. Fui perseguido como um chacal, mas consegui chegar a Bandakui, onde descobri que fora acusado de assassinato na cidade que acabara de abandonar... Do assassinato de um rapaz. O corpo e as testemunhas estão me esperando.

— Mas o governo não pode protegê-lo?

— Nós, do Jogo, não podemos ser protegidos. Se morrermos, morremos: nossos nomes são riscados do livro e pronto. Em Bandakui, onde vive um dos Nossos, tentei fazê-los perder a pista, modificando o meu disfarce, e me tornei um marata. Depois, fui para Agra, e teria voltado a Chitor para recuperar a carta, pois não queria dividir a glória.

Kim assentiu. Compreendia bem aquele sentimento.

— Mas, em Agra, caminhando pelas ruas, um homem começou a gritar que eu lhe devia dinheiro e, com muitas testemunhas, queria me levar imediatamente para os tribunais. Como são espertos no Sul! Ele me reconheceu como seu agente de negócios para o algodão. Que arda no inferno!

— E você era?

— Não! Eu era o homem a quem procuravam por causa da carta. Corri para o bairro dos açougues e cheguei à Casa do Judeu, que temeu retaliações e me botou para fora. Vim a pé até a estrada de Somna, só tinha dinheiro para o meu bilhete de *te-rém* para Délhi. E lá, quando estava deitado em uma vala e com febre, alguém saltou dos arbustos e me atacou, me batendo e me revistando da cabeça aos pés. Justo quando o *te-rém* estava chegando!

— Por que não o mataram na hora?

— Eles não são tão tolos. Se meu corpo fosse levado a pedido de advogados em Délhi, sob acusação de assassinato, ele seria entregue ao estado que o desejasse. Mas, se me capturassem vivo... teria uma morte lenta, para servir de exemplo para o resto de Nós. Agora corro em círculos, como uma cabra-cega. Não como há dois dias. Estou marcado para que me reconheçam em Délhi — disse, indicando as bandagens imundas que tinha na perna.

— Pelo menos está seguro no *te-rém*.

— Quero ver você viver um ano no Grande Jogo e repetir isso. Os telégrafos estão todos contra mim em Délhi, descrevendo meus farrapos em detalhes. Vinte... cem, se for preciso, testemunharão que me viram assassinar o rapaz. E você é inútil.

Kim sabia o suficiente sobre os métodos de ataque nativos para não duvidar de que o caso seria rapidamente resolvido, até em relação ao corpo. O *kamboh*, em seu canto, observava a cena com ar sombrio; o lama estava ocupado com o japamala; e Kim, examinando o pescoço do homem tal qual um médico, arquitetava seu plano entre uma invocação e outra.

— Tem algum encantamento para mudar a minha aparência? Se não tem, sou um homem morto. Se eu tivesse cinco ou dez minutos sozinho, poderia...

— Ele já está curado, fazedor de milagres? — perguntou o *kamboh*, ciumento. — Já entoou muitos cânticos.

— Ainda não. Pelo que vejo, a cura para os males dele é passar três dias sentado, vestido como *bairagi*. — Essa era uma penitência comum, normalmente imposta a um comerciante gordo por seu mestre espiritual.

— Um sacerdote sempre tenta fazer novos sacerdotes — devolveu o *jat*. Como a maioria das pessoas supersticiosas, ele não conseguia se impedir de ridicularizar a própria fé.

— Então, o seu filho será um sacerdote? Aliás, está na hora de ele tomar mais um pouco do quinino.

— Nós, os *jats*, somos todos búfalos — desculpou-se o *kamboh*, mais calmo.

Com a ponta do dedo, Kim esfregou o líquido amargo nos pequenos lábios entreabertos da criança.

— Não pedi nada — disse friamente ao pai —, exceto comida. Pretende dá-la de má vontade? Posso curar outro homem. Tenho a sua permissão... Príncipe?

O homem ergueu as enormes mãos espalmadas, em súplica.

— Não... não. Não caçoe de mim.

— Desejo curar este doente. Você acumulará mérito se me ajudar. De que cor é a cinza em seu cachimbo? Branca. Isso é auspicioso.

Por acaso você tem açafrão?

— Eu... eu...

— Deixe-me ver a cesta!

Tinha o conteúdo de sempre: pedaços de tecido, remédios de charlatães, presentes baratos, um saco de *atta* (uma farinha nativa, grossa e acinzentada), rolos de tabaco do interior, tubos de cachimbo espalhafatosos e um pacote de curry em pó, tudo embrulhado em uma colcha. Kim examinou a cesta com ar de um sábio feiticeiro, murmurando invocações maometanas.

— Esta sabedoria eu adquiri com os *sahibs* — sussurrou para o lama e, considerando o que aprendera com Lurgan, não estava mentindo. — Há um grande mal no destino deste homem, como mostram as Estrelas, que... que o perturba. Devo afastá-lo?

— O Amigo das Estrelas nunca erra. Faça como quiser. É outra cura?

— Rápido! Rápido! — ofegou o marata. — O trem pode parar.

— Uma cura contra a sombra da morte — disse Kim, misturando a farinha do *jat* com as cinzas de seu cachimbo. Sem dizer uma palavra, E23 tirou o turbante e deixou cair o longo cabelo castanho-escuro.

— Essa era a minha comida... sacerdote — resmungou o *jat*.

— Um búfalo em meu templo! Como ousa nos espionar? — exclamou Kim. — Tenho de fazer meus mistérios à vista de tolos; mas cuidado com seus olhos. Por acaso sua visão já começou a embaçar? Salvei seu bebê e, em retribuição, você... Ó desavergonhado! — O homem estremeceu sob o olhar furioso de Kim. — Devo amaldiçoá-lo, ou... — Pegou a colcha que havia no cesto e jogou-a sobre a cabeça curvada. — Se você sequer pensar em me espionar, nem mesmo eu poderei salvá-lo. Fique sentado! E mudo!

— Sou cego... mudo. Não precisa me amaldiçoar. An... anda, filho, vamos brincar de esconde-esconde. Pelo meu bem, não saia daqui debaixo.

— Vejo esperança — disse o E23. — Qual é o plano?

— Já vai saber — disse Kim, puxando a fina camisa de E23. Ele hesitou, com todo o desagrado que sentem os homens do Nordeste

ao se desnudarem.

— Qual a importância da casta quando se tem a garganta cortada? — perguntou Kim, despindo-o até a cintura. — Temos que transformá-lo em um *saddhu*^{54} amarelo. Ande, tire a roupa e jogue o cabelo por cima dos olhos, enquanto eu espalho a cinza. Agora, um sinal de casta na testa. — Tirou do peito a pequena caixa de tintas topográficas e separou um pouco de carmesim.

— Você é apenas um principiante? — perguntou o E23, obedecendo como se, literalmente, sua vida dependesse disso. Livrou-se de suas vestes e ficou só de tanga, enquanto Kim fazia uma marca da casta nobre na testa manchada de cinza.

— Entrei no Jogo há apenas dois dias, irmão — replicou Kim. — Passe mais cinza no peito.

— E conheceu um curador de pérolas? — perguntou, desenrolando o grande pano do turbante apertado e, com mãos ágeis, voltando a enrolá-lo na cintura, com as intrincadas voltas típicas de um *saddhu*.

— Ah! Então conhece as técnicas dele? Foi meu professor durante um tempo. Temos de tirar as ataduras. A cinza cura as feridas. Espalhe-as bem.

— Houve um tempo em que fui o orgulho dele, mas você é quase melhor. Os deuses são bons. Dê-me *aquilo*.

Referia-se a uma lata com pastilhas de ópio na cesta do *jat*. E23 engoliu um punhado delas de uma só vez.

— São boas para combater a fome, o medo e o frio. E deixam os olhos avermelhados — explicou. — Agora terei ânimo para entrar no Jogo. Só nos faltam as tenazes de um *saddhu*. E o que faremos com as roupas velhas?

Kim as enrolou e escondeu-as em sua túnica folgada. Passou tinta amarelo-ocre nas pernas e no peito do homem, traçando listras largas por cima da farinha, das cinzas e do açafreão.

— O sangue nessas roupas é suficiente para levá-lo à forca, irmão — advertiu o homem.

— Talvez, mas não é preciso jogá-las pela janela. Está pronto. — Sua voz vibrava com o prazer autêntico de um rapaz no Jogo. —

Pode virar e olhar, jat!

— Os deuses nos protejam! — exclamou o *kamboh*, emergindo da colcha como um búfalo sai do meio de um canavial. — Mas... para onde foi o marata? O que aconteceu?

Kim fora treinado pelo *sahib* Lurgan; e o E23, em virtude do seu ofício, não era mau ator. No lugar do trêmulo e receoso comerciante, sentava-se confortável um *saddhu* quase nu, besuntado em cinzas, pintado de ocre, cabelo empoeirado, olhos inchados — o ópio faz efeito rápido em um estômago vazio —, brilhando de insolência e luxúria animal, com as pernas cruzadas debaixo do corpo, o japamala de Kim pendurado no pescoço e um pedaço gasto de tecido florido nos ombros. Assustada, a criança enterrou o rosto nos braços de seu assombrado pai.

— Não precisa ter medo, príncipezinho! Viajamos com feiticeiros, mas não farão mal a você. Ora, não chore... Qual é a lógica de curar uma criança em um dia e matá-la de medo no seguinte?

— A criança será afortunada pelo resto da vida. Ele testemunhou uma grande cura. Quando eu era criança, fazia homens e cavalos de barro.

— Eu também — disse o menininho. — Sir Banás vem de noite e dá vida a todos, atrás da nossa estrumeira.

— E, por isso, você não tem medo de nada. Não é, príncipe?

— Tive medo porque o meu pai estava com medo. Senti os braços dele tremendo.

— Ah, que medroso! — disse Kim, e até mesmo o *jat*, desconcertado, riu. — Operei a cura deste pobre comerciante. Ele deve renunciar aos ganhos e aos livros de contas e sentar-se à beira da estrada por três noites, para vencer a maldade dos seus inimigos. As estrelas estão contra ele.

— Eu sempre digo que, quanto menos usurários, melhor. Mas, *saddhu* ou não, ele devia pagar pelo meu material que agora usa nos ombros.

— Ah, é? E isso no seu ombro é o seu filho, que estava para ser entregue ao crematório há menos de dois dias. E mais uma coisa: fiz este encantamento na sua presença apenas porque foi necessário. Mudei sua forma e sua alma. Contudo, homem de Jalandhar, se você

revelar o que se passou aqui, seja entre os anciãos sentados sob a árvore de sua aldeia, seja em sua própria casa, ou na companhia do seu sacerdote, quando ele for benzer o gado, uma doença afetará os búfalos e um fogo surgirá em seu telhado, e ratazanas entrarão em sua caixa de cereais, e a maldição dos nossos deuses cairá sobre os seus campos, e eles colocarão armadilhas diante de seus pés ou atrás de seu arado. — Essa era uma velha praga que aprendera com um faquir junto ao Portão Taksali, nos tempos da inocência de Kim. Continuava muito efetiva.

— Chega, Vossa Santidade! Tenha piedade! — gritou o *jat*. — Não amaldiçoe a minha casa. Eu não vi nada! Não ouvi nada! Sou seu servo! — E tentou agarrar os pés nus de Kim, que batiam com ritmo no chão do vagão.

— Mas, como foi permitido a você ajudar com uma pitadinha de farinha e um punhado de ópio e outras ninharias, e eu o honrei ao utilizá-las em minha arte, os deuses enviarão uma bênção. — E, finalmente, para o imenso alívio do homem, Kim o abençoou. Era uma longa bênção, que ele aprendera com o *sahib* Lurgan.

O lama os encarava através dos seus óculos com uma atenção que não demonstrara durante a criação do disfarce.

— Amigo das Estrelas — disse, por fim —, você adquiriu grande sabedoria. Mas, cuidado, pois dela não deve nascer o orgulho. Nenhum homem, tendo visto a Lei diante de seus olhos, fala sem pensar sobre algo que tenha visto ou enfrentado.

— Não, não, não, realmente não! — gritou o lavrador, temendo que o mestre estivesse decidido a fazer melhor que o pupilo. Com a boca entreaberta, entregava-se ao ópio, que era carne, tabaco e remédio para o asiático esgotado.

Assim, em um silêncio de temor e grande assombro, chegaram a Délhi por volta da hora em que acendem os lampiões, às 6 horas da noite.

12

Quem desejaria o Mar — a visão infinita da água salgada?

O subir e o quedar, o lançar e o quebrar das ondas levadas pelo vento?

O mar liso e quieto antes da tempestade — cinzento, colossal, crescente e sem espuma?

A morosidade à linha do Equador — ou o furacão enlouquecido a soprar?

Seu Mar, de aparência sempre mutável — seu Mar sempre o mesmo por trás das aparências —

Seu Mar, que preenche seu ser?

Assim, da mesma forma — assim da mesma forma o montanhês busca as montanhas.

“O mar e as montanhas”

— Já recuperei a coragem — disse E23, protegido pelo tumulto da plataforma. — A fome e o medo me desorientaram, ou eu poderia ter pensado nesta saída antes. Eu estava certo: lá vêm eles. Você salvou o meu pescoço.

Um grupo de policiais de Punjab, vestindo calças amarelas e, comandado por um jovem inglês suado, abria caminho por entre a multidão próxima ao trem. Atrás deles, sorradeira como um gato, vinha uma figura pequena e gorda, que parecia um escrevente.

— Está vendo aquele jovem *sahib* lendo um papel? Em suas mãos está a minha descrição física — explicou o E23. — Eles irão de vagão em vagão, como um pescador lançando a rede.

Quando o grupo chegou ao compartimento deles, E23 estava desfiando as contas do japamala, compenetrado, enquanto Kim desdenhava dele por estar drogado a ponto de perder as tenazes características de um *saddhu*. Em profunda meditação, o lama

olhava fixamente para a frente; e o lavrador reunia seus pertences, lançando olhares furtivos.

— Aqui só tem um bando de “santos” — disse o inglês em voz alta e seguiu caminho em meio à atmosfera tensa, pois, para os nativos da Índia, a polícia é sinônimo de extorsão.

— O problema, agora — murmurou E23 —, é mandar um telegrama informando onde escondi a carta que me mandaram procurar. Não posso ir assim ao telégrafo.

— Não basta eu ter salvado o seu pescoço?

— Não se o serviço não for concluído. O curador de pérolas nunca lhe disse isso? Aí vem outro *sahib*! Ah!

Era um superintendente de polícia um tanto alto e pálido, usando cinto, capacete, esporas polidas e tudo, cofiando o bigode escuro.

— Como esses *sahibs* policiais são tolos! — observou Kim, alegremente.

E23 os analisou de modo discreto.

— Verdade — sussurrou, em uma voz diferente. — Vou beber água. Guarde o meu lugar.

Levantou e saiu tropeçando, quase caindo nos braços do inglês, e foi insultado em um urdu tosco.

— *Tum mut?* Está bêbado? Não pode sair tropeçando como se a estação de Délhi fosse a sua casa, meu amigo.

E23, sem mudar a expressão, respondeu com uma torrente de xingamentos grosseiros que fizeram Kim rejubilar. Aquilo o fez se lembrar dos garotos do tambor e dos varredores em Ambala, tempos terríveis do início de seus estudos.

— Seu imbecil — disse o inglês, com raiva. — *Nickle-jao!* Volte para o seu vagão.

Dando um passo de cada vez, recuando com deferência e baixando a voz, o *saddhu* amarelo obedeceu, amaldiçoando os policiais até a última geração. Em nome da Pedra da Rainha, do escrito sob a Pedra da Rainha e de diversos deuses com nomes totalmente novos. Ao ouvir isso, Kim sobressaltou-se.

— Não sei do que está falando — explodiu o inglês, furioso —, mas é uma maldita insolência. Saia daí!

Fingindo não ter entendido, E23 apresentou gravemente o seu bilhete, que o inglês, aborrecido, arrancou de sua mão.

— Ah, *zoolum!* Quanta opressão! — resmungou o *jat* do seu canto. — Tudo por causa de uma simples brincadeira. — Ele estivera rindo dos insultos proferidos pelo *saddhu*. — Os seus encantamentos não estão dando certo hoje, Vossa Santidade!

Arrependido e suplicante, o *saddhu* seguiu o policial. A multidão de passageiros, ocupada com bebês e pertences, não reparara na cena. Kim os seguiu discretamente, pois havia acabado de se lembrar de que ouvira aquele mesmo *sahib* zangado e estúpido ironizando uma velha senhora perto de Ambala, três anos antes.

— Está tudo bem — murmurou o *saddhu*, espremido no meio da multidão barulhenta e tumultuosa. Um *saluki* surgiu entre seus pés, e uma gaiola de falcões barulhentos, carregada por um falcoeiro rajput, esmagou suas costas. — Ele foi enviar a mensagem sobre a carta que escondi. Disseram que ele estava em Peshawar. Eu devia saber que o homem é como o crocodilo: sempre espreitando onde não é desejado. O *sahib* acabou de me livrar de alguns problemas, mas é a você que devo a vida.

— Ele também é um de Nós? — Kim passou por debaixo do sovaco suado de um condutor de camelos de Mewar e esbarrou em um bando de matronas siques tagarelas.

— Ninguém menos do que o melhor: estamos com sorte! Vou relatar o que você fez. Estou seguro sob a proteção dele.

Desvencilhando-se da multidão, o homem alcançou as carruagens e agachou-se ao lado de um banco próximo ao telégrafo.

— Volte para o trem, ou vai perder o lugar! Não precisa temer pela conclusão do trabalho, irmão, ou pela minha vida. Você tirou minha cabeça da água, e o *sahib* Strickland me puxou de volta para a margem. Talvez ainda nos reencontremos no Jogo. Adeus!

Kim correu para o vagão, radiante, deslumbrado, mas um pouco incomodado por não ter a chave para descobrir os segredos que o cercavam.

“Sou apenas um iniciante no Jogo, isso é certo. *Eu* não conseguiria me salvar como fez o *saddhu*. Ele sabia que o lugar mais escuro era justamente debaixo do lampião, jamais teria *me* ocorrido

transmitir uma mensagem por uma maldição falsa... e como o *sahib* foi esperto. Não importa, salvei a vida de um...”

— Para onde foi o *kamboh*, Vossa Santidade? — sussurrou Kim, quando tomou o seu lugar no vagão agora lotado.

— Foi tomado pelo medo — replicou o lama, com um toque suave de malícia. — Ele o viu transformar o marata em um *saddhu* em um piscar de olhos, como proteção contra o mal, e isso o deixou abalado. Depois, viu o *saddhu* cair nas garras da polícia, tudo por causa da sua arte. Então, pegou o filho e fugiu; disse que você tinha transformado um comerciante pacífico em um bandido provocador de *sahibs* e temia um destino igual. Onde está o *saddhu*?

— Com a polícia — respondeu Kim. — No entanto, salvei o filho do *kamboh*.

O lama fungou calmamente uma pitada de rapé.

— Ah, *chela*, sua arte não foi bem-sucedida. Você curou o filho do *kamboh* apenas para acumular mérito. Mas foi por orgulho que pôs um feitiço no marata, eu vi, querendo impressionar um homem muito, muito velho e um lavrador tolo: e isso trouxe desgraça e desconfianças.

Kim se conteve de modo incomum para sua idade. Como qualquer jovem, não gostava de ser censurado ou acusado injustamente, mas estava em uma situação delicada. O trem saiu de Délhi, embrenhando-se na noite.

— É verdade — murmurou. — Fiz mal em ofendê-lo, mestre.

— E há mais, *chela*. Você causou uma ação no mundo e, tal como uma pedra atirada em uma lagoa, ela provocará conseqüências que se estendem além da vista.

Essa demonstração de ignorância era positiva tanto para a vaidade de Kim quanto para a paz de espírito do lama, se pensarmos que, a essa altura, chegava a Simla um relatório telegrafado em código informando sobre a chegada do E23 a Délhi e, mais importante, sobre o paradeiro de uma carta da qual o agente fora encarregado — etc. Ao mesmo tempo, um zeloso policial prendera, sob a acusação de assassinato cometido em um longínquo estado do Sul, um indignadíssimo corretor de algodão de Ajmer, que se explicava a um tal senhor Strickland na plataforma de Délhi, enquanto o E23

seguia pelas vielas no coração da cidade. Duas horas mais tarde, vários telegramas chegaram ao zangado ministro de um reino do Sul, reportando que haviam perdido o rastro de um marata bastante ferido. Por fim, quando o vagaroso trem parou em Saharanpur, a última ondulação provocada pela pedra lançada por Kim bateu nos degraus de uma mesquita na longínqua Roum, onde perturbou um homem pio no meio de suas orações.

O lama fez as suas preces lentamente, junto da treliça de buganvílias cobertas de orvalho, perto da plataforma, sob a brilhante luz do sol e acompanhado de seu discípulo.

— Deixaremos tudo isso para trás — disse, indicando a locomotiva e a cintilante via férrea. — Os solavancos do *te-rém*... embora ele seja uma invenção maravilhosa... enfraqueceram meus ossos. De agora em diante, só usaremos o ar puro.

— Vamos para a casa da mulher de Kulu — sugeriu Kim, avançando contente sob o peso das trouxas. De manhã cedo, a estrada para Saharanpur estava limpa e cheirava bem. Lembrou-se das manhãs que passara na São Xavier, e isso o deixou ainda mais feliz.

— Que pressa é essa? Os homens sensatos não correm por aí como galinhas ao sol. Já percorremos centenas e centenas de *koss* e, até agora, quase não passamos tempo sozinhos. Como pode ser instruído quando está sendo espremido pela multidão? Como posso eu, sob uma torrente de conversa, meditar sobre o Caminho?

— Quer dizer que a língua dela não diminuiu com o passar do tempo? — O discípulo sorriu.

— Nem o desejo por encantamentos. Lembro-me da vez em que falei sobre a Roda da Vida... — O lama procurou sua última reprodução, no peitilho. — E ela só queria saber sobre os demônios que ameaçam as crianças. Ela acumulará mérito por nos abrigar, quando chegarmos daqui a pouco, sem pressa. Agora, caminharemos sem rumo, esperando pela Corrente das Coisas. A Busca é certa.

Assim, perambularam muito tranquilamente por vastos pomares floridos — Aminabad, Sahaigunge, Akrola e Phulesa —, com a cordilheira dos Siwaliks sempre ao norte e, atrás dela, a neve.

Depois de um sono longo e doce sob as estrelas, Kim passava por uma aldeia que começava a despertar, em silêncio, com a escudela de mendigar estendida e um andar orgulhoso, em desafio à Lei. Depois regressava, o som de seus passos abafado pela terra, para junto do seu mestre, que aguardava sob a sombra de uma mangueira ou da sombra mais estreita de uma árvore de Doon, para comer e beber à vontade. Ao meio-dia, depois de conversarem e caminharem mais um pouco, cochilavam, acordando para um mundo renovado, com o ar mais fresco. A noite os encontrava aventurando-se em um novo território, alguma aldeia que avistaram três horas antes e sobre a qual iam conversando pelo caminho.

Lá, contavam a sua história — a de Kim variava a cada noite — e eram bem-recebidos pelo sacerdote ou chefe, do modo acolhedor do Oriente.

Quando as sombras ficavam mais curtas e o lama apoiava mais de seu peso em Kim, havia sempre o estudo da Roda da Vida para ocupá-los: o velho a desenrolava e prendia as extremidades do papel com pedras limpas, então explicava cada ciclo com a ajuda de uma palha comprida. Aqui no alto sentavam-se os deuses, que eram sonhos dos sonhos. Aqui era o nosso céu e o mundo dos semideuses, cavaleiros lutando em meio a montanhas. Aqui, as agonias dos animais, almas subindo ou descendo a escada e que, por isso, não devem ser perturbadas. Aqui eram os Infernos, quentes e frios, e as moradias de fantasmas atormentados. Que o *chela* estude os problemas decorrentes de se comer em excesso: o estômago incha e o intestino arde. Obediente e, então, com a cabeça curvada e o dedo moreno seguindo com atenção a palhinha do mestre, o *chela* estudava. Mas, quando chegavam ao Mundo Humano, agitado e inútil, apenas um pouco acima dos Infernos, ele se distraía, pois na estrada rodava a própria Roda, comendo, bebendo, negociando, casando e brigando, ardendo de vida. Com frequência, o lama fazia dos quadros vivos o tema de sua lição, instruindo Kim, um pouco atento demais, a reparar em como a carne toma milhares de formas, desejáveis ou detestáveis, de acordo com os homens, mas em ambos os casos ela não tem valor algum. E como o estúpido espírito, escravo do Porco, da Pomba e da

Serpente, ora ansiando por noz de bétele, uma nova junta de bois, mulheres, ou o favor dos reis, é obrigado a seguir o corpo por todos os Céus e Infernos, refazendo sempre o mesmo círculo. Às vezes, uma mulher ou um homem pobre atirava flores ou algumas das conchas que serviam de moedas, assistindo ao ritual — não era outra coisa — em que os dois desenrolavam o grande papel amarelo. Para essa gente humilde, encontrar um homem santo que talvez se lembrasse deles em suas orações já era suficiente.

— Cure-os se estiverem doentes — recomendava o lama quando essas pessoas despertavam o interesse de Kim. — Cure-os se estiverem com febre, mas nunca faça encantamentos. Lembre-se do que aconteceu com o marata.

— Então, toda ação é maligna? — replicou Kim, deitado à sombra de uma grande árvore, na bifurcação da estrada de Doon, observando a trilha de pequenas formigas que passavam por cima de sua mão.

— É bom abster-se de ações... a não ser para acumular mérito.

— Nos Portões do Conhecimento fomos ensinados que um *sahib* não deve abster-se de ações. E eu sou um *sahib*.

— Amiguinho de Todos — começou o lama, encarando Kim fixamente —, eu sou um velho que gosta tanto de espetáculos quanto as crianças. Mas, para os que seguem o Caminho, não há preto nem branco, nem Índia, nem Bhotiyal. Somos todos almas que procuram escapar. Não importa a sabedoria adquirida entre os *sahibs*: quando chegarmos ao meu Rio, você se libertará de toda Ilusão comigo. Ai! Até meus ossos doem por esse Rio, como doeram no *te-rém*; mas o meu espírito está acima dos meus ossos, à espera. A Busca é certa!

— Entendi. Posso fazer uma pergunta?

O lama assentiu.

— Por três anos, comi do seu pão. Vossa Santidade, de onde vinha...?

— O Bhotiyal possui muitas riquezas, como as concebem os homens — esclareceu o lama, com muita calma. — De onde venho, tenho a ilusão da honra. Pedi o que precisava. Não me preocupo

com o valor. Isso era por conta do mosteiro! Oh! As cátedras negras no mosteiro e os noviços a postos!

E, fazendo riscos na terra com o dedo, começou a falar do imenso e suntuoso ritual das catedrais guardadas por avalanches, das procissões e danças demoníacas, da transformação de monges e monjas em porcos, de cidades sagradas a quase cinco mil metros do nível do mar, de intrigas entre mosteiros, de vozes nas montanhas e misteriosas miragens que se formam na neve seca. O lama falou até de Lhasa e do dalai-lama, que ele vira e adorara.

Cada um daqueles dias longos e perfeitos se erguia como uma barreira entre Kim e sua raça e língua materna. Ele voltou a pensar e a sonhar em hindi, e, mecanicamente, imitava as práticas do lama ao comer, beber e fazer as coisas. O velho pensava cada vez mais em seu mosteiro, à medida que via ao longe as neves eternas. Seu Rio não o preocupava mais. De vez em quando, de fato, fitava um ponto na relva ou um graveto por muito tempo, esperando — dizia — que a terra se abrisse e fizesse brotar sua bênção. Mas estava contente com a companhia de seu discípulo e muito à vontade nas brisas amenas que desciam de Doon. Não estavam mais no Ceilão, em Bodh Gaya, Bombaim ou em uma das ruínas cobertas de ervas daninhas onde ele chegara dois anos antes. O sacerdote falava desses lugares como um estudioso despido de vaidade, como alguém em sua Busca, caminhando humildemente, como um velho, prudente e comedido, de sabedoria luminosa e discernimento excepcional. Pouco a pouco, e sem ordem específica, com cada incidente à beira da estrada evocando novas memórias, falou de todas as suas peregrinações pela Índia. Então, Kim, que o amava sem motivo específico, passou a ter inúmeros bons motivos para amá-lo. E eram muito felizes, abstendo-se, como manda a Regra, de palavras impróprias e da cobiça, sem comer além do necessário, sem dormir em camas macias, sem usar trajes suntuosos. O estômago avisava quando era hora de comer e o povo provia o alimento, como diz o ditado. Foram acolhidos por senhores das aldeias de Aminabad, Sahaigunge, Akrola e da pequena Phulesa, onde Kim abençoou a mulher sem a alma.

Mas as notícias se espalham depressa na Índia, e logo veio um criado idoso — um oorya magro — trazendo um cesto de frutas com uvas de Cabul e laranjas douradas, pedindo que dessem à sua patroa a honra de sua presença, pois ela estava desolada pelo fato de o lama tê-la negligenciado durante tanto tempo.

— Agora me lembro — falou o lama, como se recebesse o convite pela primeira vez. — Ela é virtuosa, mas não para de falar.

Kim estava sentado na ponta de uma manjedoura, contando histórias ao filho de um ferreiro da aldeia.

— Ela apenas vai pedir outro filho para sua filha. Não a esqueci. Deixe-a acumular mérito, diga que estamos a caminho.

Em dois dias, percorreram 18 quilômetros pelos campos e, no fim, foram recebidos com todas as atenções, pois a senhora respeitava a tradição da hospitalidade e forçava o genro a fazer o mesmo. O homem estava sob o domínio das mulheres da família e comprara a paz por meio de empréstimos. A idade não enfraquecera a língua ou a memória da viúva e, de uma discreta janela do segundo andar, ao alcance do ouvido de não menos do que uma dúzia de criados, fez a Kim elogios que teriam deixado os ouvidos europeus estupefatos.

— Mas você ainda é o mesmo fedelho desavergonhado que encontrei naquele *parao*! — exclamou a senhora. — Não me esqueci de você! Vá se lavar e comer! O pai do filho da minha filha saiu por um instante, e, nós, pobres mulheres, somos mudas e inúteis.

Como prova, não parou de atormentar a criadagem até que a comida e a bebida fossem trazidas; e, à noite — na noite esfumaçada dos campos, castanho-acobreada e turquesa —, ordenou que seu palanquim fosse colocado no desarrumado pátio de entrada, junto do archote fumarento. E ali, por atrás de cortinas entreabertas, passou a bisbilhotar.

— Se Vossa Santidade estivesse desacompanhado, poderia tê-lo recebido de outro modo, mas, com esse moleque é melhor não arriscar.

— Marani — começou Kim, usando, como sempre, o título mais pomposo possível —, é minha culpa que justamente um *sahib*, um *sahib* da polícia, tenha chamado a marani, cujo rosto ele...

— Shhh! Isso foi na peregrinação. Quando viajamos... você conhece o provérbio.

— ... tenha chamado a marani de Destruidora de Corações e Distribuidora de Encantos?

— Não acredito que ainda se lembra disso! É verdade, foi o que ele disse. E eu era, na minha juventude. — Deu uma risadinha, como um papagaio satisfeito com seu torrão de açúcar. — Agora, conte-me sobre suas idas e vindas, o que puder contar sem vergonha. Quantas moças e mulheres casadas se perderam nessas suas pestanas? Vem de Benares? Eu teria ido lá de novo este ano, mas a minha filha... Bem, nós só temos dois meninos, é o efeito destas baixas planícies. Em Kulu, os homens são uns elefantes. Mas chegue para lá, fedelho, queria pedir a Sua Santidade... um encantamento contra as cólicas terríveis que, na temporada das mangas, passaram a incomodar o filho mais velho da minha filha. Há dois anos ele me deu um feitiço poderoso.

— Ó Vossa Santidade! — exclamou Kim, sufocando o riso diante do rosto pesaroso do lama.

— É verdade. Dei um contra flatulências.

— Dentes, dentes, dentes — corrigiu a velha, ríspida.

— “Cure-os se estiverem doentes” — citou Kim com satisfação —, “mas de modo algum faça encantamentos. Lembre-se do que aconteceu com o marata.”

— Isso foi há duas estações das chuvas, ela acabou me convencendo pela insistência — lamentou-se o lama, como o Juiz Injusto se lamentara antes dele. — E, portanto, não se esqueça, meu *chela*: mesmo aqueles que seguem o Caminho podem ser desviados dele por mulheres ociosas. Ao longo de três dias, enquanto a criança esteve doente, ela não parou de implorar.

— Ora! E com quem mais eu poderia falar? A mãe do menino não sabia de nada, e o pai... Foi durante as noites do tempo frio, e ele dizia apenas: “Reze para os deuses.” Então se virava e voltava a dormir!

— Eu lhe dei o encantamento. O que mais um velho poderia fazer?

— Abster-se de agir é bom, a não ser para acumular mérito.

— Ah, *chela*, se você me abandonar, ficarei completamente só.

— De qualquer modo, seus dentes de leite nasceram sem problemas — continuou a velha viúva. — Mas os sacerdotes são todos iguais.

Kim tossiu gravemente. Por ser jovem, não aprovava a irreverência dela.

— Incomodar os sábios sem motivo atrai calamidades.

— Nos estábulos, há uma mainá — começou ela, estendendo o já conhecido indicador cheio de anéis — que fala e aprendeu a imitar o sacerdote da família. Talvez eu esteja faltando ao respeito com os meus hóspedes, mas, se tivessem visto meu neto segurando a barriguinha inchada, gemendo: “Está doendo aqui!”, sei que me perdoariam. Estou a ponto de aceitar o medicamento do *hakim*: ele vende por um preço bom e pi omete que vai deixá-lo tão gordo quanto o touro de Shiva. Ele não nega remédios, mas temi pela criança, pois os frascos têm uma cor um pouco suspeita.

Durante o monólogo, o lama desapareceu na escuridão, seguindo na direção do quarto que lhe fora preparado.

— Acho que você o irritou — comentou Kim.

— Não. Ele só está cansado. E havia me esquecido disso, pois sou uma avó. (Só as avós deveriam cuidar das crianças. As mães servem apenas para dar à luz.) Amanhã, quando ele vir como o filho da minha filha cresceu, preparará o encantamento. Depois, também pode avaliar as novas drogas do *hakim*.

— Quem é esse *hakim*, marani?

— Um peregrino como você. Um bengali bastante sensato de Daca, um mestre da medicina. Curou-me com um comprimido de uma falta de ar que vinha depois de comer carne. Funcionou como um diabo! Agora viaja por aí, vendendo remédios de grande valor. Ele tem até papéis escritos em inglês, dizendo as coisas que fez por homens com dores nas costas e mulheres sem energia. Passou quatro dias aqui, mas, quando ouviu dizer que vocês vinham (*hakims* e sacerdotes brigam como serpentes e tigres em qualquer lugar do mundo), acho que foi se esconder.

Enquanto ela recuperava o fôlego depois da torrente de palavras, o velho criado, sentado tranquilo junto do archote, murmurou:

— Esta casa é um curral, por assim dizer, para todos os charlatães e... sacerdotes. Para mim, a criança deveria parar de comer manga, mas quem consegue discutir com uma avó? — E passou a falar mais alto, em um tom mais respeitoso: — *Sahiba*, o *hakim* está dormindo depois de comer da sua carne. Ele está nos alojamentos atrás do pombal.

Kim eriçou-se como um terrier que descobre a caça. Confrontar e fazer calar um bengali que estudou em Calcutá, um vendedor de remédios charlatão de Dacca, seria uma ótima diversão. Era uma vergonha que o lama e, por extensão, ele próprio fossem trocados por esse outro. Kim conhecia os anúncios ingleses desonestos que apareciam na última página dos jornais locais; às vezes os rapazes da São Xavier levavam-nos escondidos, para rirem com os companheiros. A linguagem do paciente, grato, relatando os seus sintomas era bastante simples e reveladora. O oorya, querendo jogar um parasita contra o outro, já se afastara furtivamente na direção do pombal.

— Sim — disse Kim, com desprezo calculado. — A mercadoria é composta por um pouco de água colorida e um grande descaramento. Aproveitam-se de reis arruinados e de bengalis gordos. Lucram com crianças ainda não nascidas.

A senhora riu.

— Não seja invejoso. Os encantamentos são melhores, é? *Nunca* duvidei disso. Faça com que Sua Santidade prepare um bom amuleto para mim, amanhã de manhã.

— Ninguém duvida, exceto os ignorantes — ressoou uma voz grave na escuridão. A figura havia se agachado perto deles. — Apenas os ignorantes duvidam dos remédios.

— Uma vez um rato encontrou um punhado de açafreão e disse: “Vou abrir uma mercearia!” — retrucou Kim.

Assim começava a batalha, e eles ouviram a velha viúva empertigar-se, atenta.

— O filhote de sacerdote mal sabe o nome de sua ama de leite e de três deuses e diz: “Escutem-me, ou vou amaldiçoá-los em nome de três milhões de divindades!” — Decididamente, aquele ser

invisível tinha uma ou duas flechas na aljava. Continuou: — Sou um mero professor do alfabeto, aprendi toda a sabedoria dos *sahibs*.

— Os *sahibs* nunca crescem. Eles dançam e brincam como crianças mesmo quando são avós. É um povo vigoroso — interveio a voz de dentro do palanquim.

— Também tenho remédios que acalmam homens esquentados e raivosos. Uma *siná* bem-composta, quando a lua está na casa certa. Tenho *arplan*, uma terra amarela da China, que renova a juventude de um homem, fazendo-o surpreender a esposa; açafão de Caxemira; e a melhor *salep* de Cabul. Muita gente morre antes de...

— Nisso eu acredito, sem dúvidas — interrompeu Kim.

— ... conhecer o valor de meus remédios. Não dou aos *meus* doentes a simples tinta com que está escrito o encantamento, mas remédios quentes e fortes, que entram no corpo e combatem o mal.

— E são muito poderosos — confirmou a senhora, com um suspiro.

A voz iniciou uma ladainha interminável de infortúnio e falência, enfeitada com inúmeras petições ao governo.

— Mas, pelo destino, que tudo comanda, agora estou a serviço do governo. Tenho um diploma de uma grande escola de Calcutá, para onde o filho desta casa também poderá ir.

— Irá, com certeza. Se aquela peste do filho do nosso vizinho consegue em poucos anos se tornar um FA (*First Arts* — ela usava a expressão em inglês, como ouvira tantas vezes), imagine o que fariam crianças espertas como algumas que conheço na rica Calcutá.

— Nunca vi criança como esta — disse a voz. — Nascida em uma hora auspiciosa e destinada a viver muitos anos, é um menino invejável... A não ser por essa cólica que, ai!, caso se transforme em cólera pode levá-lo como um pombinho...

— *Hai mai!* — exclamou a viúva. — Elogiar as crianças dá azar, não fosse isso eu escutaria esta conversa com prazer. Mas os fundos da casa não são bem protegidos, e, mesmo com este clima ameno, os homens não esquecem que são homens, e as mulheres... Bem, já sabemos. O pai da criança está viajando, e eu tenho de agir como *chowkedar*^{55} na minha velhice. Vamos! Vamos! Levantem o

palanquim. Deixem o *hakim* e o jovem sacerdote resolverem entre si se são os encantamentos ou os medicamentos que funcionam melhor. Ai! Gente inútil, alguém vá buscar tabaco para os hóspedes e... vou para o outro lado!

O palanquim partiu, seguido por alguns archotes e uma matilha de cães. Vinte aldeias da região conheciam a *sahiba*: seus defeitos, sua língua e sua ampla caridade. E vinte aldeias se aproveitavam dela, como manda a tradição, mas por nada deste mundo homem algum roubaria sua casa. Contudo, a viúva fazia grande alarde de suas inspeções formais, cujo tumulto podia ser ouvido até o meio da estrada para Mussoorie.

Kim relaxou, como deve fazer um áugure ao encontrar outro. Ainda agachado, o *hakim* empurrou o narguilé com um pé amigável, e Kim aceitou o fumo de qualidade. Alguns criados ficaram para trás, esperando um sério debate profissional e talvez uma consulta médica gratuita.

— Discutir medicina diante de ignorantes é como tentar ensinar um pavão a cantar — disse o *hakim*.

— A verdadeira cortesia muitas vezes é a desatenção — concordou Kim.

Essas palavras eram delicadezas artificiais, com o objetivo de impressionar.

— Vejam! Tenho uma úlcera na perna — disse um ajudante de cozinha. — Deem uma olhada!

— Fora daqui! — ordenou o *hakim*. — Por acaso é costume daqui importunar hóspedes ilustres? Vocês parecem até uma manada de búfalos.

— Se a *sahiba* soubesse... — começou Kim.

— Ai! Ai! Vamos embora. Eles são para a nossa patroa. Quando as cólicas do jovem sultão estiverem curadas, talvez a gente humilde possa...

— A patroa alimentou sua esposa enquanto você estava preso por ter quebrado a cabeça daquele agiota! Quem ousa falar mal dela?

O servente mais idoso cofiou o bigode branco ao luar e disse:

— *Eu* sou o responsável pela honra desta casa. Vão! — E espantou os subordinados.

— Como vai, O'Hara? Estou muito contente em vê-lo de novo — disse o *hakim*, de modo quase inaudível.

A mão de Kim apertou o tubo do narguilé. Em qualquer outro lugar, ao ar livre, talvez, ele não teria ficado tão surpreso. Mas ali, naquele refúgio, não estava preparado para encontrar o *babu* Hurree. Sentiu-se irritado por ter sido enganado.

— Há! Eu bem disse, em Lucknow: aparecerei de novo, e você não irá me reconhecer. Quanto foi que apostamos, mesmo?

Ele mastigava languidamente algumas sementes de cardamomo, mas sua respiração estava acelerada.

— Mas por que veio para cá, *babuji*?

— Ah! *Eis* a questão, como diria Shakespeare. Venho parabenizá-lo por seu desempenho eficiente e extraordinário em Délhi. Ah, estamos todos orgulhosos, você foi muito habilidoso e perspicaz. Nosso amigo em comum é um velho camarada meu. Passou por algumas situações difíceis e agora poderá passar por outras. Ele me contou, e eu contei ao senhor Lurgan, que ficou satisfeito. Todo o departamento ficou satisfeito.

Pela primeira vez na vida, Kim sentia o mais puro orgulho (o que também pode ser uma armadilha fatal) diante do louvor institucional, ao receber elogios de um colega que é reconhecido pelos outros. Nada se comparava àquilo. Mas o oriental que havia nele gritava em aviso: *babus* não viajam longas distâncias apenas para transmitir elogios.

— Conte o resto, *babu* — disse Kim, em um tom autoritário.

— Ah, não é nada. Só que eu estava em Simla quando chegou a mensagem telegrafada sobre o que o nosso amigo em comum disse que ocultara sob a pedra, e o velho Creighton... — Olhou para ver como Kim reagiria àquela liberdade.

— O coronel *sahib* — corrigiu o rapaz da São Xavier.

— *Claro*. Ele me encontrou livre e tive que ir a Chitor para resgatar essa desagradável carta. Não gosto do Sul: é uma longa viagem de trem. Mas consegui uma boa ajuda de custo. Haha! Na volta, encontrei nosso amigo em Délhi. Por enquanto, está longe da ação e diz que o disfarce de *saddhu* lhe caiu muito bem. Ele me contou o que você fez tão bem, tão depressa, no impulso do momento.

Comentei com nosso amigo em comum que você leva jeito para coisa! Foi esplêndido! Então, vim dar os parabéns.

— Hum!

As rãs coaxavam ali perto e a lua surgia no céu. Algum criado feliz saíra para aproveitar a noite e tocar tambor. Kim continuou em hindi:

— Como foi que nos seguiu?

— Ah! Isso não foi problema: soube pelo nosso amigo em comum que você vinha para Saharanpur, então vim. Os Lamas Vermelhos não costumam passar despercebidos. Comprei uma caixa de medicamentos para mim. Até sou um bom médico, na verdade. Fui para Akrola e ouvi falar de vocês aqui e ali. Toda a gente simples os conhece. Também soube quando a senhora hospitaleira enviou o *dooli*^{56} para vocês. Eles se lembram bem das últimas visitas do velho lama por aqui. Conheço senhoras que não vivem sem remédios, por isso sou médico, e... Está ouvindo? Acho *ótimo*. Juro, O'Hara, todos sabem de você e do lama em um raio de 80 quilômetros, todas as pessoas comuns. Por isso vim. Algum problema?

— *Babuji* — disse Kim, olhando para o rosto largo e sorridente —, eu sou um *sahib*.

— Meu caro O'Hara...

— E espero jogar o Grande Jogo.

— No momento, é meu subordinado.

— Então, por que guinchar como um macaco em uma árvore? Não se segue alguém desde Simla, trocando de disfarces, só para desfiar alguns doces elogios. Não sou criança: fale hindi e vamos ao que interessa. Você está aqui e não disse uma palavra verdadeira em cada dez. Por que veio? Dê uma resposta direta!

— Como são desconcertantes esses seus modos europeus, O'Hara. Você não devia agir assim a esta altura da vida, devia saber se comportar melhor.

— Mas eu quero saber — respondeu Kim, rindo. — Se é sobre o Jogo, posso ajudar. Como posso fazer algo, se você não para de *bukh*^{57} em vez de ir direto ao assunto?

O *babu* Hurree alcançou o narguilé e deu uma baforada.

— Agora vou falar hindi. Prepare-se, O'Hara... Diz respeito ao pedigree de um garanhão branco.

— Ainda? Isso já passou há muito tempo.

— O Grande Jogo só acaba quando o mundo acabar. Não antes. Ouça bem. Havia cinco reis que preparavam uma guerra relâmpago há três anos, quando o Mahbub Ali deu a você o pedigree do garanhão. Devido a essa notícia, nosso exército atacou antes que estivessem preparados.

— Sim... oito mil homens com armas. Eu me lembro daquela noite.

— Mas a guerra não foi levada até o fim, como é o costume do governo. As tropas foram retiradas, porque o governo acreditou que os cinco reis já estavam intimidados, e não é nada barato alimentar homens nas Passagens Altas. Dois rajás com exércitos, em Hilás e Bunár, aceitaram defender os desfiladeiros de ataques vindos do Norte em troca de dinheiro. Declararam seu medo e amizade aos ingleses. — Com um risinho, passou para inglês: — Claro, conto isso extraoficialmente, apenas para explicar a situação política, O'Hara. Oficialmente, sou proibido de criticar qualquer ação dos superiores. Agora, continuando: isso agradou ao governo, que desejava economizar dinheiro, e fez-se um contrato de tantas rupias por mês, segundo o qual Hilás e Bunár deviam guardar as Passagens assim que as tropas do governo fossem retiradas. Nessa época, depois de nos conhecermos, eu vendia chá em Leh, mas tornei-me funcionário de contas no Exército. Quando as tropas se retiraram, fui deixado para trás para pagar aos *coolies*, que abriram estradas nas montanhas. A construção dessas estradas fazia parte do contrato entre Bunár, Hilás e o governo.

— E então? E depois?

— Pode acreditar, fazia um frio horrível lá em cima, depois do verão — confidenciou o *babu*. — Todas as noites, eu dormia com medo de que os homens de Bunár cortassem a minha garganta durante o sono, por causa do baú com os pagamentos. Meus guardas sipaios riam de mim! Santo Deus! Eu vivia com medo. Mas não interessa. Continuando... Comuniquei muitas vezes que esses dois reis foram comprados pelo Norte; e Mahbub Ali, que estava

ainda mais ao norte, confirmou minhas suspeitas. Nada foi feito. Só os meus pés que congelaram, e perdi um dedo. Comuniquei que as estradas pelas quais eu pagava estavam sendo abertas para os pés de estrangeiros e inimigos.

— Para?

— Para os russos. Era uma piada recorrente entre os *coolies*. Então, fui chamado para relatar verbalmente o que tinha descoberto, e Mahbub também. Já pode imaginar no que deu... Depois do derretimento da neve este ano — continuou, estremeando ao mencionar a neve —, chegaram dois estrangeiros de além das Passagens, com a desculpa de caçar cabritos. Levavam armas, mas também levavam trenas, bússolas e níveis.

— Ah! Agora tudo está ficando mais claro.

— Foram bem-recebidos em Hilás e Bunár: fizeram grandes promessas, falaram como porta-vozes de um *kaiser* que enviava presentes. Andavam para cima e para baixo dos vales, dizendo coisas como “Ah, aqui está um ótimo lugar para construir um fortim... E ali podemos colocar uma trincheira. Ali é o ponto ideal para impedir a passagem de um exército”. Falavam das mesmas estradas pelas quais eu pagara mensalmente tantas rupias. O governo sabe, mas nada faz. Os outros três reis, que *não* foram pagos para proteger as Passagens, mandaram um mensageiro para revelar a verdade sobre Bunár e Hilás. Quando terminarem, esses dois estrangeiros com seus níveis e bússolas farão os cinco reis acreditarem que um grande exército marchará naquela direção um dia depois. Aqueles homens do Norte são todos uns tolos. Então, eu, *babu* Hurree, recebi a ordem de ir para o Norte descobrir as intenções dos estranhos. Disse ao *sahib* Creighton: “Isso não é um processo, para sairmos por aí coletando provas.” — O *babu* voltou ao inglês: — “Por Júpiter”, falei, “por que não mandam logo um homem corajoso para envenenar os dois espiões, por exemplo? Se me permite a observação, é muita indulgência da sua parte”. E o coronel Creighton riu de mim! É aquele maldito orgulho inglês, acham que ninguém ousa conspirar. É um absurdo!

Kim fumava com calma enquanto tirava suas conclusões.

— Então, você vai partir para seguir os estrangeiros?

— Não. Vou encontrá-los. Estão vindo para Simla, com a desculpa de mandar os chifres e as peles dos cabritos caçados para Calcutá. São cavalheiros que se dedicam à caça e têm direito a acomodações especiais pagas pelo governo, sempre fazemos isso. É nosso orgulho britânico.

— Então, por que temê-los?

— Por Júpiter, eles não são pessoas nativas, com as quais fazemos o que queremos. São russos, e muito inescrupulosos. Eu... não quero encontrá-los sem uma testemunha.

— Eles vão matá-lo?

— Ah, isso não é nada. Sou bem spenceriano, não temo essa coisinha chamada morte: é o meu destino. Mas eles podem me bater.

— Por quê?

O *babu* Hurree estalou os dedos, irritado.

— É *claro* que encontrarei uma maneira de entrar no acampamento deles, talvez me oferecendo como intérprete ou fingindo ser uma pessoa faminta com deficiência mental, qualquer coisa assim. Fingirei ser o que der, vai ser tão fácil para mim quanto me passar pelo médico da senhora. É só que, veja bem, Sr. O'Hara, infelizmente sou asiático, o que é um grave problema em alguns aspectos. E, além de tudo, sou bengali, um homem medroso.

— Deus fez a lebre e o bengali — disse Kim, citando um provérbio.

— Qual a vergonha nisso?

— Foi o processo de evolução, acredito, uma necessidade primordial, mas o fato é que sou muito medroso! Lembro-me de uma vez em que quiseram cortar minha cabeça na estrada para Lhasa. (Não, não cheguei a Lhasa.) Eu sentei e chorei, Sr. O'Hara, pensando nas torturas chinesas que me infligiram. Não creio que esses dois cavalheiros vão me torturar, mas gostaria de poder contar com ajuda europeia, no caso de uma emergência. — Ele tossiu e cuspiu os cardamomos. — Não é um pedido oficial, de modo que você pode dizer "Não, *babu*". Se não tiver compromissos urgentes com o seu velho lama, talvez possa desviá-lo. Ou, quem sabe, eu possa convencê-lo, mas gostaria que você mantivesse contato comigo até eu encontrar os caçadores russos. Eu o tenho em alta

conta desde que encontrei meu amigo em Délhi. E também mencionarei seu nome no meu relatório oficial, quando tudo estiver acabado. Seria uma belíssima pluma em seu chapéu. Foi por isso que vim.

— Hum! O fim da história parece verdadeiro; já o começo...

— A parte sobre cinco reis? Ah! É ainda mais verdadeira. Muito mais do que você pensaria — disse Hurree, com sinceridade. — Vai me acompanhar? Vou daqui direto para Doon. Uma terra muito pitoresca. Vou para Mussoorie, o bom e velho Pahar, como chamam os cavalheiros e as damas. Então, passarei por Rampur e Chini. É o único caminho que eles podem fazer. Não gosto de esperar no frio, mas teremos de esperar por eles. Quero que viajemos todos juntos até Simla. Na verdade, um dos russos é francês, e falo francês muito bem. Tenho amigos em Chandernagore.

— O *lama* com certeza ficaria feliz em rever as montanhas — comentou Kim, pensativo. — Nos últimos dez dias falou disso quase o tempo todo. Se formos juntos...

— Ah! Podemos fingir ser estranhos na estrada, se o seu lama preferir. Posso ir 6 ou 7 quilômetros à frente, e vocês vêm depois. Há tempo suficiente. Os russos vão tramar, pesquisar e mapear, é claro. Irei amanhã, e vocês podem ir no dia seguinte, se quiserem. Que tal? Pense até amanhã de manhã. Por Júpiter, já é quase de manhã! — Deu um longo bocejo e, sem uma única palavra de despedida, arrastou-se para o seu quarto. Mas Kim dormiu pouco, pensando em hindustâni:

“E o Jogo é ‘Grande’ mesmo. Fui ajudante de cozinha por quatro dias em Quetta, a serviço da esposa do homem cujo livro roubei, e era parte do Grande Jogo. Do Sul, sabe Deus de quão longe, veio o marata, jogando o Grande Jogo, temendo pela própria vida. Agora irei ainda mais longe, para o Norte, jogando o Grande Jogo. Na verdade, ele atravessa todo o Hindustão, assim como o trem. E minha participação e minha alegria”, refletiu Kim, sorrindo para a escuridão, “eu devo ao lama. E também a Mahbub Ali e ao *sahib* Creighton. Mas principalmente a Sua Santidade. Ele tem razão, é um mundo imenso e maravilhoso. E eu sou Kim, Kim, Kim, sozinho, só

uma pessoa no meio de tudo isso. Mas verei esses estrangeiros, com os seus níveis e trenas...”

— No que deu aquela tagarelíce de ontem? — perguntou o lama, depois das suas rezas.

— Apareceu um vendedor ambulante de remédios, um parasita da *sahiba*. Eu o venci com argumentos e orações, provando que os nossos encantamentos valem mais que as águas coloridas dele.

— Ai de mim, os encantamentos! A mulher virtuosa ainda está decidida a obter um novo?

— Muito decidida.

— Então, ele tem que ser escrito, ou ela vai me deixar surdo com apelos. — Procurou em suas coisas algo com o que escrever.

— Nas planícies há sempre pessoas demais — comentou Kim. — Nas montanhas, pelo que sei, há menos.

— Ah! As montanhas e as neves nas montanhas! — O lama rasgou um pequeno pedaço de papel, do tamanho certo para guardar em um amuleto. — Mas o que você sabe das montanhas?

— Sei que ficam perto daqui. — Kim abriu a porta e fitou a longa, distante e pacífica cordilheira do Himalaia, avermelhada sob a luz dourada da manhã. — A não ser vestido como *sahib*, nunca coloquei os pés lá.

O lama suspirou, melancólico.

— Já que vamos para o Norte — perguntou Kim, mirando o amanhecer —, não evitaríamos muito do calor do meio-dia caminhando entre as montanhas mais baixas, pelo menos? O encantamento está pronto, Vossa Santidade?

— Escrevi os nomes de sete demônios estúpidos, nenhum dos quais vale um grão de areia no olho. É assim que as mulheres tolas nos desviam do Caminho.

O *babu* surgiu de detrás do pombal, limpando os dentes em um ritual pomposo. Uma figura gorda e pesada, de pescoço grosso e voz profunda, que não parecia um homem medroso. Kim acenou com a cabeça de modo quase imperceptível, comunicando que tudo estava em bom andamento. Quando acabou a higiene matinal, o *babu* Hurree foi prestar homenagem cheia de floreios ao lama. Comeram, claro, à parte, e depois a velha viúva, mal velada atrás de uma

janela, retomou a questão importantíssima das cólicas do neto causadas pelas mangas verdes. Os conhecimentos de medicina do lama eram, claro, compostos apenas por simpatias de cura: acreditava que o estrume de um cavalo preto, misturado com enxofre e enrolado em pele de cobra, era o remédio perfeito para a cólera. O simbolismo lhe interessava muito mais do que a ciência.

O *babu* ouviu tudo com muita educação, o que levou o lama a chamá-lo de médico cortês. Hurree respondeu que não era mais que um inexperiente amador dos mistérios; mas, pelo menos — e por isso era grato aos deuses —, sabia quando estava na presença de um mestre. Ele fora ensinado pelos *sahibs*, que não ligam para os gastos, nos magníficos salões de Calcutá; mas, como sempre o primeiro a reconhecer, para ele existe sabedoria por trás da sabedoria terrena: o alto e solitário saber da meditação. Kim contemplava tudo com inveja: o *babu* Hurree que ele conhecia — escorregadio, efusivo e nervoso — se fora. Fora-se, também, o charlatão vendedor de remédios da noite anterior. Ali estava um sóbrio e estudado filho da experiência e da adversidade — polido, educado, atencioso —, colhendo sabedoria dos lábios do lama.

A senhora confiou a Kim que aqueles elevados níveis de saber estavam muito além de sua compreensão. Gostava de encantamentos com bastante tinta, que podiam ser dissolvidos em água, engolidos e pronto. Senão, para que serviam os deuses? Ela gostava de homens e mulheres e falava deles: de reis que conhecera, da própria juventude e beleza, da caça aos leopardos, das excentricidades do amor asiático, do aumento da impostos, dos aluguéis, das cerimônias fúnebres, do seu genro (por meio de alusões fáceis de perceber), do cuidado com o jovem e da falta de decência dos novos tempos. E Kim, tão interessado na vida deste mundo como ela estava em deixá-lo o mais depressa possível, agachou-se, bebendo suas palavras. Enquanto isso, o lama refutava, uma após outra, todas as teorias de cura do corpo apresentadas pelo *babu*.

Ao meio-dia, Hurree fechou a caixa de remédios feita de latão, pegou os sapatos envernizados para cerimoniais com uma das mãos, um alegre guarda-sol azul e branco com a outra e partiu para o

Norte. Ia para Doon, onde, dissera, sua presença era solicitada por rajás de menor importância da região.

— Vamos partir quando escurecer e estiver mais fresco, meu *chela* — disse o lama. — Aquele doutor, versado em medicina e cortesia, afirma que o povo das montanhas mais baixas é devoto, generoso e precisa muito de um mestre. O *hakim* disse que logo chegaríamos ao ar fresco e ao aroma dos pinheiros.

— Vão partir para as montanhas? Vão pegar a estrada de Kulu? Ah, como são afortunados! — exclamou a viúva. — Se eu não tivesse que cuidar da família, pegaria o palanquim, mas isso seria uma vergonha, e a minha reputação ficaria arruinada. Ah! Conheço a estrada, conheço cada detalhe daquela estrada. Encontrarão caridade por toda a sua extensão: ela nunca é negada aos que têm boa aparência. Mandarei que arrumem provisões. Querem que eu envie um criado para acompanhá-los no início? Não? Então me deixem preparar uma boa comida, pelo menos.

— Que mulher é a *sahiba*! — disse o oorya grisalho, quando a cozinha ficou tumultuada. — Jamais esquece um amigo nem jamais esquece um inimigo em todos esses anos. E como cozinha bem... Hum! — E esfregou a barriga magricela.

Havia bolos, doces e galinha frita com recheio de arroz e ameixas secas em quantidade suficiente para Kim sair dali carregado como uma mula.

— Sou velha e inútil — começou a viúva. — Agora, ninguém gosta de mim e ninguém me respeita, mas poucos chegam aos meus pés quando invoco os deuses e pego minhas panelas. Voltem sempre. Vossa Santidade e discípulo, não deixem de voltar. O quarto está sempre pronto para recebê-los, e nós também... E tome cuidado para que as mulheres não fiquem todas atrás do seu *chela*! Eu conheço as mulheres de Kulu. Tome cuidado, *chela*, para que ele não fuja quando sentir outra vez o cheiro das montanhas... *Ei!* Não vire o saco do arroz de cabeça para baixo! Uma bênção para a casa, Vossa Santidade, e por favor, perdoe as bobagens de sua humilde serva...

Ela limpou os velhos olhos avermelhados com o véu e continuou a falar, rouca.

— As mulheres falam — disse o lama, por fim —, mas essa é uma enfermidade delas. E eu lhe dei um encantamento. Ela está presa à Roda, entregue aos espetáculos desta vida, mas, ainda assim, *chela*, é virtuosa, bondosa, hospitaleira... tem um coração íntegro e zeloso. Quem pode afirmar que ela não acumula mérito?

— Eu não, Vossa Santidade — respondeu Kim, descansando as provisões nos ombros. — Em minha mente, atrás dos meus olhos, tento imaginar essa pessoa completamente liberta da Roda: sem desejar nada, sem provocar nada... uma freira, por assim dizer.

— E então, ó diabrete? — O lama quase riu alto.

— Não consigo imaginar.

— Nem eu. Mas há muitos, muitos milhões de vidas diante dela. Em cada uma, ela obterá sabedoria, ainda que apenas um pouco.

— E, então, vai desaprender a fazer recheio de açafraão?

— Seu espírito está preocupado com detalhes insignificantes. Mas ela é boa no que faz: estou renovado. Quando chegarmos às montanhas mais baixas, estarei ainda mais forte. O *hakim* falou a verdade hoje de manhã, quando disse que a brisa das neves faz um homem rejuvenescer vinte anos. Subiremos as montanhas, as altas montanhas, até o som da água das neves e das árvores, mas só por um tempo. O *hakim* disse que podemos regressar às planícies a qualquer momento, pois não faremos mais do que margear os lugares agradáveis. O *hakim* é sábio, mas não é, de modo algum, orgulhoso. Enquanto você conversava com a *sahiba*, falei com ele sobre certo formigamento que sinto na nuca à noite, e ele disse que é por causa do calor excessivo e que a cura é o ar fresco. Quando pensei melhor, fiquei surpreso por não ter me ocorrido antes um remédio tão simples.

— Contou a ele sobre a Busca? — perguntou Kim, um pouco enciumado. Preferia ter influenciado o lama com suas próprias palavras, em vez de recorrer às artimanhas do *babu* Hurree.

— Sem dúvida. Falei sobre o meu sonho e sobre como acumulei mérito ao proporcionar sabedoria a você.

— Não contou que eu era um *sahib*?

— Para quê? Já falei diversas vezes que não passamos de duas almas buscando escapar da Roda. Ele disse, com toda razão, que o

Rio que Cura brotará diante de nós exatamente como sonhei, se necessário for. Tendo encontrado o Caminho que vai me libertar da Roda, por que deveria me incomodar com o caminho que faço pelos campos da terra, que são mera ilusão? Não faria sentido. Meus sonhos se repetem noite após noite: vejo o *Jataka* e depois você, Amiguinho de Todos. Não me esqueci: estava escrito em seu horóscopo que um Touro Vermelho em um campo verde traria honra a você. Não vi, eu mesmo, essa profecia realizada? Na verdade, fui o instrumento. Você encontrará meu Rio para mim, sendo o instrumento dessa vez. A Busca é certa.

O rosto amarelado, sereno e despreocupado voltou-se na direção das Montanhas que o chamavam; sua sombra alongando-se muito à sua frente, na areia.

13

Quem desejaría o mar — suas ondas imensas e desdenhosas?

O estremecer, o deslizar e o desviar, antes que se erga o gurupés que apunhala as estrelas?

As nuvens ordenadas dos alísios e o estrondo incrustado do céu safira?

As borrascas inesperadas que se espreitam dos penhascos e os estalidos secos das velas a balançar?

Seu mar, sempre distinto em maravilhas? Seu mar, o mesmo em cada maravilha,

Seu mar, que preenche seu ser?

Assim, da mesma forma — assim da mesma forma o montanhês busca as montanhas.

“O mar e as montanhas”

“Quem vai para as montanhas vai para a mãe.”

Eles haviam cruzado os Siwaliks e o semitropical Doon, deixando Mussoorie para trás e seguindo para o norte pelas estradas estreitas. A cada dia se embrenhavam mais nas montanhas, e a cada dia Kim notava que o lama recuperava mais as forças. Quando passaram por Doon, ele se apoiara no ombro do rapaz, buscando descansar ao máximo nas paradas ao longo da estrada. Na longa subida para Mussoorie, ele se recompôs, como um velho caçador que volta a um local conhecido. E, quando deveria ter sucumbido à exaustão, sacudiu as longas vestes, respirou mais fundo o ar puríssimo e caminhou como os montanheses. Nascido e criado nas planícies, Kim suave e ofegava, perplexo.

— Esta é a *minha* terra! — exclamou o lama. — Comparado a Such-zen, este trecho é mais plano do que um arrozal.

Então, com passadas seguras, subiu a montanha. Mas era nas descidas mais íngremes que ele ganhava a dianteira e se afastava de Kim, cujas costas doíam e cujo dedão quase fora decepado pela tira de sua sandália. O lama caminhou, incansável, sob a sombra salpicada de luz das grandes florestas de cedros, por entre carvalhos cobertos de samambaias e entre videiros, ílex, rododendros e pinheiros; pela grama escorregadia, queimada pelo sol das encostas; e outra vez pelas florestas frescas, passando pelos carvalhos até encontrar bambus e palmeiras.

Olhando para trás, no crepúsculo, para os enormes cumes e a pequena linha da estrada pela qual tinham vindo, ele traçava novos caminhos para o dia seguinte, com a visão aguçada de um montanhês. Ou então, parando em uma estreita passagem entre os vales Spiti e Kulu, esticava as mãos que buscavam, desejosas, as neves altas do horizonte. Ao amanhecer, os montes brilhavam avermelhados contra o céu azul-escuro, quando o primeiro raio de sol atingia o pico de Kedarnath e o local sagrado Badrinath, os reis da natureza que, banhados em prata, ficavam deitados ao sol durante todo o dia e à tardinha usavam suas joias outra vez. No início, lançavam brisas amenas sobre os viajantes, ventos agradáveis após um longo dia de caminhada sob o sol. Mas, após alguns dias, a uma altura de 3 mil metros, os ventos eram congelantes, e Kim gentilmente permitiu que uma aldeia de montanheses acumulasse mérito dando-lhe um manto áspero. O lama ficou um pouco surpreso por alguém buscar proteção contra o vento afiado que soprava para longe os anos de seus ombros.

— Estas são apenas as mais baixas, *chela*. Só encontraremos o frio quando chegarmos às verdadeiras Montanhas.

— O ar e a água são bons, e as pessoas são devotas o suficiente, mas a comida é muito ruim e andamos como loucos... Ou como ingleses — resmungou Kim. — E também é congelante durante a noite.

— É, talvez um pouco, mas só o suficiente para fazer estes velhos ossos se alegrarem com o sol. Pela lei, nós não devemos ter camas macias e mesa farta o tempo todo.

— Poderíamos, pelo menos, seguir pela estrada.

Kim tinha a típica afeição que um homem das planícies tem pelas estradas de verdade, não aquelas pequenas trilhas de menos de dois metros de largura que serpenteavam nas montanhas. Mas o lama, sendo tibetano, não conseguia se conter quando via os atalhos que passavam próximos do penhasco ou por subidas de cascalho. Conforme explicou ao discípulo, que já mancava, um homem criado nas montanhas pode profetizar o curso de uma estrada nas montanhas, e as nuvens baixas, embora pudessem ser um empecilho para um estrangeiro, não incomodavam um homem atento. Então, depois de longas horas do que seria considerado montanhismo em países civilizados, eles cruzaram, arfando, uma depressão, evitaram alguns deslizamentos de terra e atravessaram uma densa floresta, para finalmente voltarem à estrada por uma subida íngreme.

Ao longo do trajeto, encontraram aldeias de montanhese, com cabanas de barro e terra e algumas poucas de madeira rudemente talhadas. As aldeias pareciam penduradas à beira do precipício como ninhos de andorinha, amontoadas em encostas de 900 metros de altura, enfiadas entre penhascos que afunilavam e canalizavam todos os ventos, ou — por causa dos pastos no verão — encolhidas em vales que, no inverno, ficavam cobertas com três metros de neve. O povo, pálido e sujo, vestindo lona, com as pernas curtas de fora, e o de esquimó ia adorá-los. As planícies, amáveis e gentis, haviam tratado o lama como um homem santo entre muitos, mas as montanhas o adoraram como se ele pudesse resolver todos os problemas. A religião deles era um budismo muito deturpado, coberto de uma adoração à natureza tão fantástica quanto as suas paisagens e tão elaborada quanto a técnica aplicada em suas pequenas plantações, mas eles reconheceram o grande chapéu, o barulhento japamala e os sermões em chinês como um sinal de grande autoridade e respeitaram o homem.

— Nós os vimos descer pelos negros montes do Eua — contou um betah que lhes deu queijo, leite fermentado e pão duro. — Não usamos aquele caminho com muita frequência, a não ser quando as vacas prenhas se perdem durante o verão. Ventos repentinos passam por entre aquelas pedras e lançam homens colina abaixo,

mesmo nos dias mais calmos. Mas homens santos como vocês não ligam para o Demônio do Eua!

Foi então que Kim, com o corpo todo dolorido, tonto de tanto olhar para baixo e com os pés cheios de cãibras de tanto tropeçar em fendas inesperadas, ficou feliz com a caminhada do dia — tão feliz quanto um aluno da São Xavier ficaria ao receber os elogios dos colegas após ganhar a prova dos quatrocentos metros. As montanhas o faziam suar todo o *ghi* e o açúcar que comera, o ar seco, que o atingia nos desfiladeiros cruéis, o ajudava a fortalecer o tórax, e as subidas íngremes desenvolviam os músculos da perna e da coxa.

Meditavam bastante sobre a Roda da Vida — ainda mais depois de, como disse o lama, se libertarem das tentações visíveis. A não ser por uma águia cinzenta nos céus ou um urso escavando a encosta, que avistavam de vez em quando; além de um feroz leopardo que encontraram ao amanhecer, em um vale silencioso, devorando um cabrito; ou, às vezes, um pássaro muito colorido, estavam a sós com as lufadas de ar e a vegetação agitada pelo vento. As mulheres das cabanas manchadas de fuligem, sobre cujos telhados caminhavam os dois peregrinos em sua descida, eram feias e sujas, tinham muitos maridos e sofriam de bócio. Os homens eram lenhadores ou lavradores: humildes e de uma simplicidade incrível. Mas, para que não ficassem sem ter com quem conversar, o destino enviou, surpreendendo e sendo surpreendido na estrada, o cortês médico de Daka, que pagava comida com pomadas para o bócio e conselhos que restauravam a paz entre maridos e mulheres. Parecia conhecer as montanhas tão bem como conhecia as línguas de seus habitantes e disse ao lama onde estavam em relação a Ladakh e ao Tibete. Informou que podiam voltar às planícies quando desejassem. Enquanto isso, aqueles que gostassem das montanhas podiam aproveitar. Essas informações não foram todas reveladas de um só fôlego, e sim ao longo dos encontros noturnos nas eiras de pedra, onde, após os pacientes partirem, o médico fumava e o lama cheirava rapé, enquanto Kim observava as pequenas vacas pastando nos terraços ou perdia-se vendo a imensidão dos profundos abismos azuis entre a cordilheira. E havia conversas particulares nos bosques

escuros, quando o médico saía para procurar ervas, e Kim, como aprendiz, tinha de acompanhá-lo.

— Senhor O'Hara, não sei o que diabos fazer quando encontrar nossos amigos, mas, se puder gentilmente se manter à vista do meu guarda-sol, que é o ponto a partir do qual faço meus registros, vou me sentir muito melhor.

Kim olhou para aquela floresta de picos.

— Este não é o meu país, *hakim*. Acho que seria mais fácil encontrar um piolho em um urso.

— Ah, sei fazer isso muito bem. Não se aflija. Eles estavam em Leh há pouco tempo, e ouvi dizer que haviam saído inteiros do Caracórum. Meu único medo é que tenham enviado todas as cartas e coisas comprometedoras para a Rússia quando estavam em Leh. Claro que eles se manterão mais a leste possível, só para mostrar que nunca estiveram entre os estados ocidentais. Você não conhece as montanhas? — Ele pegou um graveto e desenhou na terra. — Veja! Eles devem ter entrado por Srinagar ou Abbottabad. É o caminho mais curto, rio abaixo, por Bunji e Astor. Mas certamente aprontaram no Oeste. Então... — Ele traçou uma linha da esquerda para a direita — Devem ter seguido para o Leste, em direção a Leh (Ah! É frio lá), e seguiram indo abaixo até Han-lé (conheço a estrada), e depois desceram para Bushahr e o vale Chini. Cheguei a essa conclusão por eliminação e também por meio de perguntas que fiz a pessoas que curei com muita habilidade. Nossos amigos estão brincando e chamando a atenção há um bom tempo, então vamos vê-los de longe. Você vai me ver capturá-los em algum lugar no vale Chini. Por favor, fique atento ao guarda-sol.

O objeto balançava como um sino empurrado pelo vento, adentrando os vales e contornando as montanhas, e, logo depois, Kim e o lama, que os guiava como uma bússola, o ultrapassavam enquanto ele vendia pomadas após o anoitecer. "Viemos de tal e tal maneira!", diria o lama, apontando para as cristas atrás, e o guarda-sol desfiaria elogios.

Atravessavam um desfiladeiro coberto de neve em uma noite fria e enluarada, quando o lama, que vinha caçoando um pouco de Kim, afundou na neve até os joelhos, como um camelo-bactriano, o tipo

de pelo grosso apropriado para o frio, que se encontra no *serai* da Caxemira. Eles atravessaram as camadas de neve e xisto e se refugiaram de uma tempestade em um acampamento de tibetanos que desciam a montanha com seus carneiros, cada um carregado com um saco de bórax. Chegaram a gramados ainda manchados pela neve, depois cruzaram a floresta até chegarem à grama outra vez. Apesar de toda aquela marcha, Kedarnath e Badrinath continuavam distantes, e foi somente alguns dias de viagem depois que Kim, no topo de uma minúscula elevação a 3 mil metros, percebeu que a silhueta dos dois imensos picos estava ligeiramente diferente.

Enfim, chegaram a um mundo dentro de um mundo, um vale onde os montes mais altos eram apenas colinas formadas por destroços das grandiosas montanhas. Naquele ponto, um longo dia de marcha parecia não representar avanço algum, como se estivessem em um pesadelo em que não conseguissem sair do lugar. Eles demoraram horas para contornar, com dificuldade, a lateral de uma montanha, só para descobrir que era apenas um morrinho dentre vários! Um pequeno campo revelou-se um vasto planalto que corria até o vale. Três dias depois, voltou a parecer insignificante.

— É aqui que vivem os deuses! Só pode ser! — exclamou Kim, oprimido pelo silêncio, pelos ventos aterrorizantes e pelas nuvens escuras que se espalhavam após a chuva. — Aqui não é lugar para homens!

— Há muito, muito tempo — começou o lama, falando sozinho —, perguntaram ao Senhor se o mundo era eterno, mas o Excelente não respondeu. Quando estive no Ceilão, um sábio que também estava em uma Busca confirmou a história, com um Evangelho escrito em páli. Como conhecemos o Caminho para a Libertação, a pergunta seria inútil. Mas olhe e perceba a ilusão, *chela!* Essas, sim, são montanhas! Elas são como as minhas, em Such-zen. São montanhas únicas!

Acima deles, muito acima, a terra se erguia até os topos nevados, onde de leste a oeste cresciam as últimas bétulas ousadas. Mais acima, em escarpas e blocos, as rochas competiam para ficar acima do nevoeiro branco. Mais acima ainda, imutável desde o início do

mundo, mas variando de tom de acordo com a luz do sol e das nuvens, situava-se a neve eterna. Dava para ver manchas e névoas na superfície branca nos pontos atingidos por tempestades. Abaixo deles, estendia-se a floresta, um lençol de azul e verde, por quilômetros e mais quilômetros. Abaixo da floresta havia uma aldeia com plantações esparsas e pastos íngremes. Abaixo da aldeia, embora uma tempestade tivesse bloqueado a visão, a uma distância de 3 ou 4 quilômetros, estava o vale úmido, onde os córregos desembocam para formar o grande rio Sutluj.

Como de costume, o lama guiava Kim por atalhos e estradas fora da rota principal que *babu* Hurree, aquele "medroso", trilhara três dias antes debaixo de uma tempestade que nove entre dez ingleses teriam evitado. Hurree não era nenhum caçador, o simples barulho de gatilho o fazia empalidecer, mas, como ele mesmo dissera, era um "rastreador bastante eficiente" e esquadrinhara o enorme vale com um par de binóculos baratos. Além disso, as barracas brancas de lona desgastada eram bastante visíveis em meio ao verde. Hurree observou o que quis da vila de Ziglaur, a 30 quilômetros de voo de águia e 60 quilômetros de distância pela estrada. Ou seja, ele observava dois pequenos pontos, que um dia estavam logo abaixo dos limites da neve e no seguinte se moveram uns 10 centímetros encosta abaixo. Uma vez postas para trabalhar, suas pernas gordas podiam cobrir uma distância surpreendente. Foi por isso que, enquanto Kim e o lama esperavam a tempestade passar abrigados em uma cabana cheia de goteiras em Ziglaur, um bengali escorregadio e ensopado, mas sempre sorridente, usando o inglês mais rebuscado nas situações mais banais, apresentava-se a dois estrangeiros encharcados e com bastante dor nas costas.

Ele chegara, com vários planos ousados em mente, logo após uma tempestade que partira ao meio um pinheiro perto do acampamento deles, e convencera dez ou vinte *coolies* bagageiros de que o dia não estava propício para viagens. Quando os homens entraram em consenso, abandonaram suas cargas e desapareceram na floresta. Eram servos de um rajá montanhês que oferecia os serviços de seus criados para ganho pessoal, e, o que deixara os criados angustiados, os *sahibs* estrangeiros já os haviam ameaçado com rifles. A maioria

deles estava familiarizada com rifles e *sahibs*: eram rastreadores e *shikarris* dos vales do Norte, perspicazes caçadores de ursos e cabritos selvagens, mas nunca haviam sido tratados daquela forma. Então, a floresta os acolheu e abrigou e, apesar de todas as promessas e gritos dos estrangeiros, recusou-se a devolvê-los. Não houve necessidade de fingir loucura ou de quaisquer outros planos que o *babu* bolara para garantir que seria recebido. Ele torceu as roupas molhadas, calçou os sapatos cerimoniais de couro, abriu o guarda-sol azul e branco e, com passos curtos e o coração quase saindo pela boca, se apresentou como “agente de Sua Alteza Real, o rajá de Rampur, senhores. Como posso ajudá-los?”.

Os cavalheiros ficaram encantados. Um era visivelmente francês, e o outro, russo, mas falavam um inglês quase tão bom quanto o do *babu*. Aceitaram a sua ajuda, pois seus servos nativos haviam adoecido em Leh. Tinham seguido na frente, porque estavam ansiosos para levar a caça para Simla antes que as peles estragassem. Traziam uma carta geral de apresentação (que o *babu* saudou de modo oriental) para os oficiais do governo. Não, eles não haviam encontrado outros caçadores *en route*. Estavam se cuidando sozinhos, pois tinham suprimentos. Só queriam seguir viagem o mais rápido possível. Então, o *babu* avistou um dos servos encolhido entre as árvores e, após três minutos de conversa e um pouco de prata (não se pode ser pão-duro a serviço do Estado, embora o coração de Hurree tivesse ficado apertado com o desperdício), os onze *coolies* e três outros ajudantes reapareceram. Pelo menos, *babu* seria uma testemunha da opressão.

— Sua Majestade ficará muito aborrecido, mas essas são pessoas simples e muito ignorantes. Se os senhores forem gentis e puderem esquecer este caso infeliz, ficarei muito contente. Em breve, a chuva vai parar, então poderemos seguir viagem. Vocês têm caçado, é? Um esporte excelente!

Ele ia de uma *kilta* a outra, fingindo arrumar cada uma das cestas em formato de cone. Os ingleses dificilmente são familiarizados com os costumes asiáticos, mas nenhum nativo repreenderia um gentil *babu* por derrubar acidentalmente uma *kilta* envolta em um pano vermelho impermeável. Por outro lado, não ofereceria bebidas a um

babu, por mais amigável que fosse, nem o convidaria para a refeição. Os estrangeiros fizeram tudo isso, além de muitas perguntas, principalmente sobre mulheres, as quais Hurree respondeu de forma alegre e espontânea. Deram-lhe um copo com um líquido esbranquiçado como gim, depois serviram mais um pouco e, em pouco tempo, a gravidade do *babu* desapareceu. Ele soltou a língua, falando sobre a indecência revoltante de um governo que lhe obrigara a educação de um homem branco e se esquecera de lhe pagar um salário de homem branco. Tagarelou sobre injustiças cometidas contra ele até lágrimas correrem por seu rosto, provocadas pelas tristezas de sua terra. Depois se afastou cambaleando, cantando canções de amor bengalis, e caiu sobre um tronco de árvore molhado. Nunca um produto do domínio inglês na Índia deixara mais clara sua incompetência diante de estrangeiros.

— São todos assim — disse um caçador para o outro, em francês.
— Quando chegarmos à Índia você vai ver. Gostaria de visitar o rajá dele. Poderia ser bem proveitoso. É possível que tenha ouvido falar de nós e queira mostrar sua boa vontade.

— Não temos tempo, precisamos chegar a Simla o mais rápido possível — respondeu o outro. — Eu preferia que os nossos relatórios fossem enviados de Hilás, ou mesmo Leh.

— O correio inglês é melhor e mais seguro. Lembre-se de que dispomos de todos os recursos necessários. E, por Deus, eles próprios nos ajudam! É de uma estupidez inacreditável!

— É o orgulho... Um orgulho que receberá a punição merecida.

— Sim! Tentar vencer um companheiro de continente no Jogo é uma coisa. É arriscado. Mas essas pessoas... Ah, é fácil demais!

— Orgulho... É tudo por causa do orgulho, meu amigo.

“Agora, do que adianta Chandernagore estar tão perto de Calcutá”, perguntou-se Hurree, enquanto roncava de boca aberta no musgo encharcado, “se eu não consigo entender o francês deles? Esses estrangeiros falam *rápido* demais! Teria sido muito melhor simplesmente cortar suas gargantas.”

Quando acordou, o *babu*, arrependido, sofria uma terrível dor de cabeça e temia que, em sua embriaguez, tivesse sido indiscreto. Amava o governo britânico, responsável por toda a prosperidade e

honra do país, e seu mestre em Rampur tinha a mesma opinião. Com isso, os homens começaram a zombar dele e a lembrá-lo de suas frases da noite anterior, até que, aos poucos, com sorrisos depreciativos, risadas maliciosas e olhares de grande astúcia, forçaram o *babu* a admitir a verdade. Quando contaram o acontecido para Lurgan, mais tarde, ele lamentou em voz alta não poder ter estado lá, no lugar de um dos teimosos e desatentos *coolies*, que, com chapéus de palha e a chuva enlameando suas pegadas, esperavam a tempestade passar. Todos os *sahibs* que aqueles homens simples conheciam — que usavam roupas grossas e voltavam todo ano — tinham servos, cozinheiros e serventes, em geral montanheses. Mas aqueles viajavam sem qualquer comitiva, então concluíram que eram *sahibs* muito pobres e ignorantes, pois nenhum *sahib* seguiria o conselho de um bengali. Mas o bengali aparecera do nada, dera dinheiro a eles e conseguia se comunicar em seu dialeto. Acostumados com os maus-tratos de sua própria gente, suspeitaram de uma armadilha mais adiante e se prepararam para fugir, caso necessário.

Em seguida, com o ar fresco com um delicioso aroma de terra molhada, o *babu* liderou o caminho encosta abaixo, caminhando à frente dos *coolies* com orgulho e atrás dos estrangeiros com humildade. Seus pensamentos eram muitos e variados, e mesmo o menor deles teria sido de grande interesse para os companheiros de viagem. Mas ele era um guia agradável, sempre fazendo questão de apontar as belezas dos domínios de Sua Majestade. Ele enchera as colinas com todos os tipos de cabritos que os estrangeiros poderiam querer matar, além de ursos como os de Eliseu^{58}. Conversou vagamente sobre botânica e etnologia, e seu acervo de lendas locais, como fora agente de confiança do Estado por quinze anos, era inesgotável.

— É, com certeza, um sujeito original — disse o mais alto dos dois estrangeiros. — Ele é o pesadelo de um guia vienense.

— Ele é a representação da pequena Índia em transição, do hibridismo monstruoso entre Oriente e Ocidente — respondeu o russo. — Se alguém pode lidar com esses orientais, somos nós!

— Ele perdeu seu país e não ganhou outro, mas tem um ódio completo por seus conquistadores. Ouça, ele me confidenciou isso na noite passada — disse o outro.

Sob o guarda-sol listrado, *babu* Hurree forçava o ouvido e o cérebro para acompanhar o francês acelerado, mantendo os dois olhos em uma *kilta* cheia de mapas e documentos, coberta com uma capa vermelha impermeável bem grande. Não queria roubar nada, mas precisava saber o que roubar e como fugir depois disso. Ele agradeceu a todos os deuses do Hindustão e a Herbert Spencer por ainda ter algo de valor para roubar.

No segundo dia, a estrada se tornou uma subida íngreme para um platô relvoso acima da floresta. Foi ali, ao pôr do sol, que encontraram um velho monge budista, um *bonze*, sentado de pernas cruzadas sobre um mapa misterioso, preso por pedras. Ele estava instruindo um jovem, evidentemente seu discípulo, que, embora sujo, era muito belo. Os dois avistaram o guarda-sol listrado de longe, e Kim sugerira uma parada até que ele os alcançasse.

— Ah! — exclamou o *babu* Hurree, engenhoso como o Gato de Botas. — Este é um ilustre homem santo local, provavelmente servo de Sua Majestade.

— O que ele está fazendo? Parece interessante.

— Está explicando uma imagem sagrada, toda feita à mão por ele.

Os dois homens com as cabeças descobertas estavam sendo banhados pelo sol da tarde, que iluminava a grama dourada. Os *coolies* mal-humorados, contentes com a pausa, baixaram as cargas.

— Veja! — exclamou o francês. — É como uma imagem do nascimento de uma religião, o primeiro professor e o primeiro discípulo. Ele é budista?

— De certa forma — respondeu o outro. — Não existem budistas verdadeiros nas montanhas, mas olhe as vestes cheias de dobras, veja os olhos insolentes... Por que essa visão faz a gente se sentir um povo tão jovem e inexperiente? — perguntou, golpeando a grama alta com força. — Nosso povo ainda não deixou sua marca em parte alguma! *Isso* é o que me inquieta, entende? — Ele franziu a testa ao encarar o rosto plácido e a calma monumental daquela figura serena.

— Tenha paciência, deixaremos nossa marca. Nós e vocês, jovens. Enquanto isso, faça um retrato dele.

O *babu* adiantou-se com um andar arrogante, em uma postura que não combinava com o tom deferente com o qual se dirigiu ao lama e a piscadela direcionada a Kim.

— Vossa Santidade, esses são *sahibs*. Meus medicamentos curaram um deles, e vou a Simla para acompanhar sua recuperação. Eles querem ver seu desenho...

— Curar os doentes é sempre bom. Esta é a Roda da Vida — respondeu o lama —, a mesma que lhe mostrei na cabana de Ziglaur, quando a chuva caiu.

— Eles também desejam explicações.

Os olhos do lama se iluminaram com a perspectiva de novos ouvintes.

— Expor o Caminho Excelente é bom. Eles sabem um pouco de hindi, como o Guardiã das Imagens?

— Um pouco, talvez.

Ao ouvir isso, o lama, com a simplicidade de uma criança envolvida em uma nova brincadeira, levantou a cabeça e começou a entoar a invocação com que um doutor em divindades começa a explicar uma doutrina. Os estrangeiros se apoiaram em seus bastões e ouviram. Agachado humildemente, Kim observou os rostos banhados pela luz avermelhada do sol da tarde e suas longas sombras que se uniam. Eles usavam calças diferentes das dos ingleses e cintos estranhos, que lembravam vagamente as imagens de um livro da biblioteca da São Xavier, cujo nome era *As aventuras de um jovem naturalista no México*. Sim, eles lembravam muito o incrível M. Sumichrast, personagem da história, e em nada se pareciam com o “povo sem escrúpulos” que *babu* Hurree imaginava. Os *coolies*, que eram da cor da terra e estavam calados, se agacharam respeitosamente a cerca de 20 ou 30 metros de distância. Com o vento a esvoaçar suas roupas como a uma bandeira de marcação, o *babu* estava com ar de quem vê um empreendimento dar certo.

— Esses são os homens — sussurrou, conforme o ritual prosseguia e os dois homens brancos seguiam a palhinha que o

lama usava para apontar o Céu e o Inferno, movendo-a de cima para baixo de forma contínua. — Todos os livros estão na *kilta* grande com pano vermelho. Livros, relatórios, mapas... vi também uma carta do rei, mandada de Hilás ou Bunár. Eles a guardam com muito cuidado e ainda não enviaram nada de volta para Hilás ou Leh, tenho certeza.

— Quem são esses outros?

— São apenas uns *coolies* miseráveis. Os estrangeiros não têm servos e são tão cuidadosos que cozinham a própria comida.

— E o que devo fazer?

— Espere e verá. Caso algo aconteça comigo, você sabe onde encontrar os papéis.

— Esse caso estaria melhor nas mãos de Mahbub Ali do que nas de um bengali — desdenhou Kim.

— Há mais maneiras de se chegar a uma donzela do que quebrando uma parede.

— Vejam o Inferno, destino da avareza e da ganância. É acompanhado por um lado pelo Desejo e, do outro, pelo Cansaço. — O lama entrara em acalorada pregação, enquanto um dos estrangeiros o desenhava à luz, que se dissipava com rapidez.

— Já chega! — disse, por fim, com certa rudeza, um dos estrangeiros. — Eu não consigo compreendê-lo. Mas quero esse desenho, pois ele é melhor artista do que eu. Pergunte se quer vendê-lo.

— Ele disse “não, senhor” — respondeu o *babu*. E, de fato, o lama não cederia aquela imagem a um desconhecido, assim como um arcebispo não venderia as relíquias sagradas de sua catedral. O Tibete está cheio de reproduções baratas da Roda, mas o lama era um artista e um rico abade em sua terra.

— Se em três dias, ou quatro, ou dez, eu perceber que o *sahib* está em uma Busca e tem boa compreensão, talvez eu possa desenhar-lhe outro, mas este fiz para a iniciação de um novigo. Diga-lhe isso, *hakim*.

— Ele insiste em tê-lo agora. Quer pagar em dinheiro.

O lama balançou a cabeça devagar e começou a dobrar a imagem. O russo, por sua vez, interpretou aquilo como um velho imundo

pechinchando por um pedaço de papel sujo. Ele atirou um punhado de rupias no chão e, um pouco jocoso, agarrou a imagem, que se rasgou nas mãos do lama. Um murmúrio de horror partiu dos *coolies*, alguns dos quais eram bons budistas. O insulto fez com que o lama se levantasse com a mão no pesado tinteiro de ferro preso à cintura, que é a arma dos sacerdotes, e o *babu* agitou-se, aflito.

— Agora vejam por que eu queria testemunhas! Eles são pessoas altamente inescrupulosas. Ó senhor! Senhor! Você *não pode* bater no homem santo!

— *Chela!* Ele profanou a Palavra Escrita!

Era tarde demais. Antes que Kim pudesse impedi-lo, o russo atingiu em cheio a face do ancião. No instante seguinte, o estrangeiro rolava colina abaixo com Kim apertando seu pescoço. O golpe em seu mestre acordara todos os demônios irlandeses adormecidos em seu sangue, a queda repentina do inimigo fizera o restante. O lama caiu de joelhos, um pouco atordoado, e os *coolies* fugiram com suas cargas, tão rápido quanto homens das planícies conseguem correr em terreno plano. Havia presenciado um sacrilégio terrível e fugiam antes que os deuses e demônios das montanhas pudessem se vingar. O francês correu na direção do lama de revólver em punho, com a intenção de fazê-lo refém para salvar seu companheiro, mas foi impedido por uma saraivada de pedras cortantes lançadas pelos montanheses, que têm boa mira. Um *coolie* de Ao-chung agarrou o lama e o arrastou para um lugar seguro. Tudo aconteceu com a mesma rapidez com que a noite súbita caiu sobre a montanha.

— Eles levaram a bagagem e todas as armas! — gritou o francês, disparando às cegas sob o crepúsculo.

— Tudo bem, senhor! Tudo bem! Não atire. Eu vou resgatá-lo! — E Hurree, correndo encosta abaixo, atirou-se sobre um feliz e surpreso Kim, que batia a cabeça de seu inimigo desmaiado em uma pedra.

— Volte para os *coolies* — sussurrou o *babu* em seu ouvido. — Eles estão com a bagagem. Os documentos estão na *kilta* com pano vermelho, mas olhe em todos. Pegue os documentos, principalmente a *murasla*, a carta do Rei. Vá, o outro homem está vindo!

Kim correu ladeira acima. Uma bala de revólver bateu em uma pedra ao seu lado, e ele se abaixou como uma perdiz.

— Se você atirar — gritou Hurree —, eles vão descer e nos matar. Eu resgatei o outro cavaleiro, senhor. Isso é *muito* perigoso.

“Por Júpiter!”, pensou Kim em inglês. “A situação é grave, mas *acho* que se pode alegar legítima defesa.” Ele tirou o presente de Mahbub guardado junto ao peito. Exceto quando praticou no deserto Bikaner, nunca usara a arma. Mas atirou.

— Não falei, senhor? — O *babu* parecia à beira das lágrimas. — Venha até aqui e me ajude a ressuscitar o homem. Vou lhe dizer, estamos em uma enrascada.

Os tiros pararam. Ouviu-se o som de passadas cambaleantes, e Kim subiu a ladeira na escuridão, praguejando como um homem criado na Índia.

— Eles o feriram, *chela*? — indagou o lama, um pouco acima.

— Não. E você, mestre? — Kim se enfiou entre um grupo de pinheiros raquíticos.

— Estou ileso. Venha, vamos com essas pessoas para Shamlegh-sob-a-Neve.

— Mas não sem antes fazer justiça! — gritou uma voz. — Eu tenho as armas dos *sahibs*, todas as quatro. Vamos descer.

— Ele bateu no homem santo, nós vimos! Nosso gado ficará estéril, e nossas esposas, inférteis! As neves vão cair a caminho de casa, e... e sofreremos muitas outras desgraças!

O pequeno bosque de pinheirinhos encheu-se dos gritos dos *coolies* aterrorizados. Naquele estado, eram capazes de tudo. O homem de Ao-chung engatilhou a arma, impaciente, e fez menção de descer.

— Espere um pouco, Vossa Santidade, eles não podem ter ido longe. Espere até eu voltar.

— Sou eu a pessoa ofendida — disse o lama, colocando a mão na testa.

— Por isso mesmo.

— Se o ofendido perdoa a ofensa, suas mãos estão limpas. Além disso, vão acumular mérito por obediência.

— Espere, e iremos juntos para Shamlegh — insistiu o homem.

Por um momento, apenas pelos segundos necessários para se recarregar uma arma, o lama hesitou. Então, levantou-se e pôs um dedo no ombro do homem.

— Não me ouviu? *Eu* disse que não haverá matança. Eu, que era sacerdote de Such-zen. É seu desejo renascer como um rato, uma cobra de beiral ou um verme na barriga do mais vil dos animais? É seu desejo...

O homem de Ao-chung caiu de joelhos, pois a voz do lama ressoou como um gongo tibetano.

— Ai! Ai! — gritaram os *coolies*. — Não nos amaldiçoe, nem amaldiçoe a ele. Era apenas zelo, Sua Santidade! Abaixei o rifle, seu tolo!

— Ódio sobre ódio! Mal sobre mal! Não haverá matança. Deixe os que ofendem sacerdotes sofrerem sozinhos as consequências de seus atos. A Roda é justa e certa, não se desvia uma linha! Eles hão de renascer muitas vezes em tormento.

Abaixando a cabeça, ele se apoiou pesadamente no ombro de Kim.

— Cheguei muito perto de um grande mal, *chela* — sussurrou, sob o silêncio total dos pinheiros. — Fui tentado a deixá-lo atirar. Na verdade, se estivéssemos no Tibete, eles teriam uma morte lenta e dolorosa. Ele me bateu no rosto, na carne... — Ele caiu no chão, respirando com dificuldade, e Kim ouviu seu coração bater acelerado.

— Aqueles estrangeiros o mataram? — perguntou o homem de Ao-chung, enquanto os outros esperavam, mudos.

Kim ajoelhou-se por cima do lama, tomado pelo pavor.

— Não! — exclamou, desesperado. — Foi apenas um acesso de fraqueza.

Em seguida, lembrou-se de que era um homem branco com provisões de acampamentos dos homens brancos a seu dispor, e disse:

— Abram as *kiltas*! Os *sahibs* podem ter algum remédio.

— Ah, eu sei onde está! — respondeu o homem de Ao-chung, dando uma risada. — Não teria passado cinco anos como *shikarri* do

sahib Yankling sem conhecer esse remédio. Eu também já o experimentei. Aqui está!

Ele pegou uma garrafa de uísque barato guardada junto ao peito, do tipo que é vendido aos exploradores em Leh, e verteu uma dose na boca do lama.

— Fiz o mesmo quando o *sahib* Yankling torceu o pé, perto de Astor. Ah, já vasculhei suas *kiltas*, faremos uma divisão justa em Shamlegh. Dê um pouco mais a ele, pois é um remédio excelente. Veja, seu coração já está melhor. Segure a cabeça e esfregue um pouco sobre o peito. Se ele tivesse esperado em silêncio enquanto eu cuidava dos *sahibs*, isso não teria acontecido. Agora, talvez, eles venham nos atacar aqui. Nesse caso, não seria errado atirar neles com suas próprias armas, não é?

— Um deles já pagou pelo que fez — disse Kim entre dentes. — Eu o chutei na virilha enquanto rolávamos colina abaixo. Ah, eu devia tê-lo matado!

— É fácil ser corajoso quando não se vive em Rampur — disse o homem cuja cabana ficava a poucos quilômetros do palácio do rajá. — Se ficarmos com má fama entre os *sahibs*, ninguém mais nos empregará como *shikarris*.

— Ah, mas esses não são *sahibs* engreses, não são homens de espírito alegre, como *sahib* Fostum ou *sahib* Yankling. Eles são estrangeiros, não falam engrês como os *sahibs*.

O lama tossiu e se sentou, tateando em busca do japamala.

— Não haverá matança — murmurava. — Justa é a Roda! Mal sobre mal...

— Não aconteceu nada, Vossa Santidade, estamos todos aqui. — O homem de Ao-chung tocou os pés do lama timidamente. — A não ser por ordem sua, ninguém morrerá. Descanse um pouco. Montaremos acampamento aqui e, mais tarde, quando a lua surgir, vamos para Shamlegh-sob-a-Neve.

— Depois de um golpe como aquele — acrescentou um homem de Spiti —, o melhor é dormir um pouco.

— Ainda sinto um incômodo e uma coceira na nuca. Deixe-me pousar a cabeça em seu colo, meu *chela*. Sou um homem velho,

mas não estou livre das paixões... Devemos pensar na Causa das Coisas...

— Dê um cobertor para o homem santo. Não vamos arriscar uma fogueira, ou os *sahibs* podem ver.

— Melhor fugir para Shamlegh, ninguém vai nos seguir até lá — interveio o homem de Rampur, nervoso.

— Fui *shikarri* do *sahib* Fostum e sou *shikarri* do *sahib* Yankling. Eu deveria estar com ele agora, mas vim por causa desse maldito *beegar*, a ordem dada por meu *sahib*. Deixe dois homens de guarda com as armas, para o caso de os *sahibs* tentarem mais tolices. Não vou abandonar Sua Santidade.

Os *coolies* se sentaram um pouco afastados do lama e, após escutarem atentamente por alguns minutos, resolveram compartilhar um narguilé improvisado a partir de uma garrafa vazia de graxa Day and Martin. O brilho das brasas vermelhas que passavam de mão em mão acentuava os olhos puxados, as maçãs do rosto salientes dos chineses e os pescoços fortes como os de um touro. Pareciam anões de alguma mina misteriosa ou um conselho de gnomos das colinas. Enquanto falavam, os sons do degelo silenciaram conforme a geada noturna congelava os riachos.

— E como nos enfrentou! — contou um homem de Spiti, admirado. — Eu me lembro de um velho íbex perto de Ladakh. O *sahib* Dupont errou o tiro de perto, faz umas sete temporadas. *Sahib* Dupont era um bom *shikarri*.

— Não tão bom quanto *sahib* Yankling. — O homem de Ao-chung tomou um gole da garrafa de uísque e a entregou ao próximo companheiro. — Agora me escute, a não ser que alguém acredite saber mais.

Ninguém se manifestou.

— Vamos para Shamlegh quando a lua surgir. Lá, dividiremos a bagagem de forma justa. Eu me contento com este novo rifle e os cartuchos.

— E por que isso? Por acaso só na sua terra é preciso se defender de ursos? — questionou um homem, sem tirar o cachimbo da boca.

— Não, mas cada cesto deve valer seis rupias, e suas mulheres podem ficar com a lona das barracas e alguns dos equipamentos de

cozinha. Vamos resolver tudo isso em Shamlegh, antes do amanhecer. Então, cada um seguirá seu caminho, lembrando que nunca vimos ou servimos esses *sahibs*, que podem dizer que roubamos sua bagagem.

— É um bom plano para você, mas e o nosso rajá?

— E ele precisa saber? Quem vai contar? Esses *sahibs*, que nem mesmo falam a nossa língua, ou o *babu*, que nos subornou? *Ele* vai liderar um exército contra nós? E com que provas? Do que não precisarmos podemos jogar no abismo de Shamlegh, onde nenhum homem jamais pôs os pés.

— Quem está em Shamlegh neste verão? — O lugar não passava de um pasto com três ou quatro cabanas.

— A Mulher de Shamlegh. *Ela* odeia *sahibs*, pelo que sabemos. Os outros podem ficar satisfeitos com pequenos presentes, e aqui tem o suficiente para todos. — Ele bateu nas laterais da cesta mais próxima.

— Mas, mas...

— Já falei, eles não são *sahibs* de verdade. *Todas* as peles e cabeças foram compradas no mercado de Leh, eu conheço as marcas. Vocês viram na última marcha.

— Verdade, todas as peles e cabeças foram compradas. Algumas estavam até roídas pelas traças.

Esse foi um argumento perspicaz, e o homem de Ao-chung conhecia seus pares.

— Caso aconteça o pior, contarei o que se passou ao *sahib* Yankling, que é um homem alegre e vai rir de tudo. Não estamos fazendo nada errado com qualquer *sahib* conhecido, e *eles* bateram em um homem santo. Eles nos assustaram, e fugimos! Quem sabe onde deixamos a bagagem cair? Ou vocês acham que o *sahib* Yankling permitirá que a polícia ande para cima e para baixo pelas colinas, espantando sua caça? Simla é muito longe de Chini, e ainda mais longe de Shamlegh ou do abismo de Shamlegh.

— Combinado, mas eu fico com a *kilta* grande, a cesta com o pano vermelho que os *sahibs* embalaram pessoalmente todas as manhãs.

— Isso também prova — acrescentou o homem de Shamlegh astutamente — que eles não são *sahibs*. Quem já viu o *sahib* Fostum, o *sahib* Yankling ou mesmo o pequeno *sahib* Peel, que passa noites em claro na tocaia de um antílope *serow*, vindo para as montanhas sem um cozinheiro do interior, um carregador e uma comitiva com todo tipo de gente bem-paga e forte? Como eles poderiam nos causar problemas? E o que há nessa *kilta*?

— Nada de mais, está cheio de Palavra Escrita; livros e papéis em que escreveram, além de estranhos instrumentos, como os de adoração.

— O abismo de Shamlegh engolirá tudo.

— Verdade! Mas e se, com isso, insultarmos os deuses dos *sahibs*? Eu não gosto de tratar a Palavra Escrita desse jeito, e seus ídolos de bronze estão além da minha compreensão; não são coisas para montanheses simples.

— Shhh! O velho ainda está dormindo! Perguntaremos ao *chela* — decidiu o homem de Ao-chung, tomando mais um gole e empertigando-se, orgulhoso da posição de líder. — Nós temos aqui — sussurrou para Kim — uma *kilta* que não entendemos.

— Mas eu entendo — respondeu o garoto, cauteloso.

O lama, agora, respirava de forma mais natural em seu sono tranquilo, e Kim refletia sobre as últimas palavras do Hurree. Como um jogador do Grande Jogo, ele devia, agora, obedecer aos desejos do *babu*.

— É uma *kilta* coberta com um pano vermelho, cheia de coisas maravilhosas, que não devem ser tocadas por tolos.

— Eu bem disse! — exclamou o que carregava a cesta. — Será que teremos problemas?

— Não se a cesta for entregue a mim. Posso anular sua magia. Do contrário, fará um grande estrago.

— Um sacerdote sempre cobra sua parte. — O uísque já soltava a língua do homem Ao-chung.

— Não tenho nenhum interesse nisso — respondeu Kim com a astúcia de sua terra natal. — Podem dividir tudo entre vocês e ver o que acontece!

— Não, eu estava só brincando. Dê as ordens, há mais do que o bastante para todos. Seguiremos para Shamlegh ao raiar do sol.

Gastaram mais de uma hora fazendo e desfazendo seus planos ingênuos enquanto Kim tiritava de frio e orgulho. Aquela situação fazia rir tanto a parte irlandesa quanto a parte oriental de sua alma. Lá estavam os emissários do temível Poder do Norte, homens que, em suas terras, deviam ser tão poderosos quanto Mahbub ou o coronel Creighton, mas que de repente se tornaram impotentes. Um deles, Kim sabia, ficaria mal por um tempo. Havia feito promessas a reis. Naquela noite, repousariam em algum lugar abaixo dele, sem mapas, comida, tendas ou armas... e, exceto pelo *babu* Hurree, sem guias. O colapso do Grande Jogo deles (Kim se perguntava a quem iriam reportar), aquela fuga noturna desesperada, não aconteceu por causa dos artifícios de Hurree ou da interferência de Kim, e sim porque era inevitável, como a captura do faquir e seu companheiro, “amigos” de Mahbub, feita pelo jovem e esforçado policial de Ambala.

“Lá estão eles, sem nada! E, por Júpiter, está frio! Estou aqui com todas as suas provisões. Ah, devem estar furiosos! Só tenho pena de Hurree.”

Kim poderia ter economizado sua pena, porque, naquele momento, embora o corpo do bengali sofresse, sua alma estava em pleno júbilo. Um quilômetro abaixo, à beira da floresta de pinheiros, dois homens meio mortos de frio, um deles muito ferido, lançavam diversas reprimendas e xingamentos ao *babu*, que parecia trêmulo de medo. Eles exigiam um plano de ação, e Hurree explicou que os dois tinham muita sorte de estarem vivos, se os *coolies* não os perseguiram, era porque tinham ido embora. Disse que o rajá, por sua vez, estava a 150 quilômetros de distância, e, em vez de ele lhes emprestar dinheiro ou conseguir uma comitiva para Simla, com certeza os jogaria na prisão se soubesse que bateram em um sacerdote. Ele explicou mais sobre esse pecado e suas consequências, até que ordenaram que mudasse de assunto. Sua única esperança, disse, era viajar discretamente de aldeia em aldeia até voltar para a civilização e, pela centésima vez, o *babu* se

desmanchou em lágrimas, perguntando às distantes estrelas por que os *sahibs* haviam “batido em um homem santo”.

Hurree precisaria de apenas dez passos na escuridão para ficar totalmente fora do alcance dos estrangeiros. Teria abrigo e comida da aldeia mais próxima, onde médicos com tanta lábia quanto a dele eram escassos. Mas preferiu suportar o frio, a fome, os palavrões e alguns socos ocasionais na companhia de seus honrados patrões. Agachado e apoiando-se no tronco de uma árvore, fungava, melancólico.

— E você já pensou no espetáculo que vamos oferecer a esses selvagens com nossa peregrinação entre as montanhas? — perguntou o homem que não fora ferido, indignado.

Babu Hurree pensava praticamente só nisso havia algumas horas, mas a observação não fora dirigida a ele.

— Como podemos vagar, se mal consigo andar? — gemeu a vítima de Kim.

— Talvez o homem santo seja misericordioso em sua benevolência, senhor... Senão...

— Já prometi a mim mesmo que terei o prazer de descarregar meu revólver naquele *bonze* se nos encontrarmos de novo. — Foi a resposta bem pouco cristã.

— Revólveres! Vingança! *Bonzes!* — Hurree se agachou ainda mais, pois a briga recomeçava. — Você não pensa em nossa perda? A bagagem! A bagagem! — Ele podia ouvir o homem se remexendo, desesperado. — Tudo o que tínhamos! Tudo o que conseguimos! Nossos ganhos! Um trabalho de oito meses! Sabe o que isso significa? “Se alguém pode lidar com esses orientais, somos nós!” Ah, você fez um bom trabalho...

Falaram em várias línguas, e Hurree sorria. Kim estava com as *kiltas* onde havia oito meses de boa diplomacia. O *babu* não tinha como se comunicar com o menino, mas podia confiar nele. Então, poderia organizar a peregrinação daqueles homens através das montanhas, peregrinação que Hilás, Bunár e qualquer um nos 600 quilômetros de estrada pelos quais passariam contariam para as gerações futuras. Homens que não conseguem controlar os próprios

coolies são pouco respeitados nas montanhas, e os montanhesees têm um senso de humor muito apurado.

“Não teria sido melhor nem se eu tivesse planejado cada detalhe”, pensou Hurree. “Por Júpiter, agora que penso nisso, é claro que tudo foi premeditado por mim. Como fui rápido! Tudo me ocorreu quando corri montanha abaixo! A ofensa foi acidental, mas ninguém poderia organizar isso melhor do que eu. E, ah, valeu muito a pena. Considere o efeito moral sobre esses ignorantes! Sem tratados, sem identificação, sem nenhum documento escrito e, o melhor de tudo, dependendo de mim como intérprete. Vou morrer de rir com o coronel! Gostaria de ter também os documentos deles, mas não se pode estar em dois lugares ao mesmo tempo; seria um paradoxo.”

14

Meu irmão se ajoelha (diz Kabir)
À pedra e ao bronze como sábio pagão,
Mas eu ouço na voz do meu irmão
Minha própria agonia sem porvir.
Seu deus foi-lhe apontado pelas Sinas —
Sua prece é a do mundo inteiro — e minha.
“O rezador”

Quando a lua surgiu no céu, os cautelosos *coolies* iniciaram a marcha. O lama, revigorado pelo sono e pelo uísque, já não precisava de mais do que o ombro de Kim para ampará-lo, e seguia em silêncio, com passadas largas. Caminharam pela relva salpicada de argila durante uma hora, contornaram um penhasco imortal e subiram até chegar a uma área fora do alcance de visão do vale de Chini. Um grande pasto se abria em leque até a linha de neve. Na sua base, tinha, talvez, meio acre de terra plana, na qual havia algumas cabanas de barro e madeira. Atrás delas (pois, tipicamente montanhasas, estavam empoleiradas no precipício), havia um despenhadeiro de 600 metros até o abismo de Shamlegh, onde homem algum jamais pusera os pés.

Os homens não fizeram menção de dividir o saque até o lama estar instalado no melhor quarto, com Kim lavando seus pés, à maneira maometana.

— Mandaremos comida — disse o homem de Ao-chung — e a *kilta* com o pano vermelho. Ao alvorecer não haverá testemunhas, de qualquer maneira. Se algo na *kilta* não for necessário... Faça assim, ó.

Apontou para a janela, que se abria para um espaço banhado pelo luar refletido pela neve, e atirou a garrafa vazia de uísque.

— Nem precisam tentar ouvir a queda, aqui é o fim do mundo — disse e saiu.

O lama olhou pela janela, com as mãos no parapeito e os olhos brilhando como opalas amarelas. Do enorme abismo à sua frente erguiam-se picos brancos cobertos de neve, buscando a luz do luar. Além deles só havia o céu cheio de estrelas.

— Essas, sim, são as minhas montanhas — disse ele devagar. — É assim que um homem deve viver, elevado acima do mundo, separado dos prazeres, refletindo sobre as grandes questões.

— É, se ele tiver um *chela* para preparar o chá, dobrar um cobertor para sua cabeça e afugentar as vacas parideiras.

Um lampião fumacento ardia em um nicho, mas a luz da lua cheia o ofuscava; no meio daquela luz mista, inclinado sobre tigelas de comida e sacos, Kim parecia um fantasma alto.

— *Sim!* Mas, agora que o sangue já esfriou, sinto a cabeça latejar e martelar. E parece que tem uma corda apertando o meu pescoço.

— Não me admira, foi um soco forte. Maldito seja quem...

— Não fosse pelas minhas paixões, não teria havido mal algum.

— Que mal houve? Você salvou os *sahibs* de uma morte que mereciam cem vezes.

— A lição não foi bem aprendida, meu *chela*. — O lama deitou-se sobre um cobertor dobrado, enquanto Kim continuava os rituais noturnos. — O soco não passou de sombra sobre sombra. Ah, como minhas pernas têm se cansado rápido nesses últimos dias! O próprio mal encontrou-se com o mal que havia dentro de mim: cólera, furor e um desejo de vingança. Eles mexeram com meu sangue, revolveram meu estômago e confundiram os meus ouvidos.

O lama recebeu a xícara de chá preto escaldante das mãos de Kim e bebeu cerimoniosamente.

— Se eu não houvesse demonstrado paixão, o sopro do mal teria causado um mero dano corporal, uma cicatriz ou uma mancha roxa, que é ilusão. Mas meu espírito *não* estava pronto para abstrair, pois logo veio o desejo de deixar os homens de Spiti matarem o agressor. Ao lutar contra esse desejo, minha alma rasgou-se e sofreu mais do que se tivesse recebido mil golpes. Foi só quando repeti as Bênçãos que alcancei a calma. Mas o mal, instalado dentro de mim por

aquele descuido, persistirá até ao fim. A Roda é justa, não se desvia um milímetro. Aprenda a lição, *chela*.

— É muito difícil para mim — murmurou Kim. — Ainda estou abalado, e contente por ter machucado aquele homem.

— Senti isso quando dormia em seu colo lá embaixo, no bosque. Meus sonhos foram agitados, era o mal na sua alma penetrando a minha. Por outro lado — disse, levando a mão ao japamala —, acumulei mérito salvando duas vidas, dos homens que me ofenderam. Agora preciso examinar a Causa das Coisas, pois o barco da minha alma está à deriva.

— Durma e se recupere, é o melhor a fazer.

— Meditarei. A necessidade é maior do que você supõe.

Até o amanhecer, hora após hora, à medida que o luar empalidecia sobre os altos cumes e a negra escuridão nos lados das montanhas longínquas se dissipava mostrando a floresta verde, o lama encarou a parede fixamente. De vez em quando, gemia. Do outro lado da porta trancada, onde as vacas cansadas buscavam o velho estábulo, Shamlegh e os *coolies* repartiam a pilhagem e se refestelavam, enquanto o homem de Ao-chung liderava a divisão dos bens. Quando abriram as comidas enlatadas dos *sahibs* e descobriram que eram muito boas, não pararam mais, e o que não prestava era jogado no abismo de Shamlegh.

Quando Kim, depois de uma noite de pesadelos, saiu do quarto para escovar os dentes ao fresco ar da manhã, uma mulher de boa aparência, com um enfeite de turquesas na cabeça, o interpelou.

— Os outros já foram. Deixaram para trás esta *kilta*, como prometido. Eu não gosto de *sahibs*, mas você nos fará um encantamento em troca, não queremos que nossa Shamlegh fique malfalada por causa desse... acidente. Eu sou a Mulher de Shamlegh. — Ela o fitou de forma audaciosa, com os olhos brilhando, bem diferente das furtivas olhadelas típicas das montanhasas.

— Com prazer, mas precisa ser feito em segredo.

Ela ergueu a pesada *kilta* como se fosse de brinquedo e a jogou para dentro de sua cabana.

— Vá e tranque a porta! Não deixe ninguém entrar até eu ter acabado — instruiu Kim.

— Muito bem. Depois podemos conversar?

Kim espalhou o conteúdo da *kilta*, despejando uma cascata de instrumentos topográficos, livros, diários, cartas, mapas e correspondência nativa com uma estranha fragrância. No fundo, havia um saco bordado cobrindo um envelope selado, dourado e iluminado, como os que reis trocavam entre si. Kim perdeu o fôlego, orgulhoso, e analisou a situação do ponto de vista de um *sahib*.

“Não quero os livros, são apenas tábuas de logaritmos de topografia, eu acho.” E os deixou de lado. “Não entendo bem as cartas, mas o coronel Creighton vai entender, então é melhor guardar todas. Os mapas são mais bem-feitos que os meus, então é claro que vou ficar com eles. E também todas as cartas nativas e, ah!, especialmente a *murasla*.” Kim cheirou o saco bordado. “Isso deve ser de Hilás ou Bunár, *babu* Hurree disse a verdade. Por Júpiter! Foi uma boa pesca! Ah, se Hurree soubesse... Bem, o restante vai pela janela.”

Ele passou os dedos por uma linda bússola prismática com tampo de teodolito. Mas um *sahib* não deve roubar, e aquelas coisas podiam ser evidências inconvenientes mais tarde. Separou cada manuscrito, mapa e carta nativa, e formou um pacote maleável. Três livros com fechos de ferro e cinco cadernetas de notas gastas também foram separados.

“Vou levar comigo as cartas e a *murasla*, por baixo do cinto. Já os livros manuscritos podem ir na sacola de mantimentos. Vai ficar pesado. Bem, acho que não tem mais nada de útil. Se houvesse, os *coolies* já teriam atirado para o *khud*, então não importa. Agora é a vez desse aqui.”

Ele recolocou as coisas que não iria levar na *kilta* e levou-a até a janela. Trezentos metros abaixo, ainda havia uma cerração que o sol não desfizera. Trezentos metros depois dela, havia uma floresta de pinheiros. Dava para ver a cobertura verde, que parecia um tapete de musgos, quando uma brisa dispersou um pouco a neblina.

— Bem, acho que *ninguém* irá até lá buscar a cesta! — E atirou a *kilta*.

Enquanto a cesta caía, seu conteúdo se espalhou em pleno ar. O teodolito bateu em uma saliência de pedra e explodiu como uma granada. Os livros, tinteiros, caixas de tintas, bússolas e réguas riscaram o céu por alguns segundos, parecendo um enxame de abelhas, depois desapareceram. Embora estivesse debruçado na janela e com os jovens ouvidos apurados, não ouviu o baque.

“Nem com quinhentas... Nem com mil rupias é possível comprar um material como aquele”, pensou o garoto, triste. “Um verdadeiro desperdício. Mas tenho as outras coisas, tudo o que pesquisaram, espero. Agora, como diabos contarei ao *babu* Hurree, e o que diabos devo fazer? E o meu velho está doente. Bem, vou amarrar essas cartas em um pano impermeável, é a primeira coisa a se fazer, senão ficarão molhadas de suor... E estou só!”

Ele fez o pacote das cartas com cuidado, amaciando as bordas do pano impermeável com a meticulosidade que sua experiência lhe trouxera, tal qual um caçador em seu esporte. Então, com cuidado redobrado, arrumou os livros no fundo do saco de provisões.

A mulher bateu na porta e entrou.

— Você não fez o meu encantamento — disse, esquadrinhando o quarto.

— Não havia necessidade.

Kim se esquecera completamente de que seria preciso fingir uma reza. A mulher, irreverente, riu.

— Não havia necessidade para você, que consegue lançar um feitiço com uma mera piscadela. Mas pense em nós, coitados, quando você partir! Os outros estavam bêbados demais na noite passada para dar ouvidos a uma mulher. Mas imagino que você não esteja bêbado, não é?

— Sou um sacerdote — respondeu Kim, recompondo-se e, como a mulher era simpática, mas não bonita, achou melhor defender-se com a profissão.

— Avisei aos outros que os *sahibs* ficarão furiosos, investigarão e contarão tudo ao rajá. O *babu* também está com eles, e esses funcionários são uns linguarudos.

— É esse o problema?

Um plano completamente formado surgiu de repente na mente de Kim, e o menino sorriu, encantador.

— Não é só isso — respondeu a mulher, estendendo uma mão pequena e escura, cheia de anéis de prata cravejados de turquesas.

— Posso resolver isso em um instante — continuou o garoto, depressa. — O *babu* é aquele *hakim* que estava passando pelas montanhas de Ziglaur (ouviu falar nele?). Eu o conheço.

— Ele vai acabar contando tudo em troca de recompensa. Os *sahibs* não conseguem distinguir um montanhês do outro, mas os *babus* têm olhos para homens... e mulheres.

— Passe uma mensagem minha para ele.

— Não há nada que eu não faria por você.

Kim aceitou o elogio com a calma dos homens que vivem nas terras onde as mulheres tomam a iniciativa no amor. Rasgou uma folha de caderno e, com tinta indelével, escreveu uma mensagem em *shikast* grosseiro, a escrita que os moleques de rua usam para escrever indecências nos muros: *Peguei tudo o que eles escreveram, os desenhos da região e muitas cartas, especialmente a murasla. Mande instruções. Estou em Shamlegh-sob-a-Neve, e o velho está doente.*

— Entregue isto ao *babu*, e ele ficará de boca fechada. Não deve ter ido muito longe.

— E não foi, eles ainda estão na floresta, do outro lado do pico. As crianças foram espiá-los quando o dia raiou e mandam notícias sobre o progresso deles.

Kim ficou visivelmente pasmo. Do outro lado do pasto de ovelhas, ouviu-se um grito estridente, como o de um falcão. Uma criança que pastoreava o rebanho recebera uma mensagem de um irmão ou irmã do outro lado da encosta que cobria o vale de Chini.

— Meus maridos também saíram para buscar lenha. — A mulher tirou um punhado de nozes do peitilho, abriu uma e começou a comer. Kim fingiu não entender o convite.

— Não sabe o porquê desta noz, sacerdote? — perguntou ela, fingindo timidez, enquanto lhe entregava as cascas vazias.

— Bem pensado — murmurou Kim, colocando o bilhete entre elas. — Você tem um pouco de cera para fechar a carta?

A mulher suspirou alto, e Kim compadeceu-se.

— Não haverá pagamento até o serviço ter sido feito. Leve isto ao *babu* e diga a ele que foi enviado pelo Filho do Sortilégio.

— *Ah!* É verdade! É verdade! Por um mágico... Que parece um *sahib*.

— Não, um Filho do Sortilégio. E pergunte se haverá resposta.

— Mas e se ele me tratar mal? Estou com medo.

Kim riu.

— Ele com certeza está muito cansado e faminto. As montanhas esfriam os homens. *Sei* que a... — A palavra “mãe” estava na ponta da língua, mas no último segundo Kim mudou de ideia — irmã é sensata e astuta. A esta altura, todas as aldeias já souberam o que aconteceu com os *sahibs*, não é?

— É verdade. A notícia chegou a Ziglaur à meia-noite, e amanhã já deve estar em Kotgarh. As aldeias estão irritadas e com medo.

— Não há a menor necessidade. Diga às aldeias para alimentarem os *sahibs* e os deixarem seguir em paz, precisamos tirá-los do vale discretamente. Roubar é uma coisa, matar é outra. O *babu* vai entender e não contará nada ao rajá. Seja rápida. Preciso cuidar do meu mestre quando ele acordar.

— Que assim seja. E, como você disse, depois do serviço, virá a recompensa. Eu sou a Mulher de Shamlegh e dependo do rajá, não sou uma parteira qualquer. Shamlegh é toda sua, com casco, chifres, couro, leite e manteiga; é pegar ou largar.

Com os colares de prata tilintando sobre os seios, ela subiu resoluta a encosta, encontrando o sol matinal 50 metros acima deles. Dessa vez, enquanto impermeabilizava as pontas do pacote uma última vez, Kim pensou na língua local:

“Como um homem pode seguir o Caminho ou jogar o Grande Jogo se as mulheres sempre o importunam? Primeiro foi a garota de Akrola, depois a esposa do ajudante de cozinha, atrás do pombal... Isso sem contar as outras! E agora me aparece esta! Quando eu era uma criança, tudo bem; mas agora sou um homem, e elas não me veem como um. Nozes, veja só! Haha! Nas planícies usamos amêndoas!”

E foi recolher seus pagamentos pela aldeia. Em vez de usar a escudela, como faria no Sul, Kim caminhou como um príncipe. No verão, a população de Shamlegh se limitava a três famílias: quatro mulheres e oito ou nove homens. Havia estocado muita comida enlatada e uma grande variedade de bebidas, de quinino amoniacal até vodca, pois haviam se beneficiado bastante da pilhagem da noite anterior. As barracas de acampamento já tinham sido cortadas em pedaços e divididas, e frigideiras de alumínio se espalhavam pelo chão.

Como consideravam a presença do lama a defesa perfeita contra qualquer consequência, os montanheses, impenitentes, ofereciam a Kim o que tinham de melhor, até mesmo um trago de *chang*, a cerveja de cevada feita em Ladakh. Depois foram se aquecer ao sol e sentaram-se com as pernas balançando nos abismos infinitos, tagarelando, rindo e fumando. Julgavam a Índia e seu governo apenas com base nos *sahibs* errantes para quem eles ou seus amigos trabalharam como *shikarris*. Kim ouviu histórias sobre tentativas malsucedidas de *sahibs*, alguns já mortos havia vinte anos, de atirarem em íbex, antílopes ou cabras selvagens. Cada um relatava os acontecimentos de sua perspectiva, com riqueza de detalhes. Contaram a Kim sobre suas doenças e, mais importante, das doenças do gado pequeno, mas de pés firmes; de viagens até Kotgarh, onde vivem os estranhos missionários, e além, da maravilhosa Simla, onde as ruas são pavimentadas com prata e qualquer um, veja bem, consegue arranjar trabalho com os *sahibs*, que andam em carros de duas rodas e gastam rios de dinheiro. Foi então que, grave e distante, caminhando pesadamente, o lama juntou-se à conversa sob os beirais e foi recebido com deferência. O ar rarefeito o refrescou, e ele se sentou à beira do precipício como qualquer aldeão. Quando a conversa esmorecia, atirava pedrinhas no abismo. Cinquenta quilômetros acima, erguia-se outra cadeia de montanhas, marcada, rasgada e rajada de pequenos remendos de florestas, cada uma a um dia de caminhada da outra. Atrás da aldeia ficava a própria montanha de Shamlegh, que ocupava toda a vista na direção do sul. A aldeia parecia abrigada em um ninho de andorinhas sob o beiral do telhado do mundo.

De tempos em tempos, o lama estendia a mão e, em voz baixa, apontava para a estrada de Spiti e para o norte, por Parungla.

— Além, onde as montanhas se concentram, fica De-ch'en' (ele queria dizer Han-lé), o Grande Mosteiro. s'Tag-stan-ras-ch'en o construiu, e lá se conta a seguinte história sobre ele. — O lama começou a relatar uma fantástica narrativa, cheia de bruxarias e milagres, que encantou o povo de Shamlegh.

Virando-se um pouco para oeste, esquadrinhou a paisagem em busca das verdes montanhas de Kulu e de Kailung, que ficavam abaixo da linha da geleira.

— Passei por lá há muitos, muitos anos. Vim de Leh, por Baralachi.

— Sim, sim, nós conhecemos — disseram os habitantes de Shamlegh, um povo viajante.

— E passei duas noites com os sacerdotes de Kailung. Aquelas são as montanhas do meu coração! Sombras abençoadas, ainda que sombras! Lá meus olhos se abriram para este mundo, lá encontrei a Iluminação e lá me preparei para a minha Busca. Saí das montanhas, das altas montanhas com seus ventos fortes. Ó, a Roda é justa!

E o lama abençoou cada detalhe das montanhas: as grandes geleiras, as rochas nuas, as morainas e depósitos de xisto; as secas terras altas, os lagos salgados ocultos, a madeira milenar e os vales férteis irrigados em fila. Abençoou-os como um homem moribundo abençoa seu povo; e Kim admirou-se diante daquela paixão.

— Sim, sim. Não há lugar como as nossas montanhas — concordava o povo de Shamlegh, parando para pensar em como um homem conseguia viver nas terríveis e quentes planícies, onde o boi é grande como um elefante e incapaz de subir uma encosta; onde uma cidade toca na outra, tinham ouvido dizer, por centenas de quilômetros; onde os ladrões formavam quadrilhas, e a polícia confiscava o que os assaltantes não levavam.

A manhã se arrastou nessa conversa calma, e, quando chegou a tarde, a mensageira de Kim desceu do pasto alto com a mesma pressa com que partira.

— Mandei um recado ao *hakim* — explicou Kim, enquanto a mulher fazia uma reverência.

— Ele se juntou aos idólatras? Não, eu me lembro de ele ter tratado um deles. Acumulou mérito, embora o homem curado usasse sua força para o mal. A Roda é justa! O que houve com o *hakim*?

— Fiquei com medo de que você estivesse ferido e... e saiba que ele é esperto. — Kim pegou a casca de noz encerada e leu o que fora escrito em inglês no verso do bilhete que enviara: *Recebi o bilhete. Não posso me livrar da atual companhia no momento, mas vou levá-los para Simla. Então, espero reencontrar vocês. Não vale a pena seguir estes cavalheiros irritados. Voltem pela mesma estrada por onde vieram, e eu os alcançarei. Muito satisfeito com a apreensão da correspondência.* — Ele diz, Sua Santidade, que vai escapar dos idólatras e voltar para nós. Devemos esperar um pouco em Shamlegh, então?

O lama olhou para as montanhas durante um tempo, com ternura, e então sacudiu a cabeça.

— Não podemos, *chela*. Desejo isso com todo o meu corpo, mas não devo, é proibido: encontrei a Causa das Coisas.

— Por quê? Logo agora, que as montanhas o deixam mais forte a cada dia? Lembre-se de como estava enfraquecido lá em baixo, no Doon.

— Tornei-me forte apenas para fazer o mal e para esquecer. Virei um brigão linguarudo sobre as montanhas.

Kim apenas sorriu em resposta.

— A Roda é justa e perfeita, não se desvia um milímetro. Quando eu era um homem, há muito tempo, fui em peregrinação a Guru Chwan, entre os choupos. — O lama apontou na direção do Tibete. — Onde fica o Cavallo Sagrado.

— Silêncio! Fiquem quietos! — disseram as pessoas de Shamlegh umas para as outras. — Ele está falando de Jamlin-nin-k'or, o Cavallo Que Pode Dar a Volta ao Mundo em Um Dia!

— Estou me dirigindo apenas ao meu *chela* — censurou o lama com delicadeza, e o povo de Shamlegh se dispersou como a geadas de manhã nos beirais virados para o sul. — Naquele tempo, eu não buscava a verdade, apenas pregava a doutrina. Tudo ilusão! Bebi a

cerveja e comi o pão de Guru Chwan. No dia seguinte, alguém me disse: “Vamos lutar contra o mosteiro de Sangor Gutok, mais abaixo no vale, para decidir (veja como o Desejo está ligado à Cólera) qual superior dominará o vale e recolherá o lucro das orações que publicam em Sangor Gutok.” Eu fui, e lutamos por um dia.

— Mas como, Vossa Santidade?

— Com nossos grandes tinteiros, como eu podia ter feito... Digo, lutamos sob os choupos, monges e superiores, e um deles me acertou a cabeça com um golpe que abriu a carne até o osso. Veja!

— O lama tirou o chapéu e mostrou a Kim uma velha cicatriz — A Roda é justa e perfeita! Ontem a cicatriz coçou um pouco. Cinquenta anos mais tarde, lembrei-me de como foi feita e do rosto de quem a fez: estava insistindo um pouco na ilusão. A isso você sabe o que seguiu: conflito e estupidez. A Roda é justa! O soco dos idólatras bateu bem na cicatriz, então a minha alma foi abalada: ela estava obscurecida, e seu barco vagava pelas águas da ilusão. Só quando cheguei a Shamlegh é que pude meditar sobre a Causa das Coisas, ou delinear as contínuas raízes do Mal. Meditei durante toda a longa noite...

— Mas, Vossa Santidade, você está livre de todo o mal! Deixe-me ser o seu sacrifício!

Kim estava realmente aflito com o sofrimento do ancião, e a expressão usada por Mahbub Ali saiu sem que ele nem percebesse.

— Ao alvorecer — continuou o lama com gravidade, as batidas das contas do japamala marcando as frases lentas —, veio a iluminação. Eu sou um velho, nascido e criado nas montanhas, e nunca poderei me sentar entre as minhas montanhas. Viajei pela Índia durante três anos, mas que terra pode ser mais forte do que a terra natal? Meu corpo estúpido ansiava pelas Montanhas e suas neves de lá de baixo. Já disse, e é verdade, que a minha Busca é certa. Então, na casa da mulher de Kulu, virei-me na direção das montanhas, seguro de mim. O *hakim* não teve culpa. Levado pelo desejo, ele afirmou que as montanhas me revigorariam. Mas elas me fortaleceram para o mal, para que eu me esquecesse da Busca. Eu me delicieei com a vida e com a ânsia de viver; desejei encostas íngremes para subir e lancei-me ao encontro delas. Medi a força do meu corpo, que é o

mal, contra a das altas montanhas. Escarnei de você quando o vi sem fôlego, lá em Jamnotri. Zombei quando você hesitou em enfrentar a neve do desfiladeiro.

— Mas qual o problema? Eu *estava* mesmo com medo. Não sou um montanhês. E adorei ver meu mestre revigorado.

— Mais de uma vez, recordo-me — continuou o lama, repousando o rosto nas mãos, de modo lúgubre —, busquei os elogios que você e o *hakim* faziam à simples força das minhas pernas. Assim, o mal seguiu-se ao mal, até transbordar o copo. A Roda é justa! Toda a Índia, durante três anos, encheu-me de honrarias. Desde aquela Fonte de Sabedoria, na Casa das Maravilhas até — o lama sorriu — uma criança que brincava com uma grande arma. O mundo preparou o meu caminho. E por quê?

— Porque o amávamos. O que você sente é apenas efeito do soco, eu mesmo ainda estou enjoado e abalado.

— Não! Era porque eu estava seguindo o Caminho, em sintonia, como os *si-nen*, os címbalos que servem aos desígnios da Lei. Afastei-me dessa ordem, e a harmonia se foi; a isso se seguiu o castigo. Em minhas próprias Montanhas, nos limites do meu próprio país, no ponto exato em que fui levado pelos desejos malignos, veio a bofetada... E bem aqui! — O lama levou a mão à testa. — Assim como um noviço é punido ao inverter as xícaras, também apanhei. Eu, que fui o superior de Such-zen. Não recebi meras palavras de advertência, meu *chela*, mas um soco.

— Mas os *sahibs* não sabiam quem você era, Vossa Santidade.

— Estávamos em sintonia. Ignorância e Desejo encontraram Ignorância e Desejo na estrada, gerando a Cólera. O soco foi um sinal para mim, ele me mostrou que não sou melhor do que um iaque perdido, que o meu lugar não é aqui. Aquele que pode ver a Causa de um acontecimento está a meio caminho da Libertação! “Volte ao Caminho”, advertiu o soco. “Você não deve ficar nas Montanhas. Não se pode buscar a Libertação e seguir escravo dos prazeres da vida.”

— Quem me dera nunca tivéssemos encontrado aquele russo maldito!

— Nem mesmo o Senhor consegue fazer a Roda girar ao contrário. E, pelo mérito que eu já havia acumulado, ainda obtive outro sinal. — O lama enfiou a mão no peitilho e pegou o desenho da Roda da Vida. — Veja! Após a meditação, percebi que, depois que o idólatra o rasgou, sobrou apenas um pequeno pedaço intacto, do tamanho de uma unha.

— Estou vendo.

— E é deste tamanho o tempo de vida que me resta neste corpo. Servi à Roda em todos os meus dias, e agora a Roda me serve. Se não fosse o mérito que acumulei ao guiá-lo para o Caminho, talvez ainda tivesse que viver outra vida, mesmo que houvesse encontrado meu Rio. Não está claro, *chela*?

Kim olhou para o desenho completamente destroçado. Havia um rasgo em diagonal, da esquerda para a direita. Ia da Décima Primeira Casa, onde o Desejo dá à luz a Criança (segundo a versão desenhada pelos tibetanos), e percorria os mundos humano e animal até a Quinta Casa, a esvaziada Casa dos Sentidos. Era incontestável.

— Antes de nosso Senhor conquistar a Iluminação — começou o lama, dobrando o desenho com reverência —, foi tentado. Eu também fui tentado, mas agora acabou. A Flecha caiu nas Planícies, não nas Montanhas. Então, o que fazemos aqui?

— Devemos, ao menos, esperar pelo *hakim*?

— Sei quanto tempo de vida ainda me resta neste corpo. O que o *hakim* poderia fazer?

— Mas você está doente e abalado. Não pode viajar.

— Como posso estar doente, se busco a Libertação? — respondeu o lama. Ele se levantou de modo vacilante.

— Nesse caso, vou buscar comida na aldeia. Ah, Estrada cansativa! — Kim sentia que também precisava de descanso.

— Bem pensado. Vamos comer e partir. A Flecha caiu nas planícies... mas eu cedi ao Desejo. Prepare tudo, meu *chela*.

Kim virou-se para a mulher com anéis de turquesa, que estivera preguiçosamente jogando pedrinhas no abismo. Ela deu um sorriso bondoso.

— Encontrei o *babu* parecendo um búfalo perdido em um campo de trigo: espirrando e tremendo de frio. Estava tão faminto que esqueceu a própria dignidade e me disse palavras doces. Os *sahibs* não têm nada. — Ela abriu a mão vazia, ilustrando suas palavras. — Um sofre muito do estômago. É obra sua?

Kim, com os olhos brilhantes, assentiu.

— Primeiro falei com o bengali, depois com as pessoas de uma aldeia próxima. Os *sahibs* receberão a comida de que precisam, e as pessoas não pedirão pagamento. O saque já foi distribuído, e o *babu* já acalmou os *sahibs* com mentiras. Por que ele não os deixa?

— Por causa do seu grande coração.

— Nunca conheci um bengali com o coração maior do que uma noz. Mas não importa. Agora vamos falar das nozes: depois do serviço, vem a recompensa. Já disse que a aldeia é sua.

— Acabo de perdê-la, então. Eu estava fazendo planos de acordo com os desejos do meu coração. — Não havia necessidade de enunciar os elogios apropriados para essas ocasiões, então Kim apenas suspirou e continuou. — Mas meu mestre, inspirado por uma visão...

— Ah! Olhos velhos não veem nada além de uma escudela de mendigar cheia.

— ... decidi voltar para as planícies.

— Peça a ele para ficar.

Kim balançou a cabeça em negativa.

— Conheço bem meu homem santo e sua raiva em ser contrariado — replicou, solene. — Suas maldições abalariam as montanhas.

— Que pena que as maldições não o salvaram da bofetada! Ouvi dizer que você é o corajoso leão que atacou o *sahib*. Deixe-o sonhar mais um pouco! Fique!

— Montanhosa — começou Kim, com uma austeridade que não endurecia as belas linhas do seu rosto jovem e oval —, estas questões são muito elevadas para você.

— Que os deuses nos ajudem! Desde quando homens e mulheres são outra coisa que não homens e mulheres?

— Um santo é um santo. Ele disse que partirá agora. Eu sou seu *chela*, então irei com ele. Precisamos de comida para a viagem. O

mestre é recebido com honrarias em toda parte, mas... — Ele deu um sorriso de moleque. — A comida daqui é boa. Dê-me um pouco para levar.

— E se eu não der nada? Eu sou a mulher deste lugar.

— Eu a amaldiçoarei. Mas só de leve, nada muito grave, apenas o suficiente para ficar de recordação. — Kim não conseguiu deixar de sorrir.

— Você já me amaldiçoou com esses olhos e esse queixo arrebitado. Maldições? O que simples palavras podem fazer? — respondeu ela, cruzando as mãos sobre os seios. — Mas não quero que você parta zangado, pensando mal de mim. Sou uma colhedeira de ervas e estrume de Shamlegh, mas sou uma mulher de verdade.

— Não penso nada, a não ser que estou triste em partir, pois estou muito cansado, e que precisamos de comida. Aqui está o saco.

A mulher apanhou-o com raiva.

— Fui uma tola. Como é essa sua mulher nas Planícies? Loira? Morena? Bonita? Eu já fui linda. Está rindo? Uma vez, há muito tempo, se é que você consegue acreditar, um *sahib* se encantou por mim. Há muito tempo, usei roupas europeias, na Casa das Missões, mais além. — Ela apontou na direção de Kotgarh. — Há muito tempo, fui uma quir-lis-tã e falei inglês, como os *sahibs*. Sim. Meu *sahib* prometeu voltar e casar comigo. Sim, casar comigo. E partiu... eu cuidara dele quando ficou doente, mas o homem nunca mais voltou. Então, eu vi que os deuses dos quirlistãos mentiam e voltei para o meu povo. Desde então, nunca mais me interessei por um *sahib*. Não ria de mim, o feitiço já passou, pequeno sacerdote. Esse seu rostinho e seu modo andar e de falar me fizeram lembrar do meu *sahib*, embora você seja apenas um mendigo errante a quem dou esmola. Vai me amaldiçoar? Você não pode amaldiçoar nem abençoar! — Ela pôs as mãos nos quadris e riu com amargura. — Seus deuses são mentiras, as obras deles são mentiras, e as palavras também. Não há deus algum sob os céus, sei disso. Por um instante, achei que você fosse meu *sahib*, que tinha voltado para mim, e ele era o meu deus. Sim, já toquei música em um piano, na Casa de Missões de Kotgarh. Agora, dou esmolas a sacerdotes

pagãos. — Tentou dizer a última palavra em inglês, mas se confundiu e fechou o saco, que estava bem cheio.

— Estou esperando, *chela* — chamou o lama, apoiado no umbral da porta.

A mulher olhou a figura de alto a baixo.

— Ele vai andando? Mas não consegue caminhar nem meio quilômetro! Até onde vão esses ossos velhos?

Ao ouvir isso, Kim, já preocupado com a piora do lama e prevendo o peso do saco, perdeu a calma.

— Para que quer saber para onde ele vai, sua mulher agourenta? Não é da sua conta!

— Não é, realmente. Mas é da sua, sacerdote com cara de *sahib*. Pretende carregá-lo nas costas?

— Eu vou para as planícies, e nada deve retardar meu retorno — disse o lama. — Lutei contra minha alma até perder as forças. Meu corpo estúpido está exausto, e nós ainda estamos longe das planícies.

— Ouça bem! — disse a mulher, afastando-se para Kim poder observar a fragilidade do lama. — Pode me amaldiçoar, talvez isso dê forças ao velho. Faça um feitiço! Peça ajuda ao grande Deus! Você é um sacerdote. — Ela deu as costas.

O lama se agachou com grande dificuldade, sempre se apoiando no umbral da porta. Um velho não se recupera de um choque com a mesma facilidade de uma criança. A fraqueza o levava ao chão, mas os olhos que encararam Kim estavam cheios de vida, suplicantes.

— Está tudo bem — disse Kim. — É o ar rarefeito que o está enfraquecendo. Daqui a pouco iremos, é apenas o mal-estar das montanhas. Também me sinto um pouco enjoado... — Ele se ajoelhou e confortou o velho com as primeiras palavras que lhe vieram à cabeça. A mulher voltou, ainda mais empertigada.

— Os seus deuses são inúteis, não é? Tente os meus. *Eu* sou a Mulher de Shamlegh. — Deu um grito rouco, e, do curral, vieram seus dois maridos e três outros homens com um *dooli*, a liteira rudimentar que se usa nas montanhas para transportar doentes e para visitas de Estado. — Este gado será seu enquanto precisarem. — Ela nem sequer olhou para eles.

— Mas nós não vamos para os lados de Simla, não queremos nos aproximar dos *sahibs*! — esbravejou o primeiro marido.

— Não vão roubar sua bagagem e fugir, como aqueles outros. Dois deles, sei que são uns fracos e ficarão na retaguarda: Sonoo e Taree. — Eles obedeceram depressa. — Baixem o *dooli* agora e carreguem o homem santo. Tomarei conta da aldeia e de suas virtuosas esposas até que regressem.

— E quando será isso?

— Pergunte aos santos, não me importune. Coloque o saco da comida aos pés do *dooli*, ficará mais equilibrado.

— Ah, Vossa Santidade, suas montanhas são mais bondosas do que nossas planícies! — exclamou Kim, aliviado, quando o lama subiu na liteira. — É uma cama digna de um rei, um lugar de honra e conforto. E devemos isso a...

— Uma mulher agourenta. Faço tanta questão das suas bênçãos quanto de suas maldições. É a *minha* palavra, não a sua. Levantem e partam! Ei! Você tem dinheiro para a viagem?

Ela guiou Kim à sua cabana e se abaixou diante de uma gasta maleta que ficava embaixo da cama.

— Não preciso de mais nada — respondeu Kim, zangado, embora devesse estar agradecido. — Já estou sobrecarregado de favores.

Ela o encarou com um sorriso curioso e colocou a mão sobre o ombro dele.

— Ao menos agradeça. Sou uma montanhesa de cara feia, mas, segundo o que você diz, acumulei mérito. Quer que eu mostre como os *sahibs* agradecem? — Seus olhos duros se enterneceram.

— Sou apenas um sacerdote errante — respondeu Kim, com os olhos brilhando. — Você não precisa das minhas bênçãos nem das minhas maldições.

— Não. Mas espere um momento, você consegue alcançar o *dooli* em poucos passos. Posso lhe mostrar como você agradecerá se fosse um *sahib*?

— E se eu adivinhar antes? — perguntou Kim, envolvendo a cintura dela e beijando-a no rosto. Então, acrescentou, em inglês: — Muito obrigado, minha querida.

O beijo não é comum entre os asiáticos, e talvez tenha sido por isso que ela recuou com os olhos arregalados e uma expressão apavorada.

— Da próxima vez — continuou Kim —, não se mostre tão certa sobre os sacerdotes pagãos. Agora, adeus! — E estendeu a mão, como um inglês. Ela a apertou de forma mecânica. — Adeus, querida.

— Adeus, e... e... — Ela hesitou, tentando se lembrar das palavras em inglês, uma por uma. — Você vai voltar? Adeus... E que seus deuses o abençoem.

Meia hora mais tarde, quando a liteira já sacudia pelo caminho que levava ao sudeste de Shamlegh, Kim notou uma figura à porta da cabana, acenando com um lenço branco.

— Ela acumulou mais mérito do que todos — disse o lama. — Pois guiar um homem ao Caminho da Libertação é quase tão bom quanto buscar a própria Libertação.

— Hum! — respondeu Kim, pensativo, refletindo sobre o que se passara. — Pode ser que eu também tenha acumulado mérito. Pelo menos ela não me tratou como uma criança. — Ele apalpou o lugar onde estava o maço de documentos e mapas, ajeitou o precioso saco de mantimentos aos pés do lama, apoiou as mãos na borda da liteira e acertou o passo com a lenta passada dos maridos reclamões.

— Estes aqui também acumulam mérito — comentou o lama, depois de 5 quilômetros.

— Vão acumular mais do que isso, pois serão pagos em prata — respondeu Kim. A mulher de Shamlegh dera a ele algumas moedas, e era mais do que justo, argumentou, que os maridos as recebessem de volta.

15

A imperador algum daria a vez —
 Não cederia meu lugar a um rei
À Tiara Tripla^{59} não seria cortês.
 Mas com as Forças do Ar *eu* não lutarei —
Sentinelas, passagem, por favor!
 O que se passa é algo singular!
Baixem as pontes — eis nosso Senhor —
 O Sonhador cujo sonho veio a se realizar!
 “O cerco das fadas”

Trezentos e vinte quilômetros ao norte de Chini, nos xistos azuis de Ladakh, encontra-se o alegre *sahib* Yankling, indignado, esquadrinhando a cordilheira diante de si com os binóculos, em busca de algum sinal de seu batedor, um homem de Ao-chung. Mas o maldito renegado, munido de uma nova espingarda Männlicher e duzentos cartuchos, estava em outro lugar, caçando cervos-almiscarados para vender no bazar. O *sahib* Yankling só ficaria sabendo como o homem estava doente na estação seguinte.

Pelos vales de Bushahr, espantando as águias do Himalaia com seu novo guarda-sol azul e branco, surge um bengali apressado que já foi gordo e de boa aparência, mas agora está magro e abatido. Dois estrangeiros muito distintos o agradeceram por tê-los conduzido com habilidade até o túnel de Mashobra, que leva à grande e agitada capital da Índia. Não foi por culpa dele, mas sim dos deuses, que, confusos pela úmida neblina, haviam passado direto pela estação telegráfica da colônia europeia de Kotgarh. Também não foi culpa dele, e sim dos deuses sobre os quais falava de forma tão cativante, que acabou levando-os à fronteira de Nahan, onde o rajá os confundiu com desertores das forças britânicas.

O *babu* Hurree falou sobre as glórias e a importância de seus companheiros em suas terras natais até o soberano sonolento sorrir. Ele dizia isso a qualquer um que perguntasse, repetidas vezes, em alto e bom som. Mendigou comida, providenciou acomodações, provou ser um hábil médico para ferimentos na virilha, do tipo que se consegue ao rolar morro abaixo no escuro, por uma encosta coberta de rochas. Na verdade, mostrou-se indispensável em tudo. O motivo daquela dedicação era honrado: assim como milhões de compatriotas, aprendera a ver a Rússia como a grande libertadora do Norte.

O *babu* era um homem medroso e receava não conseguir poupar seus ilustres patrões da cólera de alguns camponeses exaltados. Ele também não hesitaria em bater em um homem santo, mas... Além disso, estava profundamente agradecido e sinceramente exultante por ter feito o "pouco que estava ao seu alcance" para encerrar o empreendimento dos dois estrangeiros da melhor forma possível, a não ser pela bagagem perdida. Ele esquecera os socos, até negou que tivesse havido alguma violência durante aquela primeira noite inconveniente na qual se abrigaram sob os pinheiros. Não cobrou compensação ou taxa de serviço, mas, se os dois estrangeiros o considerassem merecedor, será que poderiam escrever-lhe um atestado? Poderia ser útil mais tarde, caso algum amigo deles passasse pelos desfiladeiros. Também implorou que se lembrassem dele em sua futura glória, pois, conforme deixou escapar, o *babu* acreditava que ele, Mohendro Lal Dutt, médico formado em Calcutá, "prestara um serviço ao país".

Os dois deram a ele um certificado louvando sua cortesia, sua prestabilidade e seu talento como guia. Ele guardou o papel no cinto e chorou, emocionado: haviam enfrentado tantos perigos juntos! Ao meio-dia, conduziu-os pelas ruas apinhadas de Simla Mall até o Alliance Bank, onde os estrangeiros foram tirar novos documentos, e então evaporou, como a neblina matinal em Jakko.

E lá estava ele agora, tão magro que nem suava, mal podendo esperar para fazer uso dos remédios de sua pequena caixa de latão, subindo pela encosta de Shamlegh, a imagem de um homem justo e perfeito. Lá estava, despido de qualquer *babuísmo*, deitado em um

catre e fumando em pleno meio-dia enquanto uma mulher enfeitada de turquesas apontava para o sudoeste, cruzando as pastagens com a linha imaginária traçada por seu dedo. As liteiras, disse, avançam devagar, mas os pássaros já deviam estar nas Planícies. O homem santo não quis ficar, apesar de Lispeth ter pedido. O *babu* resmungou, desapontado, afivelou o cinto e partiu. Ele não gostava de viajar depois do anoitecer, mas seu progresso nos dias de marcha, embora não houvesse ninguém para registrá-lo, causaria espanto naqueles que o chamavam de lento. Bondosos aldeões, lembrando-se do vendedor de medicamentos de Daca que passara por ali há dois meses, abrigaram-no dos espíritos malignos do bosque. O *babu* sonhou com deuses bengalis, livros didáticos e com a Real Sociedade em Londres, Inglaterra, e, na manhã seguinte, o guarda-sol azul e branco seguiu caminho.

À beira do Doon, já muito longe de Mussorie, com as Planícies se estendendo diante de si, cobertas de uma poeira dourada, repousa uma liteira gasta, onde, todos das montanhas sabem, descansa um lama doente em busca de um Rio que Cura. Os aldeões disputaram a honra de carregá-lo quase aos tapas, pois, além de o lama tê-los abençoado, seu discípulo lhes deu um bom dinheiro, um terço do que *sahibs* pagariam. O *dooli* percorria 20 quilômetros por dia, como atestavam as extremidades gordurosas e gastas das varas de sustentação, e seguia por estradas que poucos *sahibs* usam. Passou pelo desfiladeiro de Nilang, onde uma tempestade espalhou neve fina como areia, que se amontoou nas dobras da roupa do lama impassível. Passou pelos picos negros de Raieng, onde ouviram, em meio à bruma, os balidos dos cabritos selvagens que escalavam o xisto. Foi carregado entre ombros tensos e mandíbulas cerradas pelas curvas medonhas da estrada Cut, balançando e estalando ao ritmo da marcha da comitiva que descia pelo úmido Vale das Águas, então seguiam para o alto novamente, de encontro às súbitas rajadas do Kedarnath; era posta no chão ao meio do dia, nas sombrias florestas de carvalho. Ia de aldeia em aldeia nas manhãs geladas, quando mesmo os mais devotos são perdoados por rogar pragas aos homens santos impacientes, e também à luz de tochas, quando até os menos covardes temem fantasmas. Finalmente, o

dooli chegou ao fim de sua viagem. Os pequenos montanheses suavam, sofrendo com o clima diferente da base dos Siwaliks, e rodearam o sacerdote à espera de uma bênção e do pagamento.

— Vocês acumularam mérito, um mérito muito maior do que imaginam. E também voltarão às montanhas — diz o lama com um suspiro.

— Sim, é claro. Voltaremos às altas montanhas o mais depressa possível.

O montanhês massageia os ombros, bebe um gole de água e cospe-o no chão; depois, ajusta as sandálias de pano. Com o rosto abatido, Kim paga aos carregadores com as pequeninas moedas de prata que guardava no cinto, pega o saco de mantimentos, enfia o pacote encerado com os preciosos documentos no peitilho e ajuda o lama a se levantar. A paz voltou aos olhos do ancião, que já não encara as montanhas como se fossem desabar e soterrá-lo, como naquela noite terrível em que foram atrasados por uma cheia no rio.

Os homens pegam o *dooli* e somem de vista, embrenhando-se na mata.

O lama ergue a mão na direção da cordilheira do Himalaia.

— Não foi em vós, a mais bendita das montanhas, que caiu a Flecha do Senhor! É a última vez que respiro vossos ares!

— Mas você está dez vezes mais forte agora — responde Kim, cuja alma, já exausta, ansiava pelas planícies gentis e férteis. — Mas sim, a Flecha caiu aqui perto. Iremos com muita calma, talvez fazendo um *koss* por dia, pois a Busca é certa, mas este saco está muito pesado.

— Sim, nossa Busca é certa. Abandonei uma grande tentação.

AGORA NÃO VIAJAVAM mais do que uns poucos quilômetros por dia, e os ombros de Kim suportavam tudo; o fardo do velho homem, do pesado saco de comida — com os livros trancados —, dos papéis escondidos no peitilho e das pequenas tarefas diárias. Ele mendigava ao amanhecer, estendia cobertores para o lama meditar e apoiava no colo a cabeça cansada de seu mestre durante as horas mais quentes do dia, enxotando as moscas até os pulsos doerem. Então, mendigava outra vez à tarde e massageava os pés do lama,

que o recompensava com a promessa da Libertação, que viria hoje, amanhã ou, mais tardar, no dia seguinte.

— Nunca houve um *chela* assim. Às vezes, duvido que o próprio Ananda tenha cuidado do Nosso Senhor com mais fidelidade. E você é um *sahib*? Quando eu era um homem, há muito tempo, sempre me esquecia. Agora, toda vez que olho para você eu me lembro de que é um *sahib*. É estranho.

— Meu mestre disse, certa vez, que não há preto ou branco. Para que me atormentar com esta conversa, Vossa Santidade? Deixe-me massagear o outro pé. Não quero falar disso. *Não* sou um *sahib*, sou o seu *chela*. E minha cabeça está pesada.

— Tenha um pouco de paciência! Alcançaremos juntos a Libertação. Depois, você e eu, na distante margem do rio, olharemos para trás, para nossas vidas, como nas montanhas nos virávamos para olhar a distância vencida em cada dia. Talvez eu também já tenha sido um *sahib*.

— Nunca houve um *sahib* como você, juro.

— Estou certo de que o Guardião das Imagens da Casa das Maravilhas foi, em uma vida passada, um superior muito sábio. Mas nem mesmo os óculos que ele me deu fazem os meus olhos enxergarem. Quando tento olhar fixamente para alguma coisa, surgem sombras em minha vista. Não importa: nós conhecemos os truques desta pobre e estúpida carcaça, uma sombra que se transforma em outra. Estou preso à ilusão do Tempo e do Espaço. Quanto avançamos hoje, na matéria?

— Talvez meio *koss* (um quilômetro, e a marcha fora apertada).

— Meio *koss*? Ah, eu percorri dez milhões em espírito! Como ficamos envolvidos, presos e limitados por coisas sem sentido! — Ele olhou para sua mão fina, coberta de veias azuis, que já sentia o peso do japamala. — *Chela*, você nunca quis me deixar?

Kim pensou no pacote oleado e nos livros guardados no saco de mantimentos. Caso alguém devidamente autorizado se encarregasse de sua entrega, se dependesse de Kim, o Grande Jogo poderia se jogar sozinho. Estava cansado, sentia a cabeça quente, e uma tosse vinda do estômago começava a preocupá-lo.

— Não — respondeu, quase bruscamente. — Não sou um cão nem uma cobra, para morder quando já aprendi a amar.

— Você é muito carinhoso comigo.

— Nem tanto. Eu agi em um assunto sem o consultar. Enviei uma mensagem à mulher de Kulu por aquela outra, a que nos deu leite de cabra hoje de manhã, dizendo que você estava um pouco fraco e precisava de uma liteira. Devia ter feito isso logo que entramos em Doon. Agora, vamos esperar aqui até a liteira chegar.

— Estou satisfeito. É uma mulher com coração de ouro, como você disse, mas uma tagarela, uma grandíssima tagarela.

— Ela não vai aborrecê-lo, cuidei disso também. Vossa Santidade, meu coração está pesado com meus muitos descuidos. — Kim sentiu um aperto na garganta. — Caminhamos demais, nem sempre lhe arranjei boa comida, não considerei o calor, conversei com outros na estrada e o deixei só... Eu... Eu... *Hai mai!* Mas amo você... E agora é tarde demais... Eu era uma criança... Ah, por que já não era um homem?...

Dominado pela exaustão e pelo fardo que levava em seus ombros, Kim desabou e chorou aos pés do lama.

— Mas o que é isso? — perguntou o ancião com ternura. — Você nunca se desviou nem um milímetro do Caminho da Obediência. Teme ter *me* negligenciado? Criança, tenho vivido da sua força assim como uma velha árvore vive da cal de um muro novo. A cada dia, desde que saímos de Shamlegh, tenho sugado as suas forças. *Portanto*, você não está enfraquecido por algum pecado seu: é o Corpo, o tolo, estúpido Corpo, que fala agora; não a Alma forte. Fique tranquilo! Saiba, ao menos, quais são os demônios contra quem luta. Eles são terrenos, nascem da Ilusão. Iremos ao encontro da mulher de Kulu, que acumulará mérito ao nos hospedar e, principalmente, ao cuidar de mim, e você ficará livre até recuperar suas forças. Eu me esqueci do estúpido Corpo. Se alguém tem culpa, sou eu; mas estamos perto demais dos Portões da Salvação para ficar carregando culpas. Eu poderia elogiá-lo, mas para quê? Daqui a pouco, daqui a muito pouco, não haverá qualquer necessidade.

Ele acalmou e consolou Kim, com máximas de sabedoria e discursos solenes sobre esse monstro mal compreendido, nosso

Corpo, que, sendo apenas ilusão, insiste em mostrar-se como Alma, obscurecendo o Caminho e multiplicando os demônios desnecessários.

— *Ai, a!* Falemos da mulher de Kulu. Você acha que ela pedirá outro encantamento para ter netos? Quando eu era um jovem, há muito tempo, fui atormentado por essas fantasias e algumas outras, e consultei um superior. Era um homem muito santo, alguém que buscava a verdade, embora eu, naquela época, não soubesse de nada disso. Sente-se e ouça, filho da minha alma! Eu contei a minha história a ele, que me respondeu: “*Chela*, preste atenção: há muitas mentiras no mundo, e não há poucos mentirosos; mas não há mentiroso tão grande como o nosso corpo, a não ser as sensações do corpo.” Pensando nisto, fui reconfortado, e ele permitiu que tomássemos chá juntos. Permita-me, agora, beber chá, pois estou com sede.

Rindo por entre as lágrimas, Kim beijou os pés do lama e lhe preparou o chá.

— Meu mestre se apoia em meu corpo, mas eu me apoio em Vossa Santidade por muito mais, sabe disso?

— Já tinha imaginado. — Os olhos do lama brilharam. — Precisamos mudar isso.

Nesse momento, com grande imponência e causando grande perturbação, apareceu nada menos do que o palanquim favorito da *sahiba*, que percorrera 30 quilômetros, conduzido por aquele mesmo criado oorya velho e grisalho. Quando chegaram à ordenada desordem da grande casa branca que ficava atrás de Saharanpur, o lama tomou algumas medidas.

Depois das saudações, a *sahiba* falou alegremente, sua voz vinha de uma janela do segundo andar:

— De que servem os conselhos de uma velha mulher a um ancião? Eu lhe disse, eu lhe *disse*, Vossa Santidade, para vigiar o *chela*. E o que você fez? Nem me diga! Já *sei* muito bem: ele tem corrido atrás de mulheres, dá para ver por seus olhos, estão encovados e cansados! E vejo também a Linha de Traição, abaixo do nariz. Ele tem se aventurado por aí! Que vergonha! E se diz um sacerdote!

Kim olhou para cima, cansado demais para sorrir, balançando a cabeça em negativa.

— Não brinque assim — respondeu o lama. — O tempo de brincadeiras passou. Estamos envolvidos em grandes questões. Fui acometido por uma doença da alma nas montanhas, e ele, por uma doença ao corpo. Desde então, tenho vivido da força do meu *chela*, consumindo-o.

— São duas crianças, uma nova e outra velha. — Ela fungou, mas absteve-se de outras piadas. — Que a minha hospitalidade possa curá-los! Esperem um momento, e eu irei conversar sobre as boas e altas montanhas.

Como seu genro já voltara e, portanto, ela não precisava mais supervisionar suas terras, à noite a mulher descobriu a essência do problema, que lhe foi explicado em voz baixa pelo lama. As duas velhas cabeças assentiam juntas, cheias de sabedoria. Kim cambaleara até um quarto e desabara na cama, onde dormia, encharcado de suor. O lama o proibira de estender tapetes ou buscar comida.

— Eu sei, eu sei. Quem mais saberia, além de mim? — cacarejou a velha. — Nós, que estamos a caminho das pilhas funerárias, agarramos as mãos daqueles que vêm do Rio da Vida trazendo jarros de água cheios, transbordantes. Julguei mal o rapaz. Quer dizer que ele empresta as forças a você? É bem verdade que os velhos consomem os jovens. Agora nos resta curá-lo.

— Você acumulou mérito muitas vezes...

— *Meu* mérito? Há! Não passo de um velho saco de ossos cozinhando curry para homens que jamais se perguntam: “Hum, quem cozinhou isto?” Agora, se fosse acumulado para o meu neto...

— Aquele que tinha a dor de barriga?

— E pensar que Vossa Santidade se lembra *disso*! Preciso contar à mãe dele, é uma grande honra! “Aquele que tinha a dor de barriga”, Vossa Santidade se lembrou muito bem! Ela ficará orgulhosa.

— Meu *chela* é, para mim, como um filho é para os não esclarecidos.

— Melhor chamar de neto, pois as mães não têm a sabedoria da nossa idade. Se uma criança chora, acham que os céus vão desabar.

Uma avó já está suficientemente distanciada da dor de dar à luz e do prazer de dar o peito para definir se um choro é de doença ou de cansaço. E, já que estamos falando em cansaço, creio ter ofendido Vossa Santidade da última vez que esteve aqui, quando insisti por encantamentos.

— Irmã — respondeu o lama, empregando a forma de tratamento que um budista usaria ao dirigir-se a uma monja —, se os encantamentos a confortam...

— São melhores do que dez mil médicos.

— Repito, se eles a confortam, eu, que fui monge superior de Such-zen, farei tantos quantos desejar. Nunca vi seu rosto...

— *Isso* até os macacos que roubam nossas nêspas consideram algo bom. Hahaha!

— Mas, como diz aquele que está dormindo — respondeu o lama indicando a porta fechada do quarto de hóspedes que ficava do outro lado do pátio —, você tem um coração de ouro. E ele é, em espírito, como um neto para mim.

— Muito bem! Como quiser. Serei como a vaca de Vossa Santidade. — Era uma expressão hindu, mas o lama não deu atenção. — Sou velha, gerei filhos com este corpo. Ah, já pude satisfazer os homens! Agora, posso curá-los. — O lama ouviu as muitas pulseiras da velha tilintarem, como se ela arregaçasse as mangas, preparando-se para pôr mãos à obra. — Tomarei conta do rapaz, vou medicá-lo e obrigá-lo a comer até que se recupere. *Ai, ai!* Nós, velhos, ainda sabemos algumas coisas.

Assim, quando Kim abriu os olhos e, com dores em todo o corpo, fez menção de ir à cozinha buscar a comida de seu mestre, foi coagido a continuar deitado. Deparou-se com a figura da velha à porta, coberta com um véu, e, ao seu lado, a do servo grisalho, que listou todas as atividades que Kim não deveria fazer em circunstância alguma.

— Precisa? Você não precisa de nada. O quê? Uma caixa fechada onde guarda livros sagrados? Ah, aí é outra história! Que os céus me proíbam de ficar entre um sacerdote e suas orações! Traremos a caixa, e você ficará com a chave.

A caixa foi empurrada para debaixo da cama, e, com um suspiro de alívio, Kim trancou a pistola de Mahbub, o pacote oleado com cartas e os livros e diários. Por alguma razão absurda, pesaram muito mais em sua consciência do que em seus ombros durante o trajeto. E fizeram seu pescoço doer a noite toda.

— Essa doença é incomum na juventude de hoje em dia, isso desde que os jovens pararam de cuidar de seus anciãos. O remédio é dormir e tomar alguns medicamentos — comentou a *sahiba*. Kim ficava feliz em mergulhar no vazio que ao mesmo tempo o incomodava e o acalmava.

Usando métodos asiáticos, a viúva preparou bebidas que tinham um cheiro péssimo e um gosto pior ainda. Ficou parada diante de Kim até que ele tivesse bebido tudo e o interrogou exaustivamente assim que os remédios começaram a fazer efeito. Ela interditou o pátio, deixando um vigia armado na porta. Apesar de ter setenta e tantos anos e de sua espada só ter restado bainha e cabo, o homem representava a autoridade da *sahiba*, e carroças carregadas, criados tagarelas, bezerros, cães, galinhas e o que mais tivesse faziam um grande desvio para não se aproximar do local. Mas o melhor de tudo foi que quando Kim melhorou um pouco ela chamou um dos parentes pobres que moravam amontoados na parte de trás do terreno, os chamados cães de rua, uma viúva de um primo, perita na arte que os europeus, ignorantes no assunto, chamam de massagem. As duas o colocaram deitado de leste para oeste, para que as misteriosas correntes energéticas da Terra, que fazem pulsar a vida em nossos corpos, ajudassem, em vez de atrapalhar. Massagearam-no a tarde inteira, osso por osso, músculo por músculo, tendão por tendão e, finalmente, nervo por nervo. Com o corpo completamente relaxado, um pouco hipnotizado pelo balançar dos *chudders* que cobriam as cabeças das mulheres, ocultando-lhes os olhos, Kim caiu em um profundo torpor, que durou 36 horas. O sono o embebeu completamente, como água da chuva embebe a terra seca.

Depois disso, a mulher de Kulu o alimentou e quase botou a casa abaixo com seus gritos, dando ordens de matar as galinhas e buscar vegetais. O jardineiro, um pouco lento, quase tão velho quanto a

sahiba, trabalhou muito. A mulher misturou condimentos, leite e cebolas com pequenos peixes dos regatos, pediu limas para fazer suco, junto com gordas codornizes dos poços e espetos de fígado de galinha com rodela de gengibre.

— Já vi muita coisa nesta vida — disse ela, por cima das bandejas cheias — e sei que existem apenas dois tipos de mulheres: as que enfraquecem um homem e as que o fortalecem. Já fui do primeiro grupo, mas agora sou do segundo. E não venha bancar o santo, foi apenas uma brincadeira. Pode não parecer engraçada agora, mas será quando você voltar à estrada. — E, virando-se para a parente pobre, que nunca se cansava de enaltecer a caridade da benfeitora, disse: — Prima, ele está ficando com a pele brilhosa como a de um cavalo escovado. É como se estivéssemos polindo joias para lançá-las a uma dançarina, não é?

Kim se sentou e sorriu. A terrível fraqueza finalmente se soltava dele, como um sapato velho caindo do pé. Mal podia esperar para falar à vontade outra vez. Apenas uma semana antes, a menor palavra o incomodava, como se enchesse a boca de cinzas. A dor no pescoço (que devia ter apanhado do lama) passara, assim como as fortes dores no corpo e o gosto ruim na boca. As duas velhas, agora um pouco mais cuidadosas com seus véus, mas não muito, cacarejavam de forma tão alegre quanto as galinhas que haviam acabado de entrar pela porta aberta.

— Onde está o meu homem santo? — perguntou o menino.

— Ouçam só! Sua Santidade está bem — respondeu a *sahiba* bruscamente. — Embora ele mesmo não tenha mérito *algum* nisso. Se eu conhecesse algum feitiço para deixá-lo mais sensato, venderia as minhas joias para comprá-lo. Onde já se viu recusar a boa comida que eu mesma preparei e ir vagar de barriga vazia pelos campos por duas noites! Ainda por cima cair em um regato... chama *isso* de santidade? Então, quando o velho já tinha quase terminado de partir, de tanta ansiedade, o pouco do meu coração que havia sobrado depois de cuidar de você, ele ainda veio me dizer que acumulou mérito! Ah, os homens são todos iguais! Não, não foi isso... ele disse que estava livre de todo o pecado. *Eu* sabia disso antes mesmo de ele se encharcar da cabeça aos pés! Ah, ele está bem agora, isso foi

há uma semana. Mas não aguento com tanta santidade! Seria mais fácil cuidar de um bebê de 3 anos! Bem, não se preocupe com Sua Santidade, ele fica vigiando você quando não está chapinhando pelos regatos.

— Não me lembro de vê-lo. Os dias e as noites passavam como faixas de preto e branco, com meus olhos abrindo e fechando. Eu não estava doente: estava apenas cansado.

— Sim, com uma letargia que só aparece alguns anos mais tarde. Mas já passou.

— Marani... — começou Kim, mas, diante do olhar da velha, decidiu usar um título mais afetuoso: — Mãe, eu devo a minha vida a você. Como posso agradecer? Dez mil bênçãos para a sua casa e...

— Deixe que a casa fique sem bênçãos! — (É impossível reproduzir o termo exato usado pela velha viúva.) — Guarde seus agradecimentos de sacerdote para os deuses, se quiser, mas agradeça a mim apenas como filho. Céus! Por acaso eu o apertei, ergui, bati e torci seus dez dedos do pé para que viesse jogar bênçãos na minha cabeça? Em algum lugar deste mundo, uma mãe o pariu para partir o coração dela. Como é que você a tratava, filho?

— Não tive mãe, minha mãe morreu quando eu ainda era bem novo. Foi o que me disseram.

— *Hai mai!* Então, ninguém pode dizer que usurpei o lugar dela se, quando você voltar à estrada, não considerar esta casa como mais uma entre tantas que lhe serviu de abrigo e foi deixada de lado com uma bênção apressada. Não importa, não quero bênçãos, e sim... — A velha bateu o pé, chamando a atenção da prima pobre. — Leve as bandejas para a casa! Por que está deixando a comida apodrecer no quarto, mulher agourenta?

— Eu também tive... também tive um filho, na minha juventude, mas ele morreu — choramingou a figura encurvada com o rosto coberto pelo *chudder*. — Você sabe disso! Eu só estava esperando uma ordem para levar a bandeja.

— Eu que sou a mulher agourenta! — exclamou a mulher de Kulu, arrependida. — Nós, que chegamos aos *chattris*, ao fim da vida, nos agarramos aos jovens carregadores de *chattis*. Quando não se pode mais dançar na festa, contenta-se em espiar pela janela. E ser avó

toma muito tempo de uma mulher. Seu mestre me dá todos os encantamentos que posso desejar para o filho mais velho de minha filha. Acho que deve ser, porque está completamente livre de pecado. Já o *hakim* tem andado muito desanimado, esses dias. Agora deu para envenenar os meus criados.

— Que *hakim*, mãe?

— Aquele homem de Daka que me deu uma pílula que quase me partiu em três. Apareceu por aqui, como se fosse um camelo extraviado, já faz uma semana, jurando que você e ele tinham se tornado irmãos de sangue na estrada de Kulu e fingindo estar ansioso por saber de sua saúde. Estava muito magro e esfomeado, então dei ordens para que fosse alimentado, ele e aquela ansiedade dele.

— Eu gostaria de vê-lo, caso ele esteja aqui.

— Ele come cinco vezes por dia e passa o restante do tempo espremendo os furúnculos de meus criados, só para aliviar sua inquietação. Está tão ansioso para saber de sua saúde que não sai da porta da cozinha, onde se alimenta de restos. Deve ficar por aqui, nunca vamos nos livrar dele!

— Mande-o entrar, mãe. — Por um momento, o brilho voltou aos olhos de Kim. — Vou tentar despachá-lo.

— Vou mandá-lo, mas expulsá-lo vai dar azar. Pelo menos teve o bom senso de tirar Sua Santidade do regato. Sua Santidade *não* disse isso, mas ainda assim ele acumulou mérito.

— Ele é um *hakim* muito sábio. Mande-o entrar, mãe.

— Um sacerdote elogiando outro? Mas é um milagre! Se ele é, de fato, amigo seu (vocês brigaram da última vez), vou trazê-lo aqui à força e lhe darei um jantar da casta depois, meu filho. Levante-se para ver o mundo! Ficar deitado atrai demônios. Meu filho, meu filho!

Ela se afastou apressada, passando como um furacão pela cozinha. Então, praticamente colado à sua sombra, chegou o *babu*. Ele estava vestido como um imperador romano, bochechudo como Tito, sem chapéu, com novos sapatos de couro e bastante gordo, exultante, cobrindo Kim de saudações.

— Por Júpiter, Sr. O'Hara! Estou *tão* feliz em vê-lo! Vou fechar a porta. É uma pena que esteja doente. Está se sentindo muito mal?

— Os papéis, aqueles que estavam na *kilta*. Os mapas e a *murasla*. — O rapaz estendeu a chave com impaciência. Naquele momento, sua alma ansiava em se livrar logo do saque.

— Você tem razão, temos que ir direto ao ponto. Pegou tudo?

— Trouxe tudo o que estava escrito à mão. O restante, joguei no abismo.

Kim ouviu a chave girar na fechadura, o oleado se rasgar com um som abafado e um rápido folhear de papéis. Durante a doença, ficara muito aborrecido por saber que os papéis estavam ali debaixo. Representavam um fardo incomensurável, e foi por isso que sentiu o sangue formigar quando Hurree, movimentando-se devagar, apertou sua mão mais uma vez.

— Isso é bom, é ótimo! Sr. O'Hara, você... Hahaha! Você roubou todos os truques deles! Todas as senhas, valores e estoques! Os estrangeiros me disseram que foram oito meses de trabalho por água abaixo! Caramba, como sofri!... Veja, aqui está a carta de Hilás! — O *babu* entouou uma ou duas linhas em persa erudito, a linguagem da diplomacia autorizada e também não autorizada. — O senhor *sahib* rajá acabou de meter o pé pelas mãos, terá que explicar oficialmente essas cartas de amor ao czar! E esses são mapas muito bons... Tem três ou quatro primeiros-ministros destas paragens comprometidos nesta correspondência. Por Deus, senhor! O governo britânico precisará mudar a sucessão de Hilás e Bunár e nomear novos herdeiros ao trono. "Vil traição"... Mas você não entende disso, não é mesmo?

— Esse assunto está em suas mãos? — perguntou Kim. Era só o que lhe importava.

— Pode apostar que sim! — O *babu* guardou os preciosos papéis junto ao corpo, como só os orientais sabem fazer. — Vou levar tudo ao departamento. A senhora acha que vim para ficar, mas partirei logo com isso. Vou imediatamente! Lurgan ficará orgulhoso! Oficialmente, você é subordinado a mim, mas vou incluir seu nome no meu relatório oral. É uma pena que não tenhamos autorização para apresentar relatórios escritos: nós, bengalis, somos os

melhores nessa ciência exata. — Hurree devolveu a chave a Kim e mostrou a caixa vazia.

— Ótimo. Eu já estava muito cansado. Sua Santidade também andou doente. E caiu no...

— Ah, caiu. Posso dizer que sou um ótimo amigo. O velho estava se comportando de modo estranho quando vim atrás de vocês, pensei que ele talvez estivesse com os papéis. Acompanhei-o nas meditações e também discuti questões etnológicas. Por aqui, hoje em dia, sou insignificante em comparação com o lama e todos os seus encantamentos. Por Júpiter, O'Hara, você sabia que ele está tendo síncope? Sim, isso mesmo! Está cataléptico e talvez até epiléptico. Encontrei-o debaixo de uma árvore em estado de *articulo mortem*,^{60} mas ele levantou de salto e caiu dentro do regato. Teria se afogado, não fosse por mim. Eu o tirei de lá.

— Tudo isso porque eu não estava com ele! — afligiu-se Kim. — Ele podia ter morrido!

— Sim, ele podia ter morrido. Mas agora está seco e garante que passou por uma transformação. — O *babu* levou a mão à testa, dando um olhar significativo: — Tomei nota das suas afirmações para a Real Sociedade, *in posse*.^{61} Você precisa ficar bom logo e voltar para Simla, e contarei toda a minha história na casa de Lurgan. Foi magnífico! Os fundilhos das calças dos estrangeiros estavam *bastante* rasgados, e o velho rajá Nahan pensou que fossem soldados europeus desertores.

— Ah, os russos? Quanto tempo passou com eles?

— Um era francês. Bem, foram dias, dias e mais dias! Agora, os montanhesees acham que todos os russos são mendigos. Por Júpiter, tudo o que tinham vinha de mim! E o que contei às pessoas do caminho... Ah, *cada* anedota! Vou lhe contar tudo na casa do velho Lurgan, quando você aparecer. Teremos uma noite de festa! É um orgulho para nós dois! Ah, e eles me deram um certificado! É a maior piada! Você precisava tê-los visto no Alliance Bank, tentando se identificar! E, graças ao Todo-Poderoso, você conseguiu todos os papéis! Você não está achando graça, mas com certeza vai rir quando estiver recuperado. Agora, vou direto para a estrada de

ferro. Ah, você vai ter todos os tipos de honras para o seu jogo. Quando vai aparecer? Estamos muito orgulhosos de você, embora tenha nos dado um grande susto. Assustou especialmente o Mahbub.

— Mahbub! Onde ele está?

— Vendendo cavalos aqui por perto, é claro.

— Aqui? Por quê? Fale devagar, ainda estou meio tonto.

O *babu* olhou para baixo, timidamente.

— Bem, como você sabe, sou um homem muito medroso e não gosto de responsabilidades. Você estava doente, veja bem, e eu não sabia onde diabos estavam todos aqueles papéis e quantos eram. Por isso, quando cheguei aqui, enviei um telegrama para Mahbub. Ele estava em Meerut para as corridas, então contei como estavam as coisas. Ele veio com seus homens e se entendeu com o lama. Depois me chamou de tolo e fez várias grosserias...

— Mas por quê? Por quê?

— Foi o que perguntei. Eu só havia sugerido que, caso alguém tivesse roubado os papéis, gostaria de ter homens bons, fortes e valentes para roubá-los de volta. Você sabe, eles são muito importantes, e o Mahbub Ali não sabia onde você estava.

— Mahbub Ali ia roubar a casa da *sahiba*? Você ficou maluco, *babu*? — perguntou Kim, indignado.

— Eu só queria os papéis. Imagine se ela os tivesse roubado? Foi só uma sugestão prática, oras. Não ficou feliz, não é mesmo?

Um provérbio nativo que não pode ser citado aqui expressou a grande desaprovação de Kim.

— Bem... — Hurree deu de ombros. — Cada um com a sua opinião. Mahbub também ficou zangado. Ele já vendeu cavalos por aqui e disse que a velha senhora é *pukka*, é honrada, e não condescenderia tamanha falta de cavalheirismo. *Eu* não me importo: tenho os papéis e fiquei muito contente com o apoio moral do Mahbub. Devo dizer, para um homem medroso, vivo me metendo em situações muito difíceis. Foi por isso que fiquei feliz de você ter ido comigo para Chini, e estou contente por Mahbub estar por perto. Às vezes, a velha viúva é muito desagradável comigo e com as minhas belas pílulas.

— Que Alá seja misericordioso! — exclamou Kim. — Que espécie formidável é um *babu*! E esse homem viajou sozinho com dois estrangeiros furiosos!

— Ah, isso não foi nada! Ainda mais depois que se cansaram de me bater. Se eu perdesse os papéis seria muito mais grave. Mahbub quase me bateu também e passou horas intermináveis conversando com o lama. De agora em diante, vou me dedicar apenas às investigações etnológicas. Agora, adeus, Sr. O'Hara! Se eu for rápido, ainda consigo pegar o trem das 16h45 para Ambala. Será bem divertido quando todos contarmos nossa história na casa de Lurgan. Farei um relatório oficial dizendo que você está recuperado. Adeus, meu querido companheiro! Da próxima vez que estiver sob forte emoção, por favor, não use expressões maometanas, como esta última, vestido como um tibetano.

Hurree apertou a mão de Kim duas vezes, como um verdadeiro *babu*, e abriu a porta. Com um raio de sol iluminando a expressão ainda triunfal, ele voltou a parecer o humilde charlatão de Daca.

"Ele os roubou", pensou Kim, esquecendo-se do papel que desempenhara. "Ele os enganou, mentiu como um bengali, e eles lhe deram até um chit, um certificado. Ele os ridicularizou, arriscando a própria vida. Eu nunca teria seguido com eles após aqueles tiros de pistola, e depois ele ainda diz que é um homem medroso. Bem, ele é um homem medroso. Preciso voltar ao mundo."

A princípio, Kim andou vacilante, como se suas pernas fossem tubos de cachimbo malfeitos, e o brilho do sol o cegou. Ele se agachou perto da parede branca, repassando mentalmente os incidentes da longa viagem no *dooli*, as fraquezas do lama e, agora, sem a conversa para distraí-lo, sua autocomiseração, a qual, como todos os doentes, ele tinha de sobra. Sua mente desalentada se afastou de todo o mundo exterior, como um cavalo rebelde que tenta fugir das esporas que o afligem. Era muito bom, muito bom mesmo, que a pilhagem da *kilta* estivesse longe, fora de suas mãos e de sua responsabilidade. Tentou pensar no lama, descobrir por que ele caíra dentro de um regato, mas a grandeza do mundo, vista por entre os portões do pátio de entrada, dificultou a reflexão. Ele observou as árvores e os grandes campos, com cabanas de palha

escondidas entre as plantações. Viu-as com olhos estranhos, incapaz de compreender o tamanho, a proporção e a utilidade das coisas. Encarou-os fixamente durante uma calma meia hora. Durante todo esse tempo, sentiu, embora não conseguisse expressar em palavras, que sua alma não estava em sintonia com o ambiente ao redor, como uma engrenagem desconectada de qualquer mecanismo. Como a engrenagem quebrada de um dos trituradores de açúcar baratos de Beheea, abandonado em um canto. A brisa que soprava, os papagaios tagarelando e os ruídos da casa povoada do fundo do terreno, seus diversos pedidos, ordens e repreensões: nada disso chegava aos ouvidos de Kim.

— Eu sou Kim. Eu sou Kim. E o que é Kim? — repetiu incontáveis vezes.

Não queria chorar, nunca teve menos vontade de chorar em toda a vida, mas, sem que percebesse, lágrimas estúpidas escorreram por seu rosto e, com um estalido quase audível, sentiu que as suas engrenagens internas se encaixavam outra vez no mundo exterior. Coisas que ele vira sem enxergar instantes antes entravam agora em foco: as estradas eram feitas para serem percorridas; as casas, para se viver; o gado, para ser conduzido; os campos, para serem cultivados; os homens e mulheres, para conversar. Era tudo real e verdadeiro, tudo sólido sob seus pés, um mundo de fácil compreensão, todos eram feitos da mesma argila, nem mais nem menos. Kim balançou a cabeça, como um cão que espanta uma mosca, e saiu pelo portão.

Quando olhos observadores foram informar a *sahiba* de seus movimentos, a viúva disse:

— Deixe que vá. Eu fiz minha parte, a Mãe Terra vai fazer o resto. Quando Sua Santidade voltar da meditação, avise-o.

A um quilômetro dali, em um pequeno monte, havia uma carroça vazia na frente de uma jovem figueira baianesa. Era como uma sentinela, pois lá do alto era possível ver os campos recém-lavrados. As pálpebras de Kim, tocadas pela brisa fresca, ficavam mais pesadas à medida que ele se aproximava. O chão era de terra batida, limpa e boa, sem as ervas que, logo após nascer, estão a meio caminho da morte. Uma terra promissora, contendo todas as

sementes da vida. Kim sentiu-a entre os dedos dos pés, acariciou-a com as palmas das mãos e, pouco a pouco, suspirando com volúpia a cada articulação que se dobrava, deitou-se sob a sombra da carroça de pinho. A Mãe Terra foi tão leal quanto a *sahiba*, ela soprou sobre ele, restabelecendo o equilíbrio que o jovem perdera por ficar deitado durante tanto tempo em uma cama, afastado de seus ares benéficos. A cabeça de Kim deitava sobre seu seio, e as mãos abertas rendiam-se ao poder da terra. A árvore bem enraizada acima dele e a maltratada madeira morta ao seu lado sabiam melhor do que o rapaz o que ele próprio buscava. Por várias horas, ele se entregou a um estado mais profundo que o sono.

Já era quase noite, e a poeira do gado que voltava começou a se erguer no horizonte, quando o lama e Mahbub Ali apareceram, ambos a pé, caminhando com cuidado. A viúva contara aonde Kim fora.

— Alá! Mas que idiotice se expor assim em campo aberto! — murmurou o negociante de cavalos. — Ele poderia receber cem tiros! Mas aqui não é a fronteira.

— E nunca houve um *chela* como esse — completou o lama, repetindo o que já dissera muitas vezes. — Comedido, amável, sensato, nunca guarda rancor. Uma felicidade na estrada! Sempre atencioso, bem instruído, verdadeiro e cortês. Como será recompensado!

— Eu conheço o rapaz, já lhe disse.

— E ele já era todas essas coisas?

— Algumas. Mas ainda não conheço um feitiço de Chapéu Vermelho para torná-lo muito verdadeiro. Pelo visto, ele tem sido bem-tratado.

— A *sahiba* tem um coração de ouro — respondeu o lama. — Trata-o como um filho.

— Ora! Meia Índia parece disposta a isso! Eu só queria ter certeza de que o rapaz não tinha se ferido e estava livre. Como você sabe, nós somos velhos amigos, desde os primeiros dias de sua peregrinação.

— Isso é um laço entre nós — respondeu o lama, sentando-se. — Já estamos no fim da peregrinação.

— E quase que a sua foi interrompida para sempre, na semana passada! Ouvi o que a *sahiba* disse quando o pusemos na cama. — Mahbub riu, cofiando a barba recém-tingida.

— Naquela ocasião, eu estava meditando sobre outros assuntos. Foi o *hakim* de Daka quem me interrompeu.

— Se não fosse por ele — murmurou em pachtó, por pudor —, suas meditações teriam acabado no Inferno ardente, pois você é descrente e idólatra, apesar dessa simplicidade infantil. Mas agora, Chapéu Vermelho, que se há de fazer?

— Esta noite — disse o lama devagar, vibrando com o triunfo —, esta noite mesmo, ele ficará tão livre de toda a mancha do pecado quanto eu. Ficará tão seguro quanto estou, quando deixar este corpo, da Libertação da Roda das Coisas. Recebi um sinal. — O lama colocou a mão sobre o desenho rasgado que levava no peitilho. — Meu tempo é curto. Mas eu o usarei para salvaguardar meu *chela*. Lembre-se de que eu alcancei o Conhecimento, falei sobre isso há apenas três noites.

— Deve ser verdade o que disse o sacerdote de Tirah, quando roubei a mulher do primo dele: sou um *sufi*, um livre-pensador. Um livre-pensador. Pois fico aqui sentado ouvindo essa blasfêmia inconcebível — disse Mahbub para si mesmo. — Eu me lembro dessa história. Depois disso, ele vai parar em *Jannatu l'Adn*, os Jardins do Éden. Mas como vai fazer isso? Pretende matá-lo, afogá-lo naquele Rio maravilhoso do qual o *babu* o retirou?

— Não fui retirado de nenhum rio. Você se esquece do que aconteceu. Encontrei o Rio por meio do Conhecimento.

— Ah, é mesmo — gaguejou Mahbub, dividido entre ficar indignado e achar graça. — Tinha esquecido o modo exato de como aconteceu. Você o encontrou sabendo.

— E dizer que eu tiraria uma vida é... não apenas pecado, mas uma sandice. Meu *chela* me ajudou a encontrar o Rio, tem direito de ser purificado do pecado comigo.

— Sim, ele precisa de purificação. Mas e depois, velho? E depois?

— Os céus não se importam. Ele certamente atingirá o *Nibban*, o Nirvana. Será iluminado, como eu.

— Muito bem dito. Tinha medo de que ele fosse montar o cavalo de Maomé e fugir a galope.

— Não. Ele deve continuar como professor.

— Ah! Agora entendi! Este é o passo certo para o nosso potro. Decerto, continuará como professor. Ele está sendo convocado, com alguma urgência, para ser escrivão do Estado.

— Ele foi preparado para este fim. Eu acumulei mérito ao financiar sua educação. Uma boa ação não morre. Ele me ajudou em minha Busca, e eu o ajudei na sua. A Roda é justa, vendedor de cavalos do Norte. Ele pode ser professor ou escrivão, não importa. Terá alcançado a liberdade, no fim. Todo o resto é ilusão.

— Você acha que não importa? Sendo que preciso levá-lo para depois de Balkh daqui a seis meses? Vim aqui com dez cavalos coxos e três homens de costas fortes, por culpa daquele *babu* covarde, para tirar à força um rapaz doente da casa de uma velha! Então, parece que eu sou deixado de lado enquanto um jovem *sahib* aprende sobre Alá sabe o quê, ouvindo a respeito do paraíso dos idólatras, por intermédio de um velho Chapéu Vermelho! E ainda sou considerado um jogador do Jogo! Mas o louco gosta do menino. E eu também devo ser bastante louco.

— Que oração é essa? — perguntou o lama, ao ouvi-lo falar em pachto.

— Não importa. Mas, agora que sei que a entrada do rapaz no Paraíso está garantida e ele ainda assim pode entrar para o serviço do governo, o meu espírito fica tranquilo. Preciso voltar para os meus cavalos, está escurecendo. Não o acorde, não tenho desejo nenhum de ouvi-lo chamar você de mestre.

— Mas ele é meu discípulo. O que mais?

— Ele já me disse. — Mahbub engoliu a irritação e se levantou rindo. — Não compartilho da sua fé, Chapéu Vermelho, se é que essa pequena questão lhe importa.

— Não importa — concordou o lama.

— Foi o que pensei. Por isso, você não se incomodará, você que está livre de pecados, purificado e, além disso, quase morreu afogado, quando eu disser que é um bom homem; um excelente homem. Conversamos por quatro ou cinco noites, e, apesar de eu

ser um mero negociante de cavalos, consigo, como diz o ditado, ver a santidade por entre as pernas de um potro. Sim, e também entendo por que o nosso Amiguinho de Todos confiou em você logo de início. Trate-o bem e permita que volte ao mundo como professor depois de ter banhado as pernas dele, se acha que esse é o remédio certo para o potro.

— Por que você mesmo não segue o Caminho, para acompanhar o rapaz?

Mahbub ficou estupefato com a enorme insolência daquela pergunta, à qual, do outro lado da fronteira, teria respondido com socos e algo mais. Então, o humor do comentário tocou sua alma mundana.

— Vamos com calma. Um passo de cada vez, como fez o cavalo coxo para saltar os obstáculos de Ambala. Posso ir para o Paraíso depois, tenho trabalhado para isso, feito grandes obras, e eu as devo à sua simplicidade. Você nunca mentiu?

— Por que mentiria?

— Ó Alá, escute-o! Pergunta “por que mentiria” neste seu mundo! E nunca fez mal a um homem?

— Uma vez, com um tinteiro. Antes de me tornar sábio.

— É mesmo? Bem, eu o considero um homem excelente. Seus ensinamentos são bons, e você desviou alguém que conheço do caminho da violência. — Mahbub riu com gosto. — Ele veio aqui decidido a praticar um *dacoity*. Sim, para ferir, roubar, matar e levar o que desejava.

— Mas que grande tolice!

— Ah, e uma grande vergonha também. Ele se deu conta disso depois de ver você e alguns outros, homens e mulheres. Foi por isso que desistiu da ideia; e agora vai bater em um grande e gordo *babu*.

— Não compreendo.

— Que Alá não permita! Alguns homens são fortes na sabedoria, Chapéu Vermelho, mas a sua força é ainda maior. Conserve-a, e acho que é isso que fará. Se o rapaz não for um bom servo, puxe as orelhas dele!

Com um puxão em seu grande cinto de Bokhariot, o afegão afastou-se em direção ao crepúsculo. O lama desceu das suas

nuvens para manter os olhos na enorme silhueta que se afastava.

— Falta cortesia a esse homem, que está iludido pela sombra das aparências. Mas falou bem do meu *chela*, que agora vai receber sua recompensa. Vou iniciar a prece!... Desperta, ó mais afortunado dos gerados em uma mulher! Desperta, pois a Busca chegou ao fim!

Kim começou a despertar de seu sono nas profundezas da terra, e o lama aguardou seu bocejo, estalando os dedos para afastar maus espíritos.

— Dormi cem anos. Onde...? Vossa Santidade! Está aqui há muito tempo? Saí para procurá-lo, mas... — O rapaz soltou uma risada sonolenta. — Acabei dormindo. Agora estou curado. Você já comeu? Vamos para a casa, faz muitos dias que não cuido de Vossa Santidade. A *sahiba* o alimentou bem? Quem lavou suas pernas? E como estão suas fraquezas, a barriga, o pescoço e aquele zumbido nos ouvidos?

— Passou, foi tudo embora. Você não sabe?

— Não sei de nada, a não ser que não o via há séculos. O que foi?

— É estranho o conhecimento não ter lhe alcançado quando todos os meus pensamentos estavam voltados para você.

— Não consigo enxergá-lo, mas sua voz soa como um gongo. A *sahiba* o rejuvenesceu com o poder de sua culinária?

Kim observou a figura sentada de pernas cruzadas, uma silhueta negra contra a luz esverdeada. É assim que se senta o Bodisatva de pedra diante das engenhosas catracas que registram automaticamente os visitantes do Museu de Lahore.

O lama continuou calado. A não ser pelo estalar do japamala e do som do cavalo de Mahbub batendo em retirada ao longe, o silêncio calmo e enevoado da noite indiana os envolvia completamente.

— Ouça-me, trago notícias.

— Mas vamos...

A longa mão amarela ergueu-se, ordenando silêncio. Obediente, Kim escondeu os pés sob a bainha da túnica.

— Ouça-me, trago notícias! A Busca terminou, agora finalmente vem a recompensa. Quando estávamos nas montanhas, vivi da sua força, e o jovem ramo se curvou até quase se partir. Quando saímos das montanhas, estava preocupado com meu *chela* e com outros

assuntos que trazia em meu coração. O barco da minha alma estava à deriva, e eu não conseguia examinar a Causa das Coisas. Por isso, deixei você nas mãos da mulher virtuosa. Não me alimentei, não bebi água, mas, mesmo assim, não encontrei o Caminho. Fui forçado a comer e gritaram à minha porta fechada. Por isso, andei até encontrar um buraco sob uma árvore. Não comi e não bebi água: sentei-me em meditação por dois dias e duas noites, abstraindo o meu espírito, inspirando e expirando da maneira apropriada... Na segunda noite veio minha gigantesca recompensa: a sábia Alma soltou-se do tolo Corpo e voou livre, um estado que eu nunca alcançara, embora já tivesse me encontrado no limiar. Preste atenção, pois é uma maravilha.

— Realmente, uma maravilha! Dois dias e duas noites sem comida! Onde estava a *sahiba*? — resmungou Kim.

— Sim, minha Alma se libertou, voando como uma águia, e viu que, na realidade, não há nenhum lama Teshoo ou qualquer outra alma. Como uma gota d'água que cai em um rio, minha Alma se misturou à Grande Alma, que está acima de todas as coisas. Nesse momento, em contemplação, vi toda a Índia, do Ceilão, no mar, até as montanhas, e os meus rochedos em Such-zen. Vi todos os acampamentos e aldeias em que repousamos, até o último; vi todos ao mesmo tempo e em um único lugar, pois estavam dentro da Grande Alma. Então, soube que a Alma transcendera a ilusão do Tempo e do Espaço e das Coisas. E soube que estava livre. Eu o vi deitado na cama e também rolando encosta abaixo com o idólatra, tudo de uma só vez, em um único lugar: na minha Alma, que, como disse, tocou a Grande Alma. Também vi o estúpido corpo do lama Teshoo caído no chão, e o *hakim* de Daka ajoelhado ao seu lado, gritando em seu ouvido. Depois, minha Alma ficou completamente só, e eu não vi mais nada: eu era todas as coisas, pois tocara a Grande Alma. Meditei durante milhares de anos, sem paixão, com a consciência das Causas das Coisas. Até que uma voz gritou: "O que será do rapaz se você morrer?", e fui tomado por uma onda de piedade. Respondi: "Voltarei para meu *chela*, para que ele não se desvie do Caminho." Com isso, minha Alma, que é a Alma do lama Teshoo, retirou-se da Grande Alma com esforço, sofrendo ânsias de

vômito e dores indescritíveis. Como a ova vinda do peixe, como o peixe vindo da água, como a água vinda da nuvem, como a nuvem vinda do ar carregado, assim a Alma do lama Teshoo se lançou, saltou, se afastou e se separou da Grande Alma. Depois disso, uma voz gritou “Tome cuidado com o rio!”. E eu voltei os olhos para o mundo, que era como eu vira antes, único no tempo e no espaço, e pude ver com clareza o Rio da Flecha aos meus pés. Naquele momento, minha Alma, que ainda não estava completamente purificada, foi acometida por outro mal, que se espalhou por meus braços e envolveu minha cintura. Mas eu o ignorei e me lancei como uma águia na direção do Rio. Afastei mundos e mundos por você. Vi o Rio abaixo de mim. O Rio da Flecha, e, ao descer, suas águas me envolveram e vi que estava de novo no corpo do lama Teshoo, só que livre do pecado, e o *hakim* de Daca erguia minha cabeça das águas. É aqui, meu *chela*! Aqui, atrás do bosque de mangueiras! Aqui mesmo!

— *Allah kerim*! Ah, ainda bem que o *babu* estava por perto! Você ficou encharcado?

— Acha que prestei atenção nisso? Lembro que o *hakim* estava preocupado com o corpo do lama Teshoo. Puxou-o para fora da água sagrada com as mãos. Depois, apareceu o negociante de cavalos do Norte, com um catre e homens que puseram o corpo sobre ele e o levaram até a casa da *sahiba*.

— E o que a *sahiba* disse?

— Eu estava meditando e não ouvi. Dessa forma, a Busca está terminada. Pelo mérito que acumulei, o Rio da Flecha veio até aqui. Irrompeu aos nossos pés, como eu disse que seria, e eu o encontrei. Filho da minha Alma, eu arranquei a minha Alma do Umbral da Libertação para vir livrá-lo de todo o pecado, assim como estou livre e sem pecado! A Roda é justa, e sua salvação é certa! Venha!

O lama cruzou as mãos sobre o colo e sorriu como um homem que obteve a redenção para si próprio e para aquele a quem ama.

{1} "Para que nada seja mudado", em latim. Termo referente à assinatura modelo usada pelos maçons em todos os documentos. (N. do R.)

{2} Termo em hindi para manteiga clarificada. (N. da T.)

{3} Objeto de devoção espiritual tipicamente indiano usado nas orações como marcador. (N. do R.)

{4} Chinês. (N. do E.)

{5} Montanhês. (N. do E.)

{6} Benares. (N. do R.)

{7} Termo em hindi para "discípulo". (N. do E.)

{8} Pessoa santificada que esmola e medita através da auto-hipnose, buscando estabelecer contato com o Espírito do Universo. (N. do E.)

{9} Mal-humorado. (N. do E.)

{10} Termo em hindi para "estrangeiro". (N. do E.)

{11} Antiga moeda da Índia, equivalente a 1/16 da rupia. (N. do E.)

{12} Ladrão. (N. do E.)

{13} Cabo, uma das patentes das Forças Armadas. (N. do E.)

{14} Comandante. (N. do E.)

{15} Jardineiro. (N. do E.)

{16} Termo usado para definir imagens ou espíritos budistas. (N. do E.)

{17} A artilharia. (N. do E.)

{18} John Nicholson, oficial militar famoso na Índia, após sua decisiva participação na Revolução da Índia contra o Império Britânico. (N. do E.)

{19} Abuso. (N. do E.)

{20} Termo usado na Índia para se referir à Grã-Bretanha ou, genericamente, à Europa. (N. do E.)

{21} Referência pejorativa à Igreja de Roma. (N. do R.)

{22} Termo em hindi para "destino". (N. do E.)

{23} "Você entende?" (N. do E.)

{24} Região dominada por infiéis. (N. do R.)

- {25} Regimento. (N. do E.)
- {26} Pronúncia nativa de Lucknow, capital do estado de Uttar Pradesh. (N. do E.)
- {27} Peep o' Day Boys foi uma organização protestante fundada na Irlanda, em 1785. (N. do E.)
- {28} Cavalos de Cabul. (N. do R.)
- {29} Tibete ou Nepal. (N. do R.)
- {30} Na religião islâmica, *Jahannam* é o equivalente ao inferno dos cristãos. (N. do E.)
- {31} Escravo ou trabalhador braçal sem grande habilidade. (N. do R.)
- {32} Leque de não asiático. (N. do R.)
- {33} Satã. (N. do R.)
- {34} Termo em hindi para os comerciantes de óleo. (N. do E.)
- {35} Título honorífico concedido ao muçulmano que completa a peregrinação até Meca. (N. do R.)
- {36} Droga cara e intoxicante feita da folha seca de cânhamo. (N. do R.)
- {37} Esse termo possibilita duas acepções. Pode significar tanto "loucura" quanto "um caso para a corte civil". (N. do E.)
- {38} Termo em hindi para "um caso criminal". (N. do E.)
- {39} "Que Alá tenha piedade!" (N. do R.)
- {40} Cabriolé de dois cavalos. (N. do R.)
- {41} Fique parado! (N. do E.)
- {42} Nunca, nunca. Não! (N. do E.)
- {43} Uma história de um dos nascimentos anteriores de Buda. (N. do R.)
- {44} Permanente. (N. do E.)
- {45} Comissão. (N. do E.)
- {46} Magia. (N. do E.)
- {47} Invocação. (N. do E.)
- {48} Palavra usada para tratar as pessoas com respeito e carinho. (N. do R.)

- {49} Benevolentes. (N. do E.)
- {50} Malévolos. (N. do E.)
- {51} Um fortalecedor de corações. (N. do E.)
- {52} Um dos nomes de Benares, cidade também conhecida como Varanasi. (N. do E.)
- {53} Assa-fétida, espécie de planta do gênero férula. Era muito utilizada para combater espasmos. (N. do E.)
- {54} Monge asceta e nômade. (N. do R.)
- {55} Vigia. (N. do E.)
- {56} Maca de bambu. (N. do R.)
- {57} Tagarelar. (N. do E.)
- {58} Bíblia: 2 Reis 2,24. (N. do R.)
- {59} Coroa papal, também conhecida como Tiara papal ou Tríplice Tiara. (N. do R.)
- {60} No momento da morte. (N. do R.)
- {61} Só por precaução. (N. do R.)